



O Relógio das Flores



DREY DAMASO
SARA LECTER



O Relógio das Flores

DREY DAMASO
SARA LECTER



Agradecimentos

De ambas

À Paula Curi, que não apenas embarcou no nosso sonho, como nos jogou, as duas, num vagão e veio nos empurrando pelos trilhos até aqui. René e Renato também são nossos heróis.

À Adriana Almeida, Leitora Crítica excepcional e ser humano incomparável, que tantas aventuras já viveu ao nosso lado. Apenas desejamos tê-la em nossa vida para sempre.

À Gisele Batalha, Leitora Beta mais aplicada de todos os tempos e autora de pérolas (infelizmente) impublicáveis. Esse capítulo foi apenas o primeiro de uma história sem fim.

À Danieli Hautequest, que abriu as portas do maior site de literatura lésbica do Brasil para o nosso trabalho. Honra-nos que palavras suas abram também nosso primeiro romance publicado em livro.

A Patty Gnan, Carol Barra, Manuela Neves e Fernanda Thiemi por suas maravilhosas contribuições; as duas primeiras por nos apresentar à editora e as duas últimas por nos ajudar a apresentar “O Relógio das Flores” para o mundo.

Da Drey

Escrever começou como um refúgio, tornou-se um prazer para, enfim, se mostrar uma necessidade. Ora, escritora é o que sou e, de uma maneira ou de outra, sou moldada pelas palavras que transcrevo com tanto desafogo.

Às leitoras, aquelas primeiras, que me viram antes mesmo de eu me ver;

À Helena Ferreira, que pontuava meus erros, elogiava meus acertos e me deu forças para crescer nesse meio;

Aos meus amigos, de infância, de adolescência, da vida adulta – sempre os mesmos – ao lado de quem o tempo parece não passar: Luiza, Emer e Bruno, a quem ainda agradeço pela linda capa que ilustra esse enredo;

E também aos novos, com seus frescores tão únicos, que florescem meus dias nessa nova empreitada;

À minha família tão múltipla, tão singular, tão perfeita em me permitir ser quem sou e me amar por isso. São meus heróis para toda a vida;

À luz dos meus olhos, sem a qual nada teria sentido. Esse livro não foi apenas escrito a quatro mãos: elas estavam entrelaçadas;

Por fim, àqueles que amam ler, que amam histórias e, principalmente, àqueles que sonham em publicar um livro. Nunca desistam!

Da Sara

Ainda pequena comecei a perceber que palavras soltas poderiam ser arranjadas para contar uma história. Embora agora eu conheça um pouco da lógica que existe nisso, o processo nunca deixou de me soar como mágica.

Agradeço aos meus pais e irmãos, que nunca podaram esses meus sonhos, apenas se preocupavam com as horas consecutivas de entrega ao caderno e, depois, ao computador.

Minhas primeiras leitoras, colegas do Ensino Médio e do ônibus escolar, que revezavam os manuscritos, pediam outros, queriam mais histórias e afirmavam, com toda a confiança juvenil: “um dia você vai publicar um livro”.

À Renata Scheibler, que me apresentou o maravilhoso mundo da publicação pela internet, e à Inês Montenegro e à Luana Martins, as primeiras e inesquecíveis leitoras fieis.

Aos amigos não da Sara, mas da Carol: Tiago, Luciana, Marcinha, Jones e Thielle, agradeço o incentivo, tantos conselhos, um milhão de risadas e a certeza de que o que temos é eterno.

À escrita, que me trouxe tudo, inclusive o amor.

Às leitoras e colegas autoras, que com os anos se multiplicaram, nossa gratidão é imune ao tempo e nosso carinho floresce a cada linha que lhes dedicamos.



Apresentação

Por Danieli Hautequest*

Cidades pequenas, geralmente, possuem histórias e escondem segredos bem maiores do que elas mesmas. Isto não é diferente em Vale do Hans, cidade fictícia no interior do estado do Paraná, com proeminência de colonizadores italianos e alemães, e a tendência férrea de manter as tradições. Em Vale do Hans não se lida com a verdade, as aparências ditam as regras, traçam futuros e atropelam sonhos.

Contrariando os laços definidos pelo poder, eis que surge a amizade entre quatro garotas, tão diferentes, mas tão verdadeiras em sua afinidade. Uma amizade que nem o tempo, nem a distância imposta pelos rumos da vida, consegue abalar.

Porém, nem tudo é o que foi feito para ser...

O casamento de uma delas será um divisor na vida das quatro jovens mulheres. Escolhas serão questionadas, velhas mágoas despertadas, intrigas expostas, emoções em xeque.

Vale do Hans. Cidade pequena, segredos imensos...

Drey Damaso e Sara Lecter conseguiram criar uma história que remete ao passado de muitas de nós, que crescemos ou passamos parte de nossas vidas em cidades interioranas. Do temer falar, vestir ou ser algo não bem-visto, mas que seria muito falado e criticado por todos. Medo dos olhares, das piadas, de se sentir só, mesmo que rodeadas por pessoas.

E são as pessoas, como nós, as amigas Clarissa, Lana, Paloma e Renata, quem nos tocam, comovem e nos fazem torcer para que a amizade delas seja forte o suficiente para lidar com as fachadas familiares, tradições tacanhas, obrigações impostas e a romper paradigmas, desejos e poder, simplesmente, serem elas mesmas, e felizes com suas escolhas e amores.

*Escritora e artista visual. Licenciada em Letras Português/Inglês, com cursos extracurriculares nas áreas de ilustração (tradicional e digital), diagramação e web design. Obras publicadas no Brasil e em Portugal. Ilustradora com trabalhos em pintura, desenho e técnicas mistas. Autora e Fundadora/Administradora do ABCLes.

– Prólogo –

As Quatro Flores e o Relógio

Lana estava em pé sobre um dos bancos do *Belvedere*, com os braços abertos e um enorme sorriso no rosto.

– Gurias, está decidido! Eu já sabia, desde o primeiro dia, mas agora é oficial... Quero morar aqui até morrer! Essa cidade é incrível!

Renata e Paloma riram com a amiga, mas Clarissa apenas esboçou um breve sorriso. Respirando fundo, a menina tratou de espantar a súbita tristeza que a invadira.

As quatro amigas estavam participando de uma excursão promovida pelo colégio onde estudavam: uma viagem de fim de ano como celebração da formatura que seria dentro de um mês.

O objetivo principal era apresentar as faculdades da capital para os alunos, que tinham poucas opções na pequena cidade na qual estudaram a vida toda. O município de Vale do Hans ficava no interior do estado do Paraná e tinha, entre seus habitantes, famílias de imigrantes italianos e alemães, que mantinham suas tradições sobre o aço e concreto dos tempos modernos.

– Desce daí, sua maluca! A professora vai ter um treco se te pegar aí em cima! – Paloma a puxou pela ponta da camiseta e, com um pulo, Lana parou ao seu lado, ainda entusiasmada.

– Olha esse lugar, Paloma! Dá pra sentir a energia das pessoas, parece que tudo é possível... Me sinto jovem e invencível! – Lana sacudiu levemente a amiga pelos ombros.

– Lana, você tem dezessete anos. É claro que se sente jovem. – Paloma pareceu indignada, apesar do riso.

– Não, ela tem razão. Essa cidade é incrível! – Renata abraçou Lana pelos ombros e sorriu largamente. – O que você acha, Clarissa?

A jovem sorriu para as amigas. Estava vivendo os melhores dias de sua vida durante aquela semana, mas partiriam na manhã seguinte e aquele sonho encantado iria se desfazer.

– Vou adorar visitar vocês aqui sempre que tiver oportunidade – respondeu Clarissa, antes de respirar fundo e voltar a observar a fonte, poucos metros de onde estavam. – Sério, pra mim, aquilo ainda é um rinoceronte...

Lana soltou uma gargalhada e também se virou para a fonte:

– Mas é um cavalo, é o que diz no guia turístico.

– Nem tudo é o que foi feito para ser... A fonte foi feita para ser um cavalo, mas eu vejo um rinoceronte.

Lana elevou uma das sobrancelhas e olhou para a amiga:

– Você precisa de óculos. E de um livro de biologia.

Clarissa riu e deu um soco no ombro de Lana. As duas voltaram para perto das outras, que estavam conversando.

– Tem certeza de que ainda quer ir para Brasília, Paloma? A UnB é super legal, mas aqui, bom... Estudaria tão bem quanto lá e ficaria perto da gente – Renata baixou ligeiramente os olhos na última frase. Por pouco não tinha dito uma bobagem.

– É para onde minha família vai se mudar, já disse isso. Está tudo planejado. Papai já encontrou emprego e eu já fiz a inscrição – Paloma decretou.

Renata assentiu. Precisou controlar o impulso de discutir aquele assunto mais uma vez com Paloma. Não conseguia entender aquela necessidade da menina de sempre seguir o que era planejado, como se, uma vez acertada uma determinada coisa, fosse impossível mudar os planos.

Era bem verdade que o futuro de Paloma estaria garantido daquela forma. Ficaria perto da família e teria apoio enquanto seguia a carreira que escolhera. Mas Renata estava relutante em aceitar que precisaria dizer adeus, sem saber por quanto tempo, à menina por quem estava apaixonada desde a infância.

As quatro amigas formavam um grupo incomum, mas possível por serem todas da mesma idade e por terem nascido em uma cidade tão pacata. Renata e Lana moravam uma ao lado da outra e brincavam juntas mesmo antes de conseguirem engatinhar.

Conheceram Paloma e Clarissa nos primeiros anos de escola. E como era costume em cidades como aquela, todas as famílias se conheciam há gerações. E quando se visitavam, ouviam histórias das avós das amigas sobre tios e outros parentes que nem sabiam ao certo quem eram.

Clarissa se adiantou e empurrou as outras três pelos ombros.

– Venham, quero uma foto nossa em frente ao Relógio das Flores!

Enquanto ela programava o *timer* da câmera, as outras se agruparam. Clarissa correu e ficou na ponta esquerda, ao lado de Lana, seguida por Renata e Paloma.

A foto ficou perfeita, e as quatro a observaram com um sorriso melancólico, sabendo que aquela simples imagem resumia e decretava o fim

de uma etapa inesquecível de suas vidas.

Acabaram sentando no chão, em um acordo mútuo, com o relógio às suas costas. Ficaram em silêncio por alguns minutos.

– Vocês sabem que isso não acaba com tudo, não é? – recomeçou Lana. – Ainda iremos morrer as quatro na mesma casa, no mesmo dia... Velhas como múmias e chatas como nossas avós; com tartarugas e peixes no lugar de gatos, já que a Paloma tem alergia.

As amigas riram e se aconchegaram umas nas outras.

– Renata será uma ótima veterinária e desenvolverá uma maneira de salvar todos os animais de rua... – Clarissa sorriu para a amiga. – Lana será uma super heroína, quando for policial. E Paloma um dia salvará a economia do país!

– Esqueceu de dizer o seu super poder, Clarissa. Somos um quarteto... – Paloma lembrou, olhando para o rosto de cada uma, até parar em Clarissa.

A jovem mordeu o canto da boca, mas encarou as amigas com segurança.

– Vou ficar em Vale do Hans, vocês sabem. E usarei minhas habilidades naquela cidade, que faz tão parte de quem eu sou quanto a nossa amizade.

– Clarissa será sempre a nossa “volta ao lar”, meninas... Com ela lá, será impossível esquecer de onde viemos e o que deixamos – Renata sorriu, acompanhada das outras.

Juntaram-se mais uma vez em um abraço atrapalhado. Cada uma delas definiu o seu destino naquela tarde, permanecendo com suas certezas e perseguindo seus sonhos. Apesar do medo de abandonar a segurança da adolescência, a ânsia de desbravar o mundo era grande e preenchia seus corações, acalentados com a convicção de que, fosse como fosse, dali para frente sempre teriam o porto seguro de uma amizade verdadeira.

– Capítulo 01 – A Noiva Escolhida

Oito anos depois...

Clarissa não tirava os olhos da própria imagem refletida em um espelho enorme. Quase sem piscar, analisava cada detalhe: o branco perfeito do tecido, a renda tão delicada, os bordados com pérolas e a cauda de mais de quatro metros, que atravessava toda a sala íntima dos Gutenberg.

Sua madrinha, a autora daquela verdadeira obra de arte, continuava ajoelhada aos seus pés, atarefada com a fita métrica e uma dúzia de alfinetes.

Frau Gerda tinha prometido a ela o vestido de noiva mais bonito que a pequena Vale do Hans já tinha visto. De queixo caído, Clarissa concluiu que a madrinha havia cumprido a promessa, mesmo que ainda fossem necessários alguns retoques.

Clarissa fazia questão de um vestido majestoso porque, para ela, o traje seria o grande símbolo do seu casamento. Essa união sacramentaria sua entrada na sociedade, e, se aquele era um passo esperado de todas as moças bem nascidas de Vale do Hans, Clarissa o daria em grande estilo. Quando se tornasse a senhora Giovane Schmidt, seria oficialmente parte dos dois clãs que controlavam a cidade.

Não que ela precisasse ter ambição. Seus antepassados a tiveram de sobra. Construíram um império de posses e reputação que a geração do pai de Clarissa só precisava manter. Os Schmidt eram seus parceiros nos negócios e Clarissa conhecia Giovane desde sempre, assim como há muito tempo sabia que acabaria se casando com ele.

Em Vale do Hans, as surpresas eram poucas e dificilmente representavam progresso. Tradição era a palavra de ordem, e Clarissa não se incomodava com isso.

Ao contrário das amigas de infância, seus sonhos eram todos voltados para o lugarejo: dar aulas de Geografia; transformar o pequeno e antiquado museu da cidade numa instituição maior e mais científica; e, quem sabe, algum dia escrever um livro sobre o município, desde a chegada do primeiro morador.

Para Clarissa, Vale do Hans tinha especificidades magníficas que nunca haviam sido destacadas o suficiente. Praticamente todas as abordagens morriam no tamanho do município, como se todas as cidades pequenas do

Paraná fossem iguais e desimportantes.

Esses sonhos não eram apenas um reflexo do seu orgulho em ter nascido ali. Clarissa era observadora. Aquela sociedade a intrigava e ela via em tudo ao seu redor um potencial imenso não só de estudo, mas de convivência.

A despeito da vida profissional, também queria um lugar ao sol como pessoa. Ela via, quando adolescente, a rede de relações dos seus pais e de sua irmã Cristina e também queria fazer parte de um grupo, queria ter vizinhos que organizassem com ela a festa de fim de ano da rua. E quando Clarissa cresceu, quando ela se tornou adulta, todas essas possibilidades ficaram mais concretas, mesmo que nunca tivessem apagado a saudade que ela sentia de Paloma, Renata e Lana, cujos destinos tinham sido muito diferentes do dela.

Clarissa divagava sobre o passado e o futuro enquanto ela e a madrinha acertavam as medidas do vestido. Logo em seguida, uma multidão barulhenta invadiu a sala: sua mãe, sua irmã com o casal de filhos pequenos, suas tias, meia dúzia de primas e até uma vizinha mais chegada.

– Finalmente minha filha está parecendo uma Gutenberg!

A aprovação exaltada da mãe não deixou de trazer um pequeno desconforto para Clarissa. Maria Lúcia Gutenberg contornou a filha, avaliativa, enquanto as primas e as tias faziam todo tipo de comentário sobre a beleza do vestido. Os dois sobrinhos de Clarissa escapuliram assim que a mãe tirou os olhos deles.

– Nossa, Gerda, ficou realmente muito bom... Bem à altura do que vai ser esse casamento! – disse Maria Lúcia.

Sua filha mais velha logo parou ao lado dela:

– E não é que a Clarissa está realmente linda? É ou não é uma princesa essa minha irmãzinha?

Clarissa deixou um sorriso brotar de seu rosto, mas não tirou os olhos do espelho. Estava nervosa, ansiosa, e não queria que as outras percebessem isso. O lado bom daquela cena era que Clarissa não precisava dizer nem fazer nada, porque tudo que queriam dela era que ficasse ali, parada, para ser admirada, como um manequim.

Na festa de noivado seria um pouco diferente. No mínimo, Clarissa teria de cumprimentar todos os convidados, e seus pais haviam chamado praticamente a cidade inteira.

Como uma boa professora, Clarissa era desenvolta em público, e como uma Gutenberg, tinha crescido em meio àquelas festas enormes e extravagantes, que quase sempre aconteciam nos jardins da mansão da

família.

Mesmo assim, não seria fácil, porque todas as outras festas tinham sido organizadas pelos mais diversos motivos; enquanto aquela, finalmente, teria Clarissa como protagonista, e seria determinante para o resto de sua vida.

Fazer um bom casamento era parte crucial dos sonhos de Clarissa. Mas, ao mesmo tempo, ela temia dar um passo em falso e depois se arrepender. Ela havia definido para si que, a partir do momento que subisse ao altar, jamais iria se permitir voltar atrás. Então, uma cadeia irrefreável de acontecimentos passaria a definir quem ela era: teria um marido, depois os dois teriam filhos, e essa família completamente nova representaria tudo o que Clarissa tinha lutado para se tornar. Porém, também significaria que ela escolhera deixar para trás uma parte do que ela tinha sido até ali.

Não era à toa que ela havia esperado tanto. Vinte e cinco anos era uma idade avançada para uma garota solteira em Vale do Hans. A primeira desculpa para ganhar tempo e amadurecer a decisão fora concluir a faculdade. Depois, convencera o namorado a fazer uma especialização. Não satisfeita, colocara todos os defeitos possíveis em todas as casas que Giovane mostrara a ela, fazendo o namorado optar por comprar um terreno e contratar um arquiteto, que desenhara tudo sob as ordens de Clarissa.

Quando a casa havia ficado pronta, Clarissa decidira ter móveis sob medida em todos os cômodos, o que despendera mais um ano inteiro.

Clarissa crescera com o estigma de não estar à altura do sobrenome, de ser muito “diferente” da irmã, de não conseguir acompanhar seus gostos, de andar com as companhias erradas e de ter sonhos inadequados para uma dama. Mas todas aquelas exigências com o noivo pareciam ter apagado seu passado inglório.

Subitamente rindo, Clarissa concluiu que tinha construído a fama de mimada totalmente por acaso, mas ninguém tinha achado aquilo estranho, muito pelo contrário, ela até recebeu elogios. Cristina e a mãe delas antes disso tinham sido assim também. As tias eram assim. As primas também eram todas assim.

– Do que está rindo, Clarissa? – perguntou sua irmã, curiosa.

– De nada – respondeu rapidamente. – Quer dizer, de felicidade, apenas.

Uma das tias se pôs na ponta dos pés para apertar sua bochecha, emocionada.

– Meu Deus, como o tempo passa depressa! Nem acredito que a minha sobrinha mais nova já vai casar! Daqui a pouco estará grávida! Vamos fazer

um chá de fraldas imenso! – sonhou.

Intimamente, Clarissa agradeceu pela fala dela. A multidão de mulheres ouriçadas começou a disparar gritinhos afetados e os planos para o futuro bebê foram sendo traçados ali mesmo. Assim, todas esqueceram um pouco da prova do vestido, inclusive a costureira.

– Já pode se trocar, querida. Deve estar morrendo de calor – disse a madrinha, com um sorriso terno.

Clarissa sorriu de volta.

– Uma coisa tão linda... É um pecado só podermos usar o vestido de noiva uma vez na vida – reclamou Maria Lúcia, suspirando em seguida.

– Que bobagem, eu uso o meu uma vez por mês! – disse Cristina.

Todas riram.

– Eu fazia isso também, até que não serviu mais – disse a vizinha, e todas riram mais ainda, pois ela praticamente tinha dobrado de tamanho após o casamento, quinze anos antes.

Clarissa se lembrou de ter apanhado a irmã com o vestido de noiva algumas vezes e riu atrasada, pensando se também faria isso um dia. O vestido era lindo, mas era pesado, quente e fazia sua pele coçar. Por isso, sem aguardar por um novo convite, Clarissa foi até o lavabo para se livrar dele.

Quando ela saiu, o assunto discutido na sala tinha voltado a ser seus futuros filhos com Giovane. E isso Clarissa preferia planejar com o próprio noivo, até porque era uma das coisas que mais faziam o casal rir. Então, aproveitando que provavelmente demorariam a dar por sua falta, Clarissa escapuliu para o jardim.

Seus sobrinhos Daniel e Virgínia estavam sentados num banco de madeira que, àquela hora, ficava na sombra. Eles tinham oito e sete anos e passavam a maior parte do tempo juntos. Naquele momento, aparentemente, Daniel estava ajudando a irmã a passar de fase num jogo do celular.

Clarissa quase sempre lamentava não ter crescido próxima de Cristina daquele jeito. Apesar de amar a irmã, sentia que era uma estranha para ela, talvez por causa da diferença de idade, que nem era tão grande assim, mas as tinha deixado sempre em fases diferentes da vida.

Quando Cristina casou, muito nova, Clarissa não passava de uma pré-adolescente. No meio daquela família em que ela havia chegado mais tarde que todo mundo, às vezes parecia que a professora tinha mais afinidades com Daniel e Virgínia do que com os outros adultos.

– E aí, posso me sentar com vocês? – perguntou aos sobrinhos, abrindo um

sorriso.

As crianças concordaram e Virgínia deu espaço para a tia, que de qualquer modo, logo pegou a menina no colo, enchendo a garota de beijos e cócegas que a fizeram gargalhar.

– Vamos brincar de alguma coisa?

– De quê, tia?

– Que tal esconde-esconde?

Nenhum dos dois pareceu muito animado. Clarissa deu outra sugestão:

– E estátua, o que acham?

As duas crianças balançaram negativamente a cabeça.

– Cabo de guerra, então? Vocês dois contra mim?

– Não tem graça, a gente sempre ganha... – disse Daniel.

Clarissa se fingiu de ofendida, mas acabou rindo com os sobrinhos. Depois de algum tempo, entraram em acordo sobre jogar bola no gramado, o que fizeram por quase uma hora, até que Cristina e Maria Lúcia aparecessem no jardim, visivelmente contrariadas:

– O que é que eu falei sobre brincar aqui fora com essa roupa, Daniel? – cobrou a mãe do menino.

Instintivamente, as crianças se aproximaram de Clarissa e praticamente se esconderam atrás da tia.

– Relaxa, Cristina – disse-lhe a irmã. – Eles estavam entediados, pobrezinhos.

– Desde quando criança sabe o que é tédio, Clarissa? – Maria Lúcia olhava a cena com imenso desgosto. – E você, em pleno dia de prova do vestido, atirando-se nessa grama feito uma moleca! Clarissa, quantas vezes eu vou ter de lhe pedir para agir como a mulher adulta que você é? E se o seu noivo aparece e te pega assim?

Clarissa suspirou. Conhecia o roteiro daquela briga de cor e salteado.

Cristina reuniu os filhos e partiu para sua casa após se despedir da mãe. Clarissa enfim saiu do gramado e foi tomar um banho. Trancada em seu quarto, apanhou o porta retratos que mantinha sobre a escrivaninha.

A foto trazia Lana, Renata e Paloma, além da própria Clarissa, na viagem do último ano do colégio. A professora olhava para aquela imagem todos os dias, mas raramente se propunha a ficar pensando sobre ela.

Durante todo aquele domingo, Clarissa tinha sentido mais falta das amigas que o normal. E, naquela mísera hora que ficou se divertindo com os sobrinhos, parecia que tinha voltado no tempo, sentindo-se livre como

quando as amigas ainda moravam na cidade. Mas era justo nesse tipo de situação que a mãe lhe acusava de não estar à altura da mulher que Clarissa queria ser.

Apanhando o telefone, Clarissa ligou para Giovane:

– Oi... Eu sei que tinha dito que ia passar o dia todo ocupada com a prova do vestido, mas... Tem alguma chance de você me resgatar daqui?

O namorado riu do outro lado da linha, e aceitou o convite inesperado.

– Capítulo 02 –

O Amor que Desabrochou Mais Tarde

Paloma tinha acabado de se acomodar em uma das mesas do seu restaurante oriental favorito, quando avistou a esposa, Renata, acenando para ela através da janela. Um sorriso aberto decorou seu rosto quando Paloma acenou de volta.

Renata entrou e cumprimentou alguns dos funcionários exibindo sua simpatia usual. Paloma e ela jantavam ali pelo menos duas vezes por mês.

Com pressa e alegria, Renata se encaminhou para a mesa.

– Mas que coisa, eu tinha certeza que conseguiria chegar primeiro hoje! – disse Renata e, em seguida, beijou os lábios da esposa com todo seu afeto.

Paloma tratou de apanhar a mão da outra e ficou segurando, sobre a mesa, mesmo enquanto Renata ainda se acomodava.

– Não adianta, amor, você sabe que eu sempre sou mais rápida...

As duas sorriram uma para a outra longamente, acirrando o contato entre as mãos unidas. Se existia no mundo um nível de comprometimento maior que o delas, Paloma e Renata desconheciam.

A ida de Paloma com a família para Brasília tinha sido sua única separação. O reencontro acontecera quatro anos depois, assim que Paloma se formou.

Ao ouvir o anúncio da economista de que sua suposta visita a Curitiba era uma mudança definitiva, Renata não conseguiu se expressar em palavras. Na verdade, ela tinha acabado de perceber que não existiam conceitos para definir o que estava sentindo. Então simplesmente sorriu, tão verdadeiramente quanto seria possível, e em seguida notou lágrimas molhando seu rosto. Nunca tinha chorado de alegria e sequer suspeitava que a sensação fosse tão maravilhosa, tão forte, capaz de fazer seu peito inflar, seu coração bater feito louco e sua alma encontrar a plenitude.

Paloma também se emocionou. Fizera muita questão de cursar toda a faculdade em Brasília, afinal, esse era o plano, e ela sempre seguia os planos. Mas a saudade das amigas a acompanhou como uma sombra. Recordava as estripulias de Lana, suas tiradas de humor e sua coragem; via Clarissa em cada sorriso meigo e cada vez que presenciava um gesto delicado.

Com relação à Renata, não era apenas saudade de um tempo bom. Tinha alguma coisa a mais que ela nunca conseguira explicar a si mesma, mas que

entendeu perfeitamente com a reação dela ao seu anúncio. Quando Paloma deu por si, estava chorando junto com Renata, e aquelas lágrimas levaram embora todo resquício de dúvida, todo medo, toda hesitação.

As duas se adiantaram para um abraço, que, sem palavras, virou um beijo... E sem necessidade de acordo, o beijo se tornou uma sequência de afagos cada vez mais urgentes, até que aquela urgência acabou virando a primeira noite de amor entre elas, recheada de declarações omitidas por tempo demais.

Renata sabia que tinha amado Paloma desde sempre, mas descobrir que era correspondida, e que elas enfim não precisariam mais fingir serem apenas amigas foi o momento mais sublime da sua vida.

Desde então, elas eram o tipo de casal do qual todo mundo sentia inveja. Amorasas, companheiras, engraçadas, românticas, dispostas a qualquer sacrifício em nome da relação.

Além disso, eram um exemplo. Sempre deixaram claro que formavam uma família e essa ligação era aquilo de que mais se orgulhavam na vida.

– Você já pediu? – quis saber Renata, apanhando o cardápio mais por costume do que por precisar dele.

Paloma explicou que também havia acabado de chegar e as duas ficaram discutindo o pedido. Era incrível como em todas as vezes elas se propunham a variar um pouco, mas acabavam escolhendo os mesmos pratos.

Quando o jantar foi servido, elas comentavam o compromisso do final de semana seguinte:

– Quer apostar quanto que a Lana vai se atrasar? – disse Paloma.

– Eu já confirmei o horário com ela três vezes, amor – garantiu Renata. – Fique tranquila, será tudo conforme o planejado.

Paloma estava ansiosa com a viagem e, como de costume, já havia projetado todos os detalhes. Das poucas vezes que voltaram para Vale do Hans, nenhuma delas havia sido com Lana, o que deixava a viagem ainda mais especial.

O outro motivo não poderia ser mais interessante: a festa de noivado de Clarissa.

– Bem, algum dia ela vai ter que casar, não é mesmo? – disse Renata. – Nem sei como Clarissa conseguiu enrolar a família por tanto tempo.

– A família e o noivo! – salientou Paloma.

Renata suspirou.

– Queria tanto que ela tivesse se mudado pra Curitiba com a gente... Não consigo acreditar que ficar naquele fim de mundo para sempre seja o sonho

dela.

– Mas pelo visto é. Temos de aceitar e apoiar, como ela fez conosco, quando decidimos nos mudar. Foi escolha dela, meu amor.

Renata acabou dando de ombros e baixou os olhos para sua bebida. Pensar no destino de Clarissa a entristecia. Renata queria que todo mundo pudesse experimentar uma vida além de qualquer expectativa, com amigos leais, uma grande história de amor e uma causa para defender. Para ela, Clarissa só tinha cumprido a parte dos amigos.

Paloma logo notou que a mente da esposa estava longe. Aquele assunto sempre a deixava assim. Para Paloma era mais fácil entender Clarissa, elas tinham sido confidentes uma da outra todos aqueles anos. A amizade e a confiança entre as quatro eram muito fortes, mas Lana e Renata compartilhavam uma personalidade mais agitada e uma história de vida mais ressentida com a cidade natal, enquanto Paloma e Clarissa pensavam de outra forma.

Clarissa tinha um plano de vida, tinha expectativas e sonhos tão reais e verdadeiros como os das amigas, como os de qualquer outra pessoa e Paloma sabia como respeitar isso.

Renata voltou a brincar com o gelo em seu copo e o gesto arrancou de Paloma um sorriso doce. Estendendo sua mão, ela alcançou a da esposa e entrelaçou seus dedos.

A garçonete surgiu naquele momento, trazendo a sobremesa em um único prato, com duas colheres. Renata suspirou de satisfação, deixando de lado qualquer assunto triste e se concentrando em impedir Paloma de apanhar todo o chocolate de sua metade.

– Capítulo 03 –

O Leão do Dia

A tensão dentro da viatura de polícia era quase palpável, assim como o cheiro de suor que vinha do banco de trás, onde o agente Gomes se mexia a cada segundo, ansioso.

Lana torceu o nariz e mexeu nos botões do ar condicionado. Apanhou uma garrafa de água apenas para manter as mãos ocupadas. Caso contrário, acabaria socando o novato inquieto.

Gomes estava ali por ordem do Inspetor de Lana, que era tio do rapaz. Mas aquela posição na equipe não era nem um pouco merecida, já que o jovem agente não tinha nem habilidade, nem coragem para o que estava prestes a acontecer – se tudo saísse como o planejado.

Ao lado de Lana, Montoya permanecia de olhos fechados. O colega estivera de vigia boa parte da manhã e da tarde, antes que Lana chegasse ao local e assumisse o comando da operação.

– Agente Mansini – chamou o rapaz, no banco traseiro. – Quanto tempo ainda precisaremos ficar aqui? Não estamos muito expostos? Não vejo nossos reforços.

Lana revirou os olhos.

– A ideia é que os outros agentes não fiquem visíveis, Gomes. Caso contrário, nossa tocaia não faria sentido – respondeu seca. – Ficaremos aqui o quanto for necessário, mesmo que leve semanas.

Montoya riu discretamente. Ele conhecia Lana há muitos anos, e imaginava o nível de desgosto que a colega estava sentindo por precisar carregar o novato.

Aquela operação fora cuidadosamente planejada por meses, vinda de um trabalho investigativo de anos. Ter ainda de ficar responsável pela tutela do sobrinho do Inspetor não era nem um pouco satisfatório.

Lana abriu uma barra de cereais e ficou mastigando lentamente cada bocada, com os olhos presos na entrada do prédio, no fim da quadra. Eles estavam em um bairro comum de Curitiba, o Sítio Cercado, que crescera assustadoramente nos últimos anos, abrigando famílias humildes que procuravam realizar o sonho da casa própria. O bairro já possuía um próspero centro comercial, escolas, mercados e um terminal de ônibus que conectava importantes linhas da cidade.

Mas Lana estava mais interessada naquela rua, onde três imóveis haviam sido adquiridos pelo mesmo homem no último mês. Seu nome era Oswaldo Soares, também conhecido como Quina, notório empresário suburbano, amigo íntimo e padrinho de dois filhos do homem que Lana planejava jogar atrás das grades ainda naquela tarde.

Ambos os homens eram suspeitos de comandar um grandioso esquema de tráfico de entorpecentes. Oswaldo tinha recém partido para o México, à primeira vista, em uma inocente viagem de férias com a família, convenientemente dias antes de Lana conseguir provas para prendê-lo.

Mas o compadre de Quina não contaria com o mesmo tipo de coincidência. Um suspeito, detido na semana anterior, havia deixado escapar que uma transação ocorreria naquele prédio, àquela tarde. Lana estava ali para pegá-los em flagrante.

A agente engoliu o último pedaço e olhou pelo espelho lateral do carro. Era apenas um hábito policial de observar o máximo possível. Mas foi graças a esse gesto que ela reparou em um movimento estranho, que acontecia poucas casas abaixo de onde estavam.

Lana prestou atenção nos três carros que entraram no que parecia ser um terreno baldio, ao lado de um sobrado. Ela sentiu o sangue gelar quando um dos homens desceu portando uma submetralhadora. A policial praguejou e bateu com força no volante, sobressaltando os dois companheiros.

– Lana, o que está acontecendo? – inquireu Montoya.

– Aquele filho da mãe! – Lana continuou socando o volante. – Aquele cretino nos disse para olhar na direção errada!

Sem dar mais explicações, Lana pegou o rádio e passou algumas instruções para as outras equipes, reordenando suas posições e pedindo que fizessem isso sorrateiramente. No carro, os dois agentes ficaram aturdidos, olhando em volta, tentando entender o que a investigadora tinha visto.

Lana ligou o carro e se virou para os colegas:

– O prédio é um chamariz! Os caras estão entrando naquele sobrado marrom ali atrás, portando as submetralhadoras que trouxeram daquele último contrabando que perdemos – ela olhou para Montoya. – Só as boas!

– Mas temos agentes locados naquele prédio! Nossa operação está montada bem no centro da armadilha! – constatou Montoya, apreensivo.

Lana apanhou novamente o rádio, enquanto guiava o veículo até o final da rua e fazia o retorno. Ela dirigia normalmente, pois ainda não era hora de chamar a atenção para si. A tranquilidade da garota não era vivida pelo jovem

no banco de trás.

– O que faremos agora? – perguntou Gomes, secando o suor da testa com as costas da mão.

– A parte divertida desse trabalho... – respondeu Lana, com um sorriso de lado. – Montoya, seremos a isca, mantenha minha retaguarda. Eles não devem esperar por um ataque direto. Gomes, pretendo ficar nesse emprego por muitos anos, então trate de evitar levar um tiro nessa sua cabeça de vento, ok?

Os dois assentiram e Lana conectou o rádio ao fone de ouvido que tinha sob a roupa.

– Atenção, rapaziada, hora do improviso. O objetivo é resgatar nossos homens daquele sobrado, com segurança e eficiência. Deixem o Leãozinho comigo.

Lana esperou que todas as equipes confirmassem. Tinha consigo dez agentes dispostos em vários pontos estratégicos.

Antes de arrancar com o carro, ainda passou a ordem para que Gomes informasse a central e pedisse reforços, os quais ela não tinha tempo de esperar ou os agentes poderiam morrer.

O carro disparou pela rua, seguido de um som agudo dos pneus que queimaram no asfalto. Lana mirou no homem parado ao lado de um dos veículos. O sujeito arregalou os olhos de susto, jogando-se para o lado enquanto soltava uma série de impropérios.

A policial parou a viatura com uma freada brusca, longe do alcance dos tiros que eram disparados com frenesi. A distração serviu ao seu propósito, e vários bandidos vieram em sua perseguição, o que deu espaço para os outros agentes tomarem a posição de assalto e renderem os homens que guardavam o sobrado.

Lana e Montoya deixaram o carro, empunhando suas pistolas semiautomáticas. Gomes seguiu na direção oposta, terrivelmente assustado, ainda trocando informações com a central pelo rádio.

A policial confiava que sua equipe cumpriria a missão de resgate e, por isso, seguiu com Montoya pelo terreno ao lado, onde pularam um muro que os levou até os fundos do sobrado.

Como previram, Tobias Leão estava buscando uma rota de fuga e foi surpreendido pela voz de prisão vinda da investigadora. O homem, que estava escoltado por outros quatro, respondeu com tiros antes de fugir por uma ruela.

Montoya fez um gesto de que seguiria pela direita, Lana assentiu e avançou, seguindo os homens que tinham corrido pela rua e entrado em uma casa abandonada. Por sorte, os civis que habitavam aquela parte do bairro sabiam do perigo que os rondava e, assim, não havia ninguém na rua que fosse inocente.

Atrás de si, a jovem ouvia o tumulto que ainda seguia no sobrado. Tiros, ordens e gritos se misturavam ao cheiro de pólvora queimada, e o coração da policial acompanhava o ritmo daquela sinfonia frenética.

– Sua armadilha não funcionou, Tobias! – gritou Lana, antes de entrar na casa, sabendo que seria ouvida. – Tenho agentes por toda a rua. Entregue-se e poderá sair ileso! Aqui é a Polícia Civil, ordeno que abaijem suas armas e saiam com as mãos para o alto!

– Sairá daqui coberta de sangue, agente! E garanto que não será o meu! – gritou de volta o bandido.

Lana sorriu. Um homem arrogante como Tobias não aguentaria manter a língua dentro da boca, e era com aquilo que ela tinha contado. O falso rugido do Leão viera da direita, delatando sua posição aos policiais.

Montoya cobriu a retaguarda de Lana, que seguiu pelo corredor lentamente. Eles passaram por três cômodos vazios e seguiram para os fundos da casa. Lana parou ao lado de uma porta fechada e a chutou, caindo imediatamente no chão e disparando sua arma três vezes.

O quarto tiro não foi necessário, Montoya havia alvejado um dos homens de Tobias no abdômen. Lana se aproveitou do entorpecimento de Tobias para avançar e desferir um golpe alto com o pé, atingindo o homem na lateral da cabeça. Ele mal tivera tempo de pensar em levantar a arma contra ela.

– Olha só que coisa, não é mesmo? Esse sangue aqui, na minha bota, saiu da sua orelha, Tobias? – disse Lana, virando o homem e sacando as algemas. – Dizem que sangue de leão é mais grosso, mas olha... Vou te contar que é a mesma porcaria.

Ao seu lado, Montoya tratava de algemar os outros homens que ainda estavam vivos.

– Tobias Leão, você está preso, acusado de envolvimento com o tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, lesão corporal, homicídio doloso e, principalmente, por ser um cretino bastardo que pensou que conseguiria me enganar.

A policial o colocou de pé. Tobias ainda estava meio tonto.

– Tudo o que dirá poderá e será usado contra você no tribunal... –

continuou Lana.

Alguns agentes chegaram ao local e os escoltaram até a viatura, enquanto a investigadora continuava a recitar os direitos do criminoso.

Ao chegarem onde o cerco se armara, Lana foi recebida por uma salva de palmas e assovios dos agentes. Ela localizou os membros de sua equipe que precisaram de resgate, e acenou com a cabeça na direção deles, sorrindo ao reparar que nenhum estava ferido gravemente.

Depois de trancar Tobias em uma viatura, Lana apanhou o celular e digitou uma mensagem, satisfeita com o resultado da emboscada.

– Investigadora Mansini! – Lana ouviu um policial chamar.

Guardando o celular no bolso, ela se inclinou em direção à janela de Tobias e lhe lançou uma piscada.

– Bota gelo aí, viu? Pra não ficar com um galo – ela apontou para o corte em sua cabeça.

Algemado, Tobias soltou um grunhido e bateu os punhos cerrados contra o vidro. Lana sorriu mais uma vez e seguiu à direção em que era chamada.

A policial foi parar ao lado de um carro que estava com o porta-malas aberto.

– Acho que vai querer dar uma olhada nisso... – apontou o oficial.

Lana sacou uma pequena faca de seu cinto e rasgou um dos vários pacotes pardos que estavam empilhados. Levantando a lâmina coberta de pó branco até a altura dos olhos, ela encarou o outro policial:

– É uma pena, mas eu aposto que isso aqui não é farinha de trigo – disse Lana, arqueando a sobrancelha direita.

– Capítulo 04 –

Um Microfone como Arma

Com um sorriso presunçoso, Julia apresentou seu crachá ao segurança que guardava a sala de imprensa do Palácio Iguaçu. A entrevista coletiva já estava em andamento, num ritmo tão monótono que Julia flagrou um dos fotógrafos tentando reprimir um bocejo.

Ela tinha sido notada, sabia disso. Viu muito bem quando o Secretário de Segurança se inclinou na direção de um dos assistentes, no exato instante em que Julia ocupou sua cadeira reservada na primeira fila. Vez ou outra, o Secretário olhava de soslaio para a jornalista, mas desviava a atenção rapidamente, pensando não ter sido apanhado.

Eles tinham uma história curiosa. Incontáveis encontros, alguns dos quais, memoráveis. A troca de acusações era mútua, mas enquanto Julia fazia um estilo dramático, o Secretário era mais traiçoeiro. Como um bom político, ele não poderia se dar ao luxo de bater boca em público, mesmo que algumas das imputações de Julia já tivessem feito seu sangue ferver. E, pior do que isso, pelo menos duas denúncias da jornalista o tinham posto em maus lençóis.

Mais uma vez, era exatamente isso que Julia pretendia, mas, infelizmente, seu ardil era grave demais para ser disparado sem algum penhor. E a garantia estava demorando a chegar, fazendo a jornalista conferir seu celular a cada dez ou vinte segundos.

Seus vários colegas suportavam o lento arrastar das perguntas corriqueiras e inócuas na esperança de que Julia tirasse de uma vez o coelho da cartola. Alguns já tinham se aproximado para questionar, aos sussurros, se ela pretendia algo, o que Julia confirmou, fazendo o boato se espalhar.

Finalmente, as esperanças da jornalista foram atendidas, caprichosamente ao mesmo tempo em que se ouviu o anúncio de que somente mais uma pergunta seria respondida.

Julia elevou seu braço direito lentamente, encarando o assessor de imprensa com um sorriso cordial que não entregava nada da sua ansiedade. Sobre o colo, o celular acusava uma mensagem de texto breve e imperativa: “Nós o pegamos. Vá em frente”.

O assessor, mesmo notando Julia, fez questão de dar a vez a outro repórter. Este, porém, mesmo tendo requisitado a oportunidade, surpreendeu a todos dizendo:

– Desculpe, já que é a última, eu gostaria de ceder a chance a minha colega Julia Ávilla, que não teve oportunidade de arguir o Secretário nenhuma vez.

Com imenso e visível contragosto, o assessor teve de concordar. Enquanto isso, Julia ponderava que teria de dividir algumas de suas informações exclusivas, em troca do favor recebido.

– Julia, por favor – indicou o assessor.

Ela se levantou arrumando o *tailleur* e logo encarou seu notório desafeto, ensaiando um sorriso arrogante que era como um cartão de visitas, utilizado não apenas no trabalho.

– Senhor Secretário, a Polícia Civil acaba de fazer uma prisão em flagrante. Gostaria de aproveitar para saber se tinha conhecimento das atividades de seu cunhado, Xavier Feitosa, nas horas vagas.

Após engolir em seco, o Secretário disfarçou seu apuro com um riso e um gesto banal.

– Julia, Julia, Julia... Qual seria a graça dessas entrevistas sem as suas teorias conspiratórias, não é mesmo?

Boa parte das pessoas que ocupavam a sala riu com o comentário. A própria Julia sorriu em resposta, mas seus olhos ferinos não deixavam dúvidas de que ela insistiria até obter alguma coisa.

Após um pigarro, o Secretário comentou:

– É evidente que nada tenho a ver com isso. Minha irmã e eu nem somos próximos, Xavier e eu mal convivemos.

– Uma pena – disse Julia, rapidamente. – Em suas horas vagas, Xavier Feitosa tem sido voluntário no Hospital Erasto Gaertner, ajudando a erguer as paredes da ala nova. Não seria nada mal o senhor ter alguma coisa a ver com isso, mas já que não tem...

Os risos foram um pouco mais altos dessa vez, mas Julia, que sabia estar brigando também com o relógio, teve de interromper o burburinho:

– Ah! Eu mencionei uma prisão, não mencionei? Claro que não foi o Xavier, pobre homem... Foi seu ex-chefe de gabinete, Tobias Leão. Algo a declarar sobre o homem que foi seu braço direito por três anos e meio, e seu envolvimento com o tráfico de drogas?

Durante a confusão que se seguiu, o Secretário trocou cochichos com seu assistente, enquanto o assessor de imprensa tentava inutilmente pedir silêncio.

– Secretário? – insistiu Julia, ignorando os flashes que vinham de todas as direções e iluminavam seu rosto.

– Não fui informado de nenhuma ação da Polícia Civil nesse sentido, senhorita.

– Bem, considerando seu cargo, acho que isso acrescenta um problema a sua lista, não é mesmo?

O Secretário se levantou, raivoso. Com o dedo em riste, encarou Julia duramente, mas ainda tomou um segundo para ponderar antes de dizer:

– Suas provocações foram longe demais dessa vez! Eu averiguarei essa notícia, e, se for verdadeira, farei um pronunciamento, é claro. Mas não nesses termos. Seus joguinhos acabam aqui!

Julia apenas sorriu soberba, enquanto o Secretário deixava a sala pela porta lateral, cercado pela equipe do gabinete. Logo em seguida, a jornalista se virou para os colegas e se pôs a responder as diversas perguntas na direção dos gravadores e telefones celulares que eles estendiam.

Mesmo que oficialmente encerrada a entrevista, e sem a presença de sua figura principal, a “reunião” na sala de imprensa se estendeu, com todo tipo de teoria sendo traçada. De várias partes surgiram novas informações, confirmando a prisão de Tobias Leão.

Julia não era nem de longe a única que farejara algo de podre na pasta de Segurança Pública, mas ultimamente todas as suas apostas tinham dado certo e isso a tinha colocado no topo da carreira.

Quando finalmente conseguiu uma brecha entre seus colegas, Julia escapuliu e foi direto para casa. Escreveria um artigo longo para a edição do dia seguinte, mas não queria fazer isso na redação. Precisava de sossego, mas, principalmente, queria informações melhores sobre a prisão.

A campanha soou no momento em que Julia acabara de servir uma taça de vinho branco. Assim que abriu a porta, foi praticamente atropelada.

– Conseguimos!

Lana a tomou nos braços e rodopiou com Julia pela sala.

– Ei, calma... – Julia riu. – Ainda falta o peixe grande.

A policial pousou a amiga no chão e se afastou alguns centímetros, admirada.

– Eu assisti ao jornal na delegacia. Você acabou com a raça dele!

Julia virou os olhos.

– Apenas dei a ele um pouco do que merece. E, francamente, como vocês demoraram! Quase não deu tempo, ganhei a última pergunta.

Lana cruzou os braços, encarando a outra.

– Da próxima vez vou pedir ao suspeito que cometa o delito mais rápido, assim apressa o flagrante...

Julia bufou, dando as costas à policial e indo apanhar outra taça. Estava feliz com a prisão e o progresso das investigações da amiga, que bem serviram sua própria carreira, mas o jeito “Julia Ávilla” de demonstrar emoções era bem particular.

– Nada de álcool – Lana se apressou em dizer quando a outra ofereceu a taça. – Estou de plantão essa noite.

– Jura? Nem um golinho pra comemorar?

Lana deu de ombros, concordando. Em seguida apanhou a taça e sorveu um longo gole.

– O que o Delegado não vê, a corporação não sente.

Julia tentou se segurar, mas sua perene expressão séria cedeu outra vez ao jeito despojado de Lana. Rindo, ela deixou seu corpo tombar no sofá e Lana a imitou.

– E então, quais são as novidades? Tobias já abriu a boca?

– Que nada – lamentou a investigadora. – Não deu um pio, a não ser para chamar o advogado.

– Vocês poderiam tentar um acordo. Ele entrega o chefe do esquema e vocês afrouxam a pena dele.

Lana ficou encarando a amiga.

– Que ótima ideia, não sei como o promotor não pensou nisso antes!

Julia bufou. O sarcasmo era a marca de todas as frases de efeito de Lana. Julia se perguntava se alguma vez na vida Lana já tinha conseguido manter uma conversa normal com uma pessoa, o que lhe parecia bastante improvável.

– Tá bom, gênio do combate ao crime, agora me conte como foi o flagrante.

Lana se endireitou no sofá, afoita, e narrou a operação em todos os seus detalhes. Julia a encarava com seriedade, demonstrando atenção ao mesmo tempo em que uma parte do seu cérebro já começava a esboçar o artigo para o jornal.

– Vamos continuar montando guarda no quartel general do Tobias, mas a essa altura duvido que haja algum rato de bueiro em toda Curitiba que ainda não saiba que ele foi em cana. De resto, a operação está nas mãos dos burocratas. Espero que aqueles engomadinhos não coloquem tudo a perder. Quase levei uma bala para pegar o Tobias. Se o advogado tirar ele do xadrez,

eu é que não sairei correndo atrás de novo.

Julia riu e se aproximou de Lana, massageando seus ombros enquanto a amiga continuava com uma careta amuada.

– Você diz isso agora... Aposto que quando, ou se acontecer, vai ser a primeira a se oferecer para pegá-lo novamente.

Lana protestou com um olhar nem um pouco convincente, que depois virou um suspiro derrotado. Então, sem ter conseguido pensar numa resposta sarcástica, simplesmente se acomodou melhor e deixou que Julia prolongasse a massagem.

Ocorreu-lhe de também pedir mais detalhes sobre a coletiva de imprensa, mas passada um pouco a euforia gerada pela tocaia e depois pela perseguição, Lana só queria saber de aproveitar aquele instante precioso, no qual parecia que o mundo inteiro havia desaparecido e restavam apenas Julia e ela; e a massagem, que apesar de relaxar seus nervos, estava deixando a policial cada vez mais tensa.

– Lana?

– Hum?

– Como vão as coisas com a menina do Jardim Botânico?

Um mês antes, Lana fora atender uma ocorrência no mencionado parque e lá conhecera a garota com quem estava saindo.

– Bem lembrado – a policial se afastou num salto. – Fiquei de ligar para ela já tem uns três dias. Droga, essa emboscada para o Tobias me consumiu tanto que acabei esquecendo!

Julia apenas balançou a cabeça em reprovação.

– Passarei a noite inteira elaborando o maldito relatório. Espero que ela aceite tomar café da manhã comigo – torceu Lana, já caminhando até a porta.

Julia se despediu com um beijo no rosto da policial e ficou olhando através do corredor do prédio enquanto a amiga esperava o elevador. Como Lana tinha ficado chateada, a jornalista tentou animá-la:

– Explique para a garota que a segurança de todas as donzelas da cidade depende de você.

As duas riram, trocando um último olhar, então Lana entrou no elevador e Julia voltou para o interior do apartamento, antecipando mentalmente algumas frases para o seu artigo.

– Capítulo 05 –

A Última dos Mansini

Paloma estava na sala de sua casa, completamente detida, analisando uma folha de ofício em sua mão, enquanto mordida distraidamente a ponta da caneta que usava para riscar os itens.

Naquela manhã de sexta-feira, ela e a esposa iriam viajar até Vale do Hans para a festa de noivado de Clarissa. E, como iriam deixar a casa por quase três dias, Paloma fizera uma lista com todas as ações de segurança necessárias para poderem viajar com tranquilidade.

Paloma já tinha checado todas as trancas das janelas, desligado os registros de água e do gás, molhado as plantas e alimentado os peixes. Ainda seria preciso desligar o disjuntor de luz, trancar as portas e repassar os itens que estavam levando para ter certeza de que não tinham se esquecido de nada.

Renata apareceu na porta da cozinha, segurando duas garrafas de suco de uva.

– Amor, onde eu coloco isso? – perguntou, levantado as mãos.

– Na sacola térmica de bebidas, que já está no porta-malas, do lado direito

– Renata sorriu e deu meia volta. – Não tire as outras da ordem!

Paloma esperou pela resposta, que veio em forma de um resmungo baixo, mas ela não se importou. Iria, de qualquer forma, inspecionar o porta-malas antes de partirem.

Quando Paloma chegou à garagem, Renata já tinha retirado o carro e estava encostada no capô, comendo uma maçã. Paloma parou ao seu lado, ainda segurando a lista.

– Paloma, nós faremos paradas daqui até lá. Por que precisa levar tanta comida? – Renata perguntou, apesar de já conhecer o discurso da esposa.

Paloma revirou os olhos.

– Amor, você conhece bem o que eu sempre como de lanche entre o café da manhã e o almoço. Acha mesmo que eu conseguiria a minha linda e maravilhosa salada de frutas na beira da estrada?

Renata abraçou Paloma pela cintura e lhe deu um beijo rápido nos lábios.

– Você sabe que eu daria um jeito de encontrar pra você, né? Mesmo que a gente fosse parar no fim do mundo! – disse, enquanto voltava a beijá-la.

Paloma riu e se afastou apenas o suficiente para olhar o relógio.

– O que foi que eu disse pra você? São seis horas e quarenta minutos, e

nada daquela desmiolada da Lana estar aqui!

Renata abraçou a esposa novamente, dividida entre rir da situação e sentir pena de Lana quando a amiga chegasse. Paloma, com toda certeza, iria lhe dar um esporro por cada minuto de atraso.

– Até parece que você nunca viajou antes, meu bem – disse Renata. – Está tudo certo, relaxa um pouco.

Paloma não lhe deu atenção. Vale do Hans não ficava exatamente longe, eram quatro horas da capital, mas ela já havia avisado à Clarissa o horário previsto de chegada. Para Paloma, não era aceitável desperdiçar toda a margem de contratempos esperando por Lana.

Ainda se passaram mais dez minutos antes que Lana finalmente chegasse. Vieram no carro de Julia, já que Lana costumava usar a viatura de polícia para trabalhar e tinha apenas uma moto para seu lazer e compromissos pessoais.

Renata e Paloma trocaram um breve olhar quando a amiga de Lana desceu do carro, com o semblante sério, como de costume. Conheciam Julia desde o início da amizade dela com a policial, mas nunca pegaram muita intimidade. Até porque não saíram juntas muitas vezes.

Aos olhos do casal, Julia era fechada demais, séria demais e até um pouco arrogante. Estava sempre ao telefone, falando com outros jornalistas e saindo de uma hora para a outra.

Renata era quem mais implicava com Julia, e Paloma sabia que era um pouco de ciúmes. Sua esposa sempre fora a melhor amiga de Lana, desde a infância, e, com a vida agitada e ocupada da policial, Renata ainda tinha que dividir o tempo livre dela com Julia.

– Bom dia! – cumprimentou Lana, adiantando-se para abraçar as duas amigas com entusiasmo.

Julia foi mais contida, apenas distribuiu dois beijos no rosto de cada uma, parando para ajeitar os óculos de sol no rosto.

– Poxa vida, Lana! Precisava chegar tão tarde? – Paloma cobrou.

A policial sorriu e pegou a mão da amiga.

– Paloma, meu anjo, eu sinto muito. Precisei passar no distrito e deixar um relatório. O Delegado foi chamado para uma reunião de última hora em São Paulo. Por isso consegui esses dias de folga.

O sorriso de Lana era tão sincero que conseguiu amolecer Paloma. Com um resmungo baixo, ela meneou a cabeça e se virou para a jornalista:

– Julia, você pode guardar o seu carro na nossa garagem.

A jornalista assentiu e voltou para o veículo.

Renata caminhou para o lado de Lana.

– Ainda não entendi o motivo de ela querer ir com a gente – Renata disse, apontando discretamente na direção de Julia. – Não que eu me importe... Muito. Mas acho estranho.

Lana elevou a sobrancelha direita, antes de lançar um olhar cansado para a amiga.

– Você e essa sua implicância! Olha, o motivo de eu ter trazido a Julia é, justamente, para que vocês se conheçam melhor.

– Nem vem, Lana! – Renata fechou a cara. – Eu sempre fui bem disposta com ela, mas não tenho culpa se a sua amiga é esquisita...

– Na verdade, Lana, eu sempre achei estranho que ela só nos dirija a palavra para perguntar sobre Vale do Hans – disse Paloma.

Lana deixou escapar um suspiro exasperado.

– Meninas, a Julia trabalha tanto quanto eu e não tem muitos amigos. Esse final de semana é para ser divertido, ok? Pra todas nós! Tirem essas picuinhas da cabeça e perceberão o quanto ela é gente boa.

Antes que qualquer uma delas pudesse dizer mais alguma coisa, Julia retornou. Se a jornalista percebeu o clima tenso, disfarçou muito bem.

As quatro seguiram para o carro de Renata, que se adiantou para abrir a porta para a esposa e, então, se acomodou no banco do motorista. Lana e Julia foram atrás.

Enquanto dava a partida no carro e fazia o retorno, Renata se pôs a pensar se a implicância com Julia era, de fato, gratuita. Lana não costumava andar com gente que não valesse à pena, e a policial gostava muito da jornalista. Gostava de um jeito que só Renata, devido aos muitos anos de amizade, conseguia perceber.

Os primeiros quinze minutos da viagem foram vencidos no mais absoluto silêncio. Julia estava detida, acompanhando as últimas notícias através de seu *smartphone*, enquanto Lana terminava de completar um livrinho de palavras cruzadas que achara jogado no banco de trás. Renata tentava sintonizar alguma estação de rádio que fosse do agrado de todas e Paloma parecia, finalmente, começar a relaxar e deixar de se preocupar se tinha, ou não, desligado o gás de cozinha.

– Nem acredito que estaremos todas juntas novamente naquele fim de mundo – começou Lana, sorrindo meio de lado.

– Temo pela segurança pública e pela moral e os bons costumes dos nobres

cidadãos de Vale do Hans quando desembarcar o maior grupo de lésbicas que aquela cidade já viu! – exclamou Renata.

As gargalhadas ecoaram por vários minutos. Até mesmo Julia não se conteve:

– Deveria ter trazido meu bloco de notas. Isso seria uma matéria e tanto! – brincou a jornalista, que provocou ainda mais risadas.

– Posso até ver! Nós quatro caminhando pela rua principal, enquanto mães correm para tapar os olhos dos filhos, velhas beatas se benzem e os homens de família acendem suas tochas – dramatizou Renata.

– Gente, mas sério que essa cidade é assim, tão retrógrada? – perguntou Julia, quando as gargalhadas cessaram.

Paloma e Renata trocaram um breve olhar que beirava o divertimento.

– Vale do Hans meio que parou no tempo... – explicou Paloma. – Há esse grupo de famílias que descendem do próprio Hans, eles detêm o controle de lá e mantêm tradições antiquadas.

– A família da amiga de vocês é assim? – especulou a jornalista.

Lana se mexeu desconfortavelmente no banco.

– A família da Clarissa é uma das piores – resmungou a policial.

– Digamos que os Gutenberg se tornaram a família mais poderosa de Vale do Hans, mas isso foi apenas há uns anos – Renata completou.

– Espera, como assim “há alguns anos”? – insistiu Julia.

Renata olhou pelo retrovisor e recebeu o olhar mal humorado de Lana.

– Os Gutenberg assumiram o poder absoluto depois que a última família de origem italiana acabou se desfazendo. Essa história é bem complexa, já que, segundo a lenda, foram os italianos que desenvolveram a cidade, mas, no fim das contas, ela se chama Vale do Hans – concluiu a motorista.

Julia estava cada vez mais interessada. Tanto que mal pode se conter.

– Como assim a família se desfez? – disse se aproximando um pouco de Renata. – Está me dizendo que houve algum tipo de complô dos Gutenberg nisso?

– Você tem a melhor chance de descobrir isso nesse exato momento, já que tem a última dos Mansini sentada bem ao seu lado – soltou Renata, como se não fosse nada demais.

Julia se virou imediatamente na direção da policial, ilustrando seu choque com os olhos arregalados, boquiaberta.

Lana jamais mencionara qualquer coisa naquele sentido. Julia estava brava, mais consigo mesma do que com a amiga. Dependendo do que fosse verdade

naquela trama, muita coisa poderia mudar.

– Você... Você... – tentou articular a jornalista, mas todas as palavras que conhecia pareciam ter fugido de sua mente.

Lana deixou escapar um suspiro de frustração e cruzou os braços na frente do peito.

– Valeu, Renata... Nossa, isso porque você sabe o quanto eu gosto de falar nesse assunto! – acusou a policial.

Julia segurou o braço da amiga, puxando-a em sua direção.

– Lana, isso é coisa séria! Por que nunca me contou? Você é uma investigadora, se isso for verdade, você...

– Esquece isso de complô, Julia! Isso é piração dessa maluca – a policial apontou Renata, que tentava controlar o riso.

– Então me explique! E aproveite para mencionar o motivo de nunca ter me contado.

Lana estava cada vez mais irritada. Era raro ficar naquele estado de contradição, mas aquele assunto tinha qualquer mágica que sempre a tirava do sério, independentemente do tom usado ou do motivo pelo qual era especulado.

Respirando fundo, a policial encarou Julia com seriedade. Conhecia bem a amiga e jamais seria deixada em paz se não desse uma resposta satisfatória. Muitas vezes, Julia se perdia no limite de fazer perguntas casuais e se empenhar em uma investigação jornalística.

– Nunca te contei porque não é importante. O fato de eu ser a última Mansini é apenas uma coincidência e mesmo esse fato pode não ser verdade. Não fui a única a sair daquela cidade.

A policial parou para tomar fôlego e continuou:

– Meu avô foi o último a realmente se importar com as tradições antigas, com as ditas “disputas de poder”. O único filho dele, meu pai, morreu em um acidente em uma construção. Isso você sabe. Não tenho irmãos e, levando em consideração que nunca me apeguei àquela cidade, podemos concluir que estou pouco me importando com essa porcaria de legado ou de origem...

Lana encerrou a explicação lançando mão de sua melhor expressão de “assunto encerrado”, já muito utilizada em ocorrências policiais.

Paloma direcionou um extenso olhar de censura para a esposa, por ela ter sido a responsável por aquele clima pesado que se instalou no carro, culminando em um silêncio desconfortável, mas Renata continuava a rir.

Pouco mais de uma hora depois, elas pararam para descansar e fazer um

lanche. Julia conteve qualquer comentário quando viu tudo o que Paloma tinha trazido, sob a alegação de que era sempre arriscado comer qualquer coisa na beira da estrada. Isso não impediu Lana de entrar em um suspeito restaurante e voltar comendo meia dúzia de quitutes e salgados.

Quando Paloma informou que precisavam seguir com a viagem, Lana se ofereceu para dirigir. Renata percebeu que a melhor amiga estava entediada no banco de trás e aceitou, mais por querer agradar a policial do que por qualquer outro motivo.

Julia foi na frente com a amiga, deixando o casal confortavelmente instalado atrás.

Naquele ponto do percurso, o clima já tinha suavizado novamente. Lana estava mais relaxada, feliz por poder ocupar os movimentos com algo mais produtivo.

– Seus pais não se importam mesmo que a gente fique lá na casa deles? – perguntou Julia, olhando para Renata.

– Que nada! A casa é imensa! Minha irmã se casou há três anos e você e a Lana poderão ficar no quarto dela.

Julia assentiu. Segundo fora informada por Lana, a família de Renata era uma exceção na cidade. Conheciam Paloma desde sempre e não ficaram verdadeiramente incomodados com o anúncio do casamento delas.

Lana sintonizou em uma estação rock e as quatro ficaram ouvindo. Para Julia, a paisagem era completamente nova, e ela se perdeu em pensamentos secretos dos quais só despertou quando ouviu Lana cantarolando uma letra, baixinho.

No banco de trás, Renata havia abraçado Paloma e acariciava seus cabelos lentamente, enquanto a esposa sorria de olhos fechados. Elas pareciam tão vulneráveis e ao mesmo tempo ansiosas para voltar à cidade natal.

Em voz baixa, Julia perguntou:

– Elas ficam muito assim?

Lana espiou pelo retrovisor rapidamente, sorrindo.

– Quando acham que estão sozinhas, ficam bem piores...

– E, por “piores”, você quer dizer...?

– Que elas completam as frases uma da outra – entregou Lana, com uma expressão de quem tratava da segurança nacional.

Julia acenou afirmativamente, também com o semblante falsamente preocupado.

– Ouvi dizer que, em casos extremos, alguns casais sequer completam as

frases, e se entendem só pelo começo da conversa...

Lana confirmou, enquanto fazia uma curva na estrada.

– O caso delas é bem mais grave.

– Mesmo?

A policial forçou um suspiro cansado e prosseguiu:

– Elas respondem perguntas na terceira pessoa. E fazem afirmações também!

– Não?!

– Juro – garantiu Lana. – E fica pior! De alguma forma, elas fazem com que a gente se refira as duas como uma coisa só, também.

– Uau!

– Pois é.

Por fim, Lana e Julia riram a valer.

– Capítulo 06 –

Paixões, Amores e Amizades

Milena mal teve tempo de soltar a mochila e o fichário. Sua nuca vinha sendo assaltada por beijos quentes e lascivos, enquanto mãos percorriam seu corpo de uma maneira muito conhecida. A garota sorriu de olhos fechados, aproveitando por alguns segundos aquela proximidade, mesmo com a urgência que já começava a entorpecer seus sentidos.

Virou-se buscando lábios tão ansiosos quanto os seus, e as bocas se uniram com saudade, com vontade, enquanto dedos precisos se desfaziam das roupas, uma a uma. Milena teve seu corpo içado sobre a mesa, enquanto a outra se detinha em seu colo, beijando e mordiscando a pele suada entre seus seios.

A jovem tinha acabado de encerrar o treino de futebol quando recebeu uma mensagem de texto exigindo aquele encontro. Despediu-se das amigas, com as desculpas de sempre, e correu até o pequeno escritório, onde nenhuma palavra se fizera necessária para que ela compreendesse o sentido daquele chamado.

Milena deixou que a outra matasse sua vontade como bem entendesse, saciando o corpo de ambas. O fato de já terem feito aquilo inúmeras vezes, naquela sala, nunca parecia aplacar a adrenalina de estarem em uma escola cheia de professores, alunos e funcionários, que passavam pelo corredor do lado da porta fechada sem nem imaginar o que acontecia ali.

Há seis meses estavam vivendo aquele jogo perigoso. Mas Milena estava feliz. Desejara a outra mulher desde a primeira vez em que a vira e não se importava se era errado, se era proibido. Sentia-se viva como nunca e cada vez mais certa do que queria.

Milena queria Clarissa, e já não parecia mais loucura, nem tão pouco complicado. Quando estavam juntas, simplesmente acontecia.

– Nem quero saber o que te deu pra agir com tanto ardor, mas desejo que dure para sempre – Milena disse entre suspiros.

Clarissa não respondeu. Ela raramente o fazia, independentemente das perguntas ou questionamentos da aluna. Seus encontros tendiam a ser silenciosos, à exceção dos gemidos baixos que escapavam sem consentimento.

O fato de Milena já ser maior de idade não diminuiria o problema que

ambas teriam caso descobrissem o *affaire* entre a professora de Geografia e a estrela do time de futebol do colégio.

Fora Milena quem começara a insinuar que poderia haver algo a mais entre elas. Clarissa relutou no começo, mas a jovem tinha artifícios e encantos irresistíveis, o que tornara uma tortura permanecerem no mesmo ambiente, principalmente se estivessem sozinhas.

Milena desejava os beijos de Clarissa por mais de um ano, enquanto a professora passara a ter sonhos inconfessáveis com a jovem depois que concordara em ajudar a divulgar o time da escola e a assistir aos jogos.

E, mesmo depois de todos aqueles meses, tudo ainda tinha a mesma intensidade. Clarissa não se permitia pensar moralmente sobre aquele assunto. Milena era sua aluna, era mais nova e era uma mulher. Tantos fatores contrários só a faziam desejar ainda mais a jovem e a compeliavam a se entregar sem reservas à vivacidade que emanava de Milena.

Clarissa destrancou a porta e aproveitou para desfazer um último amassado na saia que havia acabado de vestir. O corredor estava vazio, o que deu à Milena a oportunidade de roubar um último beijo dos lábios da professora. Clarissa a repreendeu com o olhar, mas a jovem apenas sorriu e seguiu na direção oposta.

Enquanto caminhava rumo ao estacionamento, Clarissa refletiu, mais uma vez, sobre o que acabara de fazer: uma parte de si se sentia horrível, mas a outra estava feliz, leve e tranquila. Como sempre acontecia quando passava momentos memoráveis ao lado de Milena.

Estar com a aluna era dar vazão a uma parte de si que vivia escondida, trancafiada, mal alimentada e constantemente febril. Não era somente uma questão ligada ao sexo, e sim viver além da linearidade do seu destino planejado.

No começo pensara que poderia ser apenas um ato de rebeldia tardio, ou talvez um sintoma pela proximidade do casamento. Mas ela sabia estar envolvida pela aluna. E aquele sentimento seria repudiado por pelo menos um milhão de motivos.

Como em uma balança, Clarissa via pendendo os dois vértices de sua alma. Estava determinado que viveria uma existência dividida entre a razão e o sentimento. Desde criança, ela sabia estar atrelada àquela terra, em um vínculo primitivo, e sair dali nunca fora uma opção. Mas sua plenitude dependia de experiências que a pequena cidade estava longe de poder oferecer à jovem.

Clarissa secou as mãos no jeans, logo após dar outra conferida no relógio. Paloma jamais deixaria de chegar no horário, e a ansiedade da professora agradecia imensamente aquela neura da amiga em fazer tudo que era programado.

Ela chutou mais meia dúzia de pedrinhas, que rolaram morro abaixo. Clarissa estava esperando em uma espécie de mirante, que fora descoberto pelas quatro amigas ainda na infância. Desde então, tornara-se o lugar secreto e preferido delas.

O barulho de buzina se fez ouvir a quilômetros de distância. E, mesmo ainda sem ver o carro se aproximando, Clarissa deduziu que era Lana quem estava dirigindo.

Antes mesmo da poeira baixar, Clarissa se viu arrebatada em um abraço, que logo se tornou maior, mais cheio de braços, de beijos e sorrisos.

Depois de longos oito anos, estavam juntas novamente.

Rindo de pura felicidade, Clarissa encarou cada rosto, mas logo sua atenção foi captada pela figura que tinha ficado à parte do grupo.

Julia havia deixado o carro também, mas esperou a alguns passos de distância enquanto o quarteto se cumprimentava. A jornalista estava esperando por isso quando Clarissa a encarou, muito curiosa, mas a expressão neutra que ela tinha ensaiado oferecer vacilou um pouco.

Clarissa estreitou os olhos.

– E essa deve ser a...

– Julia – disse Lana, chamando a outra com um gesto.

– E a Julia é...?

– Minha grande amiga – informou Lana.

– Julia, só por aturar essa daí, já ganhou um ponto comigo – a professora estendeu a mão, apresentando-se. – Clarissa.

– E você deve ter aturado ela na adolescência, seus pontos são infinitos – respondeu Julia.

– Ei! – reclamou Lana, fazendo as outras caírem na gargalhada.

Em seguida, as amigas se reuniram para admirar a vista.

Renata e Paloma ficaram apenas abraçadas. Voltar para a cidade natal era importante para elas. Foi ali que o seu amor começara e as recordações eram muitas. Cada vez que voltavam para Vale do Hans, visitavam uma história em comum, na qual ainda não haviam entrelaçado seu destino o suficiente.

Lana apontava os principais pontos da cidade para Julia, acrescentando

comentários sobre as mudanças que observava. Clarissa esclarecia as dúvidas que surgiam.

Julia queria dizer quanto o arrebatamento daquela vista significava para ela, mas isso, naquele momento, era simplesmente impossível. Emoções mais fortes estavam por vir, e ela precisava se poupar.

– E aí? – Lana encarou Julia. – É ou não é um fim de mundo?

Julia riu, simpaticamente, e preferiu não responder. Ainda não entendia muito bem quão forte era a ligação de Clarissa com Vale do Hans e não queria causar um mal estar logo na chegada.

– Nossa, Clarissa, você tem mais de um milhão de fofocas para nos contar! – lembrou Renata. – Que tal uma reunião extraordinária do Conselho?

– Conselho? – estranhou Julia.

As garotas se reuniram à beira do mato que cercava aquele mirante. Algumas rochas ali pareciam ter sido feitas especialmente para que elas se sentassem em grupo, formando um círculo.

Lana explicou para Julia, rapidamente, que muitos momentos entre as amigas tinham se passado ali, e que elas costumavam chamar essas conversas de “reunião do Conselho”.

– Que tal uma foto, antes de mais nada? – propôs Paloma. – Julia, você tira pra gente?

– Claro – concordou a jornalista, apanhando a câmera.

– Nem acredito que estamos todas juntas de novo – disse Clarissa.

O comentário fez todas sorrirem amplamente, e Julia capturou a imagem naquele instante exato.

– Bem, falando em não acreditar... – disse Lana, depois das fotos. – Clarissa... Você vai mesmo se casar?

– Claro que eu vou – disse a professora, sem entender a pergunta da policial.

Olhando ao redor e notando a expressão cética das amigas, Clarissa acrescentou:

– Gente, é assim: amanhã será só uma formalidade, o Giovane vai pedir minha mão para o papai e essas coisas... Mas não é como se só amanhã eu fosse decidir aceitar ou não. Já tenho até o vestido... Estamos noivos há séculos.

– É que... – Lana parecia frustrada. – Você é nossa caçulinha, sabe? Não pode casar!

Todas riram, inclusive Julia, que apenas assistia a interação das outras.

– Lana, para de onda, a Paloma e a Renata se casaram há anos! – protestou Clarissa.

– Ah não, é totalmente diferente – disse a própria Renata.

– Por quê? – quis saber a professora.

– Porque elas se casaram uma com a outra, oras! Ficou tudo em casa... – disse Lana.

– Eu detesto partir seu coração, Lana, mas não vai rolar entre a gente... – disse Clarissa.

Novamente o grupo gargalhou.

– Você sabe que não é isso.

– Eu entendo a Lana – disse Renata. – Tem certeza, Clarissa? Olha, casamento é uma coisa muito complicada... É uma decisão muito séria.

Clarissa a encarou de queixo caído:

– Mas você casou com a Paloma um mês depois de começarem a namorar!

As duas riram, trocando um olhar divertido que virou um beijo rápido. Logo em seguida, Paloma se explicou:

– Os romances têm desses mistérios, Clarissa. Casamos tão rápido por causa da paixão e estamos juntas até hoje por causa do amor. Mas os dois só funcionam por causa da nossa amizade. Você tem os três com o Giovane?

Clarissa desviou o olhar, mordendo os lábios. Conseguia mentir para qualquer pessoa. Conseguia enganar até a si mesma, mas ali, diante das amigas, diante daquelas que tinham crescido com ela e desvendado a vida com ela, era difícil fingir...

A professora poderia jurar até a morte que amava Giovane e que ele era um ótimo amigo. Para ela, como também para ele e as duas famílias envolvidas, isso era muito mais do que o suficiente.

No mundo inteiro, as únicas pessoas que queriam ver Clarissa dando atenção para as suas paixões estavam naquele conselho, diante dela.

– Clarissa? – chamou Renata, percebendo que a amiga estava imersa em divagações.

Todas repararam no esforço da professora para conter as lágrimas.

– O fato é que não se pode ter tudo na vida – disse ela. – Mas eu o amo, sim, e, depois de vocês, Giovane é meu melhor amigo.

O difícil era confessar que paixão, pelo menos no momento, ela estava vivendo com uma de suas alunas.

Paloma, Renata e Lana não pareceram felizes, nem satisfeitas com a resposta.

– Tudo bem, digamos que para o padrão de Vale do Hans, ele está bem acima da média – disse Renata. – Mas... Sério que você vai aguentar passar uns sessenta anos com ele? Ele vai ficar careca e barrigudo, igual ao pai dele, sabia? Essas coisas são genéticas!

Clarissa riu, depois sorriu para a amiga.

– O tempo passa para todo mundo. E eu vou ficar como?

– Careca e barriguda, eu duvido muito! – insistiu Renata.

– Meninas, eu já sou uma pária social por ter vinte e cinco e ainda não ter me casado. Se eu desmanchar com o Giovane, vou ficar com quem?

– Qualquer outra pessoa do mundo – disse Paloma. – Literalmente, aliás, pois até onde eu lembro, você é bissexual, não é?

Clarissa forçou outro riso, balançando a cabeça. Seu olhar foi ficando mais apagado a cada questionamento das amigas.

– Afinal – disse Julia, despertando a atenção de todas para si. – Clarissa, você está animada com a festa?

– Com todas vocês aqui, para passarem por isso comigo, é claro que estou! – Sorriu.

– É que, sei lá, não dá para acreditar, entende? – disse Renata. – Que você queira ficar nessa cidade minúscula para sempre, quando existe um mundo inteiro lá fora, cheio de pessoas, cheio de oportunidades, cheio de... Tudo!

– Os meus sonhos estão em Vale do Hans, Renata – afirmou Clarissa. – Por que eu percorreria o mundo inteiro, se eu já sei que no final acabaria voltando pra cá?

A veterinária baixou a cabeça e não acrescentou mais nada.

– Tudo bem, Clarissa, se foi isso que você sonhou a vida toda, deve mesmo correr atrás do que quer – encorajou Paloma.

– A gente só queria ter mais certeza de que está tudo bem, porque, às vezes, não parece – observou Lana.

Clarissa suspirou tristemente:

– Não parece porque eu estava feliz de ter minhas melhores amigas de volta, e, agora, pelo que eu entendi, a única pessoa desse Conselho que me entende é uma garota que eu nunca tinha visto na vida!

Depois de uma pausa, a professora completou:

– Sem ofensas, Julia, você parece ser legal.

A jornalista fez um gesto vago e sorriu com simpatia.

Depois de alguns instantes embaraçosos, Lana se levantou, foi até Clarissa e a abraçou fortemente.

– Desculpa, amiga. Estamos aqui por você. E pela comida, claro, sua família dá festas de arromba!

Clarissa respondeu desferindo um tapa no ombro da policial. Estava quase chorando, e de repente Lana a fazia rir, como já tinha acontecido mais de mil vezes no passado.

Paloma e Renata se uniram e trocaram mais um abraço coletivo com as outras duas, mas, dessa vez, Clarissa chamou:

– Vem, Julia! Seja lá quem tenham sido suas amigas de infância, espero que elas não se importem de roubarmos você.

A jornalista fez conforme o solicitado. E jamais teria quebrado o clima contando que, na verdade, nunca conseguira ter um grupo de amigas como aquele.

– Capítulo 07 –

A Nossa Árvore

As garotas foram recebidas com festa por Conceição e Miguel Aparício, os pais de Renata, que esperavam em frente a casa.

Clarissa as seguiu, em seu carro, e logo se juntou àquela bagunça interiorana adorável e recheada de clichês.

Se Paloma era a nora querida, Lana era como se fosse a terceira filha deles. Tinha crescido logo ao lado e conhecia a casa e os costumes da família Aparício muito bem. Assim que teve chance, a policial apanhou sua bagagem e a de Julia, e levou até o quarto que as duas amigas ocupariam no final de semana.

– Vocês devem estar famintas! Eu fiz *Pierogi*! – anunciou Conceição, que não parava de sorrir por ver a filha mais nova de volta à cidade.

– O primeiro é meu! – adiantou-se Paloma.

– Puxa, eu não sou exatamente visita, mas será que sobra alguma coisa pra mim? – disse Clarissa.

– Não seja boba, querida, você é a convidada de honra! – disse Miguel.

Julia não se sentiu nem um pouco deslocada, e logo já travava uma conversa sobre política com o dono da casa enquanto todas tentavam comer e contar as novidades ao mesmo tempo.

– Filha, você está tratando a Paloma direito? A pobrezinha, cada vez que vem pra cá, parece mais magra!

O casal riu.

– E os seus pais, como estão lá em Brasília? – cortou Miguel.

– Ah, muito bem. Na mesma, como sempre. Papai já se aposentou, mas continua no serviço. Aquele lá acho que não vai parar nunca – contou Paloma.

– E a Lana, pelo visto, continua correndo atrás de bandidos – disse Conceição.

– Sempre que o Delegado deixa – confirmou Lana, sorrindo entusiasmada.

Cerca de uma hora e meia depois, a conversa perdeu um pouco do ritmo. Era costume, naquela cidade, que todos se deitassem após o almoço, por isso, Conceição e Miguel se recolheram para o quarto. Paloma e Clarissa foram apanhar fotos da infância de Renata, que seguiu as duas, e Lana e Julia decidiram arrumar suas coisas no quarto.

– Você trouxe a sua arma? – perguntou Julia, assim que Lana encostou a porta.

– Minha arma? Por quê?

– Sei lá, mas se vamos dividir essa cama, quero ter certeza que coisas não vão disparar por acidente, no meio da noite – explicou a jornalista.

As duas se jogaram de costas sobre o colchão, lado a lado.

– Se você se incomoda, eu posso pedir pra dormir na sala.

Julia virou os olhos e abanou a cabeça negativamente.

– Claro que não.

Depois de alguns segundos de silêncio, a jornalista acrescentou:

– Mas posso te chantagear, para não entregar essa informação para a garota do Botânico.

Lana não respondeu de imediato, o que, num primeiro momento, fez Julia acreditar que ela não tinha entendido se tratar de uma brincadeira.

– A gente meio que se dispensou.

– Como é que é?

– Ah, eu nem estava mais tão a fim, e ela, pelo visto, também não. Melhor assim.

– Como assim ela não estava mais a fim de você?

Lana a encarou, sem entender, e Julia logo mudou a pergunta:

– Quer dizer... Por que você não me contou?

– Isso foi ontem. Esqueci, sei lá. Não era importante.

– Se você diz...

– Mas, então, o que está achando da cidade?

– Bonitinha – respondeu Julia.

– Pois é, a melhor parte é o mirante que vimos na chegada. Mas ele fica fora de Vale do Hans, e acho que é isso que o salva.

– Você parece detestar o lugar.

– Ah, eu tive bons momentos aqui, mas tive maus também. A Clarissa e os pais da Renata são as únicas coisas boas daqui.

– Quando você morava aqui já era assumida?

Lana ficou pensando no que responder.

– Existem dois paradoxos nisso. Primeiro, acho que por mais esforço que eu fizesse, e eu não fazia nenhum, jamais conseguiria esconder, né?

As duas riram.

– E segundo que ser “assumida” em Vale do Hans não existe. Todos os homossexuais acabam indo embora, ou vivendo um casamento de mentira

para se encaixar na sociedade. Ou são solteirões e todo mundo finge que não sabe. Simplesmente não se toca no assunto.

– Entendi.

– De certa forma, as pessoas sempre souberam que a Renata, a Paloma e eu éramos diferentes. Mas principalmente eu. E elas, na verdade, muito mais porque andavam comigo, do que por si mesmas. Só que, como não existe qualquer tipo de discussão, ninguém sabe exatamente o que somos, o que isso significa.

– Será?

– Pra Vale do Hans, gays são coisa de novela.

– Mas eles sabem que a Renata e a Paloma se casaram, não sabem?

Lana torceu os lábios.

– Não se engane com a recepção calorosa. Os pais da Renata aceitam isso se for dentro das quatro paredes da casa. Por telefone, com a gente, eles até falam... Mas para os vizinhos, elas são grandes amigas que se dão muito bem, e ninguém nem pergunta muito, porque até desconfia que exista algo a mais, entretanto, ouvir a verdade seria ter de lidar com ela. Em Vale do Hans não se lida com a verdade, lida-se com as aparências.

Julia ficou se segurando para não fazer mais perguntas. Estava claro que Lana tinha mágoas, e não era preciso ser genial para desconfiar dos motivos. Talvez zombassem dela na escola, talvez muitos pais aconselhassem suas filhas a ficar longe dela. Talvez alguém tivesse, até mesmo, tentado algo mais grave.

Mas, pelo menos, Lana tivera a sorte de não crescer sozinha. Não porque Paloma e Renata também eram lésbicas, mas porque as três, e ainda Clarissa, eram muito amigas. E zombar de volta daquela sociedade hipócrita certamente tinha sido o ingrediente principal do crescimento delas.

Isso também explicava a relutância das três em aceitar o casamento de Clarissa com alguém como Giovane. Aquele seria o atestado definitivo de que uma delas tinha passado para o outro lado.

Logo em seguida, a porta do quarto foi escancarada e Clarissa passou por ela às gargalhadas. Lana e Julia mal tiveram tempo de se desviar, enquanto a professora escalava a cama e parecia disposta a usá-la como degrau para pular a janela do quarto.

– Mas o que está acontecendo aqui? – perguntou Lana.

– Segura ela, Lana!

Era a voz de Renata que, em seguida, também invadiu o quarto. Paloma

veio logo atrás, vermelha, quase sem fôlego de tanto rir.

– Corre, Clarissa! – encorajava ela, para desgosto de sua esposa.

Em três movimentos rápidos, a policial imobilizou a professora e tomou da mão dela a foto que Clarissa tentava tirar do alcance de Renata.

– Deixa eu ver isso aqui – disse Lana, que, em seguida, soltou uma ruidosa gargalhada. – Olha só a Renata de vestido!

Todas ficaram rindo, passando a foto entre si e impedindo que Renata a recuperasse. A veterinária estava cada vez mais possessa com as amigas e a esposa, mas, por fim, entregou-se ao riso com elas.

– Eu fui obrigada a vestir isso! E também foi a última vez que dona Conceição me submeteu a uma humilhação dessas!

As novas gargalhadas foram interrompidas pelo ruído da tosse do pai de Renata, que vinha do quarto ao lado.

– Melhor darmos uma volta – propôs Clarissa.

Todas concordaram de imediato e, dez minutos depois, estavam sentadas ao redor de uma mesa, que ficava na calçada, diante da única sorveteria de Vale do Hans.

– Nossa, vocês lembram quando a gente juntava cinco reais, conseguia comprar sorvete pra todo mundo, e ainda sobrava para uma garrafa de refri? – disse Lana.

– Bons tempos – disse Clarissa.

– Vocês precisam entender que com a inflação...

– Paloma! – Clarissa a cortou. – Desliga o modo Economista e concorda com a gente que é um absurdo, por favor?

– Sim, é um absurdo – cedeu ela. – Assim como o tamanho dessas taças. Na minha memória, era pelo menos o dobro!

– Eu concordo – disse Lana.

Julia ficou observando as quatro. Lana e Renata se provocavam o tempo inteiro, às vezes até mesmo trocando alguns tapas. Clarissa e Paloma estavam enganchadas, como aquele tipo clássico de amigas, que troca confidências no quinto ou sexto ano, desfilando em dupla pelo pátio da escola.

O clima do reencontro parecia ter subtraído alguns anos da idade mental delas, que só voltava ao normal quando Julia era inserida no assunto ou, às vezes, nem assim.

Como nem todas as frases faziam sentido para a jornalista, de vez em quando ela se distraía e mergulhava em suas divagações. O centro da cidade, se é que poderia ser chamado de “centro”, era tão calmo que chegava a

inquietar. Parecia que nem as folhas das árvores, na praça ao lado, se mexiam.

Julia era uma mulher acostumada com o “caos” da redação na qual trabalhava. O cheiro de papel, de café, as vozes, os passos apressados de seus companheiros de trabalho. Isso sem mencionar as buzinas no trânsito, os sons de uma metrópole que parecia nunca aquietar.

Mas ali era diferente, até mesmo o relógio parecia operar em outra frequência. Inclusive a agitada Lana parecia existir em outra forma. Olhando a amiga rir, com os olhos brilhando, o corpo relaxado, Julia se pegou resistindo ao impulso de pegar em sua mão e desejar, de todo o coração, que as coisas tivessem acontecido de outra maneira em sua vida. Mas, logo seu sorriso foi ofuscado pela constatação de que ela jamais compartilharia daquele sentimento que preenchia as três amigas de Clarissa.

– Meninas, que acham de visitarmos a nossa velha árvore? – sugeriu Paloma, que acabara de limpar a sua taça de sorvete.

– Mas eu ia pedir mais uma! – protestou Lana, apontando para o interior da sorveteria.

As outras riram, incluindo Julia, que já estava familiarizada com o apetite da policial.

– Deixa de ser gulosa. – Renata se levantou. – Além do mais, tenho certeza de que a minha mãe deve ter passado a tarde de ontem fazendo quitutes, bolos, bolachas e todas essas coisas que acabam com qualquer dieta!

O sorriso de Lana lembrou à Julia uma criança diante de um parque de diversões.

– Eu nem contei a vocês que o prefeito planejava derrubar a nossa árvore uns meses atrás, não é? – mencionou Clarissa, enganchando novamente os braços com Paloma.

As outras três pararam abruptamente, fazendo com que Julia ficasse alguns passos adiante. O semblante de perplexidade refletiu no rosto das amigas.

– O quê??? – exclamaram, em uníssono.

Clarissa apertou os lábios, como que se dando conta de que levaria uma bronca a seguir.

– Como assim aquele burro velho queria destruir a nossa árvore??

– Lana! – repreendeu Paloma, olhando para os lados.

Julia, Renata e Clarissa sufocaram o riso.

Ignorando a amiga, Lana parou na frente da professora:

– Isso ainda pode acontecer?

– Não, eu consegui com que a árvore fosse considerada patrimônio da cidade. Fiz uma pesquisa e descobri que existem poucas tão antigas na região, e ela, mesmo que acabe caindo, não oferece risco direto a ninguém.

Sorrindo, Lana tomou Clarissa nos braços e a ergueu do chão. Paloma e Renata também abraçaram a professora.

Julia enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça e esperou, chutando uma ou outra pedra que encontrou pelo chão.

– Genial, Clarissa! – Renata exclamou, realmente admirada.

– Sem querer parecer insensível, mas – Julia começou, sabendo que pisava em ovos. – O que essa árvore tem de tão importante?

As amigas começaram a caminhar, dessa vez com o passo mais lento. Lana pareceu repentinamente sem graça com aquela pergunta, o que deixou Julia ainda mais curiosa. Sempre atenta, Renata fixou os olhos na melhor amiga antes de se dirigir à jornalista:

– Engraçado, Julia, você sempre parece se interessar justamente pelas histórias que mais envolvem a Lana...

A policial lançou um olhar mortal na direção da veterinária, que apenas riu da cara da amiga e voltou a fitar Julia.

– Na verdade, essa árvore representa muita coisa para todas nós – tentou amenizar Paloma.

– Sim, é verdade. Mas quem começou foi a Lana – Renata insistiu. – Enquanto nós, crianças inocentes de apenas oito aninhos, brincávamos curtindo nossa infância, a pequena, porém intempestiva Lana, se agarrava com a filha da confeitaria da cidade, debaixo daquela árvore.

Julia encarou Lana com visível assombramento, mas logo seguiu as outras em uma sonora gargalhada, enquanto a policial ficava com o rosto rubro.

– Deixa de ser exagerada, Renata! – Lana tentou se defender. – Vocês não eram tão inocentes, e tampouco eu ficava me agarrando com a Dorinha!

– Dorinha? – perguntou Julia, rindo ainda mais.

Totalmente sem graça, Lana esfregou as mãos na lateral das calças, antes de prendê-las nos bolsos.

– Ela era três anos mais velha e foi a primeira menina que eu beijei. E, na verdade, foi somente uma vez, pois a mãe dela descobriu e mandou a Dorinha morar com a tia, em outra cidade.

Impressionada, e ao mesmo tempo encantada com a repentina timidez de Lana, Julia assentiu lentamente.

– Nossa, você deu um novo significado à expressão “criança precoce”.

Renata, Paloma e Clarissa voltaram a rir do desconforto de Lana.

Compadecida com o constrangimento da policial, Clarissa resolveu desviar o foco da amiga.

– Enfim, depois disso, cada uma de nós acabou tendo primeiras experiências e tantas outras “aventuras” relacionadas àquela árvore. Passamos a usá-la como a segunda sede do Conselho, quando não podíamos ir até o mirante.

Renata sorriu para a esposa e entrelaçou seus dedos.

– Uma noite, quando eu tinha uns treze anos, Paloma e eu tivemos uma briga boba – a veterinária riu. – Tirei a Lana da cama, no meio da noite, e acabamos naquela árvore. Subimos o mais alto possível e lá, observando o céu repleto de estrelas, eu me dei conta de que toda aquela torrente de emoções significava que eu estava apaixonada.

As duas trocaram um beijo rápido enquanto as outras sorriam.

– No nosso último ano juntas aqui, gravamos nossas iniciais em um galho meio escondido – resumiu Clarissa.

– É, essa ideia foi delas, já que eu acho isso muito “filminho de sessão da tarde” – acrescentou Lana, revirando os olhos.

Clarissa riu com as amigas, e logo elas caminhavam na conhecida praça da cidade, onde a árvore fora plantada ainda nos tempos dos bisavós delas.

Julia observou que se tratava de uma árvore realmente enorme, imponente, que parecia emanar uma aura com todos os anos que tinha, assim como as histórias que presenciara e muitas das quais tinha participado.

A jornalista se manteve à parte, enquanto Clarissa, Renata, Paloma e Lana compartilhavam mais um daqueles momentos nos quais o mundo se resumia apenas a elas.

Entretanto, a tranquilidade do momento logo foi quebrada pelo som de muitas vozes juvenis, cheias de risadas e conversas.

Vários metros além de onde elas estavam, havia um campo de futebol. Julia observou que, apesar de estar em uma praça pública, era cercado, tinha arquibancadas e banco de reversas. Parecia muito bem cuidado, como tudo que Julia via ao seu redor.

Renata se adiantou para observar com mais atenção o time composto por várias adolescentes. Reconheceu o uniforme da equipe de futebol feminino, da qual ela e Lana fizeram parte quando eram jovens.

– Maravilha! Que ótima oportunidade para observarmos a “safra” deste ano!

Paloma bateu no braço da esposa, mas se juntou a ela para analisar as meninas, que completavam a série de alongamentos antes de entrar em campo.

– Uau! – exclamou Lana. – Onde eu deixo a minha reclamação? No meu tempo, não tínhamos essa qualidade!

– É, você precisaria organizar uma fila sob a árvore, não é mesmo, Lana? – Julia indagou, em um tom bastante sério.

A policial olhou em direção a jornalista, sem entender a súbita mudança em seu humor.

O silêncio se estabeleceu entre o grupo, que ficou assistindo ao treino da equipe em campo. Cerca de trinta minutos depois, Renata comemorou o quarto gol do time principal.

– Pelos deuses, essa guria é biônica ou algo do tipo? – indagou Renata, apontando para a atacante do time principal. – Clarissa, o que essa menina ainda faz aqui, nesse timeco de interior?!

A professora escutou a voz da amiga como um sussurro que flutuava pela sua mente. Estava tão absorvida pelo jogo, ou melhor, por Milena, que apenas voltou a si quando Renata lhe deu um leve empurrão com o ombro.

– Ahn? Sim... Quer dizer, não – Clarissa limpou a garganta. – Eu soube que ela tem um contrato com um time gaúcho para o ano que vem, quando for para a faculdade.

Renata assentiu lentamente, trocando um discreto olhar com Lana.

– Não lembrava que gostava tanto assim de futebol, Clarissa – Lana provocou, em seguida.

Paloma, que já tinha percebido a intenção de Lana, inclinou-se sobre os cotovelos e voltou sua atenção para o treino.

– Pela baba, acho que o interesse da Clarissa é outro – a economista insinuou.

Com exceção da professora, todas riram, o que deixou Clarissa ainda mais nervosa. O rumo daquela conversa estava muito perigoso.

– Parem de bobagem! – reprimiu Clarissa.

Renata a cutucou, logo abaixo da cintura.

– Está o jogo inteiro secando as jogadoras que eu vi! – A veterinária voltou a rir. – Prestando toda atenção do mundo nas “jogadas” de ataque!

Novamente, riram com vontade do constrangimento da professora. Por conhecer bem as amigas, Clarissa sabia que o melhor remédio era ignorar as provocações. Mas estava sendo complicado manter a calma quando o foco

das brincadeiras era a mais pura verdade.

O apito do treinador voltou a captar a atenção de todas e Clarissa soltou um pequeno suspiro de alívio, que logo se transformou em um fôlego preso, ao perceber que Milena caminhava lentamente pela lateral do campo, com os olhos presos em sua direção.

A garota tirou a camisa suada e secou rapidamente a testa, visivelmente demorando para se juntar ao restante do time.

– Milena, quer fazer o favor de se apressar? – esbravejou o treinador.

Sem conseguir segurar o riso, Lana se inclinou da direção de Clarissa:

– Olha só, parece que arranjou uma namoradinha, Clarissa!

Renata, Paloma e Lana riram efusivamente e até mesmo Julia tinha se rendido à graça daquela cena, mas se calou rapidamente quando viu Clarissa levantar, parecendo furiosa.

– Será que vocês não sabem agir como adultas? Não sou como vocês, não posso me dar ao luxo de brincadeiras como essas em público! – desabafou Clarissa, passando as mãos pelos cabelos.

Antes que alguém pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, Clarissa lançou um olhar raivoso para as amigas e, com um bufo mal humorado, saiu correndo para longe.

Sem saber exatamente por que reagiu daquela maneira, Clarissa parou de correr depois que contornou o prédio da biblioteca. Olhando para trás, viu que nenhuma das suas amigas havia tentado lhe seguir.

Tentando controlar os nervos, Clarissa fechou os olhos e começou a elaborar as desculpas que certamente teria de usar. Mas nada parecia adequado. Paloma, Renata e Lana não eram bobas. Sabiam que Clarissa não perdia a calma por pouca coisa.

– Quase não acreditei, quando te vi correndo pra cá.

– Milena?!

Confusa diante do nervosismo que a tomava, Clarissa percebeu onde havia ido parar. Por estar longe das vistas de todo mundo, aquele beco parecia o local perfeito para um encontro e, provavelmente, foi isso que Milena pensou.

A garota ainda segurava a camisa do uniforme e a visão da atacante usando apenas um top atlético insistia em perturbar, ainda mais, os sentidos da professora. Milena tentou se aproximar, mas Clarissa a repeliu.

– Milena, não! O que deu em você pra me olhar daquele jeito na frente de todo mundo? E ainda por cima veio atrás de mim!

Sorrindo de lado, Milena apenas meneou a cabeça.

– Fiquei preocupada quando te vi correndo pelas ruas da cidade.

Arregalando os olhos, Clarissa encarou Milena:

– E se alguém percebeu que viemos para a mesma direção?

– Eu tomei muito cuidado, ao contrário de você, que deixou suas amigas no meio da praça – rebateu Milena, rindo.

Clarissa abriu a boca para retrucar, mas então se deu conta do que tinha feito. E que, na verdade, quem tinha dado pistas sem parar naquela tarde era ela.

Eram tantos pensamentos, tantas sensações, que Clarissa sentia que poderia estar ficando louca. A vinda das amigas tinha liberado na professora uma enxurrada de emoções, e essa comporta dera passagem para os sentimentos que tinha por Milena.

Quando Clarissa se deu conta, Milena a tinha abraçado. Por mais que quisesse afastar a aluna, o calor do corpo dela, a proximidade e o afago que recebia em seus cabelos fazia com que ela apenas quisesse aproveitar aquele momento.

– Eu não sei o que está acontecendo, mas vamos dar um jeito, ok? – prometeu Milena. – Eu sinto muito, juro nunca mais agir daquela forma. Mas é que, quando te vi lá em cima, fiquei com tanta saudade, Clarissa.

Milena sorriu e, em seus olhos, Clarissa vislumbrou aquele brilho enigmático que tanto a atraía. Ignorando seus instintos, que a alertavam sobre o perigo daquela cena, Clarissa apenas fechou os olhos quando sentiu os lábios de Milena sobre os seus.

A poucos passos do beco, Paloma levou as mãos à boca, evitando, assim, tornar audível a sua exclamação de espanto com o que estava vendo.

Tinha corrido atrás de Clarissa alguns minutos após a sua explosão inesperada frente às brincadeiras tão comuns de Lana e Renata.

Sem realmente saber o que fazer, Paloma refez seus passos o mais silenciosamente possível. Quando retornou à árvore, foi recebida por três pares de olhos curiosos.

– Onde está a Clarissa, amor? – Renata indagou.

Ainda em choque, Paloma sentou ao lado da esposa e acabou contando sobre o que presenciara, ainda há pouco.

O silêncio imperou no grupo, que apenas trocou alguns olhares. Julia se perdeu nos próprios pensamentos, sabendo que não fazia parte daquela crise, mas, ainda assim, sentindo-se abalada pela informação.

Quando Clarissa apareceu, alguns minutos depois, trazia o semblante envergonhado, ciente de que tinha tido uma reação exagerada.

– Meninas, me desculpem. Sabem como fico maluca quando estou de TPM... – a professora tentou brincar.

O riso morreu na garganta de Clarissa quando percebeu, na expressão das amigas, que algo mais tinha acontecido.

Paloma baixou os olhos e ficou torcendo os dedos, aparentemente buscando palavras em sua mente.

– Clarissa... – a economista limpou a garganta. – Eu fui atrás de você e...

O choque daquela revelação atingiu Clarissa com a força de uma tapa. Sentindo que o sangue deixara seu rosto, ela apenas levantou a mão, pedindo que Paloma se calasse.

– Por favor, precisamos sair daqui – impôs a professora.

Julia seguiu o grupo, sem saber direito o que fazer. Aquela situação era claramente íntima e problemática. A jornalista não pôde deixar de se sentir uma intrusa, por isso se manteve vários passos atrás delas, enquanto caminhavam pela rua.

A cabeça de Clarissa parecia ferver de tantos pensamentos, emoções e sentimentos que a deixavam cada vez mais confusa e constrangida. Que jeito mais cretino de ser apanhada! A cada passo, a professora se repreendia mais pelo acontecido.

A casa dos Aparício contava com um grande quintal na parte dos fundos, onde a mãe de Renata mantinha um lindo pomar. Ali também havia alguns bancos de madeira, construídos por Miguel, para que ele e a esposa pudessem aproveitar ainda mais aquele espaço.

Clarissa sentou, de cabeça baixa, torcendo nervosamente as mãos, enquanto esperava que as amigas também se acomodassem.

Julia buscou pelos olhos de Lana, mas a policial sequer mirava em sua direção.

Pigarreando discretamente, a jornalista indicou o interior da casa.

– Eu vou esperar no quarto... O assunto parece pessoal e...

– Não, Julia, você não precisa sair – Clarissa disse, para a surpresa de todas, inclusive dela mesma.

Por algum motivo, parecia certo ter Julia naquela cena. Mas, com tanta coisa acontecendo, a professora não se permitiu analisar aquele sentimento.

– Clarissa, hoje mais cedo, no mirante... Você... Você disse que estava feliz e certa das suas decisões... – Paloma puxou o assunto, mas logo ficou

sem palavras.

Relutante, a professora finalmente encarou as amigas. Lágrimas brilharam nos cantos de seus olhos.

– Isso é diferente – disse apenas, mesmo sabendo que não era um argumento completo.

– Espera! – Lana chamou a atenção para si. – O que exatamente está rolando entre vocês duas? Quão longe vocês foram, Clarissa?

Completamente acuada e se sentindo uma criança repreendida, a professora cerrou os lábios com força e apertou os olhos, balançando levemente a cabeça.

Renata passou as mãos pelo rosto, repentinamente cansada.

– Bom, ela estuda no colégio onde você leciona? – indagou a veterinária. – Ela é sua aluna?

Clarissa assentiu positivamente.

– Há quanto tempo está dormindo com a sua aluna, Clarissa? – Lana foi direto ao ponto.

– Pouco mais de seis meses, eu acho... – admitiu.

– O quê? – Paloma levantou e se afastou, mas logo refez o caminho e segurou a amiga pelos ombros. – No que diabos você estava pensando, criatura?!

– Acho que as pernas bem torneadas da menina dão uma boa pista sobre isso.

– Lana! – Paloma a repreendeu.

– O quê? Olha, acha que esse tipo de coisa só acontece em filme, Paloma? – Lana indicou a professora. – Estamos aqui, atacando a Clarissa, sem nem entendermos o que realmente está acontecendo. E se elas se amarem de verdade?

A pergunta pareceu vibrar no ar que as cercava, retumbando e ecoando em seus ouvidos, enquanto todos os olhares convergiam sobre Clarissa.

Ao se dar conta do que estava em jogo, Clarissa se pôs de pé, a uma distância segura das amigas.

– Eu já disse que amo o Giovane, ok? Isso não pode ser contestado!

– O ama mesmo quando está aos beijos com a sua aluna, Clarissa?

Todas olharam para Paloma, até mesmo Julia sabia que aquela frase fora demasiada.

Renata se aproximou da esposa, mas Paloma continuou:

– Não me olhe assim, Renata! – a economista se afastou. – Clarissa, você

está se iludindo, da mesma forma que está fazendo com o Giovane e com essa menina. Estamos às portas do seu noivado, e você se amassando com a atacante do time de futebol da escola no meio do centro da cidade?!

Exasperada, Clarissa elevou os braços.

– O que você quer que eu diga, Paloma? Acha que eu não sei a merda que estou fazendo?!

– Comece explicando isso melhor! Se não é amor, então o que está acontecendo? Eu te conheço, você não faria isso apenas pelo sexo.

Era essa mesma dúvida que vinha corroendo Clarissa nos últimos meses. O que estava fazendo com a sua vida? Em que momento se perdera daquela forma?

– No começo, eu achei que era apenas pelo sexo... Com a Milena é tão suave, fácil... Seus beijos são como uma febre em mim. Com ela eu me sinto... – Clarissa balançou a cabeça, sem conseguir pensar em uma definição verdadeira.

– Livre. – A voz de Julia soou incrivelmente baixa e distante, mas foi ouvida e assimilada por todas.

Voltando a ocupar o seu lugar no banco, Clarissa fechou os olhos com força e não conseguiu mais reprimir as pesadas lágrimas, que escorreram pelo seu rosto.

– Bem, hoje, mais cedo, vocês me perguntaram se o que eu sentia pelo Giovane era suficiente. Se era amor, paixão e amizade ao mesmo tempo.

– Sim – disse Renata, com a voz fraca.

– Os três eu nunca senti por ninguém – Clarissa levantou os olhos. – O que isso faz de mim?!

Sem palavras que se provassem adequadas para aquele momento, as amigas apenas abraçaram Clarissa.

Observando a cena a certa distância, sentindo uma terrível empatia pela professora, Julia se perguntava exatamente a mesma coisa.

“O que isso faz de mim?”

– Capítulo 08 –

A Fina Flor da Sociedade

A festa organizada pelos Gutenberg, na noite de sábado, tinha toda a pompa que a circunstância poderia abarcar. Julia passou pelos portões, observando cada pequeno detalhe de uma decoração que deveria ter sido planejada por meses.

– Só com muito amor pela Clarissa pra me prestar a uma cafonice dessas – reclamou Lana, despertando Julia de seus devaneios.

A policial não tinha parado um segundo de se queixar do vestido e dos saltos.

– Relaxa, agente Mansini, você está linda.

Lana a encarou, confusa pelo tom trivial do comentário, mas Julia não prestou atenção ou fingiu sequer notar o estranhamento da outra.

A jornalista seguiu avançando através do jardim e, vez ou outra, notava algum olhar se demorando um pouco mais na direção delas. Depois de ter descoberto a respeito da rixa entre a família de Lana e os Gutenberg, Julia ainda precisava entender o que tudo aquilo representava.

– Está mesmo tudo bem com você? Estou te achando meio quieta – disse Lana.

– Só não estou habituada com esse ar de cidade pequena – Julia respondeu com um sorriso.

– Ah, você não perdeu nada! – comentou Lana, tratando de apanhar bebidas para as duas com o garçom que passava. – Bastou um dia e meio aqui para eu me lembrar direitinho do porquê de ter ido embora.

Julia soltou um sorriso simpático, mas não conseguiu deixar de pensar na ironia secreta das palavras de Lana:

“Você não perdeu nada”.

Ao lado da amiga policial, Julia transitou entre os convidados da festa, mirando, especulativa, em todas as direções. Detida em captar cada particularidade do evento e de suas personagens, ela respondia as indagações de Lana com naturalidade e não deixou mais seu nervosismo transparecer.

– Não me diga que você pretende escrever um artigo sobre esse tipo de festa brega? – inquiriu Lana.

– Você acha brega?

– Você não? – estranhou Lana. – Quer dizer, tudo bem, todo mundo tem

direito a uma opinião, mas... Você sempre foi assim tão cheia de pose, de classe... Achei que morreria de rir quando visse essas dondocas de interior se achando a nova Jackie Kennedy Onassis.

Julia conteve a gargalhada, mas deixou Lana perceber que tinha alcançado seu objetivo e, por alguns instantes, as duas apenas mantiveram o olhar preso uma na outra.

Foi a jornalista quem encerrou o contato primeiro, sem dar o menor sinal de que estava um pouco sem graça.

– Quer dizer que você me acha “cheia de pose”? – recapitulou.

– Eu não acho. Você é! – disse Lana.

Julia não gostou muito do comentário e sua expressão chateada fez Lana se arrepender, na mesma hora, do que havia dito.

– Ei, foi um elogio! Eu juro! Ah, Julia, convenhamos, você sabe que tem esse ar. Sabe que as pessoas nem chegam muito perto de você, com medo do que pode acontecer.

Arqueando a sobrancelha, Julia cruzou os braços.

– Como é que é?

Lana notou que só estava piorando a situação e saiu pela tangente:

– Ah, esquece o que eu disse. Vamos lá cumprimentar os anfitriões de uma vez, antes que o meu estômago comece a roncar.

Julia aceitou a proposta, sem parecer intimidada com a ideia. Mas o comentário de Lana ficou martelando seus pensamentos. Ela prestou mais atenção no próprio andar etéreo, em como, sem ter feito de propósito, sem ter planejado, jamais havia deixado que alguém a visse cabisbaixa ou a surpreendesse num momento de fragilidade.

O primeiro da fila era Natanael Gutenberg. Ele encarou as duas mulheres com frieza e se limitou a estender a mão. Lana e Julia o cumprimentaram pelo noivado da filha e obtiveram o ensaio de um sorriso educado.

– Ora... Ora... Ora... Se não é a garota Mansini! Pelo visto minha filha foi adiante na ideia de convidar qualquer um – Maria Lúcia comentou, ao cumprimentar Lana. – Esse vestido te deixa... Diferente...

– Eu faria qualquer coisa para estar ao lado da Clarissa nesse dia – disparou Lana, mantendo o sorriso cordial.

Maria Lúcia captou o sarcasmo da policial e seus lábios se apertaram um pouco. Logo em seguida, ela se voltou para a acompanhante de Lana. Seu sorriso forçado vacilou e, num claro impulso, Maria Lúcia quis saber:

– Já nos conhecemos?

A pergunta parecia mais uma afirmação.

Julia sorriu com a feição agradável e trocou dois beijos no rosto com a mulher mais velha. Ela tinha preparado uma resposta, mas Lana foi mais rápida:

– Deve ser por causa da televisão.

Maria Lúcia continuou claramente curiosa e Julia acrescentou:

– Eu sou jornalista. Normalmente as pessoas prestam mais atenção nas notícias que eu veiculo do que no meu rosto, mas, de alguma forma, ficam confusas quando me encontram e acham que me conhecem pessoalmente.

– Oh, deve ser isso – disse Maria Lúcia.

– Parabéns pela sua filha – disse Julia.

– Obrigada, querida! Eu não poderia estar mais feliz. Tão nova e agora praticamente com as duas filhas casadas.

Lana disfarçou seu riso súbito com um ataque de tosse. Mas como não tinha conseguido fazer isso muito bem, apanhou Julia pela mão e tentou sair dali o mais rápido possível.

– Senhorita...? – chamou Maria Lúcia, intrigada. – Você não me disse qual é o seu nome.

A jornalista tomou ar lentamente, antes de se virar outra vez.

– Julia – disse, num misto de falsa cordialidade e orgulho. – Julia Ávilla.

Clarissa as alcançou logo depois. Para ela, era difícil se livrar de toda a bajulação dos convidados e também do noivo, mas ela não pretendia perder a rara oportunidade de ficar o máximo possível com as amigas de infância, enquanto elas estivessem na cidade.

– Deixa eu adivinhar, Julia: a Lana quer te arrastar para a mesa de canapés.

– Ei! Eu faço muito exercício, preciso de carboidrato – protestou a policial.

Julia e Clarissa riram juntas.

– Bela festa – elogiou a jornalista.

Clarissa olhou ao redor:

– Ah, é... Sinceramente, daria tudo para escapulir, como a gente fazia anos atrás. Lembra, Lana? Mas, especificamente hoje, acho que dariam pela minha falta.

Lana começou a rir e então se explicou:

– Lembra aquela vez que fomos para o trilho do trem?

Clarissa cobriu o rosto com as mãos.

– Nem me fale! Eu ouço sermão por causa daquilo até hoje!

– O que houve? – quis saber Julia.

– A gente começou a seguir os trilhos, andando, rindo, falando bobagens – disse Clarissa. – Só que perdemos a noção da distância e, quando resolvemos voltar, a cidade parecia cada vez mais longe.

– Aí já estávamos com câimbras e o sol começou a nascer, e quando chegamos em casa, nossos pais tinham chamado a polícia – completou Lana, rindo às gargalhadas.

Julia riu, imaginando quão divertido deveria ter sido a infância e a adolescência daquelas amigas, ainda mais com Lana no grupo.

Logo em seguida, Giovane pediu a palavra e todos os convidados se reuniram ao redor dele. Clarissa pediu licença e foi para junto do noivo, cumprir a praxe e ceder sua mão.

– Caramba, vai dar pra ver esse brilhante da Lua! – brincou Lana.

Paloma e Renata riram discretamente. Tinham aproveitado o cerimonial para se aproximar das amigas.

Julia permaneceu calada, mirando aquelas duas famílias prestes a virarem uma só.

Exceto pelo “sim”, Clarissa não disse mais nada. Sua mãe fez um pronunciamento breve e o pai de Giovane agradeceu a presença de todos.

– Só isso? – disse Renata. – Toda essa palhaçada pra quinze minutos de encenação?

Paloma balançava a cabeça negativamente.

– Amorzinho, já vimos o pedido, que tal procurarmos outros conhecidos para matar as saudades?

Renata concordou na mesma hora e tomou a esposa pela mão, saindo com ela após um beijo rápido.

Julia, que naquele momento estava observando Natanael com extrema atenção, percebeu o intuito do dono da casa quando ele solicitou que um dos seguranças se aproximasse.

Paloma e Renata ainda transitavam pelo jardim, abraçadas e sorrindo, quando outro segurança alcançou as duas. Julia rapidamente puxou Lana na direção delas.

– Acho que teremos problemas – disse a jornalista.

Lana entendeu a situação rapidamente. Quando elas chegaram, o segurança havia acabado de falar com o casal de amigas da policial.

– Perdi alguma coisa? – perguntou Lana, para o homem de terno.

Renata estava boquiaberta e Paloma tinha o rosto colorido de vermelho, enquanto encarava o chão, totalmente embaraçada.

– Então, o que houve? – insistiu Julia.

– Absolutamente nada, senhoritas – disse o segurança. – Com licença.

Ele já tinha se virado quando Renata se manifestou:

– Ei! Não tão rápido, amigo.

– Deixa ele ir, amor – pediu Paloma.

– Mas o que é que está acontecendo, afinal de contas? – perguntou Lana, começando a ficar irritada.

– Esse troglodita descerebrado acabou de pedir que eu não beije a minha mulher na festa! – disse Renata.

O segurança tomou fôlego devagar, quando todos os olhares convergiram para o seu rosto.

– Eu sinto muito, mas estou cumprindo ordens. Esta é uma festa familiar e esse tipo de comportamento não deve ser admitido.

– Que tipo de comportamento? – cobrou Renata.

Paloma a puxou pelo braço.

– Amor, deixa pra lá.

– Não, eu não vou deixar pra lá. Nós somos casadas, temos todo o direito de nos tratarmos com carinho em qualquer lugar, independentemente do que esse brutamontes acha.

– É uma festa particular – disse o segurança. – As regras são essas, se não estiverem de acordo, receio que seja melhor se retirarem.

Renata estava prestes a avançar no segurança, mas Lana a deteve com facilidade e se colocou entre os dois. Apesar de também estar furiosa, ela sabia que precisava agir com cautela.

– Muito bem, colega, qual o seu nome? – perguntou ao segurança.

– Cláudio – ele respondeu.

– Então, Cláudio... – Lana esboçou uma expressão mais tranquila. – Deixa eu te explicar uma coisa: nós sabemos que você está apenas cumprindo uma função, mas, infelizmente, isso que você está pedindo é agressivo e desrespeitoso. As minhas amigas não estão perturbando ninguém na festa.

– Lana, deixa pra lá – pediu Paloma mais uma vez. – Sabíamos que isso poderia acontecer. A Clarissa já noivou, podemos muito bem ir embora e acabar com essa discussão.

– De jeito nenhum!! – Lana e Renata exclamaram em uníssono.

A esposa de Paloma foi quem continuou:

– Não estou te reconhecendo. A gente nunca cede a esse tipo de barbaridade.

– Renata... – Paloma suspirou. – Você sabe que aqui é diferente.

Renata balançou a cabeça negativamente, incrédula com o comportamento de Paloma.

– Bom, senhoritas, o recado está dado – o segurança tentou se afastar mais uma vez.

Lana o deteve pelo braço e ele ficou claramente confuso com a força e a destreza dela.

– Você não vai sair antes de pedir desculpas pela imensa grosseria!

– E quem vai me obrigar?

– Lana Mansini – a própria se apresentou.

O olhar dele não deixava muito claro se Cláudio estava surpreso pela audácia de Lana ou pelo sobrenome.

Àquela altura a discussão entre eles tinha chamado atenção, o que fez com que o próprio anfitrião tomasse parte na conversa.

O grupo de amigas reparou que Clarissa estava tentando chegar até elas, mas foi detida pela mãe e pela irmã.

– Algum problema, Cláudio? – a pergunta de Natanael veio num tom firme e autoritário.

– Sim senhor, eu fiz conforme foi orientado, mas as moças, ou seja lá o que elas forem, não estão querendo colaborar.

O tom debochado dele fez o sangue de Renata ferver de vez, e, com Lana distraída em enfrentar Natanael com uma expressão assassina, coube a Julia conter a garota.

– Não perca a razão para eles – disse Julia, quase ao ouvido de Renata.

O alerta surtiu algum efeito, mas não a deixou mais calma.

Natanael virou os olhos, aparentemente cansado:

– Ah, como se eu não tivesse adivinhado esse tipo de coisa ao proibir Clarissa de chamar vocês. Minhas queridas, essa é uma festa seleta, organizada para celebrar as boas famílias e os bons costumes. Então, ajam com decência ou o Cláudio tem o meu aval para acompanhá-las até o portão.

– Não se preocupe, já estávamos de saída – disse Paloma.

– O quê?

– Vamos, Renata – insistiu a esposa dela.

– Paloma, vocês não podem sair e deixar esse cara achando que pode ditar o comportamento alheio – protestou Lana.

Natanael debochou dela de novo, com seu olhar firme e sua postura monárquica.

– Não sou um “cara”, sou o dono dessa propriedade. Para começo de conversa, eu achei que tinha proibido a sua entrada aqui há uns quinze anos, Mansini. Fiz vista grossa hoje por um capricho da minha filha, mas, claramente, você não merece nem o empenho, nem a amizade dela.

– Não mereço? – devolveu Lana. – Por causa de uma tradição ridícula dos nossos antepassados? Achava tudo de você, senhor, menos que fosse tão arcaico.

Mais uma vez ele não deu o menor sinal de ter se sentido abalado.

– Eu me refiro ao seu estilo de vida.

Lana suspendeu a respiração, mas, quando estava prestes a agir, Julia e Renata se juntaram para contê-la.

– Lana! – advertiu Julia.

Com o olhar, ela completou seu alerta. Lana teve alguns segundos para pensar e se lembrou da carreira, do trabalho que daria explicar ao Delegado caso se metesse numa briga estúpida durante a folga no interior.

– Acompanhe as moças até o portão, Cláudio – ordenou Natanael, antes de voltar para perto da esposa.

– Não se dê ao trabalho, conhecemos o caminho – disse Renata, ao segurança, pouco depois.

Paloma ainda parecia querer abrir um buraco no chão e se enfiar nele. Renata estava resignada, mas não deixou de apanhar a mão da esposa.

– Se não fosse pela Clarissa, eu juro que tinha feito um escândalo – desabafou Lana, ainda raivosa.

Julia passou o braço atrás das costas dela e beijou seu ombro.

– Você fez o que tinha de fazer. E não fez o que não poderia fazer – a jornalista suspirou pesadamente. – Não se pode ganhar todas.

Quando elas atravessaram o portão, Renata perguntou:

– Então, Julia, você estava ansiosa para conhecer os Gutenberg. O que achou? Uns amores, não é mesmo?

Lana, Julia e Renata riram. Paloma ainda estava incomodada demais com o episódio e continuava de olhos baixos. Clarissa tinha sido arrastada pela mãe para dentro da mansão.

A casa dos pais de Renata não ficava longe, e as quatro voltaram andando pelo meio da rua larga, que nunca tinha movimento àquela hora.

Lana aproveitou a oportunidade para continuar abraçada em Julia, que não protestou. A noite tinha sido muito diferente do que a jornalista imaginava e, após tantas emoções que ela não poderia dividir com ninguém, era

reconfortante pelo menos poder cumprir algumas centenas de metros fingindo que não havia nada separando Lana dela.

– Capítulo 09 –

Os Bons Cidadãos de Vale do Hans

Renata estava terminando de colocar a bagagem no carro quando Lana apareceu, ainda segurando uma caneca de café.

– E aí?

– Oi...

– A Paloma está se arrumando?

A veterinária apenas fez um gesto, indicando o interior do carro, e Lana percebeu que Paloma já estava lá, certamente impaciente com a demora na partida.

As duas amigas trocaram um olhar cúmplice e Lana preferiu não rir, como teria feito normalmente, porque alguma coisa no semblante de Renata indicava que, desta vez, ela não estava tão encantada com a obsessão da esposa pela pontualidade.

– A Julia? – quis saber Renata, para mudar de assunto.

– Terminando de tomar café e se despedindo dos seus pais.

– Nesse caso, também vou lá me despedir. Você já fez isso?

Lana deteve Renata, segurando gentilmente seu braço.

– Ei, você está bem? – a policial perguntou seriamente.

Renata suspirou cansada e ainda olhou rapidamente na direção do carro, antes de responder num sussurro:

– A gente meio que brigou ontem à noite...

A policial assentiu, soltando o braço da amiga, mas sem deixar de encarar seus olhos.

– Você quer falar sobre isso?

– Lana... – Renata mordeu nervosamente o lábio inferior. – Agora nem tem como a gente conversar.

– Quer que eu dirija na volta?

– Não! Não... Por favor... O que mais preciso é ter alguma coisa para fazer.

– Certo.

A viagem de volta a Curitiba pareceu levar metade do tempo. Renata se manteve concentrada e detida na função de dirigir, apenas falava quando alguém lhe perguntava algo.

Paloma estava introspectiva, enfiada o quanto podia na leitura de um livro

que tinha levado. Julia, quando não estava completamente alheia a tudo, perdida em pensamentos e encarando a paisagem pela janela, trocava mensagens com o editor do jornal.

Lana desistiu de tentar engatar qualquer tipo de conversa logo na primeira hora e ficou remoendo os acontecimentos que permearam o inglório final de semana com as amigas. Definitivamente, nada saíra como o planejado.

Clarissa tornou a bater com os punhos cerrados na porta do quarto. Ouvia os próprios ecos pelo corredor da mansão dos Gutenberg. Suas mãos estavam vermelhas, doloridas e machucadas, mas ela permanecia firme.

Na noite anterior, fora retirada à força da própria festa de noivado, e impedida de procurar as amigas desde então. Fora levada para o quarto pela mãe e pela irmã, e logo Giovane apareceu. Mas o noivo não escutou seus pedidos, apenas apanhou um copo de água e um comprimido de calmante para a professora.

Assim que despertou, na manhã seguinte, Clarissa se viu trancada. Tinha a intenção de acordar a casa inteira, se fosse preciso, esmurando a porta e chamando por eles.

Sua mãe apareceu primeiro, ainda vestindo o robe de seda, mas já maquiada, como sempre.

– Você não tem mais idade para esses acessos, Clarissa. Tenha o decoro de se recompor e fazer silêncio, sim? – disse Maria Lúcia, entrando no quarto da filha.

– Mamãe, não sou eu quem tem que recobrar a clareza dos pensamentos! Que absurdo foi esse de me dopar e me trancar aqui?

– Fizemos o que foi necessário para evitar um escândalo ainda maior do que o provocado por aquela gatinha...

Clarissa mordeu o canto da boca, fazendo o possível para manter, ao menos por fora, a calma.

– Onde está o papai? Quero falar com ele.

Maria Lúcia afastou, calmamente, as cortinas da janela, inundando o quarto com a luz do dia.

– Seu pai está ocupado no escritório. Mas não há nada que tenha para falar com ele. Vista-se e desça para o desjejum.

Ignorando a mãe, Clarissa disparou pela porta. Quando chegou à sala de leitura, sua irmã, Cristina, estava lendo o jornal matinal e sorvendo uma xícara de café. Sempre que tinha alguma reunião ou comemoração na casa

dos pais, Cristina, o marido e os filhos pousavam por lá. Clarissa passou por ela e irrompeu a porta do escritório do pai.

Natanael Gutenberg estava totalmente distraído com algo em seu computador. Ao seu lado, uma nuvem subia em espirais do charuto apoiado no cinzeiro. Ele tomou um susto com o barulho e olhou aturdido para a porta:

– Clarissa!

– Papai, eu vim aqui escutar uma explicação plausível para o que aconteceu na noite passada! – disse a professora, num único fôlego.

Maria Lúcia e Cristina apareceram logo atrás de Clarissa. A matriarca mantinha um semblante entediado, enquanto a filha mais velha parecia ligeiramente nervosa.

O senhor Gutenberg alisou a barba bem feita ao redor do queixo e afastou a cadeira da mesa, cruzando as mãos sobre o colo em uma postura austera.

– Pois então eu vou lhe contar o que aconteceu, Clarissa – disse o homem, apanhando o charuto casualmente. – Aconteceu que eu cometi o grande erro de ceder a mais um dos seus caprichos e permiti que convidasse aquele bando de degeneradas. Aconteceu que, conforme eu havia previsto, elas se revelaram indignas de conviver com pessoas do nosso nível, principalmente aquela Mansini...

Clarissa abriu a boca para protestar, mas o pai a interrompeu com um gesto da mão e prosseguiu:

– E sabe o que mais aconteceu, minha querida? Eu precisei convencer todos os bons cidadãos de Vale do Hans que a minha filha, a noiva de Giovane Schmidt, não mais tem vínculos com as causadoras daquela cena lamentável, e que assistir ao detestável estilo de vida daquelas quatro fez com que você sofresse uma queda de pressão e precisasse se retirar mais cedo.

– E que isso lhe sirva de lição, Clarissa – disse a mãe, parando ao lado da filha. – Você não voltará a falar com nenhuma daquelas mulheres, nunca mais.

Clarissa ficou alguns instantes sem nem ao menos saber o que pensar. Era bem verdade que os pais jamais aprovaram sua amizade com Paloma, Renata e, muito menos, com Lana, mas havia algo ainda mais obscuro no olhar de Maria Lúcia naquele momento. Algo que fez Clarissa imaginar que seus pais, e possivelmente sua irmã, estavam ocultando algo grave dela.

– Clarissa, minha irmã – Cristina se aproximou e lhe tocou o ombro. – Logo você será uma mulher casada. Precisa fazer as escolhas certas de agora em diante. Não há mais espaço para amizades duvidosas ou esse estilo de

vida rebelde que tem levado nesses anos todos.

Clarissa se afastou alguns passos, sacudindo a cabeça lentamente.

– Eu não acredito no que estou ouvindo de todos vocês – disse a professora. – Eu sempre soube que você, papai, era preconceituoso, mas nunca imaginei que o fosse a um nível tão absurdo!

– Clarissa, não se trata de preconceito. É isso que quer que as pessoas pensem de você? Que concorda, ou pior, que você é igual àquelas mulheres? – Natanael argumentou.

– Vocês não as conhecem, não sabem as pessoas maravilhosas que elas são. Nada mais importa? – esbravejou Clarissa. – O caráter não importa? A Lana é uma Policial Civil! Outro dia mesmo ela prendeu um homem suspeito de estar envolvido em um imenso caso de tráfico de drogas!

A professora olhou para cada um dos familiares e retomou a fala:

– Mas nada disso é relevante pra vocês! – disse em um tom mais elevado. – Não faz diferença que a Paloma é uma excelente economista e que trabalha em uma multinacional, enquanto a Renata, além de ter um próspero negócio próprio, faz um maravilhoso serviço social! Enquanto a Julia é...

– Chega! – gritou Maria Lúcia, segurando a filha pelos ombros. – Não se toca mais nesse assunto nessa casa!

– O que realmente incomoda vocês, hein? O fato delas nunca terem se enquadrado no padrão perfeito de vocês, ou fato delas serem lésbicas? – Clarissa encontrou os olhos da mãe, e o que viu neles fez seu sangue gelar. – Ou... Ou existe algo a mais?

Maria Lúcia soltou Clarissa apenas o suficiente para acertar a face da filha com a mão espalmada.

Clarissa cambaleou para trás, os olhos transbordando lágrimas espessas, a mão sobre o rosto, onde a mancha vermelha começava a se alastrar.

– Você é a uma Gutenberg, Clarissa! Precisa começar a agir como uma se quer continuar a fazer parte dessa família.

Cristina, que permanecia no mesmo lugar, apenas se mexeu para seguir a mãe quando Maria Lúcia passou por ela, sem nem olhar para trás. Natanael soprou lentamente a fumaça que tinha na boca. Clarissa olhou para o pai, mas só encontrou um par de olhos vazios.

Engolindo o choro, a professora virou as costas e também deixou o escritório.

Quando chegou ao quarto, bateu a porta com força e a trancou. Caminhou vacilante pelo cômodo e se deixou cair pesadamente na cama, um pouco

depois de apanhar o porta-retratos que ficava no móvel ao lado.

Como poderia abrir mão da amizade que tinha com Lana, Paloma e Renata? Entretanto, como conseguiria deixar de ser e pertencer aos Gutenberg? Duas partes, uma só Clarissa. Escolhas. Eram sempre elas que barravam o caminho da professora.

Assim que chegaram à casa de Paloma e Renata, Lana e Julia se despediram do casal. Nenhum convite para que a reunião se estendesse foi feito.

A policial partiu, não sem antes lançar um olhar longo e significativo para Renata, que o retribuiu naquela linguagem que tinham aprendido durante os anos de amizade.

Paloma apanhou a bagagem e seguiu Renata pelo interior da sala. A economista logo começou a retirar as peças de roupas e os objetos delas, com a clara resolução de ordenar tudo em seus devidos lugares.

Renata apenas observou por alguns segundos, depois caminhou até a cozinha, onde se serviu de um copo de suco.

– Separei as suas coisas no canto do sofá, para você guardar – disse Paloma, indo até onde estava a esposa.

– Farei isso depois... Vou tomar um banho e fazer algo para comer – respondeu a veterinária, soltando o copo vazio na pia.

Paloma seguiu os movimentos da esposa com claro desconforto. Como Renata não fez nenhuma menção de lavar a louça que acabara de usar, ela mesma apanhou o copo e se pôs a ensaboá-lo.

– Você realmente não consegue se controlar, né? – Renata disse, ligeiramente incrédula. – Aposto que também está se corroendo por dentro por eu não ter ido correndo desfazer a mala.

Normalmente, elas conseguiam conviver bem com as diferenças de manias e temperamentos. Renata tentava ser mais organizada e Paloma se esforçava para relaxar um pouco. Mas, em momentos críticos, elas não eram capazes, ou simplesmente não sentiam vontade, de ceder.

A economista enxaguou, secou e guardou o copo, antes de se voltar para a esposa:

– Um pouco de organização não faz mal a ninguém. Por que deixaríamos nossas coisas jogadas pela sala quando é tão simples guardá-las?

– Um pouco de organização? – repetiu Renata. – Um pouco de organização?

– Por que você está tão nervosa e querendo brigar comigo? – quis saber Paloma, soltando o pano de prato com um gesto brusco.

– Ah! Olha só... Agora você demonstra que tem sangue nas veias! – Renata elevou os braços. – Mas deixa eu te contar, benzinho, esse é o momento errado!

– Mas por que diabos você quer voltar nesse assunto, Renata? Já não basta a cena que você fez ontem na casa dos seus pais?

Renata suspirou pesadamente. Também não tinha resposta para aquela pergunta. O fato era que estava terrivelmente incomodada, e não era com a obsessão de Paloma por organização. Era por causa da briga na noite anterior. Ou, mais precisamente, pela briga não ter resolvido o problema.

Paloma olhou para a esposa por mais alguns segundos antes de virar as costas e sair da cozinha.

Renata cerrou as mãos com força, respirando fundo. Mas não adiantou, no instante seguinte estava com a mão no braço de Paloma, virando a esposa em sua direção.

– Não vou encerrar esse assunto até que fique definido pra mim o que se passa nessa sua cabeça!

Paloma se desvencilhou da pressão que os dedos de Renata faziam em sua pele.

– Você quer saber o que eu estou pensando? Pois eu digo: você está maluca! Doente da cabeça! Fazendo um escândalo em cima de uma situação que já foi humilhante e cansativa o suficiente!

– Sabe o que é humilhante de verdade? Eu sempre me sujeitei às suas manias, às suas complexidades e à sua maneira neurótica de levar a vida, porque ter você do meu lado sempre foi meu maior orgulho. Mas, no momento em que eu mais precisei, você me deixou na mão!

A economista sentiu o sangue fervendo em sua cabeça e precisou se controlar para não esbofetear Renata naquele momento.

Ao longo de quatro anos de casamento, ao contrário do que todos pensavam, elas tinham brigado algumas vezes. Mas nunca, jamais, tinham chegado àquele ponto, em que a raiva ameaçava passar por cima do amor e do cuidado.

– Alguém tinha que manter o juízo naquele lugar, não é mesmo? – disparou Paloma. – Você e a doida da Lana estavam a ponto de cair em cima do Gutenberg!

– Eu estava defendendo o nosso casamento, o nosso amor, os nossos

direitos como pessoas, cidadãs, seres humanos! Enquanto você estava procurando a porcaria de um buraco para enfiar a cabeça.

– Pra exigir respeito, primeiro precisamos praticá-lo, e isso não aconteceria com a sua mão na cara do pai da Clarissa! – Paloma voltou a andar pelo corredor.

– Você acha que está segura por trás dessa sua vidinha planejada, Paloma, mas a verdade é que você não passa de uma covarde!

A economista estacou, mordendo o lábio com tanta força que começou a sentir o gosto de sangue na boca. Apertando os olhos, querendo fulminar Renata, ela se virou, lentamente.

– Ah, eu sou covarde? Eu sou covarde? – gritou Paloma, avançando dois passos na direção da esposa.

– Sim, você! – reafirmou Renata.

– Quem é que tem tanto medo de crescer que nem ao menos aceita ter um filho?! Hein?

Renata bufou sonoramente e descontou sua raiva socando a parede.

Embora mantivessem a aparência de um casal perfeito, mesmo para as amigas mais próximas, nos últimos meses as coisas andavam cada vez mais complicadas entre elas.

Tudo começou quando Paloma passou a tocar constantemente no assunto “filhos”. A economista tinha idealizado, desde criança, em ter o primeiro filho com vinte e seis anos, idade da qual as duas se aproximavam. Já Renata nunca tinha parado para pensar muito naquele assunto, mas a veterinária tinha certeza de que aquele não era o momento para planejarem uma criança delas.

– Por que é que agora todo assunto tem de cair nisso, Paloma? – protestou a esposa.

– Porque pelo visto não resolvemos, não é mesmo?

– Resolvemos sim, você é que não aceita! – Renata tomou fôlego devagar, tentando se acalmar. – Paloma, tudo o que eu mais quero é te dar um filho, aumentar a nossa família, ter uma criança correndo pela casa...

A ideia, o sonho, o vislumbre daquilo fez Renata perder o controle e, em meio ao nervosismo, começar a chorar. Ela estava sendo sincera, queria todas aquelas coisas. Mas a esposa parecia não acreditar nela.

– Então? – Paloma ficou sem entender.

– Mas eu quero que seja perfeito! Devemos isso a essa criança que ainda nem existe. Só que, por enquanto, ainda estamos consolidando nossas

carreiras, entende? Temos o resto da vida para ter um, dois, dez filhos!

– Sim, e, porque você acha isso, eu tenho de continuar esperando e vendo meu sonho ir pro espaço!

– Não é ir pro espaço, Paloma! – Renata voltou a se irritar. – Eu não estou dizendo que não quero, caramba! Quantas vezes eu preciso explicar para você? Eu quero! Eu quero tanto quanto você! Só que eu não quero agora.

Depois da última afirmação da esposa, Paloma seguiu para o quarto, batendo a porta com um estrondo quando passou.

Renata exprimiu sua raiva chutando algumas vezes a ponta do sofá, até que escorregou as costas pela parede e acolheu a cabeça entre os joelhos.

O pior era sentir que aquilo não teria solução. Por mais que esperasse a esposa se acalmar, Renata tinha certeza que Paloma só ficaria bem mesmo quando ela aceitasse ter o primeiro filho.

Essa ideia já tinha lhe passado pela cabeça. Desde a primeira discussão das duas a respeito disso, Renata tinha tentado se imaginar cedendo, fazendo, mais uma vez, a vontade de Paloma. E, se o caso não envolvesse outra vida, outra pessoa, ela sabia que teria aceitado.

Para ela, ver Paloma realizando seus sonhos era mais importante do que correr atrás dos seus próprios. Até porque, desde a adolescência, os sonhos de Renata incluíam Paloma. Sua vida se resumia ao seu amor por ela.

Porém, aquele bebê, que tanta controvérsia já tinha gerado, seria outra vida. Apesar de ser filho delas, seria um ser humano independente, e Renata não conseguia se ver decidindo o destino, ou nesse caso a origem, de outra vida baseada somente nas suas escolhas.

Esse era o grande dilema e era isso que ela não conseguia fazer Paloma entender. O momento não era o melhor para elas, mas Paloma insistia em ter o filho simplesmente porque, muitos anos atrás, havia decidido que seria mãe com vinte e seis anos.

Renata queria que a esposa conseguisse pensar como ela. Conseguisse separar o que eram os seus sonhos e o que seria melhor para o bebê. Mas aquela tarefa parecia, a cada dia, mais impossível de ser levada a cabo.

E, como se a pressão não fosse suficiente, o casamento parecia estar dependendo disso também.

– Capítulo 10 –

Espólios de Guerra

Lana saltou da viatura e correu para dentro do distrito policial. Naquela manhã, caía uma chuva fina na capital, daquelas que encharcavam as roupas em poucos minutos. Lana tinha um guarda-chuva, mas a sua localização era um mistério tão grande que a policial precisaria deslocar uma equipe toda de investigadores para solucioná-lo.

Ela passou pelo policial que ficava na portaria com um aceno e seguiu para o vestiário, onde guardou sua mochila e pendurou a jaqueta respingada de água. Ajeitou o coldre com a pistola sobre o ombro, prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo simples e se dirigiu para o interior do distrito.

Ainda tinha a cabeça tomada pelo que acontecera na festa de noivado de Clarissa. Era triste pensar que o tão esperado retorno das quatro amigas à cidade natal havia sido marcado para sempre por uma coisa tão estúpida.

Seu desgosto por Natanael Gutenberg havia tomado proporções imensuráveis. Ele sempre fora um cretino com Lana, mas a policial, apesar do sangue quente, tivera poucos confrontos com o pai da amiga. Lana sempre colocara o bem estar de Clarissa acima de seu próprio orgulho.

Lana estava furiosa pelo o que acontecera com Renata e Paloma, por ainda existirem transtornos daquele tipo em pleno século XXI. Mas também estava profundamente entristecida pela confirmação de que Clarissa era a única coisa boa naquela família, a única fruta não apodrecida na cesta do clã Gutenberg. E o que mais doía em Lana era saber que Clarissa desejava ser aceita como uma igual pelos familiares, numa troca absurda de valores, quando eles é que deveriam ser como a professora.

A investigadora sabia que, mesmo se voltasse sozinha, não seria mais a mesma coisa. Depois de tantos anos, aprendera a amar Curitiba tanto quanto se tivesse nascido ali. Não tinha mais familiares vivos em Vale do Hans, Clarissa era o único vínculo com a pequena cidade.

Era angustiante pensar na amiga presa naquele lugar, vivendo uma vida pela metade, enraizada pela história que dividia com aquela terra e, ao mesmo tempo, desejosa de buscar os pedaços que lhe faltavam pelo mundo.

Lana parou em sua mesa e começou a mexer em alguns papéis, tarefa que era sempre complicada pela total falta de organização da policial.

Montoya apareceu, sorvendo uma caneca de café. O policial trazia um

sorriso ligeiramente sacana nos lábios. Mas Lana já se acostumara com aquela expressão do amigo e nem lhe deu caso.

Enquanto Lana acumulava uma quantidade absurda de pastas dentro de uma gaveta, Montoya sentou na ponta da mesa dela.

– Minha mesa não é poleiro... – resmungou Lana.

Montoya riu, mas não se moveu.

– Vou ignorar o fato de você ter me chamado de galinha quando sabemos que estou mais para um forte e valente galo de briga.

– Isso é o que diz para si mesmo todos os dias, Montoya? – devolveu a policial, olhando brevemente para o amigo. – Continue se iludindo.

O rapaz franziu a testa, mas não se deixou ofender. Trocar aquele tipo de provocação com Lana era quase uma regra.

– Acho que vai gostar de saber que o Montenegro esteve atrás de você a manhã inteira – disse o investigador, voltando a sorrir de lado.

Começar o expediente na sala do Delegado não era o que Lana chamaria de auspicioso. Com um suspiro exagerado, ela fez uma careta e soltou a pilha de documentos que tinha nas mãos.

– Bom, melhor não deixar a fera esperando mais, não é? – Lana disse, em um tom mais baixo.

Montoya riu e sorveu um longo gole de sua caneca. Ele parecia ter gostado de ocupar aquele lugar na mesa de Lana, e foi lá que ela o deixou quando seguiu pelo corredor com a sua melhor pose de confiança.

A policial bateu à porta e a abriu quando ouviu a ordem de Montenegro. Lana reprimiu um gemido quando viu que na sala também estava o Inspetor Ferraz, o homem que colocara o sobrinho sob o comando de Lana na última operação.

A agente não estranharia se tivesse sido chamada ali para sofrer uma reprimenda por ter dado pouca atenção ao inexperiente Gomes. Talvez, o rapaz tivesse feito uma reclamação ao tio por conta da atitude intempestiva de Lana ao jogar o carro contra os bandidos.

Corria uma pequena fofoca, no distrito, de que Lana estava devendo uma calça nova para Gomes, já que ele havia se sujado todo de medo no calor da ação. Lana tinha rido daquilo junto dos outros, mas esperava que a brincadeira não tivesse chegado aos ouvidos do Inspetor.

– Agente Mansini – o Delegado indicou a cadeira, Lana sentou. – Já li o seu relatório a respeito da prisão de Tobias Leão.

Lana assentiu e aguardou. Ferraz se mantinha ligeiramente afastado, mas a

jovem pôde perceber que ele não trazia um ar de satisfação.

O Delegado prosseguiu:

– Ficou óbvio que nada saiu como o planejado. A palhaçada daquele cretino, que tentou nos enviar para uma armadilha, poderia ter custado muito caro para a corporação. Já tomei providências para que ele pense no que fez, sentado, confortavelmente, em sua cela.

O Inspetor Ferraz se mexeu de uma maneira dura. Segurava em uma das mãos uma garrafa de água. Lana notou suas articulações rijas e esbranquiçadas.

A policial suportou o olhar arrogante que o Inspetor lhe lançava, sem poder demonstrar o mínimo grau de insolência.

– O que você fez foi imensamente perigoso, agente Mansini. A sorte nunca deve ser um fator esperançado por um policial – disse o Inspetor.

– Com todo o respeito, senhor, as minhas ações nada tiveram a ver com a sorte. Ao contrário do que possa estar pensando, meus atos não foram impulsivos. Tanto que obtivemos êxito não só no resgate de nossos agentes, como na prisão de Tobias Leão.

O Delegado Montenegro escondeu um leve sorriso sob o farto bigode, mas Ferraz demonstrou ainda mais irritação.

– A sua falta de paciência colocou mais policiais em risco, além dos que estavam em posição perigosa dentro do sobrado. E ainda completou com aquele desatino de dirigir contra os homens fortemente armados de Tobias. O procedimento a manda esperar pelo reforço, agente!

Lana respirou fundo, precisava medir suas palavras, mas não iria escutar reprimendas do Inspetor, ainda mais quando o Delegado não se mostrava tão desgostoso com a sua atitude quanto o seu subordinado.

– Senhor Inspetor, o senhor sabia do risco de designar um novato para aquela posição. Se eu esperasse mais um minuto que fosse, três agentes seriam massacrados e o resto de nós estaria cercado naquela armadilha. Mantive seu sobrinho em segurança tanto quanto os homens sob meu comando.

O Inspetor Ferraz pareceu se inflamar ainda mais, e Lana soube que fora longe demais.

– Você está insinuando que...

– Ferraz, essa discussão não tem sentido algum, já falamos sobre isso – interrompeu o Delegado. – Agente Mansini, seus atos não foram os mais adequados, mas seu instinto e sagacidade tornaram possível uma prisão muito

necessária para o avanço de nossas investigações. Todos concordamos que você realizou um bom trabalho.

Lana agradeceu com um gesto polido, mas, por dentro, estava se segurando para não sorrir na cara do Inspetor.

O Delegado voltou a falar:

– Você tem uma carreira prodigiosa e vem lidando bem com as responsabilidades. É por isso que decidi promovê-la a investigadora de 3º classe, já que o agente Silva foi afastado depois daquele tiro. Você pode ocupar a sala dele ainda hoje.

Lana olhou para o Delegado sem acreditar no que estava ouvindo. Montenegro era conhecido por economizar ao máximo nos elogios.

Sem saber muito bem o que fazer, a policial se levantou e estendeu a mão para cumprimentar o homem mais velho:

– Muito obrigada, senhor, é uma honra e juro que não se arrependerá pela confiança que deposita no meu serviço.

Montenegro assentiu. Lana sabia que o assunto estava encerrado e que ela deveria se retirar. A garota ainda se virou para o Inspetor e estendeu a mão direita, que recebeu um toque seco e rápido.

Fazendo mais uma mesura, a jovem saiu da sala do Delegado, finalmente deixando um imenso sorriso aflorar.

Naquele momento, o único desejo de Lana era pegar o telefone e ligar para Julia, mas uma rápida olhada para o relógio a lembrou de que, àquela hora, a amiga estaria na reunião matinal do jornal.

A policial parou ao lado do filtro de água e se serviu de um copo. Devido à tensão inicial na sala do Delegado, sua boca ficara seca e amarga.

De onde estava, pôde ver quando o Inspetor Ferraz deixou a sala de Montenegro. Se possível, o homem estava ainda mais raivoso. Lana se permitiu um sorriso vitorioso antes de sorver um grande gole.

Ela e Ferraz partilhavam um passado conflituoso. O Inspetor tinha de carreira quase o que Lana tinha de vida, mas sua lenta ascensão aos cargos de poder vinham deixando o homem cada vez mais detestável.

Quando Lana entrara para a Polícia Civil, há sete anos, Ferraz já era Inspetor e logo deixou clara a sua antipatia pela jovem agente, que vinha precedida pela fama de destemida e sagaz. Méritos esses que Ferraz tentou se atribuir, sem sucesso, ao longo de toda a sua carreira.

Agora ainda tinha o sobrinho do Inspetor para tornar a vida de Lana tão mais interessante.

A policial seguiu o seu caminho até a mesa que deixaria de ocupar. Ao chegar na seção, reparou que a maioria dos policiais estava reunida a sua frente, todos sorrindo.

Montoya avançou e abriu os braços enquanto dizia:

– Viva a agente Mansini, a nossa Chuck Norris com peitos!

Lana gargalhou enquanto o resto da equipe batia palmas e assoviava com ardor. Recebeu o abraço de Montoya com prazer e, logo depois, viu-se cercada de mais braços amigos.

Julia tentava se concentrar na reunião de pauta, sem sucesso. Os temas abordados e as decisões tomadas eram quase sempre as mesmas, mas não era apenas tédio...

Para a jornalista, alguns dias eram mais difíceis que os outros.

Quando questionada sobre alguma coisa, Julia respondia mecanicamente. Sua mente estava muito longe daquela mesa, daqueles rostos que ela mirava a semana inteira e daquelas vozes que já soavam tão familiares quanto a sua própria.

Assim que o editor dispensou todos, Julia saiu praticamente correndo. Em sua mesa, apanhou a bolsa e o gravador, mas o segundo foi apenas para o caso de alguém estar prestando atenção em seus movimentos.

Com o Secretário de Segurança disposto a não ser visto em público até que o escândalo da prisão de Tobias Leão esfriasse, Julia não tinha muito trabalho. Algum de seus informantes poderia ligar a qualquer momento, mas, enquanto isso não acontecia, ela estava praticamente livre. Os outros jornais é que ainda esmiuçavam o seu artigo original; enquanto ela preferia só se manifestar de novo quando pudesse entregar uma notícia fresca.

De dentro do carro, assim que deixou a garagem, Julia percebeu que a garoa havia parado, mas nuvens densas ainda pairavam sobre o centro de Curitiba, e o trânsito estava mais lento que o normal.

Colocando os fones de ouvido, Julia ligou para o celular de Lana.

– Julia?

– Ta ocupada?

– De bobeira na delegacia, e você?

– No carro.

– Você sabe que pode ouvir música ao invés de ligar pra mim sempre que fica presa em algum sinal, não sabe?

Julia riu, debochada.

– Nossa, se não fosse por você, não saberia me virar!

Lana também riu.

– Você parece animada... – adivinhou a jornalista logo em seguida.

– Ah, nada sério. Mas acho que preciso formalizar que agora você está se dirigindo a uma investigadora de terceira classe...

– Hum.

– Significa que eu ganhei uma promoção – explicou Lana.

– Ah! Sério? Por causa do Leão?

– Parece que sim.

– Uau! – Julia não sabia exatamente o que dizer. – Bem, parabéns! Não vou dizer que você é ótima e merecia há mais tempo porque não quero ter de lidar com o seu ego.

Lana riu de novo.

– Confessa que está morrendo de orgulho de mim, vai?

– Até parece...

– Aposto que está sorrindo... – continuou Lana.

Julia virou os olhos e não respondeu.

– E agora está balançando a cabeça e pensando “que babaca” – Lana adivinhou mais uma vez.

– Veja só, deveriam te colocar logo como... Como... O que vem depois da terceira classe? Quarta?

– Inspetora – informou Lana.

– É, isso aí.

– Eu já te expliquei meu plano de carreira, no mínimo, umas dez vezes.

Julia suspirou.

– Ah, Lana, sabe quando eu começo a te explicar alguma coisa do meu trabalho? E você fica com aquela cara de peixe morto e finge que está ouvindo, mas na verdade está pensando em comida?

– Hum. O que tem isso a ver?

– Eu faço a mesma coisa – entregou Julia.

– Não faz, não.

– Só que eu sei disfarçar melhor.

– Até parece!

As duas riram, mas Julia esqueceu um pouco a conversa, pensando em quantas coisas já tivera que disfarçar quando estava com Lana. O que ela havia acabado de contar pareceria bobagem se um dia toda a verdade viesse à tona.

– Ei? Ainda ta aí? – chamou Lana.
– Oi... Estou sim.
– Eu, hein? Está tudo bem com você?
– Claro... Mas preciso desligar.
– Ah, tudo bem. Já estou feliz pelo convite pra jantar e comemorar minha promoção...

– Que convite?

– O que você vai me fazer agora – disse Lana.

Julia riu, balançando a cabeça.

– Ta bom, agente Mansini. Combinamos por mensagem...

Assim que desligou, Julia continuou rindo. Lana tinha aprendido a obter dela o que quisesse.

Mas o riso parou e o sorriso se desfez quando a jornalista deixou o carro estacionado em uma travessa no bairro São Lourenço. Encarando o sobrado, agora abandonado, Julia mergulhou em recordações dolorosas.

Tinha voltado a garoar, mas a jornalista não se importou. Ficou parada diante do portão, olhando para cada detalhe da fachada, já quase sem tinta, e pensando em todos os acontecimentos da sua vida que haviam culminado naquela “visita”.

O abrigo para menores não funcionava há uma década. Das pessoas que conhecera ali, Julia não mantinha contato com nenhuma. De certa forma, todos estiveram sempre dispostos a, um dia, esquecer daquela parte ingloria de suas vidas.

Mesmo que não fosse diferente dos outros, Julia acabava voltando, de vez em quando, para olhar aquele sobrado. Às vezes, ela tentava imaginar como tinha ido parar ali, outras vezes, ficava apenas olhando e tentando se acalmar.

Mas “calma” era uma coisa que ela certamente não teria, depois de tudo o que presenciara na viagem que havia feito para a cidade de seus antepassados.

– Capítulo 11 –

Vulnerabilidade

Julia voltou da cozinha com o que restara da garrafa de vinho aberta para o jantar. Lana já estava atirada em seu sofá, sem qualquer cerimônia, daquele jeito despojado que só mesmo ela conseguia manter perto da jornalista.

– Quer dizer então que o Delegado não tem mais nenhuma pista? Ou você só está bancando a detetive que não deixa nenhuma informação vazar?

Lana respondeu primeiro com um gesto vago, depois com um bufo e, por fim, comentou:

– De verdade, a coisa toda esfriou. Eu realmente não poderia lhe dar detalhes, se eles existissem, mas pelo menos comentaria que a investigação está andando bem.

– Mas não está.

– Infelizmente, não.

Julia se sentou, balançando a cabeça negativamente.

– Aquele canalha do Secretário deve ter se borrado todo com a prisão do Tobias Leão. A cada dia que passa, deve destruir mais e mais provas.

– E comprar mais e mais testemunhas – acrescentou Lana, chateada.

– Mas a porcaria do Delegado não pode nem ao menos chamá-lo para depor?

– Já chamou! Os dois tiveram uma conversa no próprio gabinete do Secretário.

– E quando foi isso, que eu não fiquei sabendo?

– Ontem – contou Lana.

Julia bufou sonoramente.

– Saco! E o que ele disse?

– Oras, o que mais? Negou tudo. Disse estar imensamente surpreso pelas descobertas da polícia a respeito da ligação do Leão com o tráfico e congratulou a si mesmo por ter demitido o desgraçado antes que ele pudesse envolver a Secretaria em toda a sua sujeira – disse a policial.

– Mas isso é um absurdo! E o Delegado caiu?

– Claro que não, né, Julia! Mas ele está de mãos atadas.

– Mas qualquer pessoa com dois neurônios percebe que o Secretário de Segurança Pública é o próprio chefe da quadrilha!

Lana lamentou, torcendo os lábios. Conseguia entender parte da frustração

de Julia, mas, ao mesmo tempo, também entendia os trâmites de um inquérito policial e sabia que, infelizmente, as coisas não eram tão simples. Não bastava que fosse óbvio... Ainda mais quando se tratava de um dos secretários do governo do estado. No fim das contas, o Secretário de Segurança Pública não era apenas um político intocável, como também era, ironicamente, o segundo degrau mais alto na hierarquia da polícia. Apenas o governador do estado do Paraná tinha mais poder do que ele sobre a Polícia Civil.

Apesar da urgência em investigar, apesar de todas as evidências circunstanciais, Lana e seus colegas andavam com a corda no pescoço. Uma simples assinatura do homem que eles tentavam colocar atrás das grades poderia acabar com suas carreiras, transferi-los para alguma delegacia no interior mais remoto do estado ou privá-los de futuras promoções e bonificações.

E isso seria o tipo de revés mais ameno, considerando possibilidades bastante reais. Uma quadrilha tão bem montada como aquela não hesitava em eliminar quem quer que atravessasse o seu caminho.

– Bem, infelizmente, ainda precisamos de provas. E, no caso do Secretário, tem de ser provas bem contundentes – afirmou Lana, após sorver um longo gole.

Julia parecia mais e mais decepcionada a cada frase da amiga.

– Se ele não fosse tão bom em se esconder – lamentou, esfregando o rosto cansado.

– Julia, na boa, por que esse caso parece ser tão importante pra você?

A jornalista estreitou os olhos, estranhando a pergunta da amiga.

– É importante para todos, você não acha? Quando o homem que, supostamente, tem o dever de garantir a segurança da população é um dos maiores criminosos do estado, senão do país, todos corremos sérios riscos. Ele é corrupto, ele lava dinheiro, ele ordena assassinatos, ele comanda o tráfico de drogas, tem sei lá que tipo de ligação com o tráfico de armas, ele ameaça o sistema judiciário...

Lana ficou olhando para ela, pensando muito bem em como articular sua próxima frase.

– Você parece ter algum tipo de problema pessoal com ele.

Julia bufou, encarando o outro canto da sala.

– Se mais pessoas levassem para o pessoal, como eu, talvez a coisa não estivesse nesse patamar.

– Não, não... Você já cobriu outros casos de corrupção – lembrou Lana. – Tem alguma coisa com ele. Com o Secretário.

A jornalista balançou a cabeça negativamente.

– Não viaja, Lana.

Lana era do tipo que sabia quando insistir ou quando deixar um assunto de lado. Principalmente com Julia. Quando a jornalista reagia daquela forma, o melhor era esperar por uma nova oportunidade, porque, a partir dali, ela não deixaria mais nada escapar.

Antes que a própria policial pudesse pensar num rumo diferente para a conversa, Julia indagou:

– Soube de alguma coisa sobre a sua amiga Clarissa?

– Não. Não nos falamos mais, desde a viagem.

– Sei.

– Essa história dela, com a tal Milena, me pegou completamente de surpresa – disse Lana. – Não que eu acreditasse no amor eterno dela com o babaca do Giovane, mas um caso... De meses... Com uma aluna dela...

Julia também arqueou as sobrancelhas, compreendendo o assombro de Lana.

– Os Gutenberg não parecem ser do tipo que acharão motivo para se alegrar com o conto de fadas da caçula.

Lana riu, meio nervosa.

– Não quero nem pensar no que poderia acontecer caso eles descobrissem. A família da Clarissa é tipo um modelo, sabe? Eles se acham a Família Real de Vale do Hans. Tudo neles tem de ser perfeito, principalmente para não dar qualquer margem para que se fale deles por aí...

– É mesmo?

– E eles são tão esnobes e arrogantes, e... – Lana suspirou, cansada. – Ainda bem que me livreí deles. Daquela cidade. De toda aquela sujeira.

– Ah, claro, por isso que você escolheu uma carreira onde só convive com ursinhos carinhosos, unicórnios e nuvens de algodão doce.

As duas gargalharam sonoramente.

– Pois saiba que eu prefiro, mil vezes, lidar com o Tobias Leão, o Secretário e todos os bandidos de esgoto de Curitiba do que com os Gutenberg!

Julia baixou os olhos, cessando o riso e encarando sua taça de vinho.

– Por que nunca me contou sobre a briga histórica entre a sua família e a deles?

– Porque nunca liguei pra isso, oras.

– Ah, sim, e isso fica muito claro no modo como se refere a eles...

Lana torceu os lábios, contrariada.

– Eu só procuro não pensar, entende? Meu avô e sei lá mais quantas pessoas da minha família viveram e morreram por causa dessa briga. Eu tive minhas próprias batalhas em Vale do Hans. Não sobrava tempo para pensar nessa bobagem.

Julia deixou um muxoxo escapar, estendendo a mão e afagando o rosto da amiga. Lana tinha aberto uma porta nova na recente viagem. Uma porta que, até então, estivera muito bem trancada.

Por trás de toda aquela força, da pose de heroína, do porte de policial destemida, havia uma garota com dores e traumas, com fraquezas e tristezas, como qualquer outra.

Julia conseguia lidar muito bem com a Lana de sempre, a divertida, a sarcástica, a corajosa. Mas a vulnerabilidade dela era o ponto fraco da jornalista e parecia ter o poder de transpor, com facilidade, todas as barreiras que Julia tinha erguido entre as duas.

– Lana... – A policial ergueu os olhos e Julia não conseguiu completar a frase.

– Hum?

A jornalista fechou os olhos e balançou a cabeça, tentando dissipar a tensão que havia tomado conta dela.

– Que foi? – insistiu Lana.

– Nada... Eu acho que nunca tinha entendido completamente essa ligação que você tem com as suas amigas, até ficar claro que você precisa tanto delas quanto elas de você.

Lana pareceu indecisa entre gostar ou desgostar do comentário.

– Afinal de contas, não foi bom conhecê-las melhor?

Julia confirmou, esboçando um sorriso. Depois, argumentou:

– Mas eu jamais tive algo contra elas. A Renata é que nunca foi com a minha cara.

Lana riu, mas não quis se agitar demais, com medo que Julia recolhesse a mão que ainda afagava o seu rosto.

– A Rê é meio territorial...

– Eu percebi. Eu sei que ela é sua melhor amiga desde sempre e espero que vocês duas saibam que eu não pretendo roubar o lugar de ninguém.

De novo, Lana não conseguiu decidir se a frase era totalmente bem vinda.

Tudo tinha ficado ainda mais confuso entre elas depois da viagem.

Por mais envolvida que estivesse com seus próprios dramas, com a confusão de Clarissa e com a briga entre Renata e Paloma, Lana também tivera tempo de pensar sobre Julia.

Algo tinha mudado definitivamente em Vale do Hans. Alguma coisa que Lana ainda não sabia como definir. Havia sentimentos e impressões que a policial tinha deixado escapar. Coisas que ela jamais havia precisado dizer para suas amigas de infância, que a conheciam tão bem. De certa forma, em pouco tempo, Julia parecia tão capaz de decifrá-la quanto qualquer uma das outras, mas era de um jeito diferente.

Com Renata, Paloma e Clarissa, Lana sempre tinha se sentido em casa, segura, protegida, capaz de tudo. Já com Julia, a sensação era de estar sempre caminhando sobre a corda bamba... Porque Julia a tinha nas mãos sem o menor esforço, enquanto Lana, por mais que tentasse, nunca conseguia chegar perto de entendê-la.

Então, naquela viagem, subitamente, inadvertidamente, Julia tinha virado um livro aberto. Todas as suas emoções tinham ficado tão claras, em cada olhar e expressão, que Lana nem ao menos tinha conseguido lidar com elas.

O modo seguro com que Julia a tinha impedido de confrontar Natanael Gutenberg, o jeito cúmplice com que tinha se deixado abraçar no caminho de volta para a casa dos pais de Renata, o olhar doce com o qual a encarou ao acordar ao seu lado por duas manhãs consecutivas, o incômodo tão evidente ao ouvir as suas amigas narrando as conquistas do passado.

Enquanto visitava todas aquelas recordações recentes, Lana tomou a mão de Julia e a pressionou mais contra o seu rosto, fechando os olhos enquanto se permitia sorrir. Então, voltou a abri-los para encarar Julia. Palavras não eram necessárias para confirmar que Julia não precisaria roubar o posto de ninguém na vida de Lana.

Havia um lugar que a policial tinha deixado vago a vida inteira, e que, naquele momento, parecia mais certo do que tudo oferecer.

– Julia... – Lana sussurrou, emoldurando o rosto da outra, enquanto se aproximava, com o coração em disparada.

Por um segundo, Lana conseguiu prever o desenrolar do beijo e até quase pôde sentir o gosto dos lábios de Julia. Mas a jornalista se afastou, recolhendo a mão que tocava o rosto de Lana.

– Eu... – Julia se levantou do sofá, sem conseguir disfarçar sua tensão. – Eu vou buscar mais vinho. Você quer?

E antes que Lana pudesse sibilar qualquer tipo de resposta ou mesmo protesto, Julia partiu para a cozinha, quase correndo.

Segurando firmemente sua taça entre os dedos, Julia tentava colocar os nervos em ordem. Chegando à cozinha, abriu a porta da geladeira e curvou o rosto em direção ao peito, com os olhos apertados, a mente confusa e o coração dolorido.

“Foi por pouco”, disse a si mesma. “Foi por muito pouco”, constatou, ainda dominada pela ânsia que havia tomado conta dela, sem qualquer controle.

Abrindo os olhos, mas sem realmente olhar para qualquer coisa dentro daquela geladeira, Julia se policiou para respirar profundamente algumas vezes, tentando recobrar a calma. Mais do que nunca, precisava lembrar do que estava em jogo. Precisava lembrar que não importava o quanto quisesse aquilo no momento, Julia sabia que não era certo. Sabia que seria muito pior depois. Sabia que Lana jamais seria capaz de perdoá-la pelas mentiras e provavelmente a odiaria para sempre caso a jornalista permitisse que elas se envolvessem daquela forma, sabendo que elas não tinham se aproximado por acaso.

Arrasada, Julia não conseguiu se mover por um longo tempo. E não sabia se estava paralisada de medo ou de raiva. Com tantas pessoas no mundo, por que logo Lana Mansini? Com tantas mulheres por aí, disponíveis, por que seu coração tinha lhe pregado essa peça cruel?

O fato era que ter de ser forte não representava nenhuma surpresa. Era isso, lutar sozinha e resistir pelas duas, ou contar a verdade para Lana e perder todos os avanços que Julia tinha feito até ali.

Se a sua vida sempre tivera um objetivo claro, aquela atração inapropriada por Lana poderia ser o mais forte, mas não deixava de ser apenas mais um dos obstáculos. Mais uma barreira que Julia superaria, como todas as outras.

Após um derradeiro suspiro profundo, sentindo que voltava ao controle de si, Julia fechou a geladeira. Deu somente um passo na direção do balcão onde guardava os vinhos quando percebeu que Lana tinha vindo atrás dela.

Tinha estado ali o tempo todo, observando a sua batalha, a sua angústia.

Os protestos de Julia morreram sem atravessar sua garganta.

Lana não parecia mais nem um pouco vulnerável, mas, nem por isso, deixava de causar o mesmo efeito aterrador na jornalista. Em uma fração de segundo, com os passos firmes de quem sabe o que quer, Lana tomou Julia nos braços e a beijou com tanta entrega que, mesmo se tivesse lutado, Julia

não resistiria.

As duas cambalearam até Lana prender Julia contra um dos móveis. Aprofundando o beijo, colou seu corpo ao dela, impedindo a jornalista de se afastar. Quando notou os braços de Julia lhe envolvendo possessivamente, Lana sentiu que não havia nada mais certo e coerente no mundo do que finalmente parar de fingir que Julia não lhe fazia pensar nisso o tempo todo. E, na ânsia de enfim ter aquilo que tanto queria, Lana ignorava que, para Julia, essas conclusões eram totalmente opostas.

– Por favor, Lana... – Julia finalmente conseguiu protestar, num tom preso, doloroso e arrependido, enquanto suas mãos tentavam deixá-la fora do alcance da policial.

Durante alguns segundos, elas trocaram um olhar intenso, até que Lana recomeçou o beijo, sem tanta urgência, mas com a mesma vontade gigantesca de parar o tempo, o universo, tudo.

Mentalmente, emocionalmente, Julia se lamentava. Sentia como se uma faca estivesse partindo seu coração ao meio. Doía pensar em parar, empurrar Lana, sair correndo. E doía do mesmo jeito sentir tanta vontade de continuar ali, nos braços dela, no encaixe perfeito que Lana fazia com o seu corpo, na doçura irresistível do beijo que se prolongava tão naturalmente.

Dentre tantas emoções e sensações que confundiam a jornalista, nenhuma era mais forte que o desejo de apagar o passado e o futuro para que Lana e ela só tivessem de lidar com o presente, quando finalmente elas tinham tudo o que sempre quiseram.

Então a razão voltou aos pensamentos de Julia.

Lana poderia até se decepcionar naquele momento, mas impedir que aquilo acontecesse era, sem dúvida, muito melhor para as duas.

Apertando os olhos, com raiva de si mesma, Julia se desvencilhou do abraço, recuou dois passos e deu às costas à amiga.

– Vá embora, Lana – disse ela, num tom imperativo que jamais tinha precisado usar com a policial.

– Julia...

– Não deveríamos ter feito isso. Vá embora!

Tensa demais para apurar detalhes, Julia somente ouviu quando Lana deixou o apartamento, batendo a porta depois de passar por ela. Sem sentir qualquer alívio, Julia deixou seu corpo desabar e abraçou os joelhos, curvando-se enquanto tentava se impedir de cair no choro.

Não era hora de sentir pena, e sim orgulho da atitude. Afinal, não tinha

sido nem um pouco fácil... Mas também não era hora de pensar apenas em si. Antes de mais nada, tudo tinha se resumido a preservar Lana. Então, trôpega, a jornalista voltou para a sala e apanhou o telefone.

O número residencial de Lana estava na discagem rápida, e, após ouvir a mensagem da secretária eletrônica, Julia limpou a garganta embargada e disse:

– Lana... – Teve de respirar profundamente, para se acalmar. – Lana, eu sinto muito. Não quero que você pense nem por um segundo que fez alguma coisa errada ou que a culpa é sua. Sou eu... Eu... Eu só não posso, e não tenho como te explicar agora. Eu sinto muito... – repetiu.

Sem conseguir pensar em mais nada, Julia desligou. Esperava que Lana pudesse ouvir o recado assim que chegasse em casa. Julia se sentiu tremendamente culpada pelo ocorrido já era suficiente. Lana não precisava carregar essa sensação horrível também.

– Capítulo 12 –

Tormenta no Paraíso

Quando Paloma finalmente levantou, ainda estava escuro. Faltava mais de uma hora para que o seu eficiente despertador começasse a tocar, mas decidiu que o melhor a fazer era começar sua rotina logo de uma vez.

Observando o pequeno aparelho sobre o criado mudo, Paloma ponderou que Renata detestara aquele objeto desde o momento em que o ouvira tocar pela primeira, mas a esposa amenizava, brincando que agradecia ao fato de Paloma ser a única pessoa no mundo que não usava a função “soneca” e acordava logo no primeiro toque.

Deixando o pensamento de lado do mesmo modo que fizera com o lençol, Paloma rumou para o banheiro da suíte do casal, sentindo um gosto amargo atípico na boca ao fitar a cama vazia – sem Renata.

Era raro dormirem separadas. Acontecia apenas quando Paloma viajava a trabalho ou para visitar os pais, em Brasília. Em quatro anos de casamento, aquela era a primeira vez que dormiam separadas por conta de uma briga.

Para a economista, aquele desagrado havia sido, mais vez, fruto das escolhas de Renata. Se dependesse dela, a situação entre elas teria sido resolvida ainda na noite anterior, assim que a esposa pedisse desculpas e entendesse que ela, Paloma, tinha sonhos e metas de vida que não poderia abrir mão por conta da falta de maturidade da esposa.

Assim que saiu do banho, Paloma apanhou o conjunto de roupas que tinha separado previamente e terminou de se arrumar em frente ao espelho.

Os primeiros raios de sol irrompiam pela janela, mas a casa delas permanecia no breu e no total silêncio. Renata começava a trabalhar bem mais tarde do que Paloma e era comum se despedir da esposa enquanto ela ainda estava sonolenta, na cama. Mas esse fato, também, seria diferente naquele dia.

Tantas mudanças repentinas em sua rotina faziam os nervos de Paloma fraquejar logo cedo. Com um último olhar ansioso em direção ao corredor que levava aos quartos, Paloma respirou profunda e lentamente antes de apanhar suas chaves e deixar a casa.

Renata dormiu no quarto de hóspedes e, assim como a esposa, não pregou os olhos a noite toda. Fora difícil não correr para o quarto delas, tomar

Paloma em seus braços e calar todas as palavras amargas que trocaram com um longo e apaixonado beijo.

Mas Renata sabia que apenas estaria adiando o problema, empurrando a crise pela qual estavam passando, da mesma forma que tinham passado por cima dos recorrentes mal entendidos, sem nem chegarem perto de resolvê-los.

A diferença era que, em todas as outras vezes, Renata abandonava os próprios argumentos em prol da relação delas. Mas isso já a tinha saturado. Não era uma questão de orgulho, como poderia parecer a princípio, era uma questão de lidar com o assunto de maneira adulta.

De certa forma, quando Paloma a acusava de ser imatura, a esposa atingia uma fraqueza de Renata. Mas não da forma como ela sugeria. A veterinária cedia, sempre, por carregar consigo um medo constante de perder Paloma e, por isso, preferia aceitar as neuras da economista.

Daquele modo, Paloma ficava feliz e essa simples resolução bastava para que Renata também ficasse satisfeita.

Mas era hora de crescer, e Renata precisava assumir os riscos de conquistar seu espaço e seus direitos naquela relação. Não iria mais passar por cima de seus próprios sonhos. Sentia que, se continuasse naquele caminho, acabaria se apagando completamente e existiria, apenas, da forma controlada e extremamente metódica que a esposa permitisse.

Após tomar um longo banho, Renata caminhou até a cozinha, mas não sentia fome ou tampouco vontade de preparar o desjejum. A casa parecia sombriamente grande e vazia. Talvez isso fosse alguma projeção do vazio que a assolava por dentro.

Cada detalhe, cada objeto de decoração, de estimação, deveria representar a vida que ela e a esposa construíram juntas. Mas Renata não conseguia se ver refletida em nenhuma daquelas coisas. Nada ali era seu, tudo fora escolhido e colocado por Paloma.

Constatar que nem mesmo o lugar que chamava de lar parecia verdadeiro foi como um soco em seu estômago. Renata afundou no sofá, com as mãos cobrindo o rosto, que logo ficou tomado pelas lágrimas. A sensação era de que tinha fracassado na única coisa que parecia irrefutável em sua vida.

Paloma saiu do escritório e se despediu de alguns colegas de trabalho antes de entrar no carro. Assim que ela se acomodou, o retorno para casa pareceu sem propósito.

Havia sim a saudade que sempre sentia ao ficar o dia inteiro longe da

esposa, mas nem as corriqueiras mensagens de texto, cheias de palavras de carinho, de amor, de planos, haviam sido trocadas.

Uma parte de Paloma parecia hesitar, como se um sentido aguçado tentasse avisá-la que estava indo direito para o centro de uma armadilha. E isso parecia o maior dos absurdos diante da relação maravilhosa que elas tinham. Ao menos era isso que a economista pensava.

Deixando de lado aquela incômoda sensação, Paloma deu a partida e, vinte minutos depois, estacionou o veículo na garagem de casa, ao lado do carro de Renata.

A economista sentiu uma onda crescente de raiva e indignação tomar o controle sobre a sua razão. Renata deveria ainda estar no trabalho àquela hora. Para Paloma, faltar a qualquer compromisso apenas era aceitável se fosse por motivo de vida ou morte.

Paloma apanhou seus pertences e entrou pela porta da cozinha. Seus olhos correram pela louça suja, empilhada sobre a pia, de qualquer jeito. Nem mesmo suas plantas pareciam ter sido realocadas para que pegassem um pouco de sol.

Ao chegar à sala, vários DVD's estavam espalhados pelo tapete e a televisão ligada, mas ninguém estava assistindo. Paloma cerrou os punhos e respirou fundo.

Onde estava Renata que não via aquela bagunça?

– Renata? – chamou a economista, indo em direção ao quarto delas.

Mas, quando chegou ao cômodo, ele estava vazio. Deixou a bolsa e guardou o blazer no armário, como fazia todos os dias.

Paloma não encontrou a esposa em nenhum outro lugar da casa, então seguiu para os fundos, onde elas haviam construído uma pequena área de lazer, com alguns equipamentos de ginástica e, mais ao lado, uma churrasqueira, uma pia, mesas e cadeiras que usavam quando chamavam as amigas para pequenas celebrações.

Renata estava se exercitando na esteira, correndo a uma velocidade que Paloma julgou de cara como, no mínimo, perigosa. O suor já havia ensopado boa parte da regata que ela vestia.

A economista podia ouvir de longe a música altíssima que escapava dos fones de ouvido que a esposa usava. Paloma detestava aquele tipo de música, não entendia como Lana e Renata conseguiam aturar aquilo, ainda mais naquele volume. Era por isso que Paloma nunca deixava a esposa ouvir seus discos quando ela estava por perto.

Vários minutos se passaram, até que finalmente Renata pareceu se exaurir e diminuir o ritmo. Paloma permaneceu sob o batente da porta, de braços cruzados, com o semblante fechado.

– Pelo visto você não foi trabalhar hoje, mas não vejo qualquer problema aparente que justifique isso – pronunciou-se a economista, fazendo a esposa se sobressaltar.

Renata deixou a esteira e começou a se alongar, calmamente.

– Pois é, ver além da superficialidade parece ser algo difícil pra você.

Renata apanhou uma toalha e começou a secar o suor do corpo, mas permaneceu encarando a esposa.

Paloma elevou os braços, repentinamente exasperada.

– Renata, o que está acontecendo com você?! Desde aquele maldito dia do noivado da Clarissa tudo o que você faz é me atacar!

Renata meneou a cabeça e apanhou a garrafa de água, que tinha deixado ao lado.

– Está vendo? – ela apontou na direção de Paloma. – Essa é a questão! Nessa sua cabeça, o nosso único problema começou na festa de noivado, não é mesmo?

– Olha, a única pessoa que fica criando briga aqui é você, Renata! Por mim, estaríamos em paz, seguindo com a nossa vida como antes – Paloma hesitou, mas se aproximou da esposa e lhe tocou o rosto.

Renata prendeu a respiração. O simples toque de Paloma fazia seu corpo se rebelar e a razão perder lugar para aquele sentimento tão intenso.

– Sinto saudades, amor – completou a economista.

Paloma inclinou o rosto e beijou a esposa suavemente.

Renata fechou os olhos instintivamente e correspondeu ao beijo. Mas logo foi tomada por uma crescente agonia. Afastando o rosto, cerrou os lábios com força e sentiu os olhos marejarem.

– Não podemos apenas passar por cima disso, eu não consigo mais, Paloma. E isso está me matando!

Completamente atônita, Paloma não conseguiu reagir. Nunca antes fora rejeitada pela esposa.

Permaneceu estacada no mesmo lugar enquanto Renata passava por ela e seguia para o interior da casa. Alguns minutos depois, Paloma escutou o barulho da porta batendo com força e, logo em seguida, o carro de Renata disparar pela rua.

Lana estacionou sua moto na garagem de seu prédio, tirou o capacete e seguiu em direção às escadas. O prédio tinha elevador, mas ela simplesmente detestava a sensação daquele espaço diminuto e sufocante.

Enquanto caminhava até o seu apartamento, vasculhou os bolsos em busca do molho de chaves, que nunca estava no lugar que deixava. Quando se deu conta, estava a poucos centímetros de tropeçar na pessoa sentada na frente de sua porta, com a cabeça baixa e os joelhos encolhidos.

A primeira reação de Lana teria sido despejar uma série de xingamentos, mas foi aí que percebeu se tratar de Renata. Com o coração batendo forte no peito, a policial se agachou ao lado da amiga.

– Renata? – chamou baixinho. – O que está fazendo aqui fora, sentada desse modo? Por que não entrou?

A veterinária levantou a cabeça, expondo o rosto úmido e inchado. A dor em seus olhos fez Lana sentir pontadas no coração.

– Eu... Me desculpe, Lana... Eu esqueci de trazer as chaves, só consegui passar pela portaria.

– O que aconteceu? Onde está a Paloma, ela está bem? – quis saber a policial.

Renata pareceu sentir uma dor física com aquela pergunta, e Lana chegou a pensar que algo terrível tinha acontecido com a economista.

– Ela está em casa...

A policial abraçou a amiga e a ergueu do chão facilmente, mas não foi tão simples conseguir destrancar a porta com Renata pendurada em seu ombro.

Inicialmente, Lana pensou que a amiga pudesse estar bêbada, mas ela não cheirava a álcool ou demonstrava qualquer outro indício de ter se embriagado.

Lana deixou a amiga acomodada no sofá, voltou para buscar as coisas que deixara no corredor e fechou a porta. Quando se virou, Renata ainda estava na mesma posição, com os olhos perdidos, vagos, mas, assim que Lana ocupou o lugar ao seu lado, a veterinária se jogou nos braços da amiga, chorando descontroladamente.

A policial apertou Renata o máximo que pôde, sabendo que o melhor que poderia fazer, naquele momento, era oferecer o consolo de um abraço, de uma proteção.

Renata chorou até perder as forças e então adormeceu completamente exausta. Lana a acomodou, tirou seu tênis e cobriu o corpo dela com uma manta.

Enquanto observava a amiga adormecida, a policial tentou planejar o que faria a seguir. Obviamente, a situação que levara Renata àquele estado de nervos deveria ter se originado em uma briga com Paloma, caso contrário, elas estariam juntas, enfrentando o que quer que fosse.

Com receio de piorar a situação, a agente hesitou antes de discar o número da casa das amigas, mas quem atendeu foi a secretária eletrônica.

– Ahn... Paloma? Está aí? É a Lana – a policial esperou alguns segundos, mas nada aconteceu. – Olha, eu não sei o que está havendo, mas caso você esteja preocupada, a Renata está aqui em casa. Ela acabou dormindo, vou cuidar dela, pode ficar tranquila. Qualquer coisa me liga, ok? Amo você.

Assim que desligou, Lana soltou todo o ar de seus pulmões. Como poderia ajudar sua melhor amiga naquela situação? Renata parecia despedaçada, algo muito sério tinha acontecido.

Após tomar um banho rápido, a policial decidiu que deveria começar preparando um jantar saboroso para amiga. Todo mundo ficava mais feliz quando se via diante de uma refeição apetitosa. Ao menos com Lana sempre fora assim.

Mas logo que abriu a geladeira e os armários, a policial percebeu que o máximo que poderia oferecer era uma lasanha congelada ou então macarrão com molho feito com tudo o que encontrasse pela frente.

Aborrecida e frustrada, Lana apanhou o celular e discou o número de um restaurante Australiano que ficava perto de sua casa, o qual visitava com frequência com as amigas. Era melhor pedir uma refeição que ela sabia que seria do agrado de Renata do que arriscar causar algum tipo de intoxicação alimentar na amiga.

Renata acordou assim que Lana terminou de arrumar a mesa. Ao ver os movimentos da amiga em seu sofá, a policial largou o último guardanapo e seguiu para a sala.

– Oi... – disse Lana, sentando ao lado dela. – O que acha de tomar um banho bem relaxante, aí pode degustar o maravilhoso *menu* que eu consegui pra você e podemos conversar sobre o que aconteceu.

Renata esfregou o rosto, sua cabeça parecia pesar uma tonelada e o seu corpo estava todo dolorido. Não tinha ideia de quanto tempo havia dormido, mas não parecia, nem de longe, ter sido o suficiente.

No entanto, não poderia seguir dormindo pelo o resto da vida, então aceitou a sugestão de Lana e, após dar um beijo na amiga, caminhou vacilante para o quarto da policial.

Lana esperou até ouvir o barulho do chuveiro e também entrou no quarto. Separou algumas peças de roupa para a amiga vestir e voltou para a cozinha.

Vários minutos depois, Renata surgiu, ainda secando os cabelos com uma toalha. Ao ver a mesa que Lana tinha preparado, não pôde deixar de sorrir um pouco.

– Nossa, você deve ter acabado com o estoque de comida do restaurante.

A policial sorriu e ocupou um lugar, enquanto a amiga sentava à sua frente. De fato, Lana havia pedido comida suficiente para umas cinco pessoas.

– Como está se sentindo? – perguntou a policial, servindo dois copos de suco.

Renata suspirou longamente. Estava exausta, tanto física quanto emocionalmente. Também não sentia fome, mas não poderia ficar sem comer ou desapontar Lana, que, claramente, tinha se esforçado para agradá-la. A pergunta da amiga era tão ampla, que a veterinária não sabia nem por onde começar, então, apenas respondeu:

– Melhor... Sono e o banho ajudaram, obrigada.

Lana sorriu e alcançou a mão da amiga sobre a mesa. O calor do toque da policial fez Renata sentir vontade de chorar novamente, mas ela se segurou e sorriu de volta.

As duas comeram em silêncio. Lana sabia da importância de dar algum espaço para Renata. Conhecia a amiga mais do que a si mesma e a veterinária começaria a falar quando se sentisse pronta.

Estar na companhia de Lana, aquecendo-se com aquela refeição, gerou em Renata um sentimento de segurança, que era tudo o que ela mais precisava naquele momento.

– Que acha de comermos a sobremesa na sala, hum? – propôs Lana, sorrindo animada.

– Depende da sobremesa, é claro.

A policial fez um ar de mistério e então abriu o freezer e pegou um grande pote de sorvete.

– Até onde eu me lembro, chocolate belga é o seu sabor favorito – Lana balançou o pote na frente de Renata.

Renata sorriu e tomou o pote da mão da amiga, abriu a embalagem e inspirou profundamente o aroma adocicado do sorvete.

As duas apanharam colheres e seguiram para a sala, onde sentaram de frente uma para outra, com o pote entre elas. A primeira porção trouxe ao paladar de Renata a nítida impressão de que nada poderia ser melhor do que

aquilo.

Mas ela não pode deixar de comparar como seria se estivesse em casa com a esposa. Paloma jamais sairia da cozinha sem antes lavar e guardar toda a louça do jantar. Também não comeria sorvete direto do pote, como elas estavam fazendo.

Aquela informalidade excessiva de Lana era o completo oposto da vida que levara nos últimos quatro anos, morando com a esposa. Havia peças de roupa da policial por todos os cantos, sapatos jogados e objetos fora do lugar. Enquanto, na casa delas, Paloma costumava guardar as roupas de ambas separadas por categorias que variavam entre cor, funcionalidade e estação do ano.

Renata não queria voltar a chorar, seu corpo também parecia finalmente ter esgotado suas lágrimas. Mas a dor em seu peito marcava cada batida de seu coração.

Deixando a colher de lado, ela buscou os olhos da amiga, e eles estavam ali, prontos para acolhê-la.

– Não sei mais o que fazer com a minha vida, Lana – Renata começou a falar. – Você sabe que eu amo a Paloma mais do que qualquer coisa, mas nos últimos tempos...

Lana colocou o pote de sorvete na mesa de centro e voltou para abraçar a amiga. Renata se afundou nos braços de Lana e desejou que tudo fosse apenas um terrível pesadelo.

– Olha, eu sei que a Paloma é uma pessoa difícil de conviver, mas o que importa é o amor de vocês e, Renata, não existe casal mais apaixonado no mundo inteiro!

A policial ficou afagando os cabelos da amiga, sentindo seu coração bater forte no peito. Para Lana, era difícil se sentir tão impotente diante de alguma situação.

– Eu sei – a veterinária sussurrou.

– Olha, por que não me conta tudo o que aconteceu? Daremos um jeito de resolver isso tudo, eu juro.

Renata respirou fundo algumas vezes e assentiu, ainda com o rosto colado no ombro da amiga. Após mais alguns segundos, ela se afastou e encarou Lana.

Conversaram por boa parte da noite. Lana escutou a amiga contar cada um dos desentendimentos que tivera com a esposa. Por fim, Renata contou sobre a insistência de Paloma em ter um filho aos vinte e seis anos, apenas por ter

planejado que seria desse modo.

Lana sabia que todos aqueles relatos tinham um segundo ponto de vista, mas conhecia Paloma desde criança, sabia de suas manias, convivia com muitas delas, e o que Renata estava contando era assustador. Não sabia como a amiga tinha conseguido viver sob aquele controle durante tanto tempo.

Era difícil admitir que o casal perfeito que conhecia tinha uma ferida enorme como aquela em sua relação. Uma ferida que só fez crescer nos últimos meses e que talvez não tivesse mais como ser curada, ao menos não sem deixar cicatrizes com as quais talvez elas não soubessem lidar.

– Capítulo 13 –

Negação

Clarissa observava o dia amanhecer sentada em uma das pedras no alto do mirante que tanto significava para ela e as amigas. Tinha passado boa parte da madrugada ali, esperando que o sol nascente iluminasse também os seus pensamentos.

Com a coloração alaranjada despontando no horizonte, sentia a mente mais tranquila. Ainda não tinha conseguido esclarecer todos os seus problemas, mas tinha canalizado toda a sua coragem e determinação para resolver sua situação com Milena.

Doía de uma maneira que Clarissa não conseguia entender completamente. A jovem aluna tinha ocupado um grande espaço na vida da professora, sem que Clarissa desse permissão para isso, e ela temia que, com o passar do tempo, aquela ligação ficasse ainda mais forte.

Espanando a poeira da roupa, Clarissa se pôs de pé e seguiu para o carro. Durante o percurso de retorno à cidade, mandou uma mensagem de texto para Milena, dizendo que a estava esperando no vestiário da escola.

Clarissa mudou o lugar do encontro de propósito. Seria muito mais complicado conversar com Milena da sala habitual, repleta de lembranças e sensações que a professora queria evitar.

Apenas alguns funcionários estavam na escola naquele horário, e o vestiário ficaria desocupado até a metade da manhã.

Clarissa sentou em um dos bancos mais afastados da porta e esperou, revendo em sua mente todas as resoluções que tinha tomado para si nos últimos dias, assim como a conversa com as amigas e as discussões com a família Gutenberg.

Milena sentia o vento frio da manhã açoitar o seu rosto sem qualquer clemência. Enquanto corria pelas quadras que a separavam da escola, não reprimia o sorriso a quem quer que fosse.

A mensagem matutina de Clarissa a pegara de surpresa, mas ela não queria deixar a professora esperando. Acelerou as passadas e segurou firmemente as alças da mochila.

O anúncio do noivado de Clarissa tinha sobrepujado todos os assuntos da cidade nos últimos dias. Não apenas pela confusão gerada pelas amigas da professora, mas, principalmente, pela formalização e afirmação de que ela e

Giovane estavam juntos, noivos, e iriam se casar. Decretando, assim, a definitiva união das duas famílias mais poderosas de Vale do Hans.

Milena vinha remoendo aquela situação na qual se envolvera ao ter se tornado o *affaire* duplamente proibido da caçula do clã Gutenberg. Se aquilo viesse à tona, Milena poderia se complicar bastante.

Obviamente, Milena tinha chegado à conclusão de que a coisa mais sensata a fazer era se afastar de Clarissa o quanto antes. Mas a jovem atacante acreditava na relação delas. Tinha consigo as lembranças e a certeza de que uma importante parte de Clarissa lhe pertencia. Sabia ter lugar na vida e nos sentimentos da professora, sentia isso em cada beijo, em cada toque.

O pedido de Clarissa para que se encontrassem tão cedo deixou Milena em estado de alerta. Apesar do receio das intenções de Clarissa, a garota já tinha decidido que seguiria seu coração, mesmo que isso significasse colocá-lo à prova, correndo o risco de sair, deliberadamente, dilacerada daquela trama.

Logo que entrou no vestiário, a jovem deixou que seu sorriso se alargasse assim que avistou a professora à sua espera.

– Oi! – Milena cumprimentou, diminuindo o ritmo dos passos ao se aproximar de Clarissa e soltando a mochila no chão. – Desculpe, vim correndo, mas mesmo assim perdi alguns minutos.

Com total naturalidade, Milena a tomou nos braços e procurou por seus lábios. Clarissa sentiu a pele toda arrepiada e o frio característico no estômago, mas não se permitiu entregar-se àquele deleite. Apoiou as mãos nos ombros da aluna e a afastou.

– Milena, não, ok? Por favor, nós... Nós precisamos conversar.

A garota cruzou os braços sobre o peito, arqueando as sobancelhas e torcendo levemente a boca. Mas então assentiu lentamente. Como tinha suspeitado, Clarissa tinha optado pelo caminho mais fácil.

– Conversar você diz... Ok, Clarissa, o que quer me dizer? – Milena sorriu brandamente.

A professora abriu e fechou a boca repetidas vezes, sem conseguir ordenar a confusão de seus pensamentos ou controlar a tensão de seus nervos. Milena estava calma, como sempre. E Clarissa já não sabia mais dizer quem era a adolescente ali.

– Essa, hum, essa situação... – a professora indicou o espaço entre elas. – Nós fomos longe demais com esse desatino, Milena. Eu estou noiva do Giovane, nós iremos nos casar em alguns meses, então é melhor interrompermos esse nosso... Nosso... Lance... De uma vez por todas.

Clarissa esperou por alguma reação, mas tudo o que Milena fez foi cerrar ligeiramente os olhos, sem perder o foco de seu rosto. A professora percebeu que era analisada e se sentiu nua e desarmada frente ao intenso olhar que vasculhava até a sua alma.

– Lance? – indagou a mais jovem. – Me desculpe, você disse várias coisas, mas eu parei nessa palavra. Desde quando um relacionamento de mais de seis meses é apenas um lance, Clarissa?

Nervosa, beirando o desespero, a professora apenas passou as mãos pelos cabelos e acabou dando as costas para a outra. Ela já tinha dito o que queria, então por que, simplesmente, não saía pela porta?

– Chame como quiser, mas o faça no passado. Você é uma menina maravilhosa, Milena. Tem um prodigioso futuro pela frente, sabemos como será. Você logo estará em um time melhor, longe daqui, e mil garotas desejarão ser sua namorada. Vamos parar enquanto temos coisas boas para nos lembrar.

– É disso que se trata, Clarissa? Está apenas adiantando o nosso término? – A voz de Milena saiu firme, quase arrogante, mas ao mesmo tempo doce e incisiva. Era como um corte de uma lâmina gelada e cega pela pele de Clarissa.

A professora fechou os olhos com força, aproveitando que seu rosto estava oculto. Precisava ser forte, mais forte do que nunca, caso contrário, Milena poderia sair dali com alguma esperança. Fez um esforço para engolir, sentindo a boca seca e áspera. Aquilo não podia virar uma discussão, não deveria deixar espaço para que a amante argumentasse.

Tomando fôlego, Clarissa se virou, o semblante sério, duro, os olhos brilhando com lágrimas que ela jamais verteria. Encarou Milena com intensidade, direcionando a raiva que ela sentia para a garota:

– Não, Milena, você precisa entender! Eu amo o Giovane, ok? É com ele que quero e vou me casar. O meu futuro está aqui, em Vale do Hans. Siga a sua vida! De hoje em diante, voltarei a ser apenas a sua professora. Se não souber lidar com isso, eu dou um jeito de trocar de turma. Lembre-se disso da próxima vez em que nos encontrarmos.

Clarissa apanhou sua bolsa, respirando fundo, decidida a sair daquele vestiário o quanto antes, e aí seria o fim. A relação delas ficaria definitivamente para trás a cada passo que desse.

Assim que passou ao lado da aluna, Clarissa sentiu seus braços capturados e, antes que pudesse evitar, estava presa entre Milena e os armários do

vestiário.

Clarissa se viu imobilizada, tentou se soltar, lutar, puxar e empurrar, mas Milena era ágil e mais forte do que ela. Todo o seu esforço apenas resultou numa prisão ainda mais acirrada, os corpos mais próximos, quentes, agitados.

Seguiu-se uma dança sem ritmo, sem condução, sem palavras ou olhares. Clarissa ofegava e sentia gotas de suor condensando em sua pele. O rosto de Milena estava próximo, o perfume de seus cabelos começava a turvar seus sentidos. Os lábios entreabertos atraíam seu olhar sem clemência.

Seu corpo despertava, mesmo que sua mente lhe ordenasse o contrário. Suas emoções afloravam ao abraço cálido que recebia, estava submissa e sentiu raiva ao ver que aquilo mexia tanto com sua libido. Seus braços formigavam sob a pressão dos dedos de Milena, sua cabeça latejava com tantas informações.

Quando olhou nos olhos de Milena, Clarissa sentiu medo. Medo do que encontrou neles, das verdades que gritavam, das mentiras que revelaram, viu a si mesma flutuando nos anseios de Milena, viu a si mesma se entregando novamente àquele desatino.

As respirações se mantiveram ofegantes, mesmo com a luta interrompida. E Clarissa se manteve imóvel, mesmo após Milena afrouxar o contato. Clarissa continuou presa, agora pelo próprio corpo, que se recusava a se afastar do de Milena.

A aluna elevou uma das mãos e segurou o rosto de Clarissa, prendeu os dedos em seus cabelos, arranhou sua nuca e manteve seus olhos cativos com intensidade.

Clarissa quis chorar, quis cair, mas Milena a segurou. Sentia-se viva, pulsando, latejando e clamando pela paixão que a aluna lhe despertava com tanta facilidade. Milena era brasa, era ferro, e marcava Clarissa a cada toque, deixando cicatrizes em espirais por toda a sua alma.

Mas Milena também era o bálsamo que a curava, a certeza, a única certeza que a mantinha. Milena era a representação de seus ímpetos, mas também era a realidade que a separava daquela realização.

A efemeridade daquele momento parecia cobrar anos da vida de Clarissa e ela se viu fraca demais para resistir quando Milena finalmente a beijou. E o fez com tanto ardor que Clarissa perdeu todo o fôlego que mantivera preso.

O beijo de Milena, que começou apaixonado, terminou duro e magoado. Sem esperar, a garota se afastou da professora. Seu rosto transmitia desafio e uma lógica que Clarissa não alcançou.

– Aquele mauricinho jamais fará você se sentir assim, Clarissa. Vale a pena viver uma relação nessas condições? – disse com a voz fria, porém calma. – Engane-se o quanto quiser, mas você sabe que quer mais da vida do que essa relação estagnada, essa rotina vazia, monótona. O nosso lance foi a coisa mais real que você já teve; a Clarissa que estive na minha cama tantas vezes é a verdadeira.

Sem dizer ou fazer qualquer outra coisa, Milena apanhou sua mochila e deixou o vestiário.

– Capítulo 14 –

Retaliação

Lana soube que passaria mais um dia inteiro de mau humor assim que jogou o despertador contra a parede e voltou a se tapar com a coberta. Tentou adormecer novamente, mas não conseguiu obrigar seu cérebro a retornar para o estado de hibernação.

O rosto de Julia voltou a assombrá-la assim que abriu os olhos. No dia anterior, já tinha sofrido aquela tortura. Pelo menos os problemas de Renata tinham servido a um bom propósito, e cuidar da amiga havia distraído a policial. Mas ela sentia que, de alguma forma, ainda estava longe de se livrar dessa aflição.

Lana sequer tocara no assunto com a melhor amiga. Um pouco porque Renata estava com a cabeça mais do que cheia, mas outro tanto, também, porque sequer sabia o que dizer, ou como definir o que tinha acontecido.

Por sorte, Lana teria um dia conturbado na delegacia, caso contrário, a policial iria acabar descontando seu desagrado na cara de algum colega.

Suspirando alto e jogando o cobertor de qualquer jeito, Lana pulou da cama e seguiu para o banho. Renata já estava acordada e preparou o café da manhã. As duas amigas trocaram poucas frases. Ambas estavam confusas demais para qualquer conversa trivial.

Lana entrou na delegacia e seguiu direto para a sua nova sala. Ainda não tivera tempo para arrumar todas as suas coisas e os únicos itens pessoais que colocara foram dois porta-retratos sobre a mesa. O primeiro, com a foto dela e das amigas, ainda adolescentes, em frente ao Relógio das Flores. O segundo guardava uma fotografia dela com Julia.

Mesmo com todo o esforço do mundo, Lana ainda se via presa aos momentos que vivera no apartamento da jornalista. Tantos meses esperando por aquilo, ansiando pela chance de ter Julia em seus braços, provar seus beijos, seu gosto; sentir seu cheiro e seu calor...

Lana se sentia invadida por sentimentos conflitantes, que a impediam de se concentrar em qualquer outra coisa. Uma parte de si estava feliz, mais viva do que nunca. Beijar Julia tinha sido mais maravilhoso do que em qualquer um de seus devaneios.

A policial sabia que estava perdida. Sempre identificara o desejo por Julia, a vontade de tê-la para si, mas agora estava sentindo algo muito mais forte,

mais intenso. Um sentimento que a entorpecia e só fazia crescer a vontade pela jornalista.

Mas, também, havia arrependimento. A amizade de Julia sempre fora mais preciosa do que qualquer pensamento amoroso por parte da policial. Lana temia que tivesse rompido uma linha que nunca mais poderia ser remendada.

Não havia como negar que a relação delas havia se transformado e Lana tinha medo de pensar no que poderia ser dali para frente. Por que Julia expulsara Lana de seu apartamento? Por que a recusara?!

– Caraminholas na cabeça, Mansini?

Lana se sobressaltou ao ouvir a voz de Montoya, que entrou em sua sala e se encostou na ponta da mesa da policial.

– Será que a sua mãe nunca te disse que é falta de educação sentar na mesa? Ainda mais na dos outros? – Lana puxou uma folha de ofício que estava presa embaixo do colega.

Montoya apenas riu, mas não se moveu.

– Ah, não se preocupe com os outros! – O policial se inclinou na direção da amiga. – A sua é única mesa que desperta isso em mim.

Lana respirou fundo, pensando seriamente em sacar sua arma ou jogar o colega pela janela.

– Você tem sorte por eu dar tanto valor à minha carreira, ou já teria perdido uma dúzia de dentes!

Montoya sabia que aquilo era verdade e, justamente por isso, voltou a rir da amiga.

– Melhor guardar todo esse “amor” para o trabalho – sugeriu o agente. – E, por falar nisso, temos que acompanhar a perícia do caso de homicídio duplo da semana passada. Está marcado para daqui quarenta minutos.

Lana inclinou a cabeça para trás e suspirou longamente. Tinha se esquecido daquele compromisso.

– Eu estou cheia de papelada para analisar, Montoya – a policial fez uma careta, indicando a pilha de arquivos que tinha sobre a mesa. – Será que você não pode quebrar essa pra mim?

O colega sorriu de lado e finalmente levantou.

– Eu até poderia, Lana, você sabe... Mas o Inspetor Ferraz foi bem claro quando disse que nós dois deveríamos ir.

– O que esse cara tem com isso?! – Lana se controlou para não xingar o Inspetor de todos os nomes que conhecia.

– Nada, pra falar a verdade – Montoya pareceu pensar um pouco no

assunto. – Mas ele ainda é nosso superior, melhor não arranjar briga por coisa pequena.

Balançando a cabeça, Lana mordeu o canto da boca e assentiu, de má vontade.

– Ok, mas vá à frente com a viatura. Eu vou dar uma adiantada nisso aqui e depois te alcanço, pode ser?

– Pode. Mas não se atrase! – disse o policial, enquanto se retirava da sala da amiga,

Lana respirou fundo e apanhou uma das pastas.

O trânsito estava tranquilo àquela hora, mas mesmo assim a Linha Verde mantinha um grande fluxo de veículos. Lana guiou sua moto para uma rua paralela, sabendo que não poderia perder um minuto que fosse ou se atrasaria para encontrar Montoya.

A policial seguiu por mais duas quadras antes de precisar parar em um sinal vermelho. Lana aproveitou para espiar as horas e respirou satisfeita calculando que chegaria a tempo.

Um Fiat Fiorino preto parou ao seu lado. Um pequeno alarme soou na mente de Lana: não era comum aquele tipo de veículo ser pintado na cor preta.

O motorista abriu o vidro, trazia um palito de madeira preso entre os dentes. O homem analisou Lana da cabeça aos pés, antes de abrir um sorriso sacana.

– Oi docinho. Por que não deixa essa moto e vem comigo tomar um drinque? – o motorista riu, seguido pelo homem que estava ao seu lado.

Lana olhou pelo retrovisor e viu duas motos se aproximarem, também pretas, assim como a roupa e os capacetes de seus pilotos.

– O que foi, docinho? – continuou o motorista. – Não precisa ter medo. Todas adoram passar algum tempo na minha companhia.

Lana respirou fundo e abriu a viseira do capacete. O motorista da Fiorino rolou o palito na boca.

– Quando essa merda acabar, pode estar certo de que eu vou enfiar esse maldito palito no seu rabo! – A policial acelerou a moto, desviando por pouco do carro que passava no sinal amarelo.

Lana ouviu os pneus derraparem quando a Fiorino e as duas motos aceleraram atrás dela. A policial estava em uma tremenda desvantagem, sem contar que não poderia pedir apoio e pilotar ao mesmo tempo. Ela também sabia que eles não a perseguiriam por tempo suficiente para que pudesse

chegar a um posto policial ou delegacia. Logo começariam a atirar.

Como policial, Lana não poderia permitir que qualquer civil fosse alvejado por acidente. Ela sabia que teria que agir e pensar mais rápido do que nunca se quisesse escapar daquela armadilha.

Ainda em alta velocidade, virou em uma esquina mantendo o equilíbrio da moto com muito custo. Ao final da rua, localizou uma série de armazéns que estavam há meses embargados pela justiça e, por isso, sem qualquer funcionalidade. Lana abriu a jaqueta antes de acionar os freios, virando bruscamente o corpo para que a moto girasse cento e oitenta graus e ficasse de frente para os seus perseguidores.

Sacou a pistola e mirou na primeira moto. Acertou o piloto no peito e ele derrapou até bater contra um dos muros que os rodeavam. O segundo motoqueiro também sacou uma arma e atirou. Lana sentiu o ombro esquerdo queimar intensamente. Com a respiração presa e os dentes cerrados, disparou contra o desconhecido e o acertou no abdômen e na perna, fazendo-o cair da moto, inconsciente.

Seus ouvidos zumbiam, seu ombro ardia, e escorria sangue quente pelo seu braço, mas ela não poderia parar, ou morreria.

A Fiorino era mais lenta, mas iria atropelá-la em questão de segundos. Lana desceu da moto e correu para o portão de ferro que guardava a entrada dos armazéns, atirou no cadeado e chutou a tranca.

– Não adianta correr, docinho! – gritou o homem com o palito na boca. – Quanto mais tentar resistir, mais prazeroso será te encontrar!

Lana correu e entrou no primeiro galpão, uma construção antiga e mista de ferro, cimento e madeira. Seus olhos o percorreram durante os poucos segundos que usou para recuperar o fôlego. Estava muito sujo, muito atravancado, cheirando a mofo e a poeira. Ela precisava de um plano, precisava ganhar tempo. Todo o seu treinamento a preparara para situações como aquela e Lana estava torcendo para que os seus instintos não a deixassem na mão.

Ouviu quando os bandidos restantes atropelaram o portão que ela deixara semiaberto. Ouviu um deles dar algumas ordens e tentar chamar pelos dois motoqueiros que Lana havia derrotado.

A policial avançou entre uma pilha de tapumes encardidos e subiu em uma antiga empilhadeira para se içar até as grossas vigas que sustentavam o telhado. Equilibrou-se da melhor maneira que pôde e tirou o celular do bolso. Foi difícil digitar com os dedos sujos de sangue, segurando a pistola e

evitando uma queda que poderia quebrar seu pescoço.

Por fim, conseguiu enviar um pedido de socorro a Montoya, calculando que os policiais levariam, ao menos, quinze minutos para chegarem até ali. Uma onda gelada transpassou sua coluna a avisando que ela não poderia dispor de tanto tempo.

Lana ouviu três pares de passos calmos entrando no galpão. A porta que fora escancarada por um deles jogava um intenso feixe de luz no grupo, e a policial pôde observar que apenas dois deles empunhavam armas, mas ela sabia que o bandido do meio também estava armado. Era o mesmo que a abordara, o que mantinha um palito irritante entre os lábios, somado a um sorriso debochado e doentio que, mesmo à distância, Lana pôde perceber.

Pelas roupas e pela forma como agiam, Lana os classificou como mercenários. Homens que matavam às vezes por dinheiro, às vezes por prazer, normalmente pelos dois; mas que não se preocupavam em adquirir qualquer metodologia ou disciplina para isso.

O motorista tirou o palito da boca e apontou para que os outros dois procurassem nos fundos. O homem colocou o palito novamente entre os dentes e olhou em volta.

Lana sentiu o ódio ferver em suas veias, mas não tinha mira de onde estava. Esquadrinhou todo o galpão e localizou os outros dois enquanto criava em sua mente uma maneira de sair viva daquela situação.

– Ouvimos muito a seu respeito, agente Mansini, quando nos contrataram para esse serviço – começou o sujeito que ficara perto da porta.

O homem riu de uma maneira que fez o sangue de Lana gelar em suas veias. E então ele continuou:

– Falaram que você era astuta e dura na queda. Ah, eu simplesmente adoro um desafio! Então estou realmente ansioso para que isso seja verdade. – ele olhou em volta, novamente. – Você se saiu bem ali fora, reconheço que já estou impressionado.

Lana viu, mesmo à distância, o sorriso malicioso do bandido. Ele trazia um brilho sinistro nos olhos, cheio de planos, de lembranças, de expectativas. A policial foi tomada por outro calafrio, mas o calou deixando uma onda de raiva se apoderar dela.

– Pode vir com tudo, docinho! Não se acanhe, o Malti aqui vai cuidar bem de você – o homem abriu os braços e voltou a rir.

Lana cerrou os dentes com força, mas se manteve na posição. Sentia a adrenalina tomando conta, seus músculos estavam tremendo, estava agitada

por dentro. Aquilo já estava se tornando pessoal.

Sorrateiramente, a agente seguiu pelas vigas frágeis, medindo seus movimentos para que não fizesse nenhum barulho. Os outros dois homens vasculhavam cada canto do galpão, chutando caixas e derrubando placas de madeira.

Lana os analisou taticamente: um deles era mais baixo, mas robusto e apontava a arma em cada direção que olhava. O outro era desajeitado, impaciente, descuidado; ela o viu se cortar em uma chapa de aço e praguejar uma série de blasfêmias, arrancando risos do comparsa.

Quando se afastaram um do outro alguns metros, Lana desceu usando as falhas da parede de tijolos como apoio. De onde estava, ouvia Malti assobiando feliz, ansioso. A luz do sol não chegava até aquele ponto, e ela se escondeu nas sombras enquanto contornava o sujeito atarracado.

Lana se abaixou perto de uma pilastra e vasculhou o chão à procura de algo pesado. Encontrou um pedaço de concreto retangular que media uns trinta centímetros e aguardou que o homem entrasse em seu campo de visão.

Num pulo, Lana o atacou, golpeando sua nuca com força. O sujeito apagou na mesma hora e desabou sobre a agente, que o aparou na esperança de não alertar os outros dois bandidos. Ele parecia pesar uma tonelada e o ombro machucado de Lana explodiu de dor, mas ela conseguiu arrastá-lo para um canto do galpão.

Apanhou a arma dele e a escondeu em uma pilha de entulhos. Sua respiração estava acelerada e ela olhou ao redor à procura do resto do bando.

Malti acendia um cigarro, na mesma posição, guardando a entrada do galpão. O outro homem rodeava a empilhadeira que Lana usara para acessar as vigas superiores.

– Ei, Malti... – ele chamou, rindo. – Há sangue aqui. Parece que a nossa amiguinha está ferida. Que dó.

Os dois homens riram com desdém.

– Borges, algum sinal dela aí atrás? – Malti perguntou.

Lana sorriu. Borges se encontrava indisponível naquele momento.

– Borges? – o sujeito alto o chamou e então olhou para Malti.

O silêncio foi quebrado pela risada de Malti, que jogou a bituca do cigarro ao lado e finalmente sacou a arma.

– Ora, ora, agente Mansini, parece que neutralizou outro dos meus homens – ele repôs o palito entre os dentes e chamou o companheiro com um aceno.

Lana umedeceu os lábios e leu rapidamente a mensagem de Montoya

dizendo que estava a caminho. A policial respirou fundo, o tempo estava contra ela, estava em desvantagem, mas também estava com uma tremenda raiva acumulada.

Malti e o outro avançavam lado a lado, com os sentidos aguçados, à procura de Lana pelos cantos mais escuros. Um plano audacioso e totalmente irresponsável se formou na mente de Lana e ela sorriu consigo mesma formulando sua execução. Ela poderia, tranquilamente, atirar nos dois homens antes que eles tivessem qualquer chance de retalhar.

Mas ela não iria fazê-lo. Tinha tanta tensão acumulada em seu corpo, sentia tanta necessidade de se arriscar, de se colocar à prova; de extravasar todo o medo, a agonia, a amargura que vinha sentindo nos últimos dias que já não parecia uma insanidade enfrentar aqueles dois homens.

Lana se sentia traída, vulnerável, estupidamente pega em uma armadilha, com sua cabeça no mercado, sendo caçada por sujeitos tão estúpidos, boçais e desrespeitosos.

Para a agente, Malti e sua turma simbolizavam o que de mais podre existia na humanidade. Eram burros, violentos, inescrupulosos e brincavam com a vida dos outros como se fosse nada. Ela já tinha cruzado com muitos outros mercenários para achar que aqueles mereciam qualquer clemência.

Focando sua mente no que estava por vir, ela retesou os músculos, travando a dor no ombro e consultando cada um dos seus sentidos. Lana guardou a pistola no coldre que tinha preso ao tronco, rastejou entre os escombros até encontrar dois cilindros de aço que eram usados para travar as correntes de carga. Cada um media sessenta centímetros e o peso era confortável em suas mãos.

Ela esperou que o céu limpasse e agiu quando um feixe de luz irradiou pela porta do galpão.

– Ei babacas! – chamou Lana, indo de encontro a eles.

Quando se viraram, foram cegados pela forte iluminação que vinha do exterior. O sujeito mais alto cerrou os olhos e tentou mirar em Lana, mas ela estava já estava sobre ele, acertando-o com violência na lateral do rosto, fazendo voar sangue e saliva para todos os lados. O mesmo golpe atingiria Malti, mas ele o bloqueou com o braço. Os dois homens gritaram de dor e recuaram.

Lana precisava se mover com destreza e logo voltou a atacar o bandido mais alto, acertando sua mão e quebrando seus dedos ao desarmá-lo. Com um giro rápido, a policial atingiu Malti nos joelhos, desviando dos golpes e tiros

que ele disparou na posição que ela ocupava até poucos segundos.

Lana atirou os cilindros contra o bandido alto, acertando-o no meio da testa, abrindo um corte feio em seu nariz. O sujeito despencou sem resistência sobre uma pilha de madeira podre, fazendo subir imediatamente uma densa e escura nuvem de serragem, poeira e mofo.

O barulho ecoou pelo galpão e Lana sentiu os olhos e pulmões arderem com aquela poluição. Sua visão turva apenas identificou Malti se erguendo em sua direção, ela recuou e sacou a pistola imediatamente.

Quando o ar voltou a se limpar, eles estavam frente a frente, com as armas a centímetros do rosto um do outro. Lana riu ao ver que o bandido ainda tinha o palito entre os dentes.

Ele era alguns centímetros mais baixo do que ela, tinha algumas cicatrizes no canto do olho e fedia a suor e vinho azedo. Seus olhos eram opacos, atentos e desprovidos de qualquer piedade.

Lana teve a impressão de ouvir sirenes ao longe e esperou por uma reação do bandido, mas Malti não pareceu se importar com aquilo.

– Jogue sua arma e se renda! – ordenou a policial.

O sujeito riu, desdenhoso.

– Não será assim tão fácil, docinho. Ainda tenho trabalho a fazer, não é mesmo? – Ele piscou e mudou o palito de lado.

Lana trincou os dentes com tanta força que poderia parti-los, sua pele brilhava de suor, os músculos rijos, prontos. Num movimento ágil, segurou o braço de Malti, impedindo-o de disparar sua arma contra ela, e acertou um gancho de esquerda em cheio em seu queixo.

O bandido recuou alguns passos e Lana o desarmou com um chute baixo, fazendo sua arma deslizar para longe. Malti levou a mão à boca e cuspiu o sangue aos pés de Lana.

– Sua vadiazinha, eu vou acabar com você!

Lana o viu correr ao seu encontro com um grito esganiçado e rancoroso, tentou tirar o corpo, mas ele se chocou pesadamente contra ela, prendendo-a contra uma pilastra e fazendo-a disparar contra o chão antes de soltar a arma.

Malti acertou-lhe um soco no estômago que a fez ver estrelas. Com um rugido rouco, Lana o segurou pela nuca e acertou uma joelhada no abdômen.

O bandido ofegou e Lana o empurrou antes de acertar uma direita em seu rosto, seguido por outro golpe com a esquerda em seu queixo. Malti revidou e por pouco não acertou o nariz dela.

E então ele sacou uma faca do bolso da calça. Era uma lâmina curta, mas

afiada, e Lana viu o seu próprio reflexo nela. Malti sorriu, seus olhos injetados deixavam claro que ele tinha muito apressado pela lâmina.

A agente desviou da primeira investida, tentando impor uma distância segura entre os dois. Malti a fez mover-se em círculos, perseguindo-a, medindo-a, tentando minar sua confiança.

Num movimento ágil, Lana escapou de outra estocada, mas se arriscou tentando acertar outro golpe com os punhos, pois Malti se esquivou e bradou a faca na sua direção, e ela teve pouco espaço para recuar. A lâmina a acertou logo abaixo das costelas, e saiu queimando como brasa de sua carne. Um grito de dor raivoso escapou entre seus dentes e ela sentiu gotas de suor escorrem por sua testa, assim como o sangue sob suas roupas.

Malti riu quando recuperou a arma que brilhava escarlate.

– E esse é só o começo, docinho!

O bandido se sentia confiante e a atacou novamente, raspando a ponta da faca na jaqueta de Lana, que aproveitou o movimento para se colocar às costas de Malti e o empurrar contra uma pilastra. O sujeito bateu com a testa e Lana o prensou com a cara no cimento enquanto torcia seu pulso e o fazia soltar a faca.

Malti grunhiu de dor, de raiva, e atirou o cotovelo contra o rosto de Lana, que conseguiu aparar o golpe, mas foi impulsionada para trás, acabando por tropeçar em um tijolo, perdendo o equilíbrio. Foi o suficiente para Malti investir novamente, jogando-a no chão e caindo pesadamente sobre ela.

Lana perdeu todo o fôlego quando bateu com a cabeça no concreto. O sangue de Malti pingava em seu rosto e a expressão de um ódio maníaco tilintava em seus olhos. Ele tentou prender seus braços e, quando não conseguiu, envolveu o seu pescoço com as mãos ásperas e cruéis.

– É assim que eu gosto, sabia? – Ele sorriu daquela maneira doentia novamente. – Gosto de olhar bem fundo nos olhos enquanto a vida vai deixando o corpo... Lenta e dolorosamente...

Lana retesou a garganta, sabia que conseguiria resistir apenas alguns segundos antes de perder a consciência. Com o que lhe restava de força, livrou um dos braços e tateou ao redor, agradecendo quando seus dedos se fecharam em algo de tamanho e peso satisfatórios, que ela imediatamente acertou com violência no rosto do bandido. O pedregulho explodiu em uma nuvem de concreto, poeira e sangue.

Malti sentiu o golpe e aliviou o aperto o suficiente para Lana conseguir jogá-lo para o lado com as pernas. Sem perder tempo, a agente pulou em

cima dele e começou a esmurrá-lo alternadamente com as mãos cerradas. A cada golpe, suas juntas reclamavam e estalavam e mais sangue ela tirava do rosto dele, mas Lana não conseguia parar.

– Lana!

Malti já não tentava se defender, era apenas o saco de pancadas de Lana. E ela sentiu medo. Medo de nunca mais ver Renata, Paloma, Clarissa e principalmente Julia. Ela sentiu medo porque quase morrera e se sentiu estúpida por ter se arriscado tanto daquele jeito.

– Lana! Pare!

Ela não ouviu as sirenes, não ouviu os outros agentes invadindo o galpão. Não ouviu Montoya correndo ao seu encontro e a chamando desesperado.

Lana sentiu lágrimas ardendo em seus olhos quando braços decididos a tiraram de cima de Malti. Ela não resistiu, apenas desabou de exaustão e viu o rosto de Montoya quando o amigo a amparou.

Então ela observou suas mãos cheias de sangue e se sentiu aliviada por ter expurgado tantos demônios naquela tarde.

– Capítulo 15 –

Pétalas Caídas

Julia tentava, inutilmente, se concentrar no trabalho. Pela manhã, a redação costumava ficar bastante calma, mas o menor ruído roubava a atenção da jornalista e fazia com que ela perdesse toda a linha de raciocínio de um artigo que parecia não querer sair nunca.

Apanhando o terceiro café na cozinha, ela resolveu dar um tempo para a sua cabeça. Talvez, se passasse alguns minutos deliberadamente pensando em Lana, pudesse, depois, retomar suas atividades sem que as recordações da noite do jantar embaralhassem suas ideias.

O esforço, é claro, foi totalmente inútil, assim como o café. De que adiantava se manter acordada se continuava sonhando? E, pior, desejando algo que jamais poderia acontecer?

Tensa, Julia decidiu mudar de foco. O artigo não daria em nada, mesmo. Não precisava da opinião do editor para saber que não havia relevância alguma naquela publicação.

Ultimamente, sua cabeça só funcionava a pleno vapor quando o assunto era o escândalo da Segurança Pública. Então, disposta a se ocupar de alguma coisa, Julia decidiu reler tudo o que já tinha conseguido reunir sobre o caso, como se pela simples insistência, alguma ponta solta pudesse, enfim, fazer sentido para ela.

Da última vez em que havia tentado algo do tipo, lograra êxito. Tinha deixado o orfanato aos dezoito anos, com muito pouco além de relatos desconstruídos e o firme propósito de descobrir de onde viera. Dez anos depois, já tinha descoberto até demais. Coisas que não queria saber. Fatos e detalhes que preferia que tivessem ficado enterrados num passado de mentiras.

Pior que não saber, era ter certeza.

Mais doloroso do que ter sido abandonada, foi descobrir o motivo.

Quando se deu conta, Julia tinha lágrimas nos olhos. Disfarçou, rapidamente, antes que algum colega a apanhasse. A Julia Ávilla da redação era uma mulher impenetrável e assim continuaria sendo. Mas, para isso, era impreterível que ela parasse de pensar em Lana. Era imperativo que ela tirasse aquele beijo da cabeça, da memória, dos sentidos.

Lana Mansini era uma excelente amiga e qualquer coisa além disso

ultrapassava todos os limites impostos pelos planos que Julia havia traçado há mais tempo do que conseguia lembrar.

– Quem é Lana?

Assombrada, Julia se voltou para a secretária, questionando-se sobre a capacidade dela em ler seus pensamentos.

– Como disse?

– Perguntei se você conhece alguma Lana. Ligaram para cá atrás de você, parece que houve um acidente ou alguma coisa assim.

Julia saltou da cadeira, sem respirar.

– Acidente? Quem ligou? O que disseram?

– Um tal de Montoya... – disse a garota, um pouco sem reação ao ver que o sangue havia sumido da face de Julia. – Você sabe do que se trata?

A jornalista já estava vestindo o casaco, às pressas, apanhando sua bolsa e as chaves do carro, deixadas na primeira gaveta da mesa.

– Ele deixou telefone? – perguntou Julia, a passos largos, em direção ao elevador.

– Anotei pra você. Ei, você está bem? Não quer ligar primeiro para saber do que se trata?

Julia a ignorou completamente. Pegou o bilhete com o telefone do colega de Lana e deixou a redação. Enquanto dirigia rumo à delegacia, apanhou o celular.

Ela se lembrava de Montoya somente de vista, mas Lana falava muito dele. Julia mudou a rota ao receber as primeiras informações. Dirigindo no limite, fazendo ultrapassagens perigosas e ignorando dois sinais vermelhos, ela chegou ao hospital quinze minutos depois.

Na sala de espera, reconheceu Montoya e dois outros colegas de Lana. O semblante de todos era bem menos carregado que o de Julia.

– Cadê ela? Cadê a Lana?

– Calma, moça, ela está bem. Estão fazendo uns curativos e vendo se curam aquela cabeça dura. Mas isso, acho difícil...

Os três policiais riram, e Julia teve vontade de esbofetear todos eles, começando por Montoya, que em seguida acrescentou:

– Você precisa ver os caras que ela pegou... Vão passar um bom tempo de molho antes de se mudar pro xadrez.

Julia trincou os dentes para conter sua raiva. Os homens perceberam que ela não estava achando a menor graça, e Montoya tentou consertar a situação:

– Moça, ela está bem.

– É, a Mansini é dura na queda – disse o outro.

– Nossa detetive Chuck Norris! – acrescentou o terceiro, o que foi seguido por novas gargalhadas.

Mas nem todas as risadas do mundo seriam capazes de acalmar Julia enquanto ela não conseguisse ver Lana e ter certeza de que realmente não fora nada grave.

Em seguida, Montoya conseguiu convencer a jornalista a tomar um copo de água. Sentando-se ao lado de Julia, ele explicou:

– Parece que ela levou um tiro de raspão e uma facada. Mas nenhum dos dois foi grave.

– Tiros? Facadas? Como você pode me dizer que não é grave? Se não fosse grave, ela já teria sido liberada, você não acha?

Montoya sorriu, dando dois tapinhas no ombro de Julia.

– Acontece que eu te liguei assim que a encontramos. Quando você retornou, a gente tinha acabado de chegar. Devem estar costurando ela, isso demora um pouco.

Julia apertou os olhos e se assustou ao notar que eles vertiam espessas lágrimas. Meneando a cabeça, ela tentou respirar profundamente, mas a lufada de ar só trouxe um aperto ainda mais agudo ao seu peito.

Torcendo as mãos sobre o colo, nervosamente, Julia tentava entender o que sentia naquele momento. Tinha expulsado Lana da sua casa naquela mesma semana. Não, primeiro, tinha sido burra o suficiente para corresponder ao beijo dela. Depois, tinha sido mais burra ainda de mandá-la embora daquela maneira intempestiva, sem qualquer tipo de explicação.

De repente, os fatos e a linha da vida de Julia se embaralharam e apareceram na ordem inversa. Talvez fosse a cortina de lágrimas prejudicando sua visão do mundo. Ou talvez seu desejo de encontrar a luz no fim daquele túnel escuro tivesse sido atendido, ainda que de um jeito bastante estranho.

Tudo seria diferente se Lana estivesse em primeiro plano.

Mas Julia só tinha conseguido pensar nisso diante do medo de perdê-la para sempre.

Quando Lana apareceu, na sala de espera, estava cheia de curativos, mas com o sorriso de uma criança apanhada na travessura. O sorriso vacilou bastante ao perceber Julia entre seus colegas. A jornalista foi a primeira a ir ao seu encontro.

– Julia?

– Montoya me ligou – disse, para em seguida abraçar Lana com tanta força que a policial sentiu mais dor ali do que quando havia sofrido os golpes.

Depois, completamente destemperada, Julia empurrou Lana pelo ombro que não estava ferido.

– O que deu em você pra enfrentar sozinha um bando inteiro?!

Lana mirou rapidamente o grupo de colegas que aguardava por ela, e notou que eles imediatamente fingiram não prestar atenção na conversa.

– Olha, eu acabei de levar uma dúzia de pontos, talvez seja melhor você pegar leve.

– Pegar leve? – Julia forçou um riso nervoso. Seu rosto estava transfigurado por dores que Lana não compreendia. – Você se atira pra morte numa emboscada e eu tenho de pegar leve?

– Julia, o que foi? Eu to bem, não tá dando pra ver?

Sem entender nada, Lana observou Julia ficar ainda mais nervosa. Os lábios da jornalista tremiam de raiva enquanto ela disparava a próxima frase:

– Você está bem porque teve sorte. Poderia ter morrido! Poderia ter...

Percebendo que Julia pretendia lhe dar as costas, Lana se adiantou para detê-la. Apesar dos remédios, a policial sentiu o corte na barriga arder com o movimento brusco.

– Julia, eu não estou te entendendo.

A jornalista suspirou pesadamente. Notar a dor explícita de Lana, apesar de ela ter sido disfarçada, acabou com qualquer tentativa de Julia fingir que poderia controlar suas emoções.

– E você acha que eu estou me entendendo? Quando o Montoya ligou, eu pensei... Eu... Na verdade eu não pensei...

Lana acabou sorrindo, o que deixou Julia ainda mais contrariada.

– Apesar de não ter sido nada, achei legal você ter vindo.

Julia a olhou nos olhos, mas logo quebrou o contato, arrependida.

– Nada? Como você pode ser tão irresponsável?

Confusa, Lana bufou, cruzando os braços. Novamente, a dor aguda a pegou de surpresa. Julia continuou:

– Então, já que não foi nada, estou indo. Melhoras pra esse seu nada!

Lana mal piscou os olhos e Julia já tinha atravessado a porta da frente do hospital. A policial até fez menção de ir atrás dela, mas seus colegas a impediram.

– Calma aí, *BatGirl* – brincou Montoya. – Deixa eu ver isso aqui. – Apertou o ombro dela. – Dói?

– Ai!!! O que você acha? – ralhou Lana, indignada.

– Vá se acostumando. Enquanto você não puder revidar, vou me vingar por todas as sacanagens nas madrugadas de plantão – disse o colega.

Lana não sabia se ria ou se chorava. Era óbvio que Montoya estava falando sério.

– Vocês não têm nada melhor pra fazer na delegacia? – questionou ela, amuada.

– E perder o showzinho? – o policial brincou, apontando para a porta que Julia atravessara. – Não acha que estava se esquecendo de nos contar algumas coisas, Mansini?

– Bom, se vocês entenderam o que foi isso, podem fazer o favor de me explicar?

O outro policial comentou:

– Tudo o que eu entendi disso foi que a Mansini pode ser muito corajosa com os marmanjos, mas, em casa, quem manda é a patroa!

Os três colegas riram a valer, enquanto Lana tentava acertá-los, arrependendo-se imediatamente.

– Uma semana! – prometeu Lana. – Uma semana e eu faço os três engolirem cada palavra!

– Mas será que a bonitinha vai deixar? – provocou Montoya. – Imagina se você se machucar de novo?

As gargalhadas foram tantas que uma enfermeira teve de intervir. Os policiais se desculparam e, em seguida, ajudaram Lana a deixar o hospital.

– Temos de tomar seu depoimento em vinte e quatro horas ou a corregedoria pega no pé, você sabe as regras. Vai querer marcar pra quando?

Em qualquer outra situação, Lana teria preferido deixar para a manhã seguinte, mas, naquele momento, ela não conseguia pensar direito. Então, resolveu se livrar daquilo o mais rápido possível, para poder se abrigar em casa.

Tudo o que ela queria era um pouco de paz. A adrenalina tinha desaparecido completamente, deixando em seu lugar uma porção de dores, a dormência chata dos remédios e a sensação de que Julia lhe devia uma explicação das boas.

– Capítulo 16 –

A Decisão Mais Difícil

Renata segurava, com as mãos trêmulas, uma xícara de café ainda intocada. Ao seu lado, Paloma mantinha o olhar vago, também segurando uma xícara da qual não bebera uma única gota.

A veterinária olhou para a esposa, para aquele rosto que aprendera a amar ainda criança. Paloma tinha traços delicados, a pele alva e aveludada. Renata costumava passar vários minutos apenas a observando, fazia isso há tanto tempo que seria capaz de descrever cada centímetro da face de Paloma.

E então, ali estavam elas, com seus corpos tão próximos, mas com suas almas separadas por um precipício que parecia não ter fim. Como era possível um amor tão forte se transformar naquilo?

– E então? – indagou Paloma, ciente de que era analisada pela veterinária.

Renata desviou os olhos, repentinamente sem graça. O que lhe pareceu um completo absurdo.

– Eu simplesmente não sei o que fazer, Paloma...

A economista respirou fundo, repetidas vezes, buscando repelir as lágrimas. Precisava manter o controle.

– Você me acusa de nunca fazer as coisas do seu jeito, Renata. Então me diga o que fazer!

Quando voltou a encarar a esposa, Paloma pôde ver o desespero, o medo e toda a insegurança de Renata.

– Acho que pulamos muitas etapas fundamentais na nossa relação, Paloma... Julgamos que os anos de amizade serviriam como base para o nosso casamento, mas a verdade é que não é a mesma coisa. Ou melhor, não deve ser a única coisa, entende?

Paloma mordeu o lábio inferior e assentiu.

– Você está querendo dizer que nos iludimos?

Renata passou as mãos pelo rosto e depois pelos cabelos.

– Não, eu sei que não foi uma ilusão! Quer dizer... – A veterinária pareceu ainda mais confusa. – Não nesse sentido, de perda tempo. Nós nos apegamos ao que já conhecíamos uma da outra, enquanto éramos apenas amigas, e deixamos de nos conhecer como namoradas, como esposas.

– E agora que você descobriu como eu sou como esposa quer sair correndo o mais rápido que pode?

Renata acabou sorrindo, sem querer dizer que fora exatamente aquilo que fizera antes de acabar no apartamento de Lana.

– Eu não sei quem eu sou sem você, Paloma – ela apanhou a mão da esposa. – Desde que te conheci, não passou um dia em que eu não pensasse em você. E, durante o nosso casamento, meu amor, eu vivi apenas para te fazer feliz.

Paloma sentiu os olhos encherem de lágrimas, apertou e acariciou a mão de Renata, querendo apaziguar a dor que sentia com aquele contato.

– Mas...? – quis saber Paloma, receosa.

Renata assentiu e respirou fundo.

– Mas eu não acho mais que essa seja a maneira correta de se viver. Eu cheguei a um ponto no qual não sei mais quem sou, o que quero...

– Isso não é verdade, Renata! Você tem a sua vida, tem o seu trabalho, seus amigos! – argumentou Paloma.

A veterinária riu tristemente.

– Você tem razão, mas isso não me torna uma pessoa completa. Paloma, há quatro anos que eu não faço nada sem que passe pela sua aprovação. Eu não tenho espaço na minha própria casa.

Paloma se afastou, soltou a xícara e cobriu o rosto com as mãos. Amava Renata com cada célula de seu corpo, e agora ela a estava acusando de ser o motivo de sua infelicidade, da perda de sua identidade.

Se tudo aquilo fosse verdade, em que tipo de monstro Paloma tinha se transformado?

– Quando foi que tudo isso aconteceu? – perguntou a economista.

Renata balançou a cabeça, também soltando a caneca na mesa de centro.

– Eu não sei... Talvez sempre tenha sido assim, talvez tenha começado no último ano, eu simplesmente não sei! E acho que não importa saber, assim como não vale a pena procurar por culpados.

– Mas então quer dizer que você nunca foi feliz comigo?

Paloma buscou os olhos de Renata, deixando toda a sua fragilidade aflorar.

Ver a esposa tão exposta tirou todo o ar dos pulmões de Renata, que avançou no sofá e acolheu Paloma em seus braços, envolvendo-a firmemente enquanto encostava os lábios em sua testa.

– Nunca mais pense isso, Paloma... Felicidade é pouco para descrever o que eu vivi ao seu lado.

Paloma soluçava contra o peito de Renata, e ela se agarrou ainda mais na esposa.

– Então por que você quer me deixar agora?

Renata ficou sem palavras. Era aquilo mesmo que queria? Seria aquela a resposta para o que vinha lhe atormentando?

– Você é o amor da minha vida, Paloma. Eu sei, eu tenho certeza de que nunca poderia me apaixonar por qualquer outra pessoa ou deixar de te amar nessa vida ou em qualquer outra.

O choro de Paloma se tornou ainda mais forte, enquanto Renata a embalava em seus braços.

Renata sentia o peito transbordar uma dor que ela não conseguia apaziguar. Seu corpo parecia ter se fechado, guardando em seu interior toda a tristeza que vinha acumulando nos últimos dias. Era como uma sombra, uma escuridão que preenchia cada espaço de sua alma, transformando-a em um fragmento do que fora um dia.

Um pedaço de si morria cada vez que pensava em sair do lado de Paloma. A esposa era o centro de seu mundo, como poderia, de repente, orbitar qualquer outra coisa?

No entanto, Renata temia acabar se tornando uma pessoa amargurada, repleta de dúvidas que não tivera coragem de responder no tempo certo.

Era como se o destino abrisse dois caminhos à sua frente, sendo que, para seguir o primeiro, ela teria que deixar seu coração, e para seguir pelo segundo, ela precisaria abrir mão de boa parte do que sabia ser e querer na vida. Seria fácil tomar um deles se Renata tivesse certeza de que, se quisesse, poderia fazer o caminho de volta e resgatar o que deixara para trás. Mas, infelizmente, essa certeza não existia.

Clarissa caminhava pelo jardim da mansão na qual passara toda a sua vida. O casarão dos Gutenberg era quase tão antigo quanto a própria cidade, e aquele era o principal motivo para a professora amar tanto aquela construção.

Quando pequena, costumava vagar pela infinidade de salas, procurando por passagens secretas, pistas misteriosas e até relíquias de seus antepassados.

Mas era nos jardins que passava a maior parte de seu tempo livre. Maria Lúcia sempre abominara os hábitos da filha mais nova de passar a tarde inteira enfiada entre os jardineiros, mexendo e remexendo na terra fértil, podando mudas e molhando as plantas.

Apesar das brigas e castigos da mãe, Clarissa nunca abandonou aquele *hobby*. A professora adorava o cheiro que vinha da terra, a sua textura e,

principalmente, a paz e tranquilidade que sentia com aquele trabalho.

E, justamente por desejar aquelas sensações, Clarissa logo se viu ajoelhada em um dos canteiros floridos do jardim, preparando a terra para replantar pequenas mudas que encontrara na estufa.

Quem dera pudesse apenas arrancar as folhas mortas daqueles galhos frágeis e, com isso, também expurgar de sua vida tudo o que não servia mais a qualquer propósito.

Mas mesmo as folhas mortas cumpririam um novo ciclo de utilidade, criando vida nova a partir de sua matéria orgânica. Como Clarissa poderia também seguir aquele caminho? Como poderia apenas arrancar seus fracassos, seus medos, seus desejos secretos e criar uma vida nova a partir disso? E, o mais importante, quem seria ela após essa metamorfose?

Giovane agradeceu à governanta dos Gutenberg e seguiu para os jardins. Era certo que encontraria a noiva coberta de terra fresca. Ainda era surpresa, mas ele tinha construído uma grande estufa para Clarissa na futura casa deles. Tinha até mesmo encomendado flores exóticas para a professora cultivar.

O rapaz sabia que tinha sorte por estar apaixonado pela mulher a qual fora destinado se casar. Aprendera a pensar em Clarissa como sua futura esposa desde criança, mas aquele sentimento se tornara real com o passar dos anos. Eles se tornaram amigos, depois namorados, noivos e, por fim, passariam a vida toda um ao lado do outro.

Giovane queria que aquele casamento desse certo, queria ser e fazer Clarissa feliz. Mas ele também tinha medo, pois sentia que apenas uma parte de Clarissa dividia aquele sonho com ele. Tinha dado espaço, tinha entendido o tempo que a professora levava para finalmente marcar a data do casamento, mas o tempo passara e, inclemente como é, impusera-se sobre a vida de ambos, exigindo que as escolhas fossem feitas e levadas até o final.

O rapaz só queria saber o que seria dele próprio depois daquilo.

– Oi – cumprimentou Giovane, sentando ao lado de Clarissa.

A professora sorriu e inclinou para dar um beijo no noivo.

– Achei que só te veria na hora do jantar...

– Senti sua falta – disse o rapaz, sorrindo.

Clarissa baixou os olhos e continuou a remexer na terra. Giovane era doce, carinhoso e aquilo sempre a fazia pensar que não o merecia.

Os dois ficaram em silêncio por mais alguns minutos, mas logo Clarissa perguntou como tinha sido o dia do noivo e o clima ficou mais descontraído.

A professora sempre vira Giovane também como um grande amigo e era

fácil conversar com ele sobre qualquer coisa.

A tarde caiu rápida e o sol desaparecia lentamente no horizonte. Clarissa levantou e bateu a terra que tinha nas roupas.

– Preciso de um banho! – disse a professora, rindo.

Giovane a puxou pela cintura e a beijou longamente. Clarissa retribuiu abraçando o noivo pelo pescoço.

– Amo você – o rapaz sussurrou, com a boca colada na testa da professora.

Clarissa fechou os olhos e escondeu o rosto no peito dele.

– Também te amo.

Giovane sorriu, beijou Clarissa mais uma vez e então a soltou.

– Melhor nos apressarmos, hum?

Clarissa assentiu e os dois seguiram para o interior da casa.

Giovane ficou na sala de estar enquanto a professora subiu ao quarto para se aprontar para o jantar.

Clarissa tomou um banho rápido e foi escolher a roupa que vestiria quando seu celular começou a tocar. Ao ver o nome de Paloma no visor, a professora trancou a porta do quarto, jogou-se na cama e atendeu a ligação:

– E aí, gata?

– Oi amiga, tá ocupada?

Clarissa logo percebeu que tinha alguma coisa errada com a economista, sua voz soava triste e abatida. Apesar da proibição ridícula dos pais, ela continuava em contato com as amigas, embora só atendesse ao telefone quando estava a sós.

– Não. E mesmo que estivesse... – Clarissa trocou o telefone de mão. – Paloma, você está bem?

Do outro lado da linha, Paloma começou a chorar, deixando Clarissa ainda mais angustiada. Obviamente, ela sabia de toda a crise pela qual a amiga vinha passando em seu casamento. Paloma e ela conversavam praticamente todos os dias.

Mas alguma coisa muito séria parecia ter agravado a situação de Paloma, e a professora torceu para que não fosse o que estava imaginando.

Clarissa esperou que a amiga se acalmasse e, então, Paloma contou sobre a última conversa que tivera com Renata.

– Eu não entendo isso! Vocês se amam mais do que qualquer outro casal no mundo, que babaquice é essa agora de “separação”?

Paloma soltou um longo e pesaroso suspiro.

– Eu estraguei tudo, Clarissa! – A economista fez uma pausa. – Fechei os

olhos para todo o desconforto que causei nesses últimos anos à pessoa que eu mais amo.

– Também não é assim, Paloma! Olha, vocês duas têm problemas, isso acontece com qualquer pessoa, mas não acho que justifique um divórcio!

– Eu sei... Mas eu não posso mais passar por cima dos desejos da Renata quando não pensamos da mesma forma. Eu a afugentei, assustei... Eu a amo tanto e morreria se um dia ela me odiasse!

Clarissa secou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto e respirou fundo, precisava se manter forte pela amiga.

– A Renata jamais te odiaria, Paloma. Basta olhar nos olhos dela para sacar que ela é completamente apaixonada por você.

– As coisas não são mais tão simples assim. Há quatro anos, quando eu me mudei pra Curitiba, a única coisa que importava, que tinha poder de nos fazer ficar juntas era uma contar para a outra que estava apaixonada. Mas agora... Bom, agora temos problemas maiores e a Renata precisa seguir a vida dela.

A professora quase gritou de indignação, mas tudo o que fez foi sentar na cama e balançar a cabeça.

– E você vai simplesmente deixar que ela parta? – Clarissa disse, cerrando os dentes com força. – Demonstre o seu amor, o seu arrependimento! Paloma, isso é loucura!

Novamente Paloma entrou em pausa. Clarissa quase podia ouvir os pensamentos da amiga. Eram tantos sentimentos em jogo que a professora sentia a cabeça doer só de imaginar qualquer coisa nesse sentido.

Depois de outro longo suspiro, dessa vez ligeiramente embargado e visivelmente sofrido, Paloma respondeu:

– Eu demorei a compreender isso, Clarissa, mas finalmente entendi e aceitei que a única maneira certa de demonstrar o quanto eu a amo, o quanto lamento pelos meus atos é, justamente, deixar que ela vá. A Renata tem a necessidade de escolher o próprio caminho e a única chance que eu tenho de fazer parte do futuro dela é me retirar nesse momento, deixá-la livre.

Clarissa fechou os olhos e desejou poder estar ao lado da amiga naquele momento. Não tinha um dia, desde a sua festa de noivado, no qual não tivesse pensado que a crise no casamento das amigas era sua culpa.

Obviamente, aquela data tinha certa responsabilidade, mas finalmente estava claro que Renata e Paloma tinham problemas muito mais sérios para resolver.

A professora não achava justo que um amor como o delas passasse por

tantas provações.

E ela tinha medo, muito medo, pois se duas pessoas que se amavam tanto, desejavam-se tanto, que eram almas gêmeas como as duas amigas não conseguiam manter uma relação, então que esperança havia para todas as outras pessoas?

– Capítulo 17 –

A Plenitude da Alma

Lana caminhou, penosamente, pelo seu apartamento e sentou, o mais lentamente possível, no sofá de sua sala, sem conseguir evitar um gemido baixo quando sentiu os pontos do machucado logo abaixo das costelas se comprimirem.

– Tem certeza de que não quer um comprimido? Já está quase na hora, de qualquer maneira.

Renata soltou a mochila e sentou ao lado da amiga. Trazia o semblante preocupado, mas seu tom de voz era carinhoso.

Lana meneou a cabeça no sentido negativo e apertou os lábios.

– Tá tudo bem, Rê. Estou acostumada com essas coisas, sei que o primeiro dia é sempre o pior – ela tentou sorrir.

– Então o que acha de um longo, quente e relaxante banho e depois deitar, bem comportadinha, na sua cama? Enquanto isso, vou preparar o seu jantar – a veterinária sorriu e apanhou a mão da amiga.

– Eu não estou convalescendo, Renata! – Lana revirou os olhos. – Não precisa me tratar como criança.

Renata levantou, mas se virou para encarar a amiga.

– Pois eu acho que é assim que deveria ser tratada depois da maluquice que fez, lutando desarmada com aquele cara.

Lana deixou os ombros caírem e suspirou longamente. Mas se arrependeu imediatamente, quando sentiu outra pontada de dor.

Ligara para Renata logo depois de deixar a delegacia, onde prestara seu depoimento sobre o ocorrido para Montoya. Obviamente, fora mantido à parte do laudo a impulsividade da policial ao partir para o corpo a corpo com o seu agressor.

No entanto, para a amiga, Lana deixara aquele detalhe escapar e, durante todo o percurso até o apartamento, ouvira Renata enumerar e relacionar tudo o que poderia ter acontecido devido à atitude nem um pouco responsável da agente.

– Eu sei, tá legal?! – Lana devolveu o olhar da amiga. – Sei que fui estúpida, mas, Renata, eu não me arrependendo e, sim, eu faria tudo de novo! É tão difícil assim perceber que eu precisava acabar com aquele babaca com as minhas próprias mãos?!

Renata baixou os olhos.

– É, eu entendo...

Lana acabou sorrindo de lado. Poderia até soar engraçado o fato das duas estarem sofrendo por amor ao mesmo tempo. Não que Lana colocasse seus problemas no mesmo nível que os da amiga, mas, além da empatia de sempre, elas agora compartilhavam mais aquele fato em comum.

– E você? Como está indo? – inquiriu a policial, deixando o tom de voz mais ameno.

Renata deu de ombros e passou os dedos pela testa.

– Vou sobreviver. Ainda é tudo tão recente... Acho que nem mesmo me dei conta, sabe? É como se ainda estivesse em estado de letargia.

Com muito esforço, Lana levantou e caminhou até a amiga. Encostou o queixo no ombro dela e lhe deu um demorado beijo no rosto.

– Ficaremos bem, porque sempre estaremos juntas, beleza? – Lana a apertou em seus braços suavemente.

Renata fungou baixinho, lutando para reprimir as lágrimas enquanto assentia repetidas vezes contra o pescoço da policial.

– Certo. Mas agora vá para o banho, sua chata! – Renata se afastou.

Lana riu e resmungou alguma resposta, deu outro beijo no rosto da amiga e seguiu pelo corredor que levava ao quarto.

Durante os três dias seguintes Renata ficou com Lana, ausentando-se apenas para ir trabalhar. Paloma tinha aproveitado esses horários para visitar a policial, gesto esse que Renata agradeceu mentalmente. Ainda não se sentia preparada para encontrar com a esposa, que vira pela última vez quando decidiram se separar.

Clarissa ligava todos os dias e até mesmo se propusera a ir visitar Lana, mas a policial insistira que não era necessário.

Lana não dizia nada, mas Renata percebia que o recente sumiço de Julia a estava afetando. A veterinária podia ler, nos olhos da amiga, a sua luta interna para entender o que se passava. Talvez a situação com Julia estivesse atormentando Lana muito mais do que os ferimentos, que já começavam a cicatrizar.

Por isso, quando foi levar o remédio para a amiga e encontrou a janela aberta e a cama vazia, uma parte de Renata até ficou aliviada. Ela só desejou que Lana tivesse sido adulta o suficiente para argumentar em favor de sua decisão e sair pela porta, ao invés de usar as escadas de incêndio para escapar de uma conversa.

Apanhando o telefone celular, Renata digitou uma mensagem de texto pedindo a Lana para tomar cuidado e avisá-la caso precisasse de alguma coisa. A amiga respondeu com um pedido de desculpas pela fuga.

“Boa sorte com aquela lá”, Renata murmurou apenas para si mesma. Era verdade que, no fundo, desgostava de Julia. Ainda mais quando ela começara a fazer Lana sofrer. Sem conseguir explicar a origem disso, Renata tinha sempre um mau pressentimento em relação à jornalista. Mas, por outro lado, ela sabia que não poderia se intrometer. Conhecia Lana desde sempre e ninguém, jamais, havia mexido com ela como Julia fazia.

Restava à veterinária esperar. Talvez, se pudesse se focar o suficiente, os percalços de Lana a manteriam ocupada para esquecer seu próprio drama.

Julia teve um sobressalto ao ouvir a campainha e quase derrubou sua taça de vinho sobre o livro que a distraía. Ela sequer havia deixado a poltrona, quando ouviu as pesadas batidas na porta.

Conseguiu discernir a voz de Lana, embora abafada. Felizmente, a policial tivera a presença de espírito de não gritar no corredor. Já passava, e muito, das dez da noite.

A jornalista largou seu vinho, seu livro, checkou o alinhamento do robe que vestia sobre a camisola e respirou profundamente enquanto se encaminhava até a porta.

– Posso saber o que você faz aqui? No seu estado?

Lana suspirou cansada e se precipitou pela porta, apesar da tentativa de Julia de mantê-la do lado de fora.

– Precisamos conversar – decretou, parando no meio da sala.

– Você não deveria estar de cama?

Julia não a olhava nos olhos. Embora parecesse encarar Lana, seu olhar estava fixo demais e a policial conhecia o truque.

– Que tal pularmos essa parte e irmos direto ao assunto?

– Que assunto, Lana?

A policial bufou, quase perdendo a paciência. Tinha se arriscado intempestivamente no meio da noite para obter explicações, mas tudo o que encontrara era a parte de Julia que ela mais detestava.

Aquele olhar superior, digno, mas frio, que Julia estampava na face mexia com os nervos de Lana e não era de um modo bom. Lembrava algo ou alguém. Fora assim desde a primeira vez em que a vira, mas Lana nunca tinha conseguido saber do que se tratava. E essa era apenas uma dentre dezenas de peças de um quebra-cabeça que a policial estava longe de conseguir encaixar

a contento.

– Bem, se não quer responder, pelo menos sente um pouco – ofereceu Julia, indicando o sofá. – Como estão os ferimentos?

Permanecendo em pé, Lana piscou demoradamente, como se precisasse sobrepor várias imagens diferentes. Da última vez em que vira Julia, a jornalista estava bastante destemperada, confusa e até mesmo zangada.

Em geral, Julia não fazia o tipo que se deixava levar pelas emoções, e Lana estava acostumada com isso. Mas a Julia parada diante dela naquela noite não era nem uma coisa, nem outra.

Parecia uma estranha que Lana havia acabado de conhecer.

– O que aconteceu conosco, Julia?

A jornalista absorveu a pergunta e pareceu refletir por alguns segundos.

– Da última vez em que você esteve aqui?

Lana confirmou.

– Nós exageramos no vinho e confundimos as coisas, Lana.

A policial deixou a boca entreaberta por alguns instantes enquanto tratava de confirmar consigo que realmente tinha ouvido aquela desculpa esfarrapada. Por fim, Lana cedeu a um riso indignado.

– Você teve praticamente uma semana, e isso foi tudo em que conseguiu pensar?

Cruzando os braços diante do corpo, Julia retrocedeu meio passo.

– Não acho que eu tenha dado a entender de outra forma.

– Não... Claro que não... – ironizou Lana. – Quem sabe sem a mensagem que você deixou na minha secretária assim que me enxotou pela porta... Ou sem o seu “ataque” no hospital. Ou, ainda, se você não tivesse simplesmente desaparecido depois de tudo isso.

– Eu não desapareci, imaginei que a Renata estaria cuidando de você e não quis incomodar. A mensagem na secretária, como você bem lembrou, foi logo em seguida e eu ainda não estava em meu juízo perfeito – explicou Julia, calmamente.

Lana enterrou as mãos nos bolsos da calça. Não queria aceitar que havia perdido a viagem. E aquela Julia, tão fria e ponderada, estava longe de ser quem Lana realmente esperava encontrar.

Decepcionada, Lana meneou a cabeça e engoliu em seco.

– Eu esperava mais de você.

Julia se limitou a dar de ombros.

– Agora que esclarecemos isso, que tal voltar pra casa? Eu levo você. Não

deveria ter vindo sem estar recuperada.

– Você não pode fazer isso, sabe? Não pode mentir na minha cara e um segundo depois insinuar que se preocupa comigo. Eu não sou criança, Julia.

Julia apenas apertou os lábios e passou a encarar o chão da sala. Lana prosseguiu:

– Eu ignorei o que sinto por você por meses desde que a gente se conheceu e estava feliz em ser “apenas” sua amiga, mas alguma coisa mudou. Você mudou. Aquele beijo, aqui, não teve absolutamente nada a ver com o vinho e a sua reação assustada só prova o que eu já tinha percebido em Vale do Hans. Então pare com esses subterfúgios amadores!

Julia se viu paralisada enquanto estava ciente que Lana observava cada detalhe das suas reações. Com três passos, Lana venceu a distância que as separava. Julia finalmente a encarou, pela primeira vez naquela noite, sem disfarce. Ela sabia da atração de Lana por ela, mas não se permitira imaginar que era tão sério, como a policial estava deixando claro.

– Lana... Eu... – Julia pigarreou. – Eu sequer consigo discutir esse tema agora. Você deveria estar descansando...

– Eu estou farta de descansar, Julia! Você quer me ver bem? Então me diga o que houve, porque não saber, não ter visto você, ter passado todos esses dias sem notícias, tudo isso estava me enlouquecendo!

Com o efeito dos sedativos passando, Lana não conseguiu evitar uma careta de dor. Para ela, apesar de todas as recomendações médicas, usar a voz sem gesticular amplamente ao mesmo tempo era impossível.

Julia tocou seu rosto num gesto terno e impulsivo do qual ela só se deu conta quando já era tarde demais. Lana apanhou a mão da jornalista e a apertou contra o seu rosto, fechando os olhos por alguns segundos.

– Agora você já sabe o que eu sinto. E sabe que preciso de uma resposta. Uma resposta séria, não essas desculpas tolas. Procure-me quando tiver alguma coisa.

O tom quase sussurrado do pedido de Lana desarmou Julia por completo. Paralisada, ela ficou olhando a policial caminhar até a porta e abri-la vagarosamente. Sentindo seu coração ser esmagado pela dúvida, Julia não reprimiu as lágrimas que verteram abundantemente.

As últimas semanas haviam sido uma montanha russa de emoções. Vale do Hans, o beijo, o atentado contra Lana... Em uma fração de segundo, Julia avaliou que estava errada sobre o que a tinha abalado mais. E uma frase dita por Lana alguns minutos antes parecia dar sentido a toda aquela loucura:

Julia tinha mudado.

Seu coração clamava por um desfecho, mas a sua razão ainda insistia em uma fuga.

Tanta coisa estava em jogo. Tanto prestes a se perder...

Passado e futuro se confundiam na mente de Julia, que buscava desesperadamente por um porto seguro em sua alma. Algo, alguma coisa em que pudesse pensar, por um mísero instante, e que não tivesse absolutamente nada a ver com aquela batalha desafortunada.

Por que Lana Mansini? Por que justamente ela?

Então a resposta veio de sua própria confusão, com a força de um tapa na cara. Lana não era um meio de acessar seu passado. Ela era justamente aquilo que Julia tanto procurava. Tinha uma forma inesperada, mas era exatamente o que faltava em sua vida: um laço forjado pelo destino. Era alguém a quem ela gostaria de pertencer.

Com Renata ciente de sua fuga, Lana achou por bem retornar ao seu apartamento pela entrada normal. Decidida a distrair seu coração machucado, ficou pensando nas dores que eram mais simples de resolver. Ao passar pela porta, viu no primeiro móvel os comprimidos que sua amiga, tão prestativamente, mantinha separados por horários. Ao lado, um bilhete avisando que Renata saíra com os colegas do abrigo de animais.

Antes que conseguisse fechar a porta do apartamento, ecos de alguém correndo pelas escadas chamaram a sua atenção.

– Lana? Lana?

A voz de Julia alcançou a policial logo em seguida. A jornalista vinha na sua direção, apressada.

– Desculpa, isso vai doer um pouco – ela anunciou, quase sem fôlego, escancarando a porta.

E, uma fração de segundo depois, Julia se atirou em seus braços, consumando o beijo que Lana sonhava desde que tinham se visto pela primeira vez.

Naquele arroubo que as tomou, naquela preciosa fração de segundo em que o corpo inteiro vibra, entorpece e se entrega ao beijo com paixão absoluta, Lana ainda encontrou espaço para se ver, como se estivesse assistindo àquela cena, e entender o porquê de ter sofrido tanto naqueles últimos dias.

Estar com Julia ia além, muito além, de simplesmente estar beijando alguém.

Entorpecida, Lana se distraiu da dor. Sentiu as inesperadas lágrimas de

Julia se misturando com as suas, e as mãos dela prendendo seu corpo como se a ideia de perdê-la fosse a mais terrível aflição do universo.

Aquele carinho, mesmo que de certa forma desesperado, era a coisa mais linda que já tinha partido da jornalista. A demonstração mais próxima de que, afinal de contas, ela não era tão imune ao próprio coração.

Interrompendo o beijo, Julia se enterrou no ombro de Lana e, como se fosse possível, tentou acirrar o abraço.

– Três dias atrás, no hospital, queria bater em você. Como pôde se meter contra uma quadrilha inteira?! Queria ter gritado com você! Nem sei como conseguiu escapar, e saiu da enfermaria com aquela cara de quem mal pode esperar pra adicionar uma cicatriz à coleção – Julia apertou os olhos. – Mas, acima de tudo, estava zangada comigo. Por tê-la mandado embora, por fugir de você e por não ter feito nada pra protegê-la, quando eu sei tão bem o que o Secretário é capaz de fazer.

Lana, boquiaberta, ficou afagando a nuca e as costas de Julia enquanto absorvia tudo aquilo.

– Julia? Errr... Você de fato gritou comigo. E meio que me bateu também... – lembrou a policial.

Julia riu, abafada pelo ombro de Lana. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, não sentia como se o peso do mundo estivesse atado às suas costas. Tinha vontade de rir mais, ou de chorar, talvez os dois ao mesmo tempo. Mas, bem mais forte do que isso, era a vontade de provar os lábios da policial mais uma vez.

Lana ainda fechou a porta do apartamento, antes de atender ao pedido tão claro no olhar da jornalista.

Já de madrugada, Lana desabou sobre Julia, não distinguindo se os espasmos que sentia vinham de seu corpo ou do da jornalista. Com o que restava de suas forças, beijou o rosto da outra, com os olhos fechados e com um sorriso satisfeito nos lábios.

Julia tentava voltar a respirar normalmente. Enquanto acariciava vagarosamente as costas e braços de Lana, seus dedos tocaram em algo quente e viscoso. Ela se sobressaltou.

– Lana, você está sangrando!

A jornalista tentou empurrar Lana para o lado, mas a policial não se moveu um centímetro, nem um pouco incomodada com aquela revelação.

– Sim, meus pontos arrebentaram... – Ela riu, ainda de olhos fechados.

– Precisamos cuidar disso, sua maluca! Anda, me deixa sair daqui! – Julia a sacudiu.

Lana riu ainda mais e se apoiou nos braços para olhar Julia nos olhos.

– Meu amor, nem se dê ao trabalho, pois isso voltará a acontecer essa noite – a policial usou um tom de voz malicioso.

Julia demorou alguns segundos para entender o significado da frase de Lana, mas, assim que percebeu, não conseguiu evitar um riso divertido.

– Não está sendo muito pretenciosa, agente Mansini? – Julia manteve a troca de olhares.

Lana se inclinou e a beijou nos lábios.

– Não, apenas me sinto tremendamente sortuda essa noite.

Julia sorriu, magnetizada pelo olhar profundo da policial.

Aquela, enfim, era a Julia por quem Lana havia se apaixonado.

– Capítulo 18 –

A Peça Que Faltava

Julia acordou com um sorriso no rosto. Se ainda tivesse quaisquer dúvidas sobre a decisão tomada na noite anterior, elas teriam desaparecido por completo naquela manhã. Lana havia acabado de escapular da cama, e Julia pôde ouvir, do quarto, a voz da policial na cozinha, conversando com Renata.

A jornalista tinha se esquecido do pequeno detalhe de Renata estar passando alguns dias ali. Isso a desanimou um pouco, mas não fez com que ela desistisse do intuito de ajudar Lana com o café.

– Bom dia! – saudou Julia, entrando na cozinha e logo pousando um beijo na nuca de Lana.

– Bom dia – Renata respondeu prontamente.

– Café? – ofereceu Lana, estendendo uma caneca.

Julia agradeceu e se sentou à mesa, de frente para Renata. A veterinária pareceu um pouco sem graça nos primeiros momentos, mas o clima entre as três logo ficou leve. Lana estava claramente nas nuvens, e isso era suficiente para distrair o coração partido de sua melhor amiga.

Entretanto, quando Lana as deixou a sós, indo para o banho, Julia percebeu que uma questão inquietava a veterinária.

– Eu vejo que deu tudo certo na conversa de ontem.

Julia baixou os olhos, um pouco constrangida, mas sem conseguir – e nem querer – disfarçar a sua felicidade.

– Mais do que certo.

Renata cruzou os braços.

– O que foi que mudou?

– Como assim, Renata?

– Eu só queria que você me explicasse o que te fez mudar de ideia. Dias atrás, você expulsou a Lana da sua casa, porque ela te beijou. E agora... – Renata fez um gesto vago na direção que Lana havia tomado por último.

Julia desviou o olhar, mastigando a fala de Renata. Não estava surpresa por ela saber dos detalhes, mas por ter tido a impetuosidade de confrontá-los tão diretamente.

– Não é uma resposta simples de se dar – disse a jornalista.

– Existe uma resposta, pelo menos?

Após alguma hesitação, Julia confirmou balançando a cabeça.

– Espero que você a dê. Para a Lana, é claro.

Renata se levantou em seguida, indo apanhar o suco na geladeira. Pretendendo desfazer o clima tenso que ela mesma havia criado, a veterinária brincou:

– Então, o próximo passo agora é apresentar a Lana pra sua família, certo?

Julia sorriu, mais por educação do que por qualquer outra coisa.

– Na verdade eu não tenho ninguém a quem apresentá-la. Mas adoraria, se fosse o caso.

Renata estreitou os olhos, não sabendo exatamente como agir ao perceber que havia sido muito indelicada.

– Eu cresci num orfanato – esclareceu Julia, logo após bebericar seu café. Prevendo a curiosidade natural da outra, acrescentou: – E não, não tive pais adotivos.

Se fosse possível, Renata teria entrado na caixa de suco que deixara sobre a mesa. Para o seu alívio, Julia continuou falando em seguida:

– Achei que a Lana tivesse comentado. Ela sabe disso, caso esteja se perguntando algo a respeito.

– Desculpa, Julia. Eu...

– Tudo bem. Se ajudar, pense que eu já passei por essa tantas vezes que nem me importo mais. É normal – sorriu. – E, já que estamos tendo essa conversa honesta, devo acrescentar que até me divirto, às vezes, só pela cara que vocês fazem.

Renata assentiu e acabou rindo, um pouco mais aliviada.

– Desculpe perguntar, mas, você tem um perfil de quem seria adotada rapidamente...

Julia confirmou, bebeu outro gole de café e explicou:

– Não faltaram candidatos. Mas eu nunca quis.

– Correndo o risco de você decidir nunca mais começar uma conversa comigo, preciso perguntar: por quê?

Pela primeira vez, a jornalista não pareceu totalmente à vontade com o assunto. Renata sabia que estava invadindo demais a privacidade dela, mas a pergunta tinha saído no embalo. Desde que Lana as tinha apresentado, Renata tentava entender aquela mulher, e essa era a primeira oportunidade concreta que a veterinária tinha.

– Eu sempre achei que a minha família biológica fosse aparecer um dia. Minha mãe, ou meu pai, ou uma avó, ou quem sabe uma tia... Todos nós achávamos isso, na verdade. Mas eu queria garantir que me encontrariam no

lugar onde deixaram. É bobagem, eu sei. Normalmente invento outro motivo, mas no fundo, foi por isso.

– Você sabe alguma coisa deles?

Julia desviou o olhar, mirando a janela da cozinha.

– Não. E nem quero mais saber... Passou. Meu sobrenome vem do juiz da Vara de Infância que cuidava do nosso abrigo. Ele já morreu. Então, minha família é a Lana.

Renata sorriu em resposta e não precisou pensar em nada para mudar de assunto, porque Lana voltou para a cozinha logo depois.

– E aí? Sobreviveram à minha ausência? – brincou.

Julia puxou-a pela cintura e lhe roubou um beijo rápido.

– Se tivesse demorado mais um minuto, iria te buscar.

A veterinária pigarreou e anunciou:

– Aaam... O candelabro aqui está de saída, então...

Lana riu, deu a volta na mesa e abraçou a melhor amiga, beijando demoradamente sua bochecha.

– Calma que tem pra você também.

As três riram. Renata se despediu em seguida e Lana e Julia também não demoraram a deixar o apartamento. A custa de muita insistência, a jornalista havia convencido Lana a procurar um médico para refazer os pontos arrebatados na noite anterior.

– O médico da corporação vai me encher de perguntas – resmungou a policial, entrando no carro.

– Se é essa a sua desculpa, pode parar por aí. Já pensei numa solução – garantiu Julia.

– Mas já está quase cicatrizado, até parou de sangrar. Não precisa fazer ponto de novo.

– Ei!? – Julia a encarou com seriedade. – Vamos para uma clínica e a senhorita vai, muito comportada, atender e seguir todas as recomendações. Certo?

Lana bufou e seguiu amuada no restante do percurso.

Meia hora mais tarde ela foi chamada, depois de ter passado menos de três minutos na sala de espera. Julia entrou com ela. A intimidade com que a jornalista cumprimentou a médica não passou despercebida por Lana, que, por outro lado, decidiu somente tocar no assunto quando estivessem a sós.

– Eu vou ter de refazer esses pontos – anunciou a médica. – E seria bom que eles não arrebatassem de novo. A cicatriz pode ficar feia.

A policial rolou os olhos e Julia prendeu o riso. Se tinha algo de que Lana se orgulhava no próprio corpo eram as cicatrizes.

Enquanto o procedimento era executado, a médica acrescentou algumas recomendações.

– Julia, vou pedir pra você, que acho mais prudente: nada de esforço enquanto esses cortes não fecharem.

Lana olhou para ela, intrigada, mas disfarçou ao ser imediatamente encarada pela médica:

– E você faça o acompanhamento com o médico da polícia. Provavelmente você vai ficar atrás de uma mesa por alguns dias, certo?

– É, infelizmente – Lana confirmou, mal humorada.

A médica riu e então tirou as luvas.

Após um aceno educado e agradecido, Lana andou até a porta, mas estacou ao ver que não era seguida por Julia.

– Eu já alcanço você – informou a jornalista, ocupada em procurar alguma coisa dentro da bolsa.

Lana quis ficar, mas o cheiro de antisséptico e a sensação de que Julia a estava dispensando a fez seguir pelo corredor, visivelmente contrariada.

Assim que se viu a sós com a médica, Julia encarou o par de olhos sarcásticos com comedimento.

– Obrigada, Gisele... Fico te devendo essa e aprecio a descrição de sempre.

A doutora pareceu sequer notar a pilha de notas de Julia depositou à sua frente.

– Fico feliz em ajudá-la, ruiva.

– Cuide-se – disse Julia, saindo do consultório.

Quando chegou ao estacionamento, encontrou Lana de braços cruzados, sentada sobre o capô do carro.

– Perdi alguma coisa?

– Ué, você precisava de cuidados médicos e não queria envolver o distrito nisso. A situação foi resolvida, não?

Enquanto elas entravam no carro e afivelavam o cinto, Lana continuou:

– E não tinha uma médica menos apaixonada por você disponível?

Julia riu.

– Ela é simpática, nada além disso. E é de confiança.

– Eu vi a simpatia. Toda íntima pro seu lado – Lana virou o rosto, emburrada. – E ainda me dispensou na maior para ficar sozinha com ela!

Julia riu de novo, em seguida, encarou a policial.

– Se você quer saber se eu já dormi com ela, a resposta é sim. Uma vez. Há muito tempo. Mas se está achando que existiu algum tipo de envolvimento emocional de alguma das partes, a resposta é não.

Lana ficou olhando para a jornalista e tentando pensar no que dizer. Não queria cortar o clima delas com uma cena de ciúmes, mas todas as suas emoções estavam à flor da pele. Tinha esperado tanto por Julia que o medo de perdê-la, do mesmo modo abrupto com que tinham se acertado, era enorme.

– Desculpe – murmurou a policial.

Julia tirou uma das mãos da direção e pousou sobre a coxa de Lana.

– Eu te entendo. E está tudo bem.

Lana tomou a mão dela e levou até os lábios.

– Nossa, daria tudo pra que você não tivesse que trabalhar hoje. É só por isso que estou indo pro distrito. Ia enlouquecer de ficar em casa sozinha mais um dia.

– Pois é, eu pedi uns dias de folga essa semana, mas não posso abusar mais.

– Dias de folga? – estranhou a policial.

– Precisava colocar a cabeça no lugar, Lana.

– E como está indo, nisso?

Aproveitando o sinal vermelho, Julia se voltou para encarar a outra:

– Agora estou em paz. E muito feliz.

Lana não perdeu a oportunidade de roubar mais um beijo da jornalista, o qual só foi interrompido pelas buzinas dos carros detidos atrás delas quando o sinal abriu.

– Bando de mal amados – resmungou a policial, arrancando uma gargalhada de Julia.

– Te deixo no distrito?

– Uhum.

– Lana, tenta não se agitar demais, está bem? Eu sei que não é o que você gosta, mas sei lá, deve ter alguma papelada atrasada pra você cuidar enquanto esses ferimentos saram, não é mesmo?

– Como se o Delegado fosse me deixar ir pra rua.

A policial balançou a cabeça, sem saber como responder. Entendia a preocupação de Julia, mas sabia ser muito impulsiva. Além do mais, Lana era do tipo que se entediava com grande facilidade, e isso certamente aconteceria se ela fosse obrigada a trabalhar atrás de uma mesa o dia inteiro.

Já chegando perto do destino, ela resolveu mudar o foco da conversa:

– E quanto ao Secretário? Você conseguiu alguma novidade?

Julia suspirou cansada.

– Um monte de boatos, falatório, gente querendo aparecer, dizendo que tem provas, mas, no final das contas, na hora da verdade, todos se acovardam. E, para completar, os seguranças dele parecem ter recebido uma ordem específica quanto às minhas tentativas de aproximação.

– Ele pode fazer isso? E a liberdade de imprensa?

Julia soltou um riso irônico.

– Aquele lá se cercou por todos os lados. Mas uma hora ou outra, ele vacila. E estarei a postos.

– Estaremos – corrigiu Lana.

– É, estaremos – confirmou Julia, assim que estacionou o carro.

Antes de deixarem o veículo, as duas ainda trocaram um longo e apaixonado beijo.

– Podemos ficar na minha casa, esta noite? – pediu a jornalista.

– Claro, era o que eu iria sugerir. Não sei quais são os planos da Renata e...

– É.

Ambas riram.

– Você me liga?

– Melhor deixar seu celular no silencioso, ou não vou te permitir trabalhar – brincou Lana.

– Boba! Até parece que eu não sei que você vai começar a esmiuçar esse caso do Tobias e esquecer o mundo.

Lana negou, balançando a cabeça. Sem qualquer pressa, foi se aproximando de novo dos lábios de Julia.

– Do mundo até pode ser, mas de você, nunca – roçou os lábios nos dela. – Nem por um segundo.

Julia sorriu amplamente antes de consumir de vez mais um beijo, que se estendeu bem além do razoável.

Sem vontade alguma de fazer aquilo, Lana se afastou.

– É melhor eu entrar... Ou a gente vai passar o dia todo nesse carro.

Julia ainda puxou a policial para mais um beijo e concordou.

– Mais tarde retomaremos esse assunto, agente Mansini.

Lana sorriu bobamente. Seu coração palpitava no peito e as palavras “eu te amo” queimaram a sua língua, mas ela preferiu guardá-las para mais tarde. De qualquer modo, o brilho que ela encontrou nos olhos de Julia deixava

claro que nenhuma declaração verbal seria necessária. Havia um acordo travado entre elas pelo destino. O resto eram detalhes que o tempo trataria de resolver.

Julia ainda passou em casa antes de regressar ao jornal. O apartamento estava uma bagunça, mas o que ela pretendia organizar era bem mais íntimo e simbólico do que louças sujas e roupas fora do lugar.

Indo diretamente para o quarto, ela entrou no *closet* e se pôs na ponta dos pés, para apanhar uma caixa que ficava oculta.

Antes de abri-la, já no sofá da sala, Julia suspirou longamente. Em seguida, lembrou-se da médica que havia acabado de reencontrar. Elas não tinham se conhecido por acaso. Antes da clínica, a doutora Gisele havia feito residência em uma maternidade e, como todos os médicos de lá, tinha acesso aos arquivos.

Desde que se determinara a descobrir quem eram os seus pais, Julia tinha ido cada vez mais longe naquele objetivo. Nunca poupou esforços, nem se conteve por qualquer tipo de moral. No meio do caminho, tinha feito coisas nas quais, talvez, outras pessoas pudessem ver motivos para se arrepender, mas não ela. Não Julia Ávilla, ou seja lá qual fosse seu sobrenome verdadeiro.

Essa informação ela havia descoberto parcialmente, sete anos atrás, através da médica que, sabendo da sua história, concordou em lhe fornecer um histórico específico do dia em que ela veio ao mundo.

Uma cópia do prontuário médico foi a primeira coisa que Julia tirou da caixa. Controlando sua respiração, tentando manter a mente livre de qualquer emoção, Julia foi apanhando outros documentos, fotos e recortes de jornal.

Em algum lugar daquela pilha, estava uma foto de Lana, tirada muito antes da policial saber que Julia existia. Numa reportagem, àquela altura um pouco amarelada, “Lana Mansini” e “Vale do Hans” apareciam circulados.

Finalmente, Lana tinha deixado de ser um dos poucos rostos conhecidos que figuravam naquelas fotos. A Gazeta do Vale, tradicional jornal da pequena cidade, era a fonte à qual Julia mais tinha recorrido. Somavam-se dezenas de artigos, velhos e recentes, sobre o clã mais tradicional do lugar.

Um deles sempre fazia Julia ir às lágrimas. Era uma nota pomposa, sobre o retorno de Maria Lúcia Gutenberg e de sua pequena filha, Cristina, depois de uma suposta temporada de sete meses na Europa. Em ordem cronológica se seguiam pequenas notas sobre festas e, três anos depois, o nascimento da segunda herdeira, Clarissa.

Por alguma razão, Julia acabou sorrindo. E, de certa forma, sentiu-se aliviada com isso. Não conseguir odiar Clarissa tinha sido um tormento quando ainda planejava reduzir todos os Gutenberg à míngua. Entretanto, após ter decidido que não queria mais viver em busca de uma vingança, Julia suspirou. Pela primeira vez, permitiu-se pensar em Clarissa apenas como a amiga querida de Lana.

Finalmente cedendo às lágrimas, Julia apertou a tampa da caixa contra o peito e soluçou. Toda a sua vida estava ali dentro, tudo o que ela tinha descoberto, tudo o que ela tinha planejado, mas também tudo que tinha envenenado sua alma até ali.

Por muito pouco, seu desejo cego de vingança não fez com que Julia perdesse o que realmente lhe importava: Lana.

Olhando pela última vez para cada imagem, cada palavra, Julia sacramentava sua decisão de enterrar o passado. De que adiantaria guardar aquilo? Como ela dissera para Renata, horas antes, a única família que ela tinha no mundo era Lana. E isso era, além de tudo, bem mais interessante do que um apanhado de recortes e cópias de documentos.

No fim do dia, Julia deixou a redação e dirigiu até o distrito policial. Por meio das mensagens trocadas durante a tarde, sabia que Lana tinha feito alguns progressos em sua investigação. Ela cuidava da burocracia e Montoya ia para rua, quando necessário.

Ao atravessar a delegacia, rumo à nova sala de Lana, Julia avistou os dois policiais que havia encontrado no hospital, dias antes. Indecisa sobre acenar ou não, ela acabou apenas sorrindo.

– Ei, tudo pronto?

Lana sorriu amplamente ao ver a jornalista.

– Nossa, você veio rápido!

– Chame de saudade.

A policial deteve seu primeiro impulso de andar até Julia e lhe roubar um beijo. Tão rápido quanto possível, Lana arrumou suas coisas e as duas deixaram a sala.

Lana nem precisou de seus instintos de agente para saber que o par era observado por todo o distrito. Olhando, rapidamente, para o semblante de Julia, ela percebeu que a jornalista havia concluído a mesma coisa.

Ao chegarem na rua, caminhando em direção ao carro, Julia comentou:

– Pelo visto, eu acabo de partir alguns corações ali dentro.

Lana rolou os olhos.

– O que você viu foi a inveja deles por não estarem com uma mulher linda, como eu estou.

Julia sorriu e, surpreendendo Lana, encostou-a contra o carro.

– Nesse caso, ninguém vai se importar se eu...

E antes que ela completasse a frase, Lana a puxou pela nuca, começando um beijo urgente que ambas, contra a vontade, interromperam logo depois.

– Só pra não deixar ninguém na dúvida – Lana piscou o olho.

Rindo, Julia deu a volta e entrou no lugar do carona. Embora o carro fosse seu, ela sabia que dirigir poderia aliviar um pouco do tédio da policial.

As duas ainda passaram no mercado antes de seguir para o apartamento de Julia, no qual entraram aos beijos.

Lana tinha uma destreza, um jeito de tomá-la nos braços que, com extrema facilidade, tirava Julia do sério. Parecia ler seus pensamentos, antecipar seus desejos e prever suas vontades.

Quando conseguiu um instante para respirar, Julia se deu conta que Lana já havia lhe arrastado até o corredor, prestes a entrar no quarto.

– Lana... Amor... Precisamos pegar leve, lembra? Que tal você procurar algo na televisão pra gente ver, enquanto eu preparo o jantar?

– Julia, a minha fome é outra.

A jornalista riu, abraçando Lana. A sintonia entre elas sempre havia sido incrível, mas com o acréscimo de toda aquela vibração sexual, não mais freada pelas duas, era como viver cada segundo muito mais intensamente do que qualquer um julgaria normal.

Julia não estava apenas perdidamente apaixonada, ela também se descobrira amando ser a pessoa que era com Lana. Inesperadamente, Julia estava ansiosa pela vida, querendo sentir a passagem do tempo, a Terra girando, cada novo dia surgindo e depois indo embora, até que pudesse olhar para trás e não ver mais qualquer vestígio de como era antes. Até que fosse capaz de se esquecer, completamente, da sensação de estar sozinha, de não ter com quem contar, pra nada.

– Que foi? – Lana percebeu que a mente dela se ausentou por alguns segundos.

– Só estava pensando na sorte que tenho – respondeu com brilho no olhar.

Lana afagou seu rosto, antes de iniciar um beijo bem mais calmo, mas não menos profundo que os anteriores.

– Capítulo 19 –

Pela Última Vez

– Vou deixar algumas caixas na garagem, pode ser?

Paloma levantou os olhos, encarou Renata e sorriu.

– Claro.

Apesar da situação, o clima estava tranquilo entre elas. Renata passara boa parte da manhã fazendo as malas e guardando suas coisas em caixas de papelão.

Paloma se mantivera por perto, em silêncio, apenas observando o amor de sua vida amontoar seus pertences para sair definitivamente de sua vida. Era terrivelmente doloroso e assustador, mas também era necessário.

Todos os últimos dias, as últimas horas, todas aquelas conversas e discussões surtiram tanto efeito na vida de Paloma que ela nem mesmo conseguia se reconhecer.

Queria abraçar Renata, beijá-la até perder o fôlego e contar que tinha mudado, que tinha amadurecido e que as coisas seriam diferentes. Queria Renata longe daquelas caixas e malas, queria Renata em sua cama, em seus braços.

Mas Paloma não demonstrou nada daquilo. Estaria novamente ignorando as opções de Renata, negando a chance da esposa também crescer e amadurecer.

Ver seu casamento rompido fora o bastante para Paloma arrancar a venda de seus olhos, mas ainda era só o começo para Renata, e a economista conseguia perceber aquilo.

– Apenas não entendi o motivo de você não ter aceitado o convite da Lana para ficar na casa dela – Paloma apanhou uma peça de roupa e começou a dobrá-la.

Renata sorriu de lado e jogou outro livro dentro da caixa.

– Já morei com a Lana durante a faculdade e foi o suficiente!

As duas riram.

– Ah, mas agora é diferente, não? – insistiu Paloma.

Renata mordeu o canto da boca e lançou um rápido olhar para a esposa.

– Sair daqui e voltar a morar com a Lana seria como retroceder, sendo que a ideia é seguir em frente.

Paloma ajeitou o cabelo atrás da orelha e assentiu.

– É...

– Além do mais, agora tem toda aquela *vibe* insuportável de lua de mel com a Julia.

Renata fez uma careta e Paloma se viu obrigada a rir novamente. A veterinária ainda mantinha um desgosto nada discreto pela jornalista, mas ela, acima de tudo, preocupava-se com a felicidade de Lana.

Apanhando mais um livro, Renata o jogou em outra caixa.

Paloma caminhou pelo corredor e se encostou no batente da porta de seu quarto. Olhou para o cômodo e sentiu uma crescente onda de pura tristeza. Todas as coisas de Renata tinham sumido.

Desde criança, Paloma aprendera a controlar tudo o que lhe acontecia, aprendera a planejar e a passar por cima de qualquer imprevisto. Quando descobriu que era lésbica, fez uma pesquisa detalhada para entender melhor sua orientação, antes de contar aos pais. Frente à descrença da mãe, Paloma apenas pronunciou que “contra fatos não há argumentos”.

Sua vida sempre fora baseada em situações concretas e, muitas vezes, previstas. E aquela atitude estava lhe privando do grande amor de sua vida. Aquele era um problema que não poderia resolver da maneira que estava acostumada, pois envolvia uma segunda pessoa, e a economista precisava entender que não tinha poder sobre tudo e sobre todos.

Era a lição mais árdua de sua vida. Renata estava indo embora e levava consigo um pedaço de Paloma, deixando o resto destroçado e sangrando.

Sem conseguir reprimir a emoção, Paloma logo se viu aos prantos, sentindo o peito apertar e esmagar seu coração. Não tinha mais forças para enfrentar aquela dor, aquela angustia e um forte sentimento de fracasso.

Renata observava a esposa chorar em frente ao quarto no qual dividiram tanto amor nos últimos anos. Ela também estava sofrendo, também estava despedaçada por dentro.

Seguindo seus instintos, tomou Paloma em seus braços e a manteve presa a si com tanta intensidade que pareceu possível que se fundissem. Renata também chorava, sentido as lágrimas de Paloma contra o seu pescoço, as mãos dela apertando seu corpo e o coração de ambas batendo tão forte que quase podiam se tocar.

Renata levou a mão até o rosto de Paloma e o levantou suavemente, para que pudessem olhar uma nos olhos da outra. Havia tanta emoção naquele gesto que até mesmo o ar em volta delas pareceu carregado.

– Eu sinto muito, meu amor – sussurrou Renata.

– Como vou viver sem você, Renata? Isso está me matando! – a voz de Paloma saiu fraca, embargada.

Aquela dúvida retumbava na mente de Renata também, mas não havia uma resposta. Havia apenas um vazio amargo que ecoava transversalmente entre os sentimentos que precisavam ser deixados de lado.

Os olhos de Paloma brilhavam, turvos, e as grossas lágrimas trilhavam caminhos desiguais em seu rosto. Renata seguiu cada uma delas, mas parou nos lábios da outra. Contornou-os com o polegar, arrastando a fina pele de Paloma quase bruscamente.

Paloma sentiu o calor daquele toque e antecipou a ação de Renata ao buscar um beijo inevitável. Ela a enlaçou pelos ombros, unindo mais seus corpos, negando a separação carnal que suas escolhas decretavam.

Renata prensou a esposa contra a parede, percorrendo seu corpo com as mãos, transpondo as limitações de suas roupas, ansiosa por tocá-la em cada centímetro de pele.

De olhos fechados, Paloma sufocava entre as emoções que seu corpo agonizava. Ainda chorava, seu peito ainda ardia, mas sentia crescer uma onda de fúria e insanidade. Uma vertente de sua paixão até então adormecida, que passou a direcionar cada gesto, cada vontade, cada suspiro e cada ânsia.

A urgência que tomou ambas parecia soar como um relógio, uma luta contra o tempo em busca de mais e mais sensações, de mais contato e de mais intimidade.

À primeira dificuldade, as roupas eram rasgadas e somadas à pilha ao redor delas. Renata não reconhecia Paloma naquele desatino, mas tampouco se reconhecia.

Caíram juntas na cama, sem que nenhuma palavra fosse trocada. Apenas os olhos se comunicavam, mas eles somente transmitiam desejo, necessidade e uma centelha de desespero.

Cada toque era duro, as unhas se arrastavam sem clemências pelas costas, braços e pernas, deixando marcas rubras e quentes. A dor em si não era sentida, mas o prazer em causá-la escapava a cada arquejo.

A pele de ambas transpirava uma necessidade ainda maior de se tocarem indefinidamente, e cada toque parecia ser o primeiro, parecia ser o mais urgente, o mais viciante. Os cheiros, os gostos, as carícias tragavam cada ar que cabia nelas, deixando em seu lugar descargas de eletricidade, que percorriam seus corpos através de espasmos, obrigando-as a se buscarem ainda mais.

À penumbra do quarto, no breu da noite, os enlaces vagueavam sem qualquer ritmo definido. Eram estranhas, eram cúmplices, eram amigas e amantes. Eram duas mulheres que sofriam por amar, que sofriam de amor. Eram almas gêmeas que se encontravam e se perdiam, batiam-se e respigavam seus anseios uma na outra.

Abriam-se lacunas que apenas o tempo preencheria, mas também curavam-se dores com o ardor de cada gesto desenfreado. Tantas palavras permeavam entre elas, mas nenhuma jamais seria dita ou mesmo sentida novamente. Transcender a própria existência era uma viagem sem volta e a plenitude daquele sentimento sobrepujava qualquer lógica que qualquer uma delas ousasse buscar.

Mesmo sem se darem conta, Paloma e Renata dividiam um amor que estava fadado a percorrer cada percalço que amar outra pessoa exigia.

Os beijos, os toques e as carícias pareciam insuficientes e os corpos insaciáveis. E foi fácil se perderem no tempo, sem nunca se perderem uma da outra e das sensações que vinham em ondas agonizantes. Cada tremor era sucedido de outro ainda mais intenso, mais inebriante.

Foi por pura exaustão que caíram, lado a lado, na cama e ficaram em silêncio indefinidamente.

Suas mãos se entrelaçaram sem que percebessem, e Renata virou o rosto para encontrar o olhar de Paloma.

O vislumbre de um sorriso relaxado resultou em Renata uma resposta preguiçosa, e um grande esforço para puxar Paloma até que ela descansasse a cabeça em seu peito.

Acariciando o cabelo de Paloma, Renata suspirou lentamente.

– Eu te amo... – disse, com a voz rouca.

– Pra sempre... – respondeu Paloma, antes de fechar os olhos e adormecer profundamente.

Renata sorriu com tristeza. A respiração serena de Paloma a deixou pensativa e nostálgica, lembrando todas as vezes que a esposa havia dormido logo após fazerem amor. Viu a si mesma naquele quarto, com os dedos perdidos entre os cabelos de Paloma, com suas pernas entrelaçadas, com o calor reconfortante que tremulava entre os corpos.

Lágrimas geladas verteram em silêncio, arrastando consigo todas as boas lembranças de Renata, decretando com uma sensação agonizante que aquele era o fim, que elas estariam separadas ao primeiro raio de sol e que aquela cena jamais se repetiria, a não ser nas recordações das duas.

– Capítulo 20 –

O Preço pelo Passado

Curada dos ferimentos, Lana voltou à sua rotina na delegacia, e Julia se viu ocupada com a cobertura da passagem da comitiva presidencial por Curitiba. Apesar dos diversos compromissos, depois de uma semana finalmente envolvidas, tudo entre elas parecia funcionar como se o romance tivesse começado junto com a amizade.

A cumplicidade permitia que Julia se adaptasse aos plantões noturnos da policial, enquanto Lana compreendia perfeitamente quando a jornalista precisava cobrir um furo de última hora.

Aproveitando uma folga inesperada, Julia voltou para casa e se pôs a consultar suas anotações sobre o Secretário de Segurança. Seu editor havia garantido que, se ela conseguisse encaixar mais uma peça, mesmo que a mais remota, no quebra-cabeça daquela trama envolvendo corrupção, iria novamente para o topo da primeira página.

Com um sorriso no rosto, Julia avaliou sua sorte.

Perto das três da tarde, a campainha a sobressaltou. Ela tinha certeza que não poderia ser Lana, afinal, há dois dias ela havia ganhado uma cópia das chaves. Mesmo assim, Julia consultou o celular, em busca de alguma mensagem, avisando sobre uma mudança de planos. Não encontrou nenhuma.

Quando abriu a porta, Julia sequer teve tempo para uma síncope. Maria Lúcia Gutenberg passou por ela à primeira fresta, andando decidida até o meio da sala.

Recompondo-se em seguida, Julia a inquiriu, muito surpresa:

– Pois não?

A socialite a analisou da cabeça aos pés, com o semblante sério, talvez mais tenso do que ela gostaria de aparentar.

– Julia Ávilla, não é mesmo?

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Como passou pelo porteiro? – foi a única coisa que Julia conseguiu pronunciar.

Maria Lúcia abanou a cabeça e torceu os olhos afetadamente.

– Esses mortos de fome fazem qualquer coisa por uma nota de cem.

Nervosa, Julia ficou encarando aquela mulher e tentando adivinhar seu

próximo passo.

– Vou poupar o nosso tempo – anunciou a mais velha. – Tenho certeza de que nós duas sabemos quem a outra é.

Julia não confirmou, nem negou. Sequer conseguia se mexer.

– Vim garantir que você jamais volte a pisar em nossa cidade. Como se a primeira vez já não tivesse sido uma audácia daquelas!

A jornalista começou a se recuperar do torpor.

– Como disse?

– Que foi? Achou que fosse conseguir passar despercebida? – Maria Lúcia forçou uma risada teatral. – Deixa eu adivinhar: você usou o noivado da minha filha como chance para explorar o terreno. E a próxima cartada? Chantagem? Não é isso? Ajudada por aquela degenerada da Mansini, ainda por cima!

– Retire o que disse – Julia foi seca e direta.

– O quê?

– Você pode falar as barbaridades que quiser, sobre qualquer coisa, eu não me importo. Mas ninguém vai ofender a Lana na minha casa. Nem mesmo você.

Os lábios de Maria Lúcia formaram um sorriso sarcástico.

– Tudo bem, vamos logo com isso. Quanto?

– Quanto o quê?

– Quanto você quer para desaparecer das nossas vidas tão repentinamente quanto surgiu?

Julia perdeu a paciência:

– Não foi tão repentinamente. Acho que levou nove meses, não foi?

Maria Lúcia, pela primeira vez, demonstrou o mínimo sinal de abalo.

– Ah, não, você está falando do nosso segundo encontro, vinte e oito anos depois – continuou Julia.

– Eu não preciso comentar isso. Vamos, diga qual o seu preço.

– Nada que qualquer Gutenberg seja capaz de pagar. Poupe suas ofertas, eu não tenho qualquer intenção de procurá-los. Quando sair por essa porta, terá me visto pela última vez, eu garanto.

A socialite torceu os lábios, surpresa.

– Oh, a pequena órfã quer bancar a orgulhosa!

Julia sentiu seu sangue ferver, mas manteve o controle. Estava tomada por tantas emoções contraditórias, que a única que se sobressaía era o choque.

– Só quero saber quem era o meu pai. Tenho direito a isso.

Por uma fração de segundo, Julia conseguiu ver algum calor no olhar de Maria Lúcia, mas o ímpeto foi rapidamente reprimido, e ela o disfarçou magistralmente, com uma nova gargalhada vazia.

– Você nunca teve pai, menina.

– Só o nome – disse Julia. – Ou será que você nem ao menos sabe?

Novamente, aquele estranho calor passou pelo olhar de Maria Lúcia, e dessa vez durou mais tempo. Em seguida, a socialite apanhou um pedaço de papel de dentro da bolsa, entregou para Julia, e andou de volta até a porta.

– Esse aí é o seu pai. E, acredite, é muito melhor que qualquer outro.

Confusa, Julia desfez a dobra e percebeu se tratar de um cheque. Havia tantos zeros nele que ela teve de olhar de novo.

– Fique com isso – estendeu de volta. – Eu não quero. Já disse que não quero nada de vocês.

– Então dê ao porteiro, a algum amigo, doe para a caridade, faça o que bem entender. Não me fará nenhuma falta. Eu já fiz o que vim fazer. Adeus.

Julia chegou a dar dois passos no intuito de correr atrás dela, mas desistiu diante da porta aberta. Correndo a mão livre pelos cabelos, percebeu que estava tremendo e suando frio. Não tinha certeza se seu coração ainda pulsava, mas quando o sentiu de novo, as batidas eram secas, pesadas.

Nem ao menos tinha conseguido a informação. Mas não era continuar desconhecendo a identidade do pai biológico que fazia cada célula do seu corpo doer. Era ter certeza de que nem o mais macabro, dentre todos os planos que um dia havia arquitetado, faria jus ao que merecia aquela mulher que tinha acabado de sair.

Uma hora depois, Julia ainda não tinha conseguido sair do estado letárgico no qual entrara após o embate com a mãe. Completamente abalada, ela encarava o cheque deixado por Maria Lúcia, enquanto sua mente revisitava cada detalhe de toda a sua vida.

Então, finalmente, a despeito de todos os esforços que fizera, sua raiva, a dor, as mágoas acumuladas desde sempre eclodiram. Ela apanhou sua bolsa, um casaco e as chaves do carro, e decidiu que só conseguiria deixar seu passado para trás se, uma vez na vida, encarasse aquilo de frente.

Lana deixou o Distrito satisfeita por finalmente ter retomado sua rotina policial. No entanto, tinha seus pensamentos dominados pela saudade que sentia de Julia e seu coração palpitava de ansiedade por encontrar a namorada.

Prevenida, Lana já tinha deixado na viatura que usava uma muda de roupas

para o dia seguinte e então seguiu, sem escalas, para o apartamento da namorada. Ainda no caminho, Lana tentou localizar Julia pelo celular, mas quando a terceira ligação, assim como as anteriores, caiu direito na caixa, ela desistiu.

O apartamento de Julia ficava mais longe do Distrito do que a casa de Lana e, àquela hora, o trânsito conseguia mexer com os nervos do motorista mais paciente. Quando finalmente chegou ao seu destino, Lana apanhou seus pertences e subiu até o andar da namorada.

Encontrar o apartamento vazio não era recepção que ela tinha imaginado, mas quando uma nova tentativa de comunicação resultou em outra mensagem automática, Lana suspirou longamente e se conformou pelo lado negativo de namorar uma jornalista.

Provavelmente, Julia tinha sido obrigada ir cobrir alguma notícia e ligaria quando estivesse desocupada.

Lana caminhou, lentamente, pelos cômodos daquele ambiente. Tinha estado ali muitas vezes, mas existia uma sensação nova em tocar os objetos de Julia sendo, agora, oficialmente sua namorada.

Entediada, Lana acabou cochilando no sofá da sala e acordou, sobressaltada, por um ruído qualquer cometido por algum vizinho descuidado. Ansiosa, faminta e ligeiramente chateada com a falta de consideração de Julia de não entrar em contato, Lana seguiu para a cozinha, onde começou a montar um sanduíche.

Quando o telefone da sala tocou, Lana sentiu o coração palpitar, mas, como estava com as mãos ocupadas e sujas, deixou que a ligação fosse atendida pela secretária eletrônica.

Após o bipe, uma voz que mexeu com a memória de Lana preencheu o ambiente:

– Julia, está aí? – a mulher fez uma pausa. – Tentei ligar para o seu celular a tarde toda, mas você não atende. Descobri uma coisa e achei que você gostaria de saber.

Lentamente, Lana se aproximou do aparelho, digladiando-se mentalmente entre atender a ligação ou ignorar e voltar para o seu jantar. A estranha continuou a falar:

– A sua visita no outro dia me deixou extremamente curiosa, já que surgiu à minha porta com ninguém menos do que Lana Mansini – ela fez outra pausa, e Lana pôde perceber um pequeno riso. – Que, curiosamente, de acordo com a ficha médica, nasceu em Vale do Hans. Acho que isso indica

que ainda está em sua cruzada contra o clã dos Gutenberg, correto? Se ainda precisar de munição para a sua vingança, apareça em meu consultório amanhã pela tarde. Eu pensei melhor e acho que o seu dinheiro não me interessa mais. Talvez possamos almoçar, ou algo assim. Traga o arquivo com todas as suas pistas, podemos pescar mais alguma coisa. Beijos.

Assim que outro bipe encerrou a ligação, Lana saiu de seu torpor e reproduziu a mensagem inúmeras vezes, a cada minuto mais incerta do que tinha escutado.

– Eu sabia que tinha alguma coisa errada com essa médica! – exclamou Lana, para si mesma.

O instinto de Lana ordenava que começasse a investigar imediatamente, mas sua moral contrapunha alegando que não poderia sair vasculhando as coisas de Julia sem a sua presença, ao menos.

Cerrando os punhos, Lana bufou exasperada, perdida em elucubrações rasas e infrutíferas. Era apenas ciúmes ou o seu sentido policial estava apontando para um caminho ainda mais tortuoso?

Zonza com todos aqueles pensamentos, Lana percebeu que o lado sombrio de Julia estava pesando mais do que nunca naquela relação, o passado segredo da namorada era como um fantasma a assombrando. Lana olhou para o telefone sobre o móvel ao seu lado, respirou fundo e tocou a mensagem mais uma vez.

As implicações ilógicas e imorais daquele monólogo telefônico incitavam na policial uma ânsia, sucedida de uma tormenta emocional. Descuidada e desprotegida, Lana desabou na imperfeição de seus temores, lutando para retomar a razão e assimilar as verdades contidas nas frases que escutara.

O jantar foi servido mais tarde na mansão dos Gutenberg. Clarissa não estava presente, pois Giovane e ela tinham assuntos do casamento para tratar, mas Cristina se juntou aos pais. O marido dela tinha levado os filhos do casal para uma chácara fora da cidade, onde provavelmente os três passariam boa parte do tempo pescando.

– E quando é que eles voltam, Cristina? – quis saber sua mãe.

– Amanhã – ela respondeu, sem precisar esconder seu alívio por não ter sido convidada para o programa.

– Um pouco de paz não lhe fará nada mal – continuou Maria Lúcia.

– Mas e você, mamãe? Que história é essa de ter ido para a capital?

Natanael pigarreou, zangado pelo assunto.

– Não é algo que devemos discutir à mesa, filha – amenizou a mãe.

Os três foram surpreendidos por uma gargalhada acompanhada de palmas, sons que ecoaram pelo primeiro andar da casa.

Quando se voltaram na direção da copa, reconheceram Julia encarando a mesa.

– Nada como um jantar em família, não é mesmo?

– Seguranças! – requisitou Natanael, levantando-se num salto. – Quem deixou essa mulher entrar?

Julia não vacilou nem um pouco, e continuou com seus passos medidos, aproximando-se da mesa.

– Vou adorar deixar escapar o motivo da visita para qualquer um que chegar perto – ameaçou a jornalista.

Natanael teve dois segundos para pensar no assunto. Logo Cláudio estava à porta, solícito como sempre.

– Em que posso ser útil, senhor?

– Quem deixou a moça entrar?

Só então o segurança pareceu perceber que havia uma estranha na sala. Quando encarada, Julia respondeu com um sorriso simpático.

– Não se sinta mal, eu já driblei esquemas bem mais pesados.

– Querido... – Maria Lúcia chamou a atenção do marido. – Ela já entrou, melhor discutirmos isso a sós, você não acha?

O rosto avermelhado de Natanael deixava claro que seus nervos estavam à flor da pele. Rapidamente, ele dispensou não apenas o segurança, como todos os empregados da mansão.

Enquanto conduziam Julia ao escritório doméstico, a jornalista ouviu Cristina sussurrar uma pergunta ao ouvido da mãe:

– É ela?

– Sim, sou eu! – meteu-se na conversa. – Em carne e osso. Não nos apresentamos na última festa, mas saiba que não é um prazer conhecer você.

Cristina estreitou os olhos.

– Como ousa?

– Qual parte? – devolveu Julia.

– Chega! – interrompeu Natanael. – O que você faz aqui?

Julia tirou o cheque de dentro da bolsa, olhou para ele pela última vez e então o fez em pedaços, jogando o que restou dele para o alto.

– De tudo o que vocês fizeram, ter tentado me comprar foi especialmente baixo.

– Eu disse à Lúcia que era pouco – comentou Natanael, tentando recobrar a calma. – Mas também achei que, em virtude das circunstâncias, deveria deixar que ela lhe avaliasse, e não eu.

– Os dois teriam errado – comentou Julia.

– Será?

– Tenho certeza – garantiu a jornalista.

– Acho que você não pensou direito sobre a nossa conversa desta tarde. Está em nosso território agora. Eu tomaria muito cuidado – alertou Maria Lúcia.

Julia olhou para ela e não conseguiu esconder todo o rancor que sentia.

– Vocês sabem o que eu vim fazer. E agora devem imaginar que eu não vou desistir enquanto não conseguir.

Natanael balançou a cabeça e ficou tentando aliviar a tensão que tomara conta de todos.

O perfil do chefe dos Gutenberg era de um homem frio, esperto e controlador. Julia tinha investigado muitas coisas sobre ele ao longo dos anos, e sabia que Natanael não era do tipo que se abalava facilmente. Sua recente visita, no noivado de Clarissa, havia confirmado todas as impressões.

Os empregados o temiam, os sócios o bajulavam, as filhas obedeciam sem reclamar e a esposa era a cúmplice perfeita. Julia considerava aquilo o ápice do narcisismo de Natanael: ter se casado com a prima, só porque ela também era Gutenberg.

– O que é que ela quer? Não é a herança, é? – Cristina cobrou os pais.

– Filha, fique fora disso, sim? Seu pai e eu cuidaremos do assunto – pediu a mãe.

– De jeito nenhum, eu quero saber! Se essa bastarda acha que pode aparecer assim do nada e se meter com os Gutenberg, ela está muito enganada! – ameaçou.

A resposta de Julia foi um sorriso frio. Como Cristina tinha três anos quando tudo aconteceu, a jornalista com frequência se perguntava se ela lembrava alguma coisa, se ela sabia, se os pais haviam sido honestos ao responder as perguntas que ela certamente tinha feito depois de crescer.

Pelo visto, sim.

– Vou repetir, agora que estão todos reunidos: não me interessa nenhum centavo do seu dinheiro.

– Mesmo assim, podemos compensá-la por certos transtornos – sugeriu Natanael, iniciando seu processo de negociação.

– Já disse que não estou interessada! – Julia foi ríspida. Sentia o controle lhe escapando, mas já tinha ido longe demais para entregar os pontos ou para demonstrar qualquer tipo de fraqueza.

– Eu não vou responder a sua pergunta – adiantou-se Maria Lúcia. – Desista – cruzou os braços.

– O que é que ela quer saber? – inquiriu Cristina.

– A identidade do pai, eu suponho – o próprio Natanael respondeu.

– Para começo de conversa, é isso mesmo.

– Nunca! – disse a mãe.

– Tudo bem – aceitou Julia. – Vai ser do jeito difícil, pelo visto. O engraçado é que investiguei muito vocês, e esse é um segredo que esconderam formidavelmente bem. Ninguém em Vale do Hans faz ideia que Maria Lúcia Gutenberg teve uma filha entre as duas que todos conhecem. Isso pode deixar muita gente confusa, não é mesmo? Se eu fosse a primeira, a mais velha, talvez entendessem melhor, vocês não acham? Quase todos os meus colegas de orfanato eram filhos de mães solteiras, desamparadas, jovens demais.

Enquanto falava, Julia passou a andar pelo escritório, ciente de que tinha a completa atenção dos outros três.

– Mas a filha do meio? Por que será que ela foi escondida de todo mundo? Ah, sim! Levarão dois segundos para concluir o óbvio... Que o poderoso Gutenberg jamais teria tido imenso trabalho em disfarçar a gravidez da esposa se o filho fosse seu.

Com um sorriso aberto, Julia parou para encarar os três.

– É um pensamento machista, mas talvez não o achem mais tão poderoso assim, depois que tudo vier à tona.

Natanael sorriu cinicamente.

– Que bobagem, por mais tacanha que seja essa cidade, isso foi há muito tempo.

Julia assentiu.

– Concordo. Segredos de família não dizem respeito a mais ninguém, certo? Já as coisas que eu descobri sobre as suas falcaturas fiscais, ah, isso sim pode fazer um rombo bem interessante no seu ego, na sua fortuna e até na sua liberdade. Com qual dos três você se preocupa mais? Eu aposto no ego.

– Você está entrando num terreno perigoso, do qual não sairá ilesa – ameaçou Natanael.

– Eu não espero por isso. Não mesmo. E quer saber? Eu não dou a mínima. Ter crescido sozinha e sem nada tem lá suas vantagens, como, por exemplo, não ter absolutamente nada a perder.

O empresário foi obrigado a afrouxar o nó da gravata.

– Você não tem provas de nada.

Julia riu, debochando na cara dele.

– Se fosse para aparecer sem provas, teria feito isso assim que descobri. Sinceramente? Já posso supor que meu pai era um cara muito esperto, porque a linhagem dos Gutenberg, a julgar por vocês três e pela tola da Clarissa, é um fracasso nesse sentido.

– Eu vou chamar o segurança de volta! – resolveu Maria Lúcia.

– Não – impôs-se Natanael.

– Mas...

– Mas nada! Eu cansei de deixar esse problema nas suas mãos e vê-lo voltar para a minha casa! Eu lhe dei a chance de escolher duas vezes, e olhe no que deu!

Por um instante, Julia se viu mergulhada nas conjecturas que já tinha feito. Um aborto teria sido a melhor opção de sua mãe, na época. Mas por algum motivo, por uma razão que Julia detestava desconhecer, a gravidez tinha sido levada até o fim. Não que ela reclamasse. Na verdade, só existia por causa dessa decisão, mas nem com tudo o que sabia dos Gutenberg ela havia conseguido decifrar esse enigma.

Outra pista que a fala de Natanael havia lhe dado era que a ideia de subornar Julia tinha vindo de sua mãe.

– Só para o caso de estarem pensando no assunto – anunciou Julia, – eu obviamente deixei alguém de confiança encarregado de revelar toda a verdade à polícia, na eventualidade de eu não dar sinal de vida proximamente. A parte de ser eliminada por vocês é outra herança de família que eu dispenso.

– Pois seria muito merecido, tanto para você quanto para o homem que a gerou! – disse a primogênita, sem qualquer hesitação.

– Cristina, contenha-se – orientou o pai.

– Ah, então foi isso mesmo? – constatou Julia. – Confesso que estava meramente especulando, mas... Uau.

Por dois segundos, Julia perdeu o fôlego e manteve os olhos baixos. Ela havia se preparado, sabia que a possibilidade era enorme, quase uma certeza, mas, mesmo assim, algo que ela nem sabia que possuía foi tirado dela de

repente.

Seu pai estava realmente morto, e ela definitivamente não tinha mais nada para procurar. Nada o que fazer naquela casa e na vida daquelas pessoas.

– Não seja ridícula, Cristina, você era uma criança e não sabe nada dessa história – disse Maria Lúcia.

Mas Julia sentiu, no tom de voz dela, que aquilo não passava de uma tentativa de evitar que a jornalista começasse a investigar o assassinato.

Era por isso, também, com toda a certeza, que nenhum Gutenberg jamais revelaria o nome que Julia tanto precisava saber.

– Eu não estou gostando nada dessa conversa. Papai, será que pode subir a oferta para nos livrarmos disso?

Enquanto Natanael esboçava um sorriso que transmitisse confiança para a filha mais velha, a porta do escritório foi aberta com violência.

– Eu não posso acreditar! Eu não consigo acreditar que depois de todas as barbaridades que eu acabei de ouvir, você seja capaz de coroar tudo com isso, Cris!

O sangue sumiu da face dos donos da casa. Julia deixou seu queixo cair sem o menor constrangimento.

– Clarissa?

– Cristina, pelo amor de Deus, ela é nossa irmã! E você sabia disso, vocês todos sabiam disso e... Vocês são o quê? Uma família de monstros?

Natanael esfregou o rosto, nervoso, tenso, incapaz de pensar numa desculpa boa o suficiente. Maria Lúcia, perto dele, despencou sobre o divã que decorava o cômodo, enquanto Cristina balançava a cabeça, inconformada por ninguém ter percebido a volta da caçula.

– Você não deveria estar com o seu noivo? – questionou a mais velha.

– Pelo visto, não. Se entendi bem, quase perdi a reunião de família!

– Clarissa, filha, do que é que você está falando? – perguntou a mãe, que transformou seu choque rapidamente em uma expressão branda, dissimulada.

– Não tente me enganar, mamãe, eu ouvi tudo!

– Ouviu o quê?

– Que você é mãe dela! – apontou na direção de Julia. – Que você a deixou num orfanato! E que vocês estavam tentando oferecer dinheiro e que, inclusive, ameaçaram matá-la! Foi por isso que ficaram tão desesperados quando eu fiz perguntas? Quando eu estranhei o modo como agiram quando ela apareceu aqui?

– Clarissa, cale a boca e escute! – exigiu o pai.

Ela se virou para encará-lo e Natanael viu seus olhos tão vermelhos, que chegou a recuar um passo.

– Já escutei demais. Vocês vão me explicar direitinho essa história, e vão responder as perguntas que ela fez.

– Não seja tola, Clarissa.

– Filha, nós vamos explicar tudo a você, mas no momento oportuno – prometeu Maria Lúcia. – Agora, você precisa se acalmar e se colocar no seu lugar. Somos uma família, e essa mulher é uma intrusa que veio nos ameaçar.

Clarissa removeu a fala da mãe por alguns segundos, e então se voltou na direção de Julia, aparentando estar mais calma.

– Quero ouvir de você. É verdade? – cobrou.

– Clarissa, não me diga que prefere acreditar numa impostora? – meteu-se Cristina.

– Eu disse que quero ouvir dela!

Julia aceitou o olhar de Clarissa, que tentava decifrá-la em silêncio, enquanto esperava pela resposta. Mas o que ocorreu foi o contrário: Julia era quem sempre conseguia ler as emoções dos outros e esconder todas as suas. E o que ela percebeu foi que Clarissa se sentia tão traída por ela quanto pelos pais.

– Eu sinto muito por não ter mencionado logo que nos conhecemos – disse Julia, buscando dentro de si toda a sinceridade que precisava creditar à declaração.

– Então você realmente já sabia quem eu era?

– Claro que ela sabia, Clarissa! – interrompeu Natanael. – Essa mulher investigou nossa família por meses, talvez por anos! E agora veio com uma história estapafúrdia sobre ser filha da sua mãe.

– Engraçado que eu não ouvi nenhum de vocês negando a possibilidade enquanto não sabiam que eu estava ouvindo. E você, Cristina – encarou a irmã – Estou tão decepcionada. Achei que fôssemos amigas. Todos esses anos, você sabia que a gente tinha uma irmã e nunca me contou. Poderíamos ter procurado por ela!

– Pra quê, Clarissa?

A mais nova balançou a cabeça, tonta por tantos pensamentos ocorrendo ao mesmo tempo. Após alguma hesitação, ela mirou Julia de novo:

– A Renata bem que me disse para ficar de olho em você... Disse que havia alguma coisa estranha e que você parecia interessada demais na minha família e na cidade.

Julia se limitou a baixar os olhos.

– Então você sabe que essa mulher é perigosa – disse Maria Lúcia, aproveitando a interrupção na conversa.

– Talvez não se deva esperar muito, considerando o que a própria mãe fez com ela, não é mesmo?

– Dobre essa língua, eu sou sua mãe.

– Também – completou Clarissa, e a palavra ficou ecoando no ar, com o peso de seu significado esmagando todos.

Transformar Clarissa em mais uma vítima daquela trama não deixava Julia satisfeita. Fosse pela amizade dela com Lana ou pela estranha conexão que havia se estabelecido assim que se conheceram, Julia tinha desenvolvido rapidamente uma preocupação genuína com o bem estar da professora.

Percebendo o quanto a descoberta estarrecedora torturava Clarissa, Julia pensava em como amenizar a situação, pra ela.

Clarissa conseguiu despertar nela a empatia que todo órfão sonha que vai surgir num passe de mágica se for capaz de encontrar sua família. Algo que Julia tinha desistido de experimentar quando descobriu quem eram os Gutenberg, e que ela vinha canalizando para a ínfima possibilidade de conhecer seu pai. Mas Julia só se deu conta de tudo isso quando se viu prestes a perder Clarissa também.

– Clarissa, eu sinto muito – retomou Julia. – Eu não pretendia que você descobrisse dessa forma. Não pretendia que mais ninguém descobrisse. Talvez, como você e a Lana são tão amigas, eu acabasse contando, mas seria em outro contexto. O que eu realmente queria era esquecer tudo isso. Eu tentei, de verdade.

– Então o que veio fazer aqui?

– Devolver o cheque que seus pais me deram. Meu apartamento foi praticamente invadido hoje à tarde, e eu acabei perdendo a cabeça.

Clarissa estreitou os olhos, pensando se deveria acreditar naquela história.

– Espere... A Lana não sabe?

Julia respondeu movendo a cabeça no sentido negativo.

– Provavelmente ela usou a Mansini para se aproximar de você, filha – disse Natanael. – Já pedi quantas vezes para se afastar dessa gente? Viu agora no que deu?

Previendo um desastre total, Julia implorou:

– Me dê vinte e quatro horas para contar a ela com jeito.

– Isso significa que é verdade?

Julia ia argumentar, mas Clarissa foi mais rápida:

– Eu não acredito! Isso simplesmente não pode estar acontecendo!

– Como você pode ver, maninha, foi um favor não ter lhe contado que ela existe. Mas você não precisa agradecer – disse Cristina.

– Não – falou Clarissa. – Chega, ninguém precisa contar mais nada. Eu não acredito em nenhum dos lados dessa história, e com certeza isso é uma espécie de pesadelo.

Desorientada, Clarissa começou a se afastar, de costas. Quando chegou à porta, virou-se e saiu correndo da mansão, sem levar nada, nem as chaves do carro e muito menos o telefone celular.

– Viu o que você fez? – Maria Lúcia direcionou seu olhar acusativo para a jornalista.

Sabendo que, de certa forma, era mesmo culpada de alguma coisa ali, Julia deu de ombros.

– Eu conheço o caminho da porta.

Julia já estava quase deixando a casa, quando Natanael interrogou a esposa:

– Você vai deixá-la ir embora assim? Levando com ela todos os nossos segredos?

– Bem, graças a nossa destemperada Clarissa, já confirmamos que, como todo mundo, Julia Ávilla tem seu ponto fraco – a mãe sorriu.

Atenta, Julia parou ao ouvir o diálogo. Natanael e Maria Lúcia a alcançaram.

– Acho que isso significa que temos um acordo, certo? – propôs a jornalista. – Eu sumo da vida de vocês e vocês somem da minha. Do contrário, os dois lados saem perdendo.

Natanael assentiu, satisfeito, seguido pela esposa.

– Adeus – encerrou Julia, que finalmente deixou a mansão.

Quando Julia estacionou o carro na garagem de seu prédio, ainda sentia as mãos petrificadas pela sensação gélida que a acompanhara durante todo o trajeto de volta. Aquela falta de calor fazia todo o seu corpo tremer e sua mente, torpe, ainda lhe negava um fluxo de raciocínio lógico.

Assim que deixou o veículo, Julia identificou o carro de Lana estacionado na vaga ao lado. A constatação de que a namorada estava esperando por ela chegou à Julia como uma brisa quente de verão.

Mas a sensação confortadora logo a abandonou quando se deu conta de que precisaria explicar um sumiço de horas, a ausência de notícias e as

ligações ignoradas.

Sabendo estar andando sobre uma corda bamba, Julia suspirou longa e pesadamente. O seu passado parecia uma onda devastadora, que irrompia suas barragens e inundava sua vida com terror e agonia.

Depois de estar frente a frente com a mãe, com a sua família sanguínea, Julia sabia ter deixado boa parte de sua alma naquela cidade amaldiçoada. No entanto, a jornalista sentia um fio de esperança, que crescia a cada segundo. Era como uma doce voz, que lhe sussurrava o prenúncio de uma vida sem segredos, sem passado.

Mas para que aquilo fosse possível, Julia precisava confrontar todos os seus demônios e, apesar de seu instinto gritar pelo contrário, ela devia à Lana o verdadeiro motivo de seu sumiço. Julia não esperava por uma conversa fácil, conhecia Lana bem demais e sabia que o fato de seus segredos abrangerem Clarissa apenas somava mais uma dificuldade.

Como dissera à professora, na mansão dos Gutenberg, planejava sim revelar toda a verdade à Lana, mas agora se tornara imperativo que fosse naquela mesma noite.

Julia se viu abrindo mão de toda a armadura que moldara em torno de si por todos aqueles anos. Precisava encarar Lana desarmada, desnuda de seus artifícios e aquela não era uma tarefa fácil.

Com a decisão mais difícil que já tomara enfim decretada, Julia girou a maçaneta de seu apartamento, permitindo-se um último suspiro de incentivo. Toda a sua coragem parecia ter sido esvaída durante o embate com os Gutenberg.

O apartamento estava todo iluminado, exatamente do jeito que Julia o deixara. Procurando pela sala e pelo corredor, ela finalmente localizou Lana na sacada, inclinada sobre a mureta, pensativa, enquanto segurava uma garrafa de cerveja.

Julia a observou por alguns segundos, incerta se sua presença já havia sido percebida pela namorada. Ao tê-la finalmente tão perto, Julia sentiu saudades e uma necessidade crescente de ser confortada pelos abraços e beijos cálidos de Lana.

O primeiro passo da jornalista foi vacilante e, quando abraçou a policial pelas costas, a sentiu fria e rija.

– Meu amor... – Julia sussurrou, beijando a nuca da namorada.

Lana permaneceu onde estava.

– Lana, precisamos conversar – Julia entregou, antes que se arrependesse.

– Muitas coisas aconteceram hoje e eu te devo a verdade sobre o que venho fazendo desde que deixei o orfanato.

Balançando a cabeça, Lana se afastou alguns passos, dando à Julia um olhar distante e sombrio. Dos lábios da policial, um pequeno riso amargurado escapou.

– Não estou interessada em mais um teatrinho, Julia...

Lana passou por ela, deixando a jornalista totalmente perturbada com a sua atitude. A mente de Julia trabalhou rápido, conjecturando um milhão de possibilidades. E os poucos segundos que levou para evocar seu raciocínio, foram suficientes para perder Lana de vista.

No entanto, antes que Julia pudesse seguir a namorada, Lana retornou, trazendo uma mala sobre o ombro e uma caixa nas mãos. Assim que identificou o objeto, Julia sentiu a boca secar e o coração gelar em seu peito.

Com uma expressão de puro desgosto, Lana atirou a caixa aos pés da jornalista.

– Você não mediu esforços para se aproximar de mim e me usar nessa sua artimanha suja. Não espero menos empenho em sumir da minha vida definitivamente, entendeu? – Lana se aproximou perigosamente dela. – E se não se afastar da Clarissa, da Paloma e da Renata, não tenha dúvidas de que irá se arrepender amargamente!

Com um último olhar de desprezo, Lana deu as costas para Julia, caminhando determinadamente para a porta.

– Lana, não, por favor! – Julia a chamou, passando por cima da caixa e a seguindo. – Lana, meu amor, você não entende!

Julia ainda conseguiu segurar seu braço, antes que Lana fechasse a porta.

Com um movimento brusco, Lana se desvencilhou, apenas para agarrar Julia pelos ombros.

– Não, eu não entendo, Julia! E tampouco quero entender! Nunca mais encoste em mim ou diga o meu nome!

– Lana... – Julia balbuciou. – Eu imploro! Meu amor, por favor, me escute! A policial comprimiu os lábios e meneou a cabeça.

– Te esperei apenas para que visse em meus olhos a dor que esse seu plano imoral provocou. Você é pior do que eles, Julia, você escolheu o caminho mais podre! Você não merece nem mais um segundo do meu tempo.

Grossas lágrimas vertiam dos olhos de Julia, dificultando que ela focalizasse o rosto da policial. Mas a dor contida em sua voz atingiu Julia como um soco no estômago.

Julia engasgava com as palavras, queria abraçar Lana, pedir perdão e convencê-la de que não era um monstro. Mas, naquele momento, nem mesmo ela estava convencida daquilo.

Lana a soltou com outro tranco, antes de passar pela porta e deixá-la ali, soluçando, perdida e mortalmente machucada.

O grito que irrompeu a garganta de Julia ecoou por todo o andar e pareceu rasgar tudo que aquele romance havia cultivado de bom dentro dela. Sua alma, repleta de cicatrizes, pareceu eclodir e abandoná-la, transformando Julia na pessoa vazia que ela sempre julgara ser.

– Capítulo 21 –

Segredos de Família

Na manhã seguinte, Julia não conseguia imaginar de onde tiraria forças para sair da cama e passar o dia na redação. Apesar da exaustão física e mental, fora impossível pegar no sono. Ela sabia que tinha perdido Lana para sempre. Não apenas a namorada, mas a melhor amiga que teve na vida.

A campainha soou insistentemente na sala. Julia tentou ignorar o ruído e a existência de alguém a sua procura, mas, depois de dois minutos, pareceu-lhe mais sensato atender logo e se livrar do problema do que continuar se escondendo. Quem quer que fosse, haveria de se arrepender só pelo carão que Julia ensaiou enquanto vestia o robe.

– Já vai! – anunciou, aproximando-se da porta.

Quando abriu, ao mesmo tempo em que identificava Renata, foi atropelada pela veterinária.

– Eu sempre soube que você era uma vagabunda e que acabaria fazendo alguma coisa desse tipo.

Julia sequer ensaiou a resposta, e uma dor aguda entorpeceu seus sentidos. O punho de Renata acertou seu rosto em cheio, com toda a força. Julia foi tropeçando para trás até que a parede evitasse sua queda. Ela tentou encarar Renata, mas logo percebeu que não era capaz de abrir o olho esquerdo sem ver estrelas de novo.

– Sei que a Lana jamais seria capaz disso – comentou Renata, cuspiendo as palavras. – Mas é o que você merece.

Batendo a porta num estrondo, Renata foi embora. Só então, Julia se arrastou até o sofá e deixou seu corpo cair de qualquer jeito. A dor era tão forte, e a sensação de que perdera tudo era tão grande, que Julia finalmente desmaiou.

Clarissa passou dois dias evitando o noivo e toda a sua família. Como não poderia largar as aulas, saía de casa para trabalhar, ficava até tarde fora, sozinha, sentada no mirante e pensando em tudo, depois voltava para casa e se trancava no quarto de novo.

Não atendeu ao telefone nem mesmo quando Paloma ligou. Sentiu-se mal, sabia que a amiga estava precisando de ajuda, mas a professora se encontrava totalmente incapaz de auxiliar qualquer um.

Quando finalmente achou que poderia tocar nesse assunto com alguém, ironicamente, Clarissa foi à procura da mãe. Ela parecia ser a maior culpada de tudo aquilo, mas, também por isso, Clarissa acreditava que somente ela teria as respostas que tanto precisava.

– Mãe? – chamou, ao ver a porta da suíte entreaberta.

– Clarissa... Entre.

– Será que podemos conversar? Eu digo realmente conversar, não como quando você me interrompe e foge de todos os assuntos.

Maria Lúcia assentiu e apontou a beira do colchão, convidando a filha. A primeira vista, o comentário de Clarissa não gerou qualquer reação negativa.

Depois de um suspiro, Clarissa começou:

– Afinal de contas, que história mais louca é essa?

A mãe também suspirou pesadamente. Parecia já ter ensaiado um discurso, ou pelo menos o começo dele. Mas então Maria Lúcia apertou ligeiramente os olhos, como se tivesse mudado de ideia sobre o que contaria para Clarissa.

Após alguns segundos em silêncio, Maria Lúcia passou a mão pelos cabelos impecáveis e olhou para a filha:

– Acho que a essa altura da vida, você não tem mais nenhuma ilusão sobre os motivos que fizeram seu pai e eu nos casarmos – assim que Clarissa concordou, a mãe continuou: – Seu avô mandava nos negócios e na família. Eu era a filha mais velha, seu pai era o único sobrinho homem. Eu sempre soube que acabaria me casando com ele.

Por cinco segundos, Maria Lúcia hesitou, pensativa. Em seguida, retomou a fala:

– Por sorte, ou por saber que era tudo inevitável, sempre nos demos muito bem.

Clarissa fez uma careta, estranhando a situação.

– “Se deram muito bem”? Como assim?

– Excluindo todos os rodeios, Clarissa, tratamos de ter a sua irmã o mais rápido possível. Depois, nosso acordo era simplesmente não interferirmos nas paixões um do outro, nem, é claro, permitir que isso interferisse no casamento perfeito.

Para Clarissa, aquele parecia o roteiro de um filme de ficção. Mas o sorriso que brotou no rosto de sua mãe entregava que o acordo havia sido, apesar dos pesares, bom para ela.

E, avaliando rapidamente, a professora concluiu que aquilo era a cara dos seus pais.

– Isso deve estar soando incomum para você. Acredite, tivemos nossos momentos também. Alguns nos últimos anos, inclusive. São fases, Clarissa, e todo casamento as tem. Nós só somos diferentes porque jogamos abertamente. Ter de engolir mentiras pode ser muito pior. Ou mesmo quando as mentiras precisam partir de você, elas machucam dos dois lados.

A filha ficou digerindo aquelas revelações, incapaz de formular qualquer tipo de comentário. Sua tentativa de se distanciar emocionalmente daquele enredo estava fadada ao fracasso. Não apenas porque se tratava dos seus pais, mas porque alguns fatos ditados por sua mãe se aproximavam perigosamente da realidade da professora.

– Nesse ponto, você já deve imaginar sob quais circunstâncias engravidei da segunda vez.

– Quem era ele, mãe? Como ele era? O que foi que aconteceu? – Clarissa estava tão curiosa que não reprimiu as perguntas.

– Não precisamos entrar nesses detalhes, querida.

– Mãe! Sério?

– Que diferença faz como ele era? – inquiriu Maria Lúcia.

– Eu quero entender você... Preciso saber que havia algo de bom nisso, quem sabe para justificar a tragédia em que isso tudo se tornou.

Maria Lúcia torceu os lábios, desagradada. Num tom de quem não estava muito confortável com aquilo, revelou:

– Ele era doce, mas corajoso. Era gentil e também era muito forte. Tinha os extremos que o seu pai não tem, e foi isso que me levou a...

– Se apaixonar?

A mãe não respondeu. Ao invés disso, desviou seus olhos da atenção da filha e ficou encarando a janela.

– Bem, era diferente. E ele era simples, tão simples... Tão diferente do meu mundo, do nosso mundo. O fato é que com ele tudo parecia tão fácil...

Depois de uma longa pausa, Maria Lúcia continuou, dessa vez numa postura bem mais prática, voltando a encarar a filha:

– Apesar de ter tomado todos os cuidados, infelizmente, eu acabei engravidando – suspirou, decepcionada. – Seu pai sabia que não era dele, que não havia como ser. E isso foi a pior coisa que poderia ter acontecido para nós três.

Clarissa balançou a cabeça negativamente.

– Puxa, eu... Eu nem consigo imaginar...

– Obviamente essa novidade acabou com a paz em que conseguíamos

viver.

– Esse cara soube que você engravidou?

– Soube... Acabou descobrindo. Ficou louco, propôs que fugíssemos juntos

– Maria Lúcia riu, virando os olhos. – Oh, ele era tão tolo...

– Mãe... Por que não aceitou?

– Clarissa, minha filha... Fugir para onde? Vale do Hans é tudo o que eu tenho. É o único lugar do mundo onde eu sou alguém.

Clarissa baixou os olhos, afetada pela dor que era tão clara em cada sílaba do que a sua mãe contava.

– Além do mais, havia Cristina. Seu pai jamais me deixaria levá-la. Seu avô havia acabado de falecer, Natanael tinha se tornado dono do mundo. Dono do meu mundo, pelo menos. Ele tem uma coisa que o outro nunca teve: sabe tomar decisões sensatas. E, também, sempre protegeu esta família acima de tudo.

– O que aconteceu depois?

– Natanael transferiu Cristina e eu para Curitiba, numa casa escondida. Para os amigos, dissemos que eu estava na Europa. Todos acharam o ápice da elegância, minhas amigas perguntavam e eu escrevia: “Paris está linda, Roma é mesmo a cidade eterna, Londres está sendo invadida pelos hindus”, e elas adoravam, pediam lembranças... Seu pai entregava as cartas. Sabe Deus como falsificava selos e carimbos... Ao final de tudo, tive que inventar que a mala com os presentes e os filmes fotográficos foi extraviada pela companhia aérea.

– E quanto à Julia, mãe?

Os olhos de Maria Lúcia escureceram de repente.

Clarissa insistiu:

– Ela é sua filha! É tão sua filha quanto a Cris e eu!

Maria Lúcia umedeceu os lábios antes de responder:

– Ela foi o erro que me fez perder tudo de bom que havia ao meu redor: a harmonia com seu pai e a chance de ter o pai dela por mais tempo. Sequer tivemos um encerramento. A gravidez me obrigou a acordar de um sonho que poderia ter durado bem mais. Por muito pouco, não perdemos tudo.

Clarissa encarou o chão. Sua mãe era sempre objetiva com as palavras, econômica com as emoções, mas ali, mesmo assim, era possível sentir o quanto aquilo ainda doía nela.

– Talvez não seja normal eu não conseguir sentir por ela o mesmo que sinto por você e pela sua irmã, mas não tenho como me obrigar a isso. Sem

mencionar a irresponsabilidade que teria sido mantê-la. Existe um preço a se pagar por ser uma Gutenberg, Clarissa. Eu espero que você já esteja ciente disso, depois de tudo.

– Por que é que eu nunca fiquei sabendo de toda essa história? – cobrou a filha.

– Clarissa, você veio depois de toda essa tempestade – Maria Lúcia sorriu. – Você veio de um bom momento entre seu pai e eu, o melhor de todos. E eu sei que, de alguma forma, isso fez toda a diferença. Você é diferente. Eu pensei em contar, quando você estava mais crescida. Talvez nem tudo de uma vez, mas pelo menos o suficiente para você não se sentir tão “estranha” nessa casa, e para podermos parar de cochichar pelos cantos. Não sobre essa moça, mas sobre meu casamento com seu pai.

– E por que não fez isso?

– Filha, eu vejo a forma como você planeja e idealiza o seu casamento nos mínimos detalhes... Você não tem pressa, porque está totalmente certa sobre o Giovane, e sabe que o tempo só vai melhorar isso. Vocês dois não vivem um arranjo, vivem um romance!

Clarissa ouvia a mãe sem perceber que estava boquiaberta. Maria Lúcia prosseguiu:

– Aquilo que eu disse sobre todo casamento ter suas fases é verdade, mas também acredito que existem algumas pessoas, alguns poucos privilegiados, que não precisam lidar com isso. Que realmente são capazes de viver um amor de contos de fadas, com um “felizes para sempre” real. Eu vejo isso em você, Clarissa, e contar, mostrar tão claramente esse outro lado da vida, iria partir o seu coração.

– Mãe...

– Você tem a chance de ser feliz sem pagar o preço que os outros pagam – Maria Lúcia sorriu, tentando encorajar a filha.

Clarissa se afastou e começou a andar pelo quarto, agitada, sufocada e nervosa.

– Isso não é verdade – entregou a professora.

– Como não? Eu vejo como às vezes você some aqui de casa e vai encontrar o Giovane escondida, mesmo que sejam praticamente noivos desde tantos anos. E você volta com os olhos brilhando, filha! Vocês trocam mensagens pelo celular, parece que acabaram de começar a namorar. A quem está querendo enganar, Clarissa?

Mordendo os lábios, Clarissa acabou por mirar o teto, e toda a sua vida

passou diante dos seus olhos. Corrigir o comentário da mãe poderia ser um erro capital, mas revelar aquele segredo, depois de tudo o que a mãe havia confessado, parecia ser a única saída viável para continuar aquela conversa.

– É tão evidente assim? – perguntou.

– Claro, minha filha. Aliás, nesses últimos meses, você aparenta estar ainda mais envolvida do que quando começou a namorar – Maria Lúcia sorriu, tentando acalmá-la. – Pode não parecer, mas do meu jeito, eu presto atenção em você, querida.

Clarissa deixou escapar um riso triste, quase indignado. Pousando as mãos na cintura, encarou a mãe:

– Você percebeu tudo, menos o principal. Não é o Giovane quem eu tenho encontrado.

– O quê?

A professora respirou fundo, enquanto sua mãe deixava a cama, visivelmente abalada.

– Há quanto tempo, filha?

– Eu não acho que te deva detalhes. Eu passei esses anos todos colocando vocês em primeiro lugar, tentando estar à altura desse maldito sobrenome! E vocês deixaram muito claro que eu jamais consegui. Venderam para a própria filha uma ideia que nunca passou de uma mentira.

– Clarissa...

– Como você pôde? Como é que vocês três conseguiram sustentar tanta hipocrisia? Vocês me viram sofrer e, ao invés de me consolar, fizeram com que eu me sentisse ainda mais culpada, ainda mais incompetente, ainda mais inadequada.

Maria Lúcia balançou a cabeça, desagradada.

– Filha, você está exagerando. E meça suas palavras, porque ainda sou sua mãe.

Clarissa bufou, cada vez mais raivosa.

– Mãe do ano, você! Da década! Não pense que isso vale alguma coisa, depois que eu descobri o que você fez com a Julia! Supostamente eu deveria me sentir feliz, não é? Pelo menos eu não fui largada num orfanato!

Maria Lúcia estendeu o braço e o girou num movimento rápido, mas a bofetada não atingiu Clarissa, que deteve a mãe no último segundo.

Apertando o antebraço dela até que suas unhas se cravassem na pele, Clarissa aproximou seu rosto da matriarca:

– Você nunca mais vai encostar em mim!

– Estava tentando acalmá-la, você está fora de si!

– Não, mamãe, eu estou muito centrada – Clarissa a empurrou, distanciando as duas novamente. – Finalmente as coisas fazem sentido nessa casa. – Clarissa abriu os braços. – Por isso o meu melhor jamais deu certo com vocês!

Enquanto retomava o fôlego, Clarissa pensou em todas as decepções que tinham marcado sua vida. Apesar do drama, ela sentia como se o peso do mundo inteiro tivesse saído de cima dos seus ombros.

– Filha, vamos conversar sobre isso com calma. Giovane não é apenas seu noivo, ele tem se tornado o braço direito do seu pai.

– Eu sei disso.

– E, sinceramente, eu não acredito que alguém seja capaz de encontrar um marido mais adequado.

Clarissa riu, nervosa.

– “Adequado”? Então agora é sobre isso? E o seu discurso, minutos atrás, sobre eu estar destinada a um romance de verdade?

Maria Lúcia endureceu seu rosto, enquanto a filha concluía:

– Acho que, como sempre, existem condições, não é?

– Pois você parecia muito feliz até três dias atrás – declarou Maria Lúcia. – E só pode estar usando essa crise para, mais uma vez, se fazer de vítima.

– Você tem razão sobre uma coisa: eu banquei a vítima, sim, mas foi para mim mesma. E isso acaba aqui.

– Afinal de contas, Clarissa, o que é que você quer?

A professora ficou pensando sobre o questionamento. O que ela mais queria era ser ela mesma. Mas quem era Clarissa? Era a herdeira dos Gutenberg, a jovem que servia de modelo para todas as outras na cidade, que amava Vale do Hans e queria viver ali para sempre? Ou era a garota impulsiva, que se encontrava com Milena às escondidas, que adorava saber das aventuras de suas amigas e as invejava por não precisarem manter nenhum tipo de aparência?

Com tristeza, Clarissa concluiu que jamais tinha conseguido ser nenhuma delas. Não completamente. Era como se uma parte só existisse por causa da outra.

– Eu posso não saber ainda o que eu quero. Mas hoje, mais do que nunca, eu entendi o que eu não quero... E é ser como você.

Encarando-se profundamente, mãe e filha ficaram em silêncio por um longo tempo. Tudo que Clarissa vinha sentindo que a engasgava pareceu se

resumir naquela frase.

Lentamente, então, Maria Lúcia começou a assentir. Em qualquer outra situação, teria uma resposta pronta para a argumentação da filha. Mas ter falado sobre o seu passado, ter sido visitada por ele, machucada por tudo, de novo, havia deixado uma marca muito profunda. Isso fez com que ela se lembrasse de sensações e de sonhos que tinha se obrigado a esquecer há muitos anos. Criou-se uma conexão entre ela e a filha, como se elas tivessem a mesma idade.

Sem a volta de Julia, Maria Lúcia jamais teria sido capaz de entender Clarissa, e, por um instante, durante uma ínfima fração de tempo, ela encontrou em si uma razão para aceitar que sua filha caçula poderia acabar exatamente como ela, e que isso não era uma coisa boa. Não sob todos os aspectos.

– Eu preciso de um tempo dessa cidade – declarou Clarissa. – E de todos vocês.

Outra vez, Maria Lúcia assentiu.

– Do jeito que as coisas estão, iria acabar explodindo, mais cedo ou mais tarde – continuou a professora.

– E quanto ao casamento?

Clarissa apertou os olhos, retendo o ar em seus pulmões enquanto travava uma batalha interna.

– Isso não vai ser nada justo com o Giovane. Mas continuar mentindo para ele seria muito pior. Você mesma disse: mentiras machucam dos dois lados.

– Eu vou conversar com seu pai. Veremos o que ele acha disso.

Clarissa suspirou, esgotada com tudo aquilo:

– Que ótimo, vai me poupar de dar a notícia.

– Não é uma notícia até que tenhamos discutido todos os aspectos disso em família, Clarissa.

– Vocês três podem discutir o quanto quiserem. Minha decisão está tomada. E é melhor nenhum de vocês se colocar no meu caminho!

Quando Maria Lúcia abriu a boca para protestar, Clarissa já tinha deixado a suíte, descontando toda a sua tensão ao bater a porta atrás de si.

Julia tinha acabado de voltar da rua. A pele dos ombros ardia e a cabeça estava começando a latejar por causa da exposição ao sol. Ela tinha esperado a tarde toda no Centro Cívico para apanhar o Secretário de Segurança na saída.

O esforço valeu a pena. Mesmo evasivo e muito contrariado por encontrá-la outra vez, o Secretário havia concordado em responder duas perguntas diante da câmera. Para ele, pareceram perguntas inofensivas.

A matéria seria o destaque do jornal da noite: primeiro, a reportagem de Julia sobre a falta de segurança em frente às escolas públicas. Depois, a sorridente declaração do Secretário, garantindo que todos os problemas nesse setor haviam sido resolvidos por ele, pessoalmente, no semestre anterior.

Apesar daquilo não ter nada a ver com o esquema de corrupção e a quadrilha de Tobias Leão, expor seu desafeto ao ridículo sempre colocava Julia em destaque. E os bons ares no trabalho eram mais necessários do que nunca.

Depois de insistentes tentativas, Julia desistira de entrar em contato com Lana. A policial não abria a porta, não respondia suas mensagens, não atendia suas ligações e provavelmente sequer estava lendo seus e-mails. Apesar de estar sofrendo com isso, Julia decidiu dar um tempo para a outra. Se esperasse a raiva passar, talvez tivesse uma chance.

Enquanto isso não acontecia, Julia mergulhava no trabalho. Devia alguns favores a certos colegas e saiu pagando todos, simplesmente para estar tão ocupada quanto possível e, assim, sequer ter tempo de sentir a falta de Lana no final do dia.

Sorvendo uma taça de vinho na varanda do apartamento, remoendo o término, Julia demorou a ouvir o interfone. Quando atendeu, teve certeza que seus problemas estavam longe de terminar.

– Entre... – disse, ao abrir a porta, um minuto depois.

Clarissa deu um passo tímido na direção do interior da sala.

– Eu deveria estar com a Lana agora, depois de tudo o que ela descobriu sobre você. Mas tenho algumas perguntas, cujas respostas estão apenas na sua cabeça.

– E como a Lana está lidando com tudo isso? Naquela maldita noite, eu iria contar tudo, mas ela acabou descobrindo por conta própria – Julia tentou controlar a ansiedade.

– Você pode estar acostumada a fazer perguntas, Julia, mas, como eu disse, vim aqui atrás de respostas.

Julia baixou os olhos, ligeiramente envergonhada. A jornalista tratou de colocar os pensamentos em ordem. A visita de Clarissa lhe oferecia a chance de tentar começar a consertar as coisas.

– Você não prefere sentar?

A professora assentiu. Enquanto se encaminhava até o sofá, aceitou a taça de vinho oferecida por Julia. As duas estavam bastante desconfortáveis, mas toda interação entre elas parecia sair naturalmente, sem demandar qualquer esforço.

– Como foi na noite em que a Lana descobriu? – Clarissa começou o interrogatório.

Julia reuniu fôlego devagar. Mordendo os lábios, respondeu a pergunta sem encarar quem a tinha feito.

– A Lana se sentiu traída, com toda a razão. Tentei pedir desculpas, pelo menos, mas ela não está interessada em nenhum tipo de contato por enquanto. Se eu ao menos pudesse me explicar... Dizer que as coisas não são tão ruins quanto parecem...

Julia esfregou o rosto cansado.

– Quem contou pra ela?

– Ela encontrou uma caixa onde eu guardava alguns papéis sobre isso. Lembranças do orfanato, documentos, informações sobre os seus pais. Achei estranho ela ter simplesmente mexido nas minhas coisas, mas entendi quando fui ouvir os recados da secretária eletrônica. Uma das minhas informantes fez o favor de falar demais, e como eu tinha viajado sem avisar, a Lana estava aqui, me esperando.

– Informantes?

A jornalista virou os olhos, desconfortável.

– É uma longa história.

– Você não vai ter muitas oportunidades de contá-la.

Julia deixou claro a sua relutância, mas Clarissa insistiu:

– Eu vim aqui de boa vontade, depois de ter ficado claro que você pretendia me atingir junto com o resto da família. E que, não satisfeita, arrastou minhas melhores amigas para essa lama.

– Clarissa, o que você quer?

– Eu quero saber desde quando persegue a minha família e por que diabos enfiou a Lana nessa sujeira toda!

Julia respirou profundamente, antes de começar a responder:

– Eu passei os primeiros dezoito anos da minha vida em um orfanato, tentando entender por que tinha sido deixada lá. Mesmo antes de sair, mas principalmente depois, dei o melhor de mim para descobrir alguma coisa sobre meus parentes.

Ela fez uma pausa para sorver um gole de vinho e, então, durante uma hora

e meia, respondeu todas as perguntas de Clarissa e narrou como descobriu a identidade e o paradeiro da mãe.

Clarissa tentava não demonstrar suas emoções ao ouvir o relato. Mas era impossível não pensar no quanto aquela vida de privações, principalmente sentimentais, tinha afetado o caráter de Julia.

Quando a jornalista revelou como fez para reunir tantas provas contra os Gutenberg, Clarissa pensou primeiro em como aquilo só poderia ter sido fruto de uma mente obsessiva, e, finalmente, então, abateu-se sobre ela a noção de que seus pais eram muito piores do que ela supunha.

Julia contou como se aproximou de Lana, assim que descobriu a origem da policial. Revelou que a amizade, e depois o romance com ela não faziam parte do plano, mas acabaram simplesmente acontecendo, a despeito das tentativas de Julia em não se envolver.

Clarissa ficou observando os gestos dela, cada detalhe que Julia deixava escapar, mesmo sem querer. Entendeu, ali, como Julia tinha sido capaz de compreendê-la melhor do que ninguém em Vale do Hans. Parecia mais fácil do que nunca decifrar o subtexto das frases de alguém. Parecia até que era a própria Clarissa falando.

Se aquilo estava acontecendo porque elas eram irmãs, Clarissa não sabia dizer. Mas soava bom, de alguma forma. Com isso, ela sentiu seu coração apertar, porque teve certeza que Julia estava mais triste por ter ferido Lana do que por ter perdido a namorada. E aquela dor estava torturando a jornalista.

– A Lana esteve a fim de você desde que se conheceram – entregou Clarissa. – Ela nunca disse isso com todas as letras, mas a gente sabia. A Renata sempre teve certeza, acho que, até por isso, ela ficou com o pé atrás.

Julia forçou um sorriso, mas depois lembrou o soco que a veterinária lhe deu.

– E tudo isso foi para ter uma desculpa de ir para Vale do Hans? – questionou Clarissa.

– Primeiro eu só queria informações básicas, mas quando entendi que você era uma das melhores amigas da Lana, a oportunidade foi atraente demais. Foi praticamente irresistível.

– Mas o que você pretendia? Iria se tornar minha amiga também, e depois usar isso?

A jornalista balançou a cabeça, incomodada.

– Eu não sei, Clarissa... As coisas com a Lana já estavam confusas demais quando fomos para lá. Logo em seguida, ela sofreu aquela emboscada e eu...

Aquilo me fez repensar tudo. De certa forma, eu esperei demais. Já estava cansada. Eu sei a verdade há uns sete ou oito anos, e todo esse tempo vivi para fazer seus pais pagarem, mas, na realidade, quem estava sofrendo, quem tinha a vida resumida a nada, era eu.

– Exceto pela Lana... – adivinhou Clarissa.

Julia esboçou um sorriso triste.

– A Lana foi a única pessoa que eu amei na vida e que me amou de volta. Seguir adiante com o plano seria jogar fora qualquer chance que eu pudesse ter com ela. Então eu escolhi... Escolhi a Lana. Escolhi ter um futuro com ela e deixar o passado para trás.

– Mas então como é que tudo isso deu errado? – quis saber Clarissa.

– Eu já tinha ido pra lá, na sua festa... Acho que eles me reconheceram, não sei... Ou desconfiaram de alguma coisa e foram investigar, por eu ter ido com a Lana. Ela nunca tinha mencionado essa briga entre as famílias. Só fiquei sabendo na véspera, não tinha como desistir sem levantar suspeitas, mas imaginei que isso poderia ser um problema. Bem, não deu outra, fui descoberta, inclusive sobre as investigações que andei fazendo.

– Bem que eu percebi que todo mundo ficou atormentado naquela festa.

– Foi muito azar. Eu tinha acabado de desistir. Estava enterrando essa história, recomeçando do zero, me acertando com a Lana... – suspirou, derrotada. – Mas me deixei levar pela raiva de novo, e me agarrei na chance de descobrir pelo menos quem foi meu pai, e então...

– É, eu ouvi praticamente toda a conversa – disse Clarissa.

– Não era para você saber. Queria que acreditasse nisso, Clarissa. Eu fui lá para devolver o cheque e saber do meu pai. Ia tentar fazer isso sem você sequer ficar sabendo que eu estive na sua casa.

– E eu continuaria sendo feita de tola por todo mundo – reclamou a professora.

Julia não respondeu. Não havia o que argumentar sobre aquilo.

Depois de um silêncio prolongado e constrangedor, a jornalista acabou perguntando:

– Como você está? Imagino que descobrir tudo daquele jeito não tenha sido nada fácil.

– Foi horrível na hora, mas agora já estou pensando que foi para o melhor. Eu precisava me libertar deles, entende? Já não estava aguentando a pressão.

– Está falando daquela aluna com quem você...

Clarissa se viu ruborizada e desviou o olhar. Mordendo os lábios, acabou

sorrindo.

– É, isso contribuiu bastante... – entregou. – Mas, mesmo sem a Milena, foi sempre tão difícil me encaixar. Eu sempre me senti um extraterrestre naquela casa. Tudo o que eu tentava, para ser melhor, dava em nada.

Julia ficou pensando sobre aquelas palavras. Não era a toa que Clarissa havia se aproximado e se tornado tão dependente das melhores amigas. Foi só por isso que ela não cresceu tão sozinha quanto à própria Julia.

– E o seu noivo?

– Ex-noivo – esclareceu Clarissa.

Em seguida, a professora contou seus planos. Apesar do amor pela cidade, iria deixar Vale do Hans por algum tempo. Quem sabe longe dos Gutenberg pudesse enfim descobrir quem ela realmente era.

Os pais acabaram concordando, mais pelo medo de que Clarissa armasse um escândalo ao ser impedida do que por trabalhar em favor da felicidade da filha.

A parte mais complicada foi conseguir uma licença no colégio e abandonar suas turmas sem poder revelar o verdadeiro motivo do afastamento. Para não levantar suspeitas, mesmo a contra gosto, teve de usar a influencia do sobrenome.

Quando o assunto acabou, Julia agradeceu pela chance de se explicar e levou Clarissa até a porta:

– Eu sei que as meninas não vão te deixar desprotegida. Mas se precisar de mais alguma coisa, sabe onde me encontrar, não é?

– Pode deixar. E... Bem, eu acabei tendo uma conversa com a mamãe, depois de tudo. Acredito que ela vai deixar pra dizer o nome no leito de morte, mas ela falou um pouco sobre o seu pai... Algum dia eu poderia te contar o que sei sobre ele.

Julia assentiu, sorrindo. Depois, decidiu arriscar:

– Clarissa? Seria demais te pedir para me ajudar com a Lana?

O pedido pegou a professora completamente desprevenida.

– Julia... Eu não sei. Ainda não falei com ela. Não sei como ela está.

– Eu só preciso de uma chance de explicar direito isso. Ela nem ao menos sabe que eu havia decidido deixar tudo isso para trás.

Clarissa suspirou longamente.

– Eu vou pensar, está bem? Mas não posso prometer nada. Conheço a Lana, quando ela perde a confiança em alguém... – Ela deixou o final da frase subentendido. – Até mais, Julia. E cuide-se.

– Capítulo 22 –

De Dentro Para Fora

Lana tirou o coldre e o lançou sobre a mesa, juntamente com a pistola e as chaves da moto. No meio da sala, despiu a jaqueta e o jeans, que deixou ali mesmo. Os sapatos foram descartados na entrada da cozinha.

Quando abriu a geladeira, a policial soltou uma série de palavrões ao perceber que as únicas coisas dentro dela eram a jarra de água e uma solitária garrafa de cerveja. Ela não se importava com os armários cheios de poeira, que já tinham virado lar de alguns insetos, mas a geladeira desprovida de cerveja era uma afronta.

Durante a última semana, Lana tinha recebido duas acusações de abuso de autoridade e uma advertência por insubordinação. Montenegro somente não havia decretado o seu afastamento porque Montoya o tinha convencido de que Lana estava sofrendo de “estresse pós-traumático”, por conta da tocaia com Malti e seus homens.

De fato, Lana sofria daquele mal, mas por outro motivo: Julia. Pensar que os últimos meses, os melhores e mais felizes de sua vida, não passaram de uma mentira, de uma armadilha, fazia o sangue da policial ferver e ameaçar estourar seus ouvidos.

A cada minuto de cada dia, as lembranças, os pensamentos e as reflexões lhe atormentavam a tal ponto que Lana tinha vontade de chutar cada coisa que seus olhos alcançassem.

A dor estava tão arraigada que Lana tentava arrancá-la com unhas e dentes, enquanto era afogada pelas próprias lágrimas, que lhe surgiam amargas e geladas, oriundas de uma desilusão soberana à sua razão.

Largada no sofá de sua sala, Lana ignorou o barulho da campainha, que tocara insistentemente nos últimos cinco minutos. Nem mesmo quando a pessoa passou a esmurrar a porta, Lana se mexeu.

Após mais alguns minutos, ela achou que tinha sido deixada em paz, mas então a tortura recomeçou, com seu nome sendo berrado tão alto quanto as batidas. Lana reconheceu a voz de Clarissa, apesar do tumulto, e somente se levantou quando lembrou que aquela situação penosa também incluía a amiga de infância.

Quando Lana finalmente abriu a porta, Clarissa tinha a boca cheia de impropérios, mas se calou quando viu a aparência da policial. Lana parecia

ter perdido a escova de cabelos e esquecido que poderia trocar de roupa. Com os olhos vermelhos, ela apenas se afastou e deixou a professora na soleira, enquanto desabava no sofá.

– Oi, Cla... Que saudades... Será que pode me comprar umas dúzias de cervejas? – Lana balbuciou, com a voz abafada pelas almofadas.

Clarissa olhou em volta, chocada pelo caos, pela bagunça e pela tristeza que parecia percutir em cada metro quadrado daquele apartamento. Após fechar a porta e largar a bolsa, ela caminhou para o lado da amiga, ajoelhando-se no chão.

– Lana... – Clarissa sussurrou, já com os olhos rasos de água.

Assim que sua mão roçou a primeira mecha do cabelo da amiga, Clarissa se repreendeu por ter demorado tanto para visitá-la. Lana era um pedaço importante de sua vida e ela a tinha deixado de lado, por medo e egoísmo.

O primeiro soluço escapou rouco da garganta de Lana, e, antes que Clarissa pudesse fazer qualquer movimento, teve seu pescoço e colo tomados pelo abraço afoito de Lana, que se jogou em seus braços com desmedido desespero.

Clarissa a embalou, confortou e beijou por vários minutos, tendo sua própria dor e lágrimas ecoadas em cada gota que caia sofregamente dos olhos da amiga.

Elas ficaram abraçadas por tanto tempo que logo os braços e pernas começaram a reclamar pela falta de circulação sanguínea.

Quando se afastaram, Clarissa conseguiu guiar Lana até o banheiro, onde a deixou tomando um banho frio. Nunca antes tinha visto Lana naquele estado. De todas as quatro, a policial sempre fora a mais valente, corajosa e durona. Não chorava nem mesmo quando seus animais de estimação faleciam, e não se deixava abalar com os vários problemas que enfrentara ao longo dos anos.

Clarissa sentia uma raiva pungente da família e de Julia por terem causado tamanho desolo em Lana. Mas o estrago já estava feito e ela precisava pensar em como remediar aquela situação.

Lana deixou o chuveiro se sentindo imensamente ridícula por ter desabado, emocional e fisicamente, nos braços de Clarissa daquela forma. Tinha se mantido firme e forte durante as visitas de Paloma, não tinha derramado uma lágrima sequer na frente de Renata. Mas, então, veio Clarissa e bombardeou seus muros sem qualquer esforço.

Quando voltou à sala, notou que a professora havia se ocupando

organizando a bagunça de Lana. Como se a policial já não estivesse envergonhada o suficiente.

– Desculpe, mas não tenho nada além de água para oferecer – comentou a policial, constrangida.

Clarissa sorriu brandamente e ocupou um lugar no sofá, indicando que Lana deveria se juntar a ela.

– Não se incomode com isso. Está melhor?

Com um grande suspiro, Lana se acomodou ao lado da amiga e passou a mão pelos cabelos.

– Lembra quando a filha do prefeito fugiu com o namorado? Acho que a gente tinha uns seis anos... – comentou Lana.

– Sim, eu lembro – respondeu Clarissa, estranhando o foco da conversa.

– Aquela foi a primeira vez em que eu ouvi falar de amor. Levei mais alguns anos para entender o gesto deles. A proibição dos pais da moça, as acusações de que eram jovens, de que ele apenas estava interessado na herança dela...

Lana deixou os olhos vagarem pela sala e continuou:

– Depois, veio a Renata, com aquela paixão destrambelhada pela Paloma – ela riu brevemente. – Aquele brilho no olhar, o jeito que ela ficava perto da Paloma...

Clarissa sorriu e apertou a mão da amiga.

– Ainda não sei como demoramos tanto tempo para perceber! – A professora riu.

– Apesar de tantas histórias, de tantos exemplos, eu nunca tinha entendido o amor, Clarissa. Nunca tinha, verdadeiramente, me apaixonado! – confessou Lana, ainda sem mirar a amiga.

Clarissa assentiu lentamente, sabendo que Lana precisava abrir o coração naquele momento.

– E quando isso mudou?

Lana soltou um riso amargo.

– Eu não sei! – Lana finalmente a olhou. – Uma noite, eu despertei após ter tido um sonho com a Julia. Não foi nada demais, mas, depois daquela noite, eu passei a pensar nela tanto quanto possível. Às vezes, sem nem ao menos me dar conta, passei a imaginar os lábios dela a cada beijo que trocava com alguém. E não demorou para que eu a visse em cada rosto, a escutasse em cada voz, a sentisse em cada toque quando dormia com alguém.

Lana trocou de posição e ficou olhando para as próprias mãos.

– Eu ainda não entendo o amor, Clarissa. Ainda me soa como algo inviável, como uma ilusão... Mas o que eu sentia aqui dentro – ela indicou o coração. – O que eu ainda sinto... É como uma bomba que explode cada vez que penso nela, que lembro, que imagino... E quando essa bomba explode, ao mesmo tempo que me toma com esse amor, ela me arreventa de dentro para fora!

Clarissa estava emocionada e desolada, sem saber como amenizar aquele sofrimento tão pueril que Lana sentia.

– Lana, a Julia já sofreu muito na vida. E ela não teve qualquer tipo de amparo. Você e eu tínhamos a Renata e a Paloma, a Julia só teve esse desejo de descobrir sua origem, sua história. Pensa bem, amiga, no lugar dela, o que você faria? – indagou Clarissa, apanhando a mão de Lana.

– Não sei, Cla – Lana mordeu os lábios. – Eu também cresceria com raiva, talvez até buscasse alguma vingança. Mas fazer o que ela fez? Usar as pessoas, viver por isso, não se importar com nada e nem ninguém?!

– Quem disse que ela não se importa, Lana? – Clarissa se acomodou melhor. – Você não viu, não escutou o que eu escutei! Você sabe como são os meus pais... E eles foram mil vezes mais cruéis com a Julia, Lana!

Lana ficou em silêncio. Sofrera na pele, muitas vezes, a maldade dos Gutenberg. Além de ter crescido sem qualquer apoio familiar, de ter sido deixada de lado, privada de uma vida adequada, Julia ainda descobrira que sua mãe biológica era Maria Lúcia. E Lana tinha certeza de que aquela mulher só poderia ter veneno de cobra correndo nas veias.

– É um sofrimento impensável, Clarissa. Realmente... – Lana suspirou.

– Então não deixe que o orgulho a impeça de perdoá-la, Lana – Clarissa se ouviu dizendo. – A Julia errou de muitas formas, mas ela se apaixonou por você e isso é incontestável!

Lana a encarou subitamente.

– Você acha que se trata de orgulho?! – Lana levantou. – Quem me dera que fosse apenas por isso!

Clarissa a olhou, intrigada.

– Como assim?

A policial olhou em volta, como que procurando algo que a ajudasse a esclarecer aquela situação. Exasperada, Lana passou as mãos pelo rosto e pelos cabelos.

– Se fosse só comigo tudo bem, entende? – Ela gesticulou, nervosa. – Se tivesse sido apenas comigo, se ela tivesse apenas me usado, me traído! Mas

ela mexeu com vocês, Clarissa! Ela te envolveu nessa trama venenosa, ela se aproximou de todas nós!

Tocada com a declaração da amiga, Clarissa sorriu.

– Ela nunca chegou a fazer nada contra nós, Lana. E mesmo que tivesse feito, depois de tudo o que ela passou, seria muito merecido se os Gutenberg pagassem pelo crime que cometeram.

Lana olhou para amiga com assombro.

– Como pode estar do lado daquela farsante?

Clarissa suspirou comedidamente.

– Não estou do lado dela, Lana. Apenas quero que você fique bem, que seja feliz ao lado da mulher que ama!

Lana se sentiu frustrada, talhada e mal compreendida. Seus nervos estavam fragilizados, sua emoção estava à flor da pele. A simples presença de Clarissa tinha libertado tudo o que ela tinha conseguido trancar, a sete chaves, durante aqueles dias.

– Como pode me pedir para cair de cabeça em um sentimento, quando você mesma vem se negando nos últimos anos, Clarissa? – Lana se ouviu dizer.

Ofendida, Clarissa levantou subitamente.

– E justamente por isso, Lana, posso afirmar que essa sua atitude traz mais mal do que bem!

Sem dar tempo para que a policial se provasse arrependida, Clarissa apanhou a bolsa e se encaminhou para a porta.

– Me procure quando colocar a porcária da cabeça no lugar!

– Capítulo 23 –

Acertos e Desacertos

Paloma consultou as horas, tentando não se importar com o avanço dos ponteiros, que denunciavam que ela estava dois minutos atrasada para o encontro que tinha marcado.

Ela avistou Clarissa logo em seguida. A amiga sorvia, distraída, uma xícara de expresso, enquanto observava o tráfego de pessoas do lado de fora do pequeno café, localizado na Praça Osório.

– Oi, lindona! – Paloma cumprimentou, parando ao lado da amiga.

Clarissa levantou e a tomou em um abraço apertado, cheio de beijos e risos.

– Nossa, que saudades de você! – Clarissa a apertou uma última vez. – Como está linda, amiga!

Paloma se desvencilhou, sorrindo, e ocupou um dos lugares vagos.

– Parece que faz anos que não te vejo! – comentou a economista, alcançando a mão da amiga sobre a mesa.

Durante os minutos seguintes, as duas botaram o papo em dia, entre risos e sorrisos, toques cúmplices e olhares saudosos. Por telefone, haviam discutido os últimos acontecimentos, mas ligações jamais substituiriam o contato direto.

Já na terceira rodada de expressos, Clarissa se aprumou na cadeira e lançou um olhar cheio de significados para a economista.

– E as coisas com a Renata?

Paloma soltou a xícara calmamente.

– Nada mudou, Cla... Quer dizer, muita coisa mudou, mas o que decidimos desde a última vez que falei contigo permanece firme e forte – Paloma sorriu.

– Apesar da dor, da saudade que sinto dela, da nossa relação... A cada dia eu me sinto melhor, me sinto uma pessoa melhor. E sei que irei conseguir me tornar a mulher que a Renata sempre mereceu.

Clarissa sorriu aliviada. Amava aquelas duas demais e as queria felizes, mesmo que isso significasse que precisariam ficar afastadas por algum tempo.

– E a terapia? Está ajudando? – quis saber Clarissa.

Paloma sorriu, ligeiramente sem graça. Pior do que tomar a decisão de procurar tratamento era conversar sobre aquilo. Mas este havia sido,

justamente, um dos pedidos do terapeuta. E entre as opções ao alcance, Clarissa era provavelmente a melhor ouvinte.

– Acabei pedindo uma sessão extra essa semana. Estava um pouco agitada, sabe? Fui arrumar a casa e não conseguia decidir o lugar de nada – Paloma espalmou as mãos sobre a mesa e fixou o olhar no horizonte por alguns instantes antes de continuar: – Na verdade, o terapeuta me pediu para não definir critérios na organização de pelo menos um grupo de coisas. Aí da próxima vez seriam duas e assim por diante.

– Entendi.

– Só que eu pirei já na parte de escolher o que não teria critério, entende? Porque as roupas precisam ficar em ordem, certo? As da estação ao alcance, as outras nem tanto. As de trabalho de um lado, as de lazer do outro. Enfim, roupas, não dá. Fui para os utensílios de cozinha, mas também não seria nada prático tirar da ordem. A Renata levou algumas coisas, sem colocar tudo no lugar, não ia conseguir fazer um levantamento do que preciso comprar.

Clarissa encarava a amiga com paciência. Apanhando suas mãos, chamou a sua atenção:

– Afinal, o que você decidiu?

– Nada. Não consegui! Por isso marquei a sessão extra – Paloma bufou, decepcionada. – Eu achei que seria mais fácil, entende? Quando ele fala, quando vocês falam, parece simples. Mas então eu olho para as coisas, e tudo parece estar caótico! E isso vai me dando um desespero.

Após um longo suspiro, Clarissa comentou:

– Amiga, você tem noção de que ficou pior nos últimos tempos, né?

– Tenho – ela admitiu, tristonha. – Só que isso não faz melhorar. Saber que estou no meio de um episódio de mania não me ajuda a evitar o transtorno, só me deixa ainda mais nervosa!

– E aí fica pior... – adivinhou Clarissa.

– Exatamente!

Paloma ficou encarando seu café e então resolveu mudar de assunto:

– E você? – quis saber Paloma. – Como estão as coisas com a sua família?

– As coisas com os Gutenberg andam estranhas como sempre foram – a professora riu. – Eles fingem que tudo não passou de um sonho, enquanto eu apenas quero me livrar desse pesadelo. Preciso me afastar daquela casa, daquelas pessoas, esfriar a cabeça, sabe?

– Entendo.

– Ao mesmo tempo, já sei que não posso me afastar completamente. Você

acredita que eles já estão tramando um casamento entre a minha sobrinha Virgínia e um primo do Giovane? Eu nem consegui reagir ao saber disso, fiquei muda, travada. Meu Deus, eles são crianças!

– Eu nem posso imaginar, Clarissa! – admirou-se Paloma.

A professora balançou a cabeça, imensamente decepcionada. Depois de um suspiro, continuou:

– Eu achei que o aparecimento da Julia ou que a minha vinda pra cá iria mudar alguma coisa neles, sabe? Mas não! Eles são duros feito pedra! E eu passei todos esses anos sendo um joguete, uma peça de tabuleiro...

Paloma estendeu a mão e acariciou o rosto da amiga.

– Não se martirize mais, você se libertou.

– Sim, mas não vou deixar eles fazerem isso com meus sobrinhos. Por um lado é bom eles serem tão crianças ainda. Terei tempo de fazer alguma coisa. Não vou deixar a Virgínia e o Daniel na mão, como a Cristina me deixou. Isso é uma promessa que fiz a mim mesma – declarou Clarissa. – Eles não precisam e não vão passar pelo que eu passei.

Vendo o sorriso que havia brotado no rosto de Clarissa, Paloma aproveitou para emendar outro assunto:

– E quanto à Milena?

A professora baixou os olhos ao escutar o nome da ex aluna, mas o leve sorriso, no canto dos lábios, denunciava que aquele assunto não lhe desagradava.

Paloma assentiu, compreendendo a amiga. Clarissa emendou:

– A Milena... Bom... – suspirou longamente. – Ela aproveitou o intervalo das aulas para fazer uma visita ao time que a contratou. Acabou gostando da cidade e vai terminar o colégio lá mesmo.

Surpresa, Paloma deixou escapar seu espanto.

– Como assim ela deixou a cidade? Quer dizer que ela nem ao menos sabe que você rompeu o noivado?

– Não, ela não sabe de nada, Paloma – a professora prendeu uma mecha de cabelo. – Há muitas pontas soltas na minha vida, é verdade. Mas eu acho que contar para a Milena, nesse momento, só iria bagunçar as coisas.

– Mas por que se privar da companhia dela, agora que está descompromissada? Não acha que a Milena seria como um oásis em meio a tanto caos?

– Pra mim, com toda certeza! – Clarissa sorriu. – Mas como invadir a rotina dela com os meus problemas quando ela está começando a organizar a

própria vida? A despedida foi breve, com a promessa de um “até logo”. É nisso que me baseio.

Paloma assentiu lentamente. Ela, se pudesse, estaria nos braços da mulher que amava, enquanto Clarissa criava cada vez mais obstáculos para aquela relação.

Por um segundo, Paloma ponderou debater com a amiga e fazê-la ver o tempo que estava desperdiçando. Mas, então, deu-se conta que perdera o próprio casamento naqueles termos. Talvez ela não fosse a melhor opção para dar conselhos amorosos. E, quem sabe, fosse melhor mesmo Clarissa levar aquela situação com calma.

– E o que pensa em fazer da sua vida agora? – Paloma mudou novamente o foco do assunto.

Clarissa se largou na cadeira, com um sorriso singelo e o semblante tranquilo.

– Vivi esses anos todos vendo o mundo limitado que Vale do Hans me oferecia – ela abriu os braços. – Quero conhecer novos campos, novas cidades, novas fronteiras! Quero fazer mestrado, aprender, ensinar...

Paloma sorriu com a espontaneidade da amiga.

– Pois eu posso indicar cursos ótimos, aqui em Curitiba mesmo – ela piscou.

– Seria maravilhoso finalmente juntar o “quarteto fantástico” novamente! – A professora riu, seguida de Paloma.

Soltando subitamente a xícara e interrompendo o gole em sua bebida, Paloma se lançou sobre a mesa, apanhando as mãos de Clarissa.

– Amiga, eu vou entrar de férias no começo do mês. O que acha de fazermos uma super viagem?

Clarissa abriu um sorriso largo, mas encarou a outra com certa desconfiança.

Antecipando o pensamento da amiga, Paloma gargalhou, e tentou passar confiança com o olhar.

– Já sei o que está pensando, mas pode relaxar! Não vou querer montar planilhas e um milhão de roteiros! – ela riu novamente. – Na verdade, estou pensando em uma loucura mesmo, sabe? Mochilar pela América do Sul, sem qualquer planejamento!

Clarissa quase engasgou com o café.

– Quem é você e o que fez com a Paloma Hertz que eu conheço? – Clarissa arregalou os olhos.

Fingindo estar ofendida, Paloma desferiu um leve tapa no ombro da amiga.

– Essa seria a oportunidade perfeita para eu viver alguma coisa que não seja tão controlada, tão planejada!

– Você tem certeza, Paloma?

– Absoluta! Era isso que eu estava precisando para conseguir começar! Sair da rotina, sabe? Lá em casa tudo me lembra a Renata, é impossível me sentir tranquila, pelo menos por enquanto.

Clarissa sorriu, afagando a mão da amiga. De repente, a ideia também lhe pareceu a melhor coisa que poderia fazer no momento. Seria a saída perfeita para encerrar um ciclo de sua vida que ela precisava deixar para trás.

Após trocarem o café por sucos naturais, as duas passaram as horas seguintes planejando, despretensiosamente, a viagem que teria início em poucos dias.

A correria na redação estava deixando Julia tonta. Seu editor parecia ter finalmente depositado nela a confiança que ela esperava, mas isso também significava um acréscimo de tarefas.

Ao menos a rotina repleta mantinha os pensamentos da jornalista ocupados. As constantes reportagens que tinha de fazer obrigavam Julia a acordar cedo e voltar para casa bem tarde. Assim, quando caía na cama, ela estava tão cansada que logo apagava.

Porém, quando voltava a investigar a quadrilha de Tobias Leão, Julia acabava sempre se lembrando de Lana, ficando introspectiva, perdendo o foco. Quando essa dinâmica se tornou insuportável, a jornalista tomou uma decisão: iria reunir tudo o que havia descoberto e passar o furo para outra pessoa.

Isso significava uma última chance de se encontrar com Lana e, talvez, a derradeira oportunidade de se explicar, nem que fosse para, pelo menos, reaver a amizade que também tanto lhe fazia falta.

Quando entrou na delegacia, carregando uma caixa repleta de pastas, Julia percebeu todos os olhares convergindo na sua direção.

O recepcionista pareceu reconhecê-la, mas Julia não sabia se era da televisão ou por se lembrar de quando a jornalista vinha apanhar Lana, no final dos seus plantões.

– A agente Mansini está?

– Verei se ela pode atender no momento – apanhou o telefone. – De que se trata? – ainda perguntou o rapaz.

– É sobre o caso Tobias Leão – informou Julia, apontando para a caixa.

Alguns minutos mais tarde, Julia foi conduzida até a sala de Lana. Antes de entrar, a jornalista ainda respirou profundamente, tentando acalmar seus nervos.

– Qual parte do “nunca mais apareça na minha frente” eu deveria ter mandado por escrito?

A expressão fechada de Lana não arrefeceu o intuito de Julia.

– Antes que isso se torne uma discussão, queria dizer que eu só vim até aqui por causa da investigação sobre o Secretário. E se eu não estivesse desconfiada de que ele pode ter mandado grampear meus telefones, ou o seu aqui no distrito, teria resolvido sem precisar aparecer.

Lana removeu a frase e não respondeu. Também tinha deixado de discutir aquele caso por telefone, mas a confirmação de que Julia e ela ainda pensavam de forma extremamente parecida, deixou a policial sentindo um misto de raiva e dor.

– O que tem na caixa?

Julia soltou o volume sobre a mesa, depois retrocedeu novamente e cruzou os braços, tentando disfarçar seu nervosismo.

– Isso é tudo o que eu já descobri sobre essa quadrilha. As cópias dos documentos, transcrições de conversas, anotações que fiz sobre as pistas que levaram a algum lugar, e também sobre aquelas que se revelaram becos sem saída.

A policial suspirou, decepcionada.

– Por acaso o Secretário não é seu parente também? Ou não... Não tem nada a ver! E você só usou essa investigação para me manter por perto, como fez com todo o resto, não foi?

Julia baixou os olhos e balançou a cabeça. Por mais que devesse ter esperado por tal reação da policial, uma parte de si tinha ido até a delegacia na esperança de que aquilo simbolizasse o começo da reconciliação.

– Pelo visto ainda é cedo demais para colocarmos tudo em pratos limpos, não é?

– Errou, Julia. Você teve meses para me contar e desperdiçou todas as chances. Não fique achando que o tempo vai consertar o que você destruiu, porque será uma espera vã.

– Lana...

– Sinto muito se você achou que eu fosse cair nessa artimanha barata. Conheço os seus “métodos”. Você acha que eu poderia utilizar essas supostas

provas, que você conseguiu sabe-se lá como? Acha que eu vou estragar o inquérito, ainda mais por sua causa?

– Não, Lana, eu sei que nada disso serve como prova num tribunal. Mas você e o Delegado estão de mãos atadas e talvez alguma coisa nessa caixa possa fazer mais sentido para vocês do que para mim. A verdade é que conversei com meu editor e estou saindo desse caso. Ele está tão atrelado a você que eu simplesmente não consegui mais continuar.

Mesmo sem querer, Lana espiou a jornalista por uma fração de segundo. Julia parecia estar sendo sincera, e até mesmo econômica, ao falar do que aquela investigação significava atualmente para ela.

Antes que aquilo a fizesse ceder, Lana resolveu acabar com o assunto.

– Pois nada disso me interessa. A forma como você descobre as coisas certamente afetou tudo isso que aí está. Quando eu disse que queria você fora da minha vida, deveria ter deixado claro que isso inclui tudo que lhe diz respeito.

Exasperada, Julia deu um passo na direção da mesa.

– Lana, por favor! Independentemente dos nossos problemas pessoais, esse cara não pode sair impune!

Lana se levantou, apoiando as mãos sobre a escrivaninha.

– Eu não preciso de você para prender o Secretário! Pegue esse seu lixo e suma de uma vez da minha vida!

Raivosa, a policial empurrou a caixa, que tombou da mesa e caiu no chão, espalhando pastas e papeis por toda a sala da investigadora.

Julia engoliu em seco. Queria tomar o destempero de Lana como um bom sinal, como a prova de que a sua presença ainda afetava a policial, mas quando se preparou para a resposta, que havia ensaiado durante todas aquelas semanas de isolamento, percebeu que Lana estava estranhamente detida num dos documentos que jazia no chão.

Dando a volta pela mesa, Lana apanhou a folha impressa, onde havia uma foto, e a aproximou dos olhos.

– Quem é esse cara?

Receosa, Julia chegou perto, mas Lana não pareceu se importar. Seus lábios comprimidos denunciavam que a mente da policial estava trabalhando a todo vapor.

– Esse é... – Julia forçou sua memória. – Ah, é um dos seguranças do Secretário. Ele contratou uma empresa privada para cuidar da mansão dele e da família.

– Quando?
– No começo do ano, eu acho... Preciso conferir...
– E por que há uma foto dele entre as suas coisas, Julia?
– Tem fotos de todo mundo que ronda o Secretário. Para mim, são todos suspeitos, até que provem o contrário.

Aagitada, Lana ficou mirando a foto com assombro cada vez mais evidente.

– Tem o nome dele? Tem alguma coisa que ligue ele ao Secretário?

– Tenho... Estava tudo aí...

Lana molhou os lábios e finalmente encarou a jornalista.

– É ele. Esse é o cara que escapou quando armaram a emboscada do Malti para me pegar.

Atordoadada, Julia resolveu conferir:

– Você tem certeza, Lana?

– Absoluta!

– Mas apenas o seu depoimento seria o suficiente para indiciá-lo?

– Seria um começo. Também teríamos o depoimento do resto do bando, podemos tentar um acordo com algum deles para que afirme que esse sujeito estava com eles na emboscada. Não há muita lealdade entre esses caras, de qualquer jeito.

– Você disse que o acertou com um tiro, ele deve ter se tratado em algum lugar. Eu posso ajudar a investigar.

Por um mero instante, Lana ia comprando a ideia, mas, então, subitamente, o peso de toda aquela situação voltou aos seus ombros.

– Não vamos fazer isso.

– Mas...

– Não do seu jeito. Não estou interessada nos seus contatos com médicos inescrupulosos. E, certamente, você não vai fazer parte da investigação.

Julia engoliu o golpe fechando os olhos e comprimindo os lábios. Não tinha como culpar Lana naquela situação, porque, mais uma vez, a policial estava coberta de razão.

– Está certo. De qualquer forma, que bom que a caixa serviu para alguma coisa.

Lana apenas assentiu. Sabia que o correto seria agradecer por aquela pista inusitada, mas a última coisa que ela faria, em sua consciência, seria dar o braço a torcer para a ex-namorada.

Ciente que aquele silêncio constrangia as duas, Lana apanhou o telefone e mandou chamar seu colega Montoya.

Mirando Julia mais uma vez, Lana arrematou:

– Bem, eu tenho muito trabalho a fazer e você já disse o que queria, não é mesmo? Então, se puder me dar licença...

– Lana... – Julia tomou fôlego e enquanto ouvia a porta sendo aberta, apressou-se em dizer: – Talvez agora não seja o melhor momento, mas precisamos conversar.

– Pela última vez, Julia, nada do que você diga vai me fazer mudar de opinião. E não que seja da sua conta, mas eu estou saindo com outra pessoa e é um inconveniente quando você insiste em me procurar.

A revelação fez Julia sentir como se levasse um soco no estômago.

Montoya não disfarçou sua surpresa ao encontrar a jornalista na sala de Lana e, com seu jeito de sempre, limitou seu cumprimento a um aceno de longe e um sorriso forçado.

Sem responder ao cumprimento nem se despedir de Lana, Julia girou nos calcanhares e deixou a sala. Assim que passou pela porta do Distrito, praticamente correu para o carro e, uma vez abrigada, ficou tentando controlar seus nervos, descontando a raiva no volante, enquanto a respiração ofegante demonstrava seu esforço em não derramar nenhuma lágrima.

Mas foi tudo inútil. Estar diante de Lana de novo e ter de encarar toda a frieza da policial foi como tornar concreto aquilo que até então não passava de uma ideia. O tempo não havia feito diferença e provavelmente jamais faria, como a própria Lana dissera. E todos os argumentos de Julia já haviam sido utilizados por ela ou por Clarissa.

Enquanto Julia sofria pela briga, pelo fim do namoro, pelo rompimento da amizade, Lana já havia tratado de encontrar uma nova namorada e a vida dela seguia seu curso normal.

Tentando tomar isso como uma boa lição, Julia arrancou com o carro e voltou para a redação. Naquele momento, a única distração ao seu alcance era o trabalho.

Montoya ficou tentando decifrar a expressão no rosto de Lana enquanto notava a bagunça generalizada na sala dela.

– Perdi alguma coisa?

– Achei uma pista sobre aquela emboscada.

– Achou ou acharam para você?

Lana exibiu uma carranca de dar medo, mas isso não demoveu de Montoya o intuito de continuar provocando a colega:

– Falando na bonitinha, que história foi aquela que armou para cima dela?

Você saindo com alguém? Está emendando um plantão atrás do outro e não sai daqui nem pra tomar banho!

– Não me enche o saco, Montoya! Desde quando você sabe da minha vida?

– O que eu sei é que, no estado em que você anda, não acredito que tenha alguém topando alguma coisa – provocou, como sempre. – Falando nisso, essa sala está um lixo. Já pensou em jogar essas embalagens de comida fora? Daqui a pouco a vigilância sanitária interdita o Distrito inteiro.

– Mas que saco, Montoya, dá pra largar do meu pé?

– Foi você quem me chamou.

A policial bufou, mas logo em seguida recobrou a calma e a clareza de pensamentos:

– Bem, não interessa como, mas já sei quem era o cara que escapou da emboscada que fizeram pra mim.

– Sério?

– E já sei que ele está na folha de pagamento do Secretário.

Montoya acabou se sentando, admirado com o progresso da investigação.

– Então vamos conseguir enquadrá-lo?

Lana sorriu.

– Vamos. Vamos sim. Mas precisamos agir com toda a cautela do mundo e você precisa me ajudar a convencer o Delegado.

– Do que é que ele precisa ser convencido? Você não tem as provas todas?

– Ainda não. Mas já tenho um plano para consegui-las...

– Capítulo 24 –

Chegadas e Partidas

Milena apanhou a bolsa que deslizava pela esteira do aeroporto e a jogou sobre os ombros. Esperou que uma senhora ordenasse uma quantidade enorme de bagagem em um carrinho enquanto lutava para manter por perto três crianças agitadíssimas que queriam sair desbravando cada detalhe luminoso da sala de desembarques.

A jovem sorriu ao se ver livre da confusão e seguiu com certa ansiedade pelos corredores do terminal.

O Aeroporto Internacional Afonso Pena estava cheio de pessoas reencontrando familiares, desembarcando a trabalho ou a passeio. Curitiba recebeu Milena com uma lufada de vento fresco e gelado assim que chegou ao lado de fora. O sol estava oculto por nuvens brancas, que navegavam calmamente por um céu incrivelmente azul de outono.

Ela tentou não atrapalhar os transeuntes que buscavam táxis ou que se dirigiam ao tubo de ônibus logo adiante. Milena tirou os cabelos do rosto e olhou ao redor com expectativa.

Clarissa surgiu quando um animado grupo de executivos se moveu. O sorriso radiante que estampou seu rosto fez a jovem apressar ainda mais os passos. Milena tirou a mochila dos ombros e a largou no chão antes de tomar Clarissa em seus braços e a beijar com toda a saudade que tinha guardada em si.

Clarissa riu envolvendo Milena pelos ombros quando a jovem a ergueu no abraço apertado. O beijo dela tinha gosto de café, de folhas soltas pelo vento e de lembranças que vinham em ondas doces, trazendo consigo expectativas que a professora deixou aflorar no brilho de seus olhos quando mirou a garota.

Ainda juntas, abraçadas, Clarissa passou a mão pelo rosto da jovem, que sorriu exultante.

– Oi, linda. Como foi o voo?

– Eterno! – Milena riu e apanhou a mochila. – Vamos para o táxi?

Clarissa riu da pressa da outra e apanhou a mão que Milena oferecia enquanto sinalizava para o motorista do táxi.

Durante o trajeto, conversaram animadamente sobre amenidades. Mas a conversa trivial foi deixada de lado assim que passaram pela porta do quarto.

Novamente nos braços de Milena, Clarissa mergulhou na intensidade daquela paixão, saudosa dos toques, dos beijos e dos carinhos cujas lembranças não faziam jus.

Milena tirou a blusa de Clarissa, mas se deteve em seu rosto, contornando com as pontas dos dedos cada traço com uma delicadeza contraditória à urgência que sentia. Percorreu cada curva, namorou cada sarda na pele aveludada da professora. Mergulhou sem amarras no azul esplendoroso e cálido que irradiava dos olhos de Clarissa.

– Senti sua falta – confessou Milena.

Clarissa sorriu, encantada, e tomou a mão de Milena beijando sua palma.

– Eu sei – disse Clarissa, forçando o tom arrogante.

Um brilho transpassou no olhar de Milena, que ergueu o queixo em desafio.

– E você, o que sentiu? – perguntou no mesmo tom que Clarissa usara.

A professora mastigou a resposta antes de lançar Milena pelos ombros e colar a boca na dela com intensidade.

– Vou te mostrar.

Já era começo da tarde quando Clarissa entrou no quarto, carregando uma bandeja cheia de frutas, sucos e pães variados. Milena ressonava, atravessada na cama, agarrada ao travesseiro que a professora usara ainda há pouco.

Clarissa estacou, admirando a serenidade, aquela beleza juvenil, que soava quase como uma afronta a quem começava a brigar contra o tempo. Milena trazia, em cada gesto, a grandeza dos que sabem que têm a vida toda pela frente, dos que se descobrem fortes, importantes e valiosos a cada tragada de ar. Dos que almejam o mundo, dos apaixonados, dos vitoriosos, dos imponentes.

Para Clarissa, Milena era sinônimo de conquista, de cortejo, do charme insinuante, inerente e arraigado em cada olhar que a jovem lhe direcionava. Milena era o seu ponto fraco e a sua fortaleza. Milena era paixão, era desejo, era carne, fogo, sede e desespero. Milena era, sem qualquer sombra de dúvida, a sua maior e melhor fonte de vida.

A professora sabia que, assim que acordasse a jovem, seria novamente assaltada por aquela vontade alucinante de ser e pertencer à paixão que pairava sobre elas. Seu corpo ainda dava indícios dos momentos tórridos que dividiram.

Suspirando de pura felicidade, Clarissa deitou ao lado de Milena,

percorrendo suas costas desnudas com as pontas dos dedos.

– Oi... – sorriu Clarissa, ao notar que era encarada por olhos sonolentos.

Milena também sorriu e se inclinou para depositar um beijo nos lábios da outra.

– Nossa, você não imagina a fome que estou sentindo! – anunciou Milena, reparando na bandeja, cobiçando cada guloseima com voracidade.

Clarissa riu e lhe alcançou um copo de suco, acomodando-se melhor para também desfrutar da refeição.

Deram comida uma na boca da outra, riram, trocaram beijos e brincadeiras. A cumplicidade era tão instintiva quanto a paixão entre elas.

Nenhuma das duas comentou, mas aquela era a primeira vez que podiam, simplesmente, saborear a companhia uma da outra, sem qualquer preocupação com o horário ou em serem apanhadas por alguém.

Para Milena, era a realização de um sonho. Sentia-se mais adulta, mais relevante para Clarissa, sentia-se, finalmente, vivenciando uma história verdadeira e honesta.

– Falei com meus pais antes de embarcar – comentou a jovem, limpando os dedos em um guardanapo.

– E como eles estão? – perguntou Clarissa, distraída em subtrair grãos de uva do cacho.

– Ótimos – respondeu Milena, se recostando na cabeceira da cama. – Me contaram que a cidade está em polvorosa!

Clarissa engoliu com certa dificuldade, mas, ainda fingindo naturalidade, se pôs a admirar e escolher morangos.

– Nossa, é mesmo? – indagou a professora, fazendo Milena rir do seu tom forçadamente surpreso.

– Sim... – Milena ficou olhando para ela. – Corre a boca miúda que a herdeira do Clã Gutenberg rompeu o noivado com o garoto prodígio dos Schmidt...

A professora rolou o morango entre os dedos. Lógico que Milena ficaria sabendo da “novidade” e lógico que ela iria querer conversar sobre aquilo. Talvez Paloma estivesse certa quando sugeriu que a professora contasse para a jovem sobre o término o quanto antes.

– Milena... – Clarissa umedeceu os lábios. Ainda estava confusa, sem ter decidido o que faria da vida, mas, tampouco, queria ferir a garota.

Enquanto Clarissa tentava clarear a mente e buscar pelas devidas palavras, Milena afastou a bandeja e sentou no colo da professora, segurando seu rosto

com as duas mãos e a beijando ternamente.

– Já tivemos essa conversa, não é mesmo? Você não quer ser minha namorada, mas eu também sei que não quer terminar o nosso lance – ela riu da careta de Clarissa, mas roubou outro beijo. – Relaxa, gata... Temos todo o tempo do mundo! Não precisamos estar em um relacionamento tradicional para vivenciarmos o que nos atrai.

Clarissa sentiu os olhos marejados. Como poderia uma garota de dezoito anos entender mais da vida do que uma mulher adulta?

Milena era, de muitas formas, especial, e Clarissa soube que jamais conseguiria dizer adeus a ela.

Deixando os temores e os problemas de lado, ela apenas se entregou ao beijo intenso que recebeu de Milena.

O futuro das duas podia ser incerto, mas Clarissa sabia que, independentemente do tempo, o sentimento, a paixão e a cumplicidade viveriam eternas dentro de si, alimentadas pela admiração que a professora nutria pela jovem e no bem que a simples presença de Milena lhe causava.

Renata saiu do trabalho mais cedo, passou em casa apenas para trocar de roupa e dirigiu até seu antigo endereço.

Na tarde anterior, tinha ajudado Clarissa a levar todas as suas coisas do *flat* alugado para a casa que agora era só de Paloma. No próximo mês, a professora procuraria um endereço definitivo, o que não seria difícil, considerando a gorda mesada que os pais haviam concordado em lhe fornecer enquanto Clarissa permanecesse longe de Vale do Hans e a repercussão do rompimento de seu noivado com Giovane ainda tivesse fôlego.

Clarissa e Paloma haviam seguido adiante no plano de viajarem juntas, o que pegou Renata completamente de surpresa, principalmente ao saber dos termos. Quando Clarissa confirmou que Paloma não estava azucrinando a amiga para fechar todas as reservas possíveis com antecedência e que tampouco tinham certeza da data de volta, Renata teve de recolher seu queixo do chão.

Ao mesmo tempo, a veterinária sentiu um pouco de inveja. Paloma iria com Clarissa para o Chile, depois Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e então pretendiam encerrar as férias na Venezuela, enquanto a própria Renata ficaria em Curitiba, tentando se acostumar com seu novo estado civil e terminando de curar suas dores.

Se pelo menos Lana estivesse numa boa fase, talvez o mês que estava para

começar pudesse ser interessante para Renata, mas a policial andava trabalhando mais do que nunca, e quando Renata conseguia arrastá-la para algum programa, elas nunca se demoravam. Sempre aparecia uma garçonete chamada “Julia”, ou uma jornalista, ou nem que fosse uma ruiva passando ao longe, e, para Lana, isso era motivo suficiente para fechar a cara e perder todo o clima.

– Oi, Rê! – saudou Clarissa, carregando sua mala.

– Atrasei?

– Nada! Estamos dentro do horário. A Paloma está fechando a mochila dela.

Renata deteve seu primeiro impulso de ir ajudar a ex-mulher. Era sempre ela que fechava as malas, enquanto Paloma ia conferir, pela enésima vez, os itens de segurança da casa. A lembrança deixou o semblante de Renata melancólico, algo que não escapou a Clarissa:

– Você vai ficar bem?

A veterinária rolou os olhos.

– Sou crescida e vacinada, Clarissa.

– É, mas desfalcada da Lana, né?

Pousando as mãos na cintura, Renata argumentou:

– Vamos combinar que quem sempre tomou conta dela fui eu e não o contrário, porque, com fossa ou sem fossa, a Lana sempre foi meio desmiolada!

As duas riram a valer, e logo Paloma já estava fechando a porta da frente.

– O que foi que eu perdi? – quis saber a economista.

Renata a espiou rapidamente e depois desviou o olhar, deixando que Clarissa explicasse o motivo das risadas. Estar diante de Paloma e ter de agir de acordo com a separação ainda era difícil. Por mais que a iniciativa tivesse partido de Renata, as brigas nunca tinham acontecido por falta de amor, menos ainda, de paixão. Essas duas coisas estavam muito vivas em Renata, mas, ao mesmo tempo, com facilidade, ela conseguia se lembrar do inferno que às vezes era ter de suportar as manias e o controle de Paloma.

– Eu deixei todas as plantas perto daquela janela lá atrás – explicou Paloma. – Assim, elas pegarão sol todas as manhãs. Você só precisa vir regá-las...

– ... De dois em dois dias, e arejar toda a casa por meia hora. Eu sei – a própria Renata completou.

– É isso. Vamos?

Durante o trajeto de quase vinte quilômetros até o aeroporto, as três ouviram música e falaram da situação de Lana, de Julia e do fato estarrecido de Clarissa ter mais uma irmã.

– Eu só não entendi uma coisa – disse Renata. – Por que a sua mãe não fez um aborto, Clarissa?

– Religiosa do jeito que ela é? – retrucou a professora.

– Ah tá, porque largar a filha num orfanato é algo muito cristão, certo? – ironizou Paloma.

– Na cabeça doentia da dona Maria Lúcia, foi até mais do que a Julia merecia – explicou Clarissa.

Distraída do trânsito por conta de um sinal vermelho demorado, Renata lembrou:

– Eu dei uma prensa nela logo que ela e a Lana se acertaram.

– O quê? – exclamou Paloma.

– Ei... Calma, não foi nada demais. Só estava sondando o terreno, ok? Se bem que... Sondei mal, né?

As três acabaram rindo.

– O fato é que, até então, eu sequer sabia que ela tinha crescido num orfanato.

– Mas a gente sempre teve um pé atrás com ela, né, amor?

Assim que terminou a frase, dando-se conta do lapso, Paloma sentiu seu rosto ficar vermelho.

Renata sorriu, sem graça, e Clarissa enfiou o rosto pela janela, fingindo estar interessadíssima na árvore ao lado.

– Quis dizer “Renata”.

A veterinária finalmente encarou Paloma e, com uma brincadeira, desfez o clima tenso:

– Menos mal que o apelido foi esse, né? A Cla não merece saber dos outros.

A gargalhada coletiva aliviou as três. Retomando o assunto anterior, Renata comentou:

– Gente, se esse segredo vazar em Vale do Hans, eu não quero nem pensar no que vai ser daquela cidade.

Paloma acrescentou:

– Imagina quando eles descobrirem que você é bi, Clarissa!

– Vão culpar a Julia, provavelmente – concluiu a professora.

– Eles sabem que ela é lésbica?

– Sabem, inclusive, que ela estava com a Lana. E o pior é que quem puxou esse assunto no meio do furacão fui eu! – lamentou Clarissa.

– Eu não tinha pensado nisso, mas olha que legal – introduziu Paloma. – Se elas voltarem, você vai ser cunhada da Lana!

– Pois podem tirar o cavalinho da chuva – disse Renata. – Conheço a Lana, não tem a menor chance de ela perdoar aquela vaca.

Após uma pausa, ela acrescentou:

– Desculpa, eu sei que é sua irmã, Clarissa, e que ela passou por muita coisa, mas o que ela fez com a Lana... Sei lá, eu não perdoaria.

Paloma e Clarissa trocaram um olhar cúmplice e balançaram a cabeça, sabendo que não adiantaria tentar argumentar com Renata naquele momento.

Quando chegaram ao aeroporto, a veterinária se prontificou logo em apanhar o carrinho e foi empurrando as bagagens até o balcão. Com o horário do embarque se aproximando, Clarissa e Paloma decidiram passar pela segurança logo após o *check-in*.

– Cuidem-se e mandem notícias, certo?

– E você, fique de olho na Lana – pediu Clarissa, dando um abraço em Renata.

– Olha só, eu sei que vocês querem aventura e tudo mais, mas não vão se meter em nada perigoso.

– Não somos crianças, Rê.

– Mas são duas garotas lindas, que chamam atenção e... – Renata, nervosa, interrompeu o restante da frase.

Paloma a surpreendeu envolvendo seus ombros e pousando seu rosto no pescoço de Renata. O abraço se estendeu além do esperado, e, quando deu por si, a veterinária envolvia a cintura de Paloma e a mantinha tão perto de si quanto possível. Quanto mais reprimia as lágrimas que teimavam em brotar, mais apertava a ex-mulher em seus braços.

Tentando disfarçar a emoção que também havia tomado conta dela, Paloma lembrou:

– Não se esquece de regar as plantas, tá?

– Estarão verdinhas e lindas quando você voltar, todas as quatro.

– São seis, Renata!

– Por isso que eu garanto quatro.

As duas riram, seguidas por Clarissa.

– Boa viagem! – desejou Renata, já a certa distância.

Elas acenaram e depois desapareceram dentro da sala de embarque. Renata

não quis ficar para assistir a decolagem e voltou quase correndo para o carro, sentindo uma angústia inexplicável que ela só suportou depois de entender que aquela viagem era, de fato, a concretização do seu divórcio.

Lana apanhou os dois embrulhos com cuidado e alcançou uma nota para a atendente.

– Fique com o troco, Maria – a policial sorriu para a mulher de meia idade.

– Bom lanche pra vocês, crianças! – desejou a senhora, com um sorriso doce, em direção à policial e Renata, que esperava um pouco mais afastada.

Lana entregou um dos embrulhos para a amiga e se acomodou sobre a moto, enquanto Renata se recostava sobre uma mureta.

Desde que chegaram a Curitiba, Lana e Renata aderiram rapidamente à tradição de comer *hotdog* ao anoitecer, em barraquinhas espalhadas por diversos pontos da cidade. Após alguns experimentos, acabaram jurando fidelidade ao lanche servido pelo casal de meia de idade, gentis e caprichosos, que estavam no negócio fazia mais de vinte anos.

Ainda com a boca cheia, Renata abriu um largo sorriso.

– Nossa, como eu estava faminta!

Lana assentiu, abocanhando boa parte do lanche.

– Acho que vou pedir para a Maria ir preparando a segunda rodada – disse a policial, que nunca ia embora sem ter comido, ao menos, duas especialidades da casa.

Renata havia insistido para que Lana saísse um pouco do apartamento e a única coisa que funcionou foi convencê-la com a promessa de uma refeição.

Após semanas de fossa e lamúrias, Lana finalmente estava se refazendo de sua primeira desilusão romântica. Renata se empenhou durante horas de conversas, tentando esclarecer à amiga que decepções amorosas faziam parte da vida de todo mundo.

Para Lana, era complicado vivenciar aquela fase. Justamente por nunca ter verdadeiramente amado alguém ou mesmo por ter sido a anunciante dos fins de seus relacionamentos, a policial não tinha experiência em lidar com um coração partido.

Renata sabia que o tempo era o melhor remédio, mas isso não a impedia de se sentir completamente impotente frente à dor de sua querida amiga.

– Teve notícias das meninas? – Lana inquireu, limpando as mãos com o guardanapo.

A veterinária engoliu a comida e buscou seu copo de refrigerante.

- Sim, consegui falar com a Clarissa hoje cedo – ela sorveu um longo gole.
- Parece que estão em algum lugar entre a Bolívia e o Peru.

Lana sorriu, lançando ao lixo os embrulhos e papéis.

- Ainda não acredito que a Clarissa e a Paloma saíram pelo continente dessa maneira! A Clarissa tudo bem, mas a Paloma, com uma mochila nas costas, sem nem ao menos saber onde tomará o café da manhã seguinte?

Renata riu com a amiga, sem esconder o mesmo assombro.

- Eu também custei a acreditar! – A veterinária balançou a cabeça.

Lana ficou encarando a amiga.

- Deve estar orgulhosa – comentou, despretensiosamente.

O sorriso de Renata já entregava a resposta.

- Muito... – ela suspirou.

- O que vai fazer quando ela voltar para casa?

Renata passou as mãos pelos cabelos querendo gritar que a pegaria em seus braços, a beijaria, a pediria em casamento de novo, e que a faria a mulher mais feliz do mundo. No entanto, a veterinária mordeu o canto da boca e devolveu o olhar da amiga.

- Continuar com a vida, Lana.

Lana soltou um bufo. Algo que sempre fazia quando conversavam sobre aquilo.

- Pois eu te acho uma tremenda bocó e você sabe disso, não? – disse a policial, retomando o sarcasmo tão inerente.

- Então isso faz de nós uma dupla de bocós, não é mesmo? – devolveu Renata.

Em troca, a veterinária obteve um olhar gelado.

- Dizem que namorar homens é mais fácil – comentou a policial, após uma pausa. – Será que ainda temos tempo para “trocarmos de time”?

Renata riu com gosto.

- Até parece que Lana Mansini conseguiria sair com um cara! – Ela continuou a gargalhar. – Lana, vocês brigariam até a morte para pagar a conta, sem falar que a única coisa que poderiam fazer na cama seria jogar *stop*, né?

Lana a ameaçou com cócegas, mas Renata conseguiu se esquivar.

- Ótimo! Então serei assexuada! – anunciou a policial, cruzando os braços e fechando a cara.

A frase provocou em Renata uma nova explosão de risos.

- Desde quando você consegue ficar sem sexo, Lana? Ou já esqueceu que

sequer deixou a puberdade?

Renata precisou se afastar alguns metros para conseguir escapar da fúria da amiga. Ao menos, Lana estava rindo novamente, e isso valia ouro para Renata, mesmo que significasse voltar para casa com alguns hematomas.

– Capítulo 25 –

A Dor que Causa a Mágoa

No começo da semana seguinte, Julia estava no bairro de Santa Felicidade cobrindo o almoço da convenção de um partido político quando recebeu uma mensagem do jornal, solicitando que ela voltasse imediatamente para a redação.

Chegando lá, seu editor a requisitou para uma reunião a portas fechadas.

– Apareceu um furo sobre a Secretaria de Segurança Pública.

Julia ouviu a declaração enquanto ainda se sentava.

– Rubens, eu pensei que havia sido clara sobre não querer...

Elevando a mão direita, ele interrompeu a fala da jornalista.

– Não me esqueci da nossa conversa, mas o fato é que, justo agora, estamos prestes a testemunhar o ápice do escândalo. Você é o nosso rosto para esse caso. Como vou explicar que tenha sido substituída? Onde é que vai ficar a nossa credibilidade?

Julia esfregou a face cansada e se permitiu pensar naquilo por alguns instantes.

– Certamente conseguiremos contornar isso. Sequer acredito que alguém vá ligar...

– Eu vou – frisou ele. – Você escavou essa matéria do nada. Você criou o assunto e somente você poderá encerrá-lo a contento. Se eu mandar outra pessoa lá para essa chamada, ficarão esperando por você. A sua palavra é a definitiva no que respeita a quadrilha do Secretário.

– E por que me deixou acreditar que eu estava livre disso?

– “Livre”? Julia, esse é o trampolim da sua carreira!

Tensa, a jornalista encarou a janela. Rubens prosseguiu:

– De qualquer forma, sempre tive certeza de que você só precisava de um tempo. Não contava em ter de chamá-la de volta tão rapidamente, mas, azar de alguns e sorte da justiça, não é mesmo?

– Não sei por que você está falando como se eu tivesse aceitado – observou a jornalista.

– Ah, qual é, Julia?! Logo você vai me deixar na mão? Depois de todas as chances que eu te dei, ainda mais nos últimos tempos?

Ela não disfarçou sua indignação.

– Foram chances mesmo? Porque agora parece que você estava tentando

me comprar...

O editor se inclinou sobre a mesa, na direção da subordinada:

– A história é a seguinte, Julia: você entra ao vivo no Centro Cívico, anunciando as boas novas do Delegado Montenegro ou pode passar no departamento pessoal e assinar aquilo que vai ser a minha justificativa para não termos mandado você.

A jornalista balançou a cabeça negativamente, mas não como uma resposta ao ultimato do chefe e sim como uma repreensão a si mesma. Lembrou-se, por alguns instantes, de tudo que tinha passado para chegar ali, dos subempregos que acumulara desde quando ainda vivia no orfanato, dos estágios aos quais se submetera em regime de quase escravidão e de todos os colegas e superiores de quem tinha suportado as mais terríveis infâmias.

Valia a pena jogar pela janela todo o esforço dos últimos anos, para cumprir sua promessa de sair definitivamente do caminho de Lana?

Enquanto remoía o dilema, Julia foi traída por suas memórias recentes, materializadas exatamente no motivo do rompimento com a policial: passara uma década arquitetando sua vingança, desistira do ardil por amor, e acabara ficando sem revanche e sem Lana.

Tudo parecia um amálgama que pesava em seu peito, como se todas as dores do mundo fossem suas. Como se existisse um relógio para a vida, e Julia estivesse condenada a um eterno atraso, tomando suas decisões sempre um dia depois do que deveria ter feito.

– Julia? O que me diz?

Ela encarou seu editor nos olhos, elevando-se da cadeira.

– Cadê minha equipe?

Rubens sorriu amplamente e foi discutindo os detalhes de como queria a tomada enquanto acompanhava Julia até o elevador.

Julia e seus colegas foram praticamente os últimos a integrar o verdadeiro circo que havia se formado no pátio do Edifício Caetano Munhoz da Rocha, sede da Secretaria de Segurança Pública.

– O que estamos esperando mesmo? – perguntou o repórter cinematográfico.

– O Delegado Montenegro ou o próprio Secretário. Quem sair primeiro.

– Beleza, vou fazendo uma tomada geral.

– Tudo bem, mas fique atento.

A jornalista retocava a maquiagem enquanto esquadrihava o local a procura de conhecidos. Os mesmos repórteres de sempre estavam lá, a

postos, como ela, acenando de longe, trocando informações aos cochichos, vigiando a entrada. Alguns já gravavam falas introdutórias, sem, contudo, explicar exatamente o que estava acontecendo.

Tudo parecia igual a todos os outros trabalhos, mas Julia não conseguia se sentir tomada pela mesma emoção. Os arroubos de seus fracassos tinham amortecido seus nervos.

Encarando o céu nublado daquela tarde comum, ela notou seus pés numa ânsia de retroceder, de se afastar daquele prédio de vidros escuros, de deixar tudo para trás e quem sabe recomeçar em outro lugar, de uma maneira totalmente diferente.

Entretanto, numa perfeita analogia do que o destino reservava para ela, Julia resvalou no chão escorregadio e perdeu completamente o equilíbrio.

Lana apertava o rádio portátil entre os dedos e se via prestes a esmagá-lo. Montenegro fora categórico ao proibir sua agente de entrar no prédio, e naquele momento ela enxergava o bigode farto e o pescoço do Delegado ao invés do aparelho eletrônico.

Sua última porção racional, por outro lado, sabia que o chefe tinha razão. Todos no Distrito davam como certa a culpa do Secretário de Segurança, então, conhecendo o temperamento da investigadora Mansini, nada mais ponderado do que evitar que ela encontrasse o mandante de sua tentativa de assassinato cara a cara. Não pelo bem dele, obviamente, mas pela longevidade da carreira de Lana.

Mas entre saber que aquilo era o certo e aceitar a situação, para Lana, havia um espaço bem grande. Inquieta, ela já tinha formulado mais de cem perguntas que faria ao Delegado, e depois a Montoya – que o tinha acompanhado. Quem sabe interpelasse até mesmo o inútil Inspetor, dando seu braço a torcer, apenas para que nenhum detalhe do que estava acontecendo naquele gabinete lhe escapasse.

O problema era que a equipe havia entrado antes do meio-dia e ninguém havia dado nenhuma notícia desde então. Uma hora depois, Lana quase tinha convencido um de seus colegas a entrar com ela, a força, alegando que aquela demora só poderia significar que o Secretário havia executado todos ali mesmo, na sala dele.

Passando da porta, contudo, os pensamentos do outro agente voltaram à razão e ele deteve Lana, convencendo a colega a retornar com ele ao pátio e se ocupar de manter, do lado de fora, os jornalistas que começavam a chegar.

Mas Lana logo se enfadou e preferiu manter distância, sob o risco de resolver entrar de novo.

Três repórteres já haviam tentado entrevistar Lana, ao que foram enxotados com olhares ameaçadores. E era nesse estado de espírito que ela estava quando alguém se chocou contra as suas costas. Com seus reflexos muito bem treinados, Lana se virou rapidamente e amparou a desavisada em queda, a um segundo do pior.

Então, quando a reconheceu, como se levasse uma descarga elétrica, Lana a soltou de novo.

– O que faz aqui?!

Por muito pouco, Julia não se estatelou no chão. Ainda confusa, primeiro pela escorregada, depois por ter sido amparada e então por ter voltado a despencar, Julia não conseguiu reagir a contento ou, pelo menos, processar tantas informações simultâneas.

Ela só despertou do torpor ao notar Lana se virando na intenção de partir. Estendendo o braço e apanhando sua mão, Julia pediu:

– Lana! Espera...

Lana se viu assolada por todo tipo de sensações, já que o toque da sua pele em Julia, como sempre, fazia seu coração disparar. Sem controle, ela se viu num turbilhão de saudades, de raiva, de paixão, de repulsa, de amor, mas também de ódio; e a mistura de todos eles, somados ao nervosismo que ela já enfrentava, resultou num estado momentâneo de choque e indecisão que ela só conseguiu transpor deixando sua agressividade sobressair:

– Imagina se eu tivesse acreditado quando você veio com aquela conversa mole sobre deixar esse caso.

Julia respirou profundamente. O toque também a tinha afetado, confundindo tudo, abalando sua convicção de deixar a policial em paz, para sempre.

– Lana, eu falei sério, realmente havia deixado esse caso, mas acontece que o meu editor...

– E lá vem mais uma das suas mentiras – cortou Lana.

– Dessa vez é verdade, eu juro – garantiu Julia.

Lana deixou um riso triste escapar, antes de responder:

– “Dessa vez”? Que bom que você pelo menos reconhece.

Julia suspirou, encarando a outra.

– Será que não podemos conversar como duas pessoas adultas?

A reprimenda apenas aumentou a ira de Lana.

– Agora você quer conversar?

– Lana, eu sei que escondi um grande segredo de você, e isso foi errado, e é algo de que irei me arrepender para sempre, mas nós vivemos coisas boas também. Tivemos momentos incríveis.

Lana meneou a cabeça e preferiu voltar a encarar o pátio. Julia decidiu continuar sua fala:

– O fato de eu ter aparecido na sua vida foi, realmente, algo planejado. Mas se depois eu acabei ficando, isso não teve absolutamente nada a ver com meus pais biológicos, com Vale do Hans ou com qualquer outra coisa que não seja você, o seu jeito, as nossas conversas, as nossas risadas, as nossas provocações...

– Julia – a policial a interrompeu. – Vou poupar você do desgaste, certo? Tudo isso foi muito legal, mesmo. Foi bem divertido. Mas acabou.

Julia se indignou:

– “Legal”? “Divertido”? Será que estamos falando da mesma coisa? Mas que droga, Lana, a gente se apaixonou!

A policial engoliu em seco e só então voltou a encarar a ex-namorada. Dentro dela, a confusão era tão grande que Lana sentia vontade de sair correndo dali, abandonando seu posto, o Delegado, o Secretário, tudo. O que ela queria era simplesmente sumir, e, quem sabe assim, aquela sensação avassaladora que havia tomado a policial, quando viu Julia de novo, pudesse desaparecer também.

– Só se foi você que se apaixonou, porque eu não. E ainda bem, né? Porque eu nem sabia quem era você! – despejou Lana.

– Claro que você sabia e sabe quem eu sou. O nome da minha mãe biológica não faz diferença alguma!

Lana deixou um riso nervoso escapar. Precisava se livrar de Julia o mais rápido possível enquanto ainda fosse capaz de lutar, porque a atração despertada pelo contato não tinha apenas um lado bom... Também fazia seu coração doer, sangrar.

– Sabe o que é mais engraçado? A Cristina é uma porta e casou com um pastel; a Clarissa é minha amiga justamente porque as qualidades dela não têm nada a ver com o que os pais sempre esperaram; mas já você é manipuladora, egoísta, arrogante, ambiciosa e inescrupulosa. Eu tenho vontade de ir pra Vale do Hans e rir na cara dos Gutenberg até perder o fôlego porque eles jogaram fora a única filha que parece com eles!

Após uma pequena pausa, Lana prosseguiu:

– A Clarissa me contou que eles não querem saber de você. Vai por mim, isso é medo de que você tome os negócios da mão do Natanael. Devem ter visto a cobra que você é e, naturalmente, ficaram com medo.

Julia se viu sufocada por um nó que apertava sua garganta. Com os olhos ardendo e o peito ecoando batidas secas e vazias, sequer conseguiu se afastar. Ela parou de ouvir toda a agitação ao redor, e, por um bom tempo, as frases de Lana ficaram se repetindo na sua consciência, cada vez mais mordazes, cada vez mais cruéis.

Lana se arrependeu do que tinha dito no mesmo instante, mas seu pedido de desculpas morreu quando ela encarou os olhos da ex-namorada e os percebeu completamente vazios.

Ela somente acreditou que realmente havia algo de bom em Julia, lutando para emergir em meio a sua vida solitária e sua sede de vingança, quando entendeu que tinha acabado de matar essa chama num único e duro golpe.

Enquanto as duas ainda se encaravam, cada vez mais incapazes de encontrar uma saída para aquela situação, o aglomerado de jornalistas se reuniu diante da porta, a fim de disputar, praticamente a tapas, a oportunidade de inquirir o Delegado Montenegro, que acabava de deixar o elevador e vinha atravessando o saguão.

Julia aspirou um pouco de ar, localizou o cinegrafista se aproximando, apanhou o microfone que ele lhe estendia e caminhou em direção à entrada. Naquele momento, a única coisa que ela conseguia pensar era que precisava cometer algum tipo de estupidez, para, quem sabe assim, ter algo ainda maior com que se preocupar.

Talvez esse fosse o modo mais simples de esquecer que estava ali contra a vontade, que Lana despejara sobre ela todo o seu rancor, e que, de acordo com todos os casos semelhantes, o Secretário acabaria escapando e jamais pagaria por qualquer um dos seus crimes.

Para surpresa de sua equipe, Julia simplesmente deixou o Delegado passar, ao que Montenegro foi logo em seguida cercado por todos os outros repórteres e resguardado por Lana e seu colega.

Percebendo o caminho livre e a atenção de todos captada por Montenegro, Julia esgueirou-se pela escada e levou sua equipe até o andar do gabinete.

Quando o Secretário deixava a sua sala tranquilamente, Julia o recepcionou com o microfone estendido e um sorriso amplamente falso.

– Boa tarde, Secretário.

Ele deixou seus ombros caírem, mas a pressão da câmera ligada o forçou a

conter seu intuito de enxotar Julia a coices.

– Meu assessor marcará uma coletiva para discutirmos o assunto – ele apressou-se em dizer.

– Que assunto, Secretário?

– Aquele que suponho que você tenha vindo bisbilhotar.

– E qual seria?

– Senhorita Ávilla, não me dê motivos para mandar prendê-la por invadir meu Gabinete.

– Estamos no corredor, é um prédio público.

O Secretário suspirou, cansado.

– De qualquer modo, nada tenho a declarar.

– O senhor foi intimado pelo Delegado que acaba de deixar o prédio?

– Um homem na minha posição, num cargo público de chefia, precisa prestar esclarecimentos o tempo todo. É rotina.

– Então o homem detido por ter participado da tentativa de assassinato de uma das agentes da Polícia Civil, além de seu empregado particular, também é funcionário público?

– Eu não sei de quem você está falando.

– Secretário, na sua opinião, o que é mais grave: o participante da emboscada contra a policial que prendeu Tobias Leão ser funcionário da sua casa, da sua família, ou a viagem dele para Guarapuava a fim de se tratar do tiro que levou ter sido custeada com a verba do seu Gabinete?

– Verba do Gabinete? Guarapuava? Isso é um absurdo!

– Então é normal ele ser um funcionário da sua casa... Outros também podem estar envolvidos nessa quadrilha?

– Que quadrilha, senhorita Ávilla? Você ficou louca? Por quanto tempo vai me perseguir dessa maneira? Eu já disse e repito: não faço parte de nenhuma quadrilha, não sabia do envolvimento do Tobias com tráfico e fiquei estarecido ao descobrir que um homem que deveria zelar pela segurança dos meus filhos participou de uma emboscada contra uma Investigadora exemplar da nossa Polícia!

– O senhor pretende demiti-lo?

– Mas é claro que sim!

– E o senhor não acha estranho que tantas pessoas ao seu redor misteriosamente tenham se revelado criminosas, sem que o senhor jamais tenha desconfiado?

– Eu sou uma figura pública, tudo a meu respeito ganha mais impacto.

Devo estar dentro das estatísticas.

– Que estatísticas, Secretário?

Perdendo completamente a paciência, ele bufou.

– Agora chega, Julia – encarou a câmera. – Isso acaba aqui.

– E a investigação dos crimes dessa quadrilha que conta com tantos funcionários e ex-funcionários seus acaba quando? Quando o senhor for preso?

O Secretário deu as costas à equipe e avançou pelo corredor.

Julia exibiu mais um sorriso profissional para a câmera e acrescentou:

– Enquanto o próprio Secretário vira as costas para a segurança do seu povo, o Paraná se pergunta até quando esse homem continuará no cargo. Permanecendo na Secretaria, o principal suspeito de uma série de crimes é também o chefe maior das investigações da Polícia Civil. O trabalho dos agentes pode estar comprometido com...

Concentrada no encerramento de sua investida, Julia não percebeu a volta do Secretário e, num piscar de olhos, viu-se presa entre o rosto dele, transfigurado de ódio, e a parede as suas costas.

Apesar de imediatamente tensa, Julia não sentiu medo. Aquilo era exatamente o que ela esperava que acontecesse depois de tantas provocações.

A certeza de que Lana a desprezava mais do que nunca havia colocado a jornalista numa espécie de transe, como já havia acontecido muitas vezes antes, sempre que ela precisava tomar uma atitude questionável a favor de sua tramada vingança.

Pelo menos era isso que ela pensava, mas depois do recente diálogo com a policial, Julia passou a cogitar outra hipótese.

Talvez a Julia Ávilla de verdade fosse mesmo aquela mulher que tinha se prestado ao absurdo da impertinência somente no intuito de provocar uma reação violenta, que ela mesma exploraria à exaustão na televisão, no jornal e até muitos anos adiante, quando estivesse consagrada e escrevesse um livro de memórias.

E, assim, a garota que havia se apaixonado pela primeira vez, que decidira jogar seus planos para o alto, esquecer seu passado inglório e construir um futuro romântico ao lado da melhor amiga não passava de uma ilusão criada pela própria Julia, como uma tentativa desesperada de ser, por alguns dias, uma pessoa normal, e não um monstro ardiloso.

– Eu vou colocar tantos processos nas suas costas, mocinha, que você não vai ter nem tempo de aparecer na televisão de novo!

Ela o respondeu prontamente e com o semblante calmo:

– Está me ameaçando, Secretário?

E antes que ele pudesse responder, a própria Julia continuou:

– Porque você sabe que isso foi gravado, e se, amanhã ou mês que vem, eu tiver uma crise de tosse ou cortar o dedo abrindo uma lata, todos virão atrás de você.

O Secretário a soltou, retrocedendo um passo e realinhando o terno. Sem nada acrescentar, ele se afastou da equipe de reportagem definitivamente.

– Julia, você está bem? – perguntou o cinegrafista.

Ela forçou uma expressão de quem estava terrivelmente abalada, encarou a lente e encerrou a gravação:

– Não estou mais assustada que qualquer outro cidadão cujo bem estar depende desse homem.

Julia só conseguiu voltar para casa depois do horário do jantar, embora não tivesse ingerido nada desde o café da manhã. Atirando-se no sofá, ela ligou a televisão e prestigiou seu rompante sendo reprisado pelos principais jornais, em todas as emissoras.

Às oito e meia, em um comunicado por escrito, o Governador havia anunciado a demissão do Secretário de Segurança Pública, e, como ele perdera o seu poder, certamente o Delegado Montenegro não tardaria em anunciar seu indiciamento.

Como sempre acontecia em meio à transmissão de algum escândalo, Julia havia deixado de atender ao telefone, mas uma mensagem de Clarissa obrigou-a a abrir uma exceção.

Baixando o volume da televisão e se acomodando entre as almofadas, Julia aguardou até que fosse atendida:

– E aí, maninha, como você está?

– Tudo certo, Clarissa. Você e Paloma? Como está a viagem? Onde estão?

– Em Machu Picchu! – informou a professora ao mesmo tempo em que parecia comemorar a notícia. – Você não tem ideia, esse lugar é maravilhoso!

– Imagino...

– Você está em casa?

– Acabei de chegar.

– Alguma novidade?

Julia ponderou rapidamente. Era evidente que Clarissa não tinha como saber do escândalo naquele dia, e não seria a jornalista a porta-voz de tudo. Já com relação ao encontro com Lana, Julia acreditava que jamais conseguiria

comentar o assunto com quem quer que fosse, mesmo que, ultimamente, ainda que por telefone, os laços entre Clarissa e ela estivessem cada vez mais estreitos.

– Entreguei minha carta de demissão e limpei minha mesa antes de sair da redação. Isso é novidade?

– Como assim, Julia? Mas o que foi que aconteceu?

– Ah, é uma longa história, eu conto melhor pessoalmente. Mas eu jamais estragaria a animação de vocês. Em resumo, é uma boa notícia e estou me sentindo infinitamente mais leve desde que tomei a decisão.

– Poxa, mas e agora?

– Agora vou analisar as dezenas de propostas e escolher meu próximo emprego com calma – respondeu Julia, que nem ao menos se dava conta de quão natural para ela era responder com certa arrogância.

– Ah, tudo bem, então. Se precisar de alguma coisa, sabe que pode ligar, não é mesmo? Às vezes ficamos fora de área, mas você pode deixar um recado e eu retorno assim que receber.

Deixando brotar um sorriso, Julia se despediu:

– Você também, Clarissa. Afinal, eu sou a mais velha, a obrigação de cuidar é minha, não é mesmo?

– Sem essa! Direitos e deveres iguais. E ponto final.

– Está bem. Lembranças à Paloma. E tomem cuidado, viu?

– Pode deixar. Beijos.

Desligando o telefone, Julia suspirou. Era tão estranho lidar com Clarissa, sobretudo quando ela lhe chamava de “maninha”, “Ju” ou qualquer coisa carregada de carinho. Julia nunca tivera apelidos, nem mesmo na escola. Ou, se tivera, nunca ficara sabendo deles. A exceção tinha sido seu período com Lana, mas ela não queria pensar naquilo.

Mudando-se do sofá para a cama, Julia apenas se livrou das roupas e se abrigou debaixo das cobertas, refletindo sobre o significado daquele dia.

Deveria afastar Clarissa antes que a professora também acabasse sendo vítima da sua faceta cruel? Ou deveria se apegar a relação recente e lutar contra o monstro que sempre tinha sido?

Sem conseguir chegar a uma conclusão, Julia se deixou vencer pelo sono, mas não sem antes se martirizar pela ideia de que, naquele momento, Lana certamente estava comemorando a demissão do Secretário nos braços de outra mulher.

– Capítulo 26 –

O Tempo Sem As Flores

Logo após o retorno de sua viagem com Paloma, Clarissa agilizou sua inscrição em um programa de mestrado, o que garantiria desculpas para não voltar a viver em Vale do Hans por pelo menos dois anos.

Apesar disso, ela passou um final de semana na cidade natal, praticamente incógnita, saindo da mansão dos Gutenberg somente para se encontrar com os pais de Renata. E foi para entregar os presentes enviados por Miguel e Conceição que ela marcou um chope com a amiga em um barzinho no bairro Batel.

– Você deveria ir para lá, Renata. Sair um pouco da rotina, sei lá – encorajou Clarissa.

– Bem que eu queria, mas uma das meninas pediu demissão da clínica e eu estou cobrindo os turnos dela enquanto não encontramos outra pessoa.

Clarissa suspirou. Renata jamais admitiria deixar seu negócio descoberto e muito menos abrir mão das horas semanais de voluntariado no abrigo de animais. Depois da separação, ela parecia ter canalizado ainda mais suas emoções para os pobres bichinhos abandonados. Clarissa não se surpreenderia se ela acabasse finalmente adotando alguns deles, já que o grande empecilho, até então, tinha sido a alergia de Paloma.

– A Paloma já me falou um pouco da viagem, mas e você? O que achou?

– Perfeita – declarou a professora, com um sorriso no rosto. – Vocês tinham toda a razão, o mundo é enorme, é maravilhoso, e agora eu não consigo sequer imaginar como seria ter passado a vida inteira enterrada em Vale do Hans.

Renata sorriu, mas também aproveitou para tocar num ponto delicado:

– E quanto ao Giovane? Chegou a vê-lo?

– Não. Liguei avisando que estaria lá, mas ele tinha uma viagem de negócios ou sei lá o quê. Sei lá também se não foi uma desculpa, mas preferi não insistir. Ele reagiu muito melhor ao término do que eu esperava, mas entre isso e ter ficado tudo bem existe uma grande diferença.

– Eu imagino.

– Acho que se eu não tivesse tido aquela conversa horrível com a minha mãe e ouvido ela falar do meu pai e do pai da Julia e se, mesmo sem querer, eu não tivesse feito tantas comparações entre o Giovane e a Milena...

– Você teria casado com ele e, um dia, por outro motivo, teria feito as mesmas descobertas, e aí sim estaria ferrada – disse Renata.

– Eu não sei.

– Admita, Clarissa!

– O fato é que em algum momento eu o amei. Tenho certeza. Prova disso é que todos os caras com quem fiquei na viagem tinham alguma coisa que me lembrava dele.

Ante aquela declaração, Renata achou melhor não perguntar como havia ficado a situação da amiga com Milena. Ao invés disso, quis saber:

– Alguém especial ou somente curtição de férias?

– Definitivamente férias! – Clarissa respondeu, rindo e terminando seu primeiro chope.

Enquanto vagava os olhos entre as mesas, procurando o garçom, Clarissa avistou uma figura conhecida atravessando a rua.

– Olha lá a minha irmã! – indicou a direção para Renata.

– Cristina em Curitiba? Mas como...? – Porém, ao se virar, Renata teve de reprimir o palavrão.

Antes que a veterinária tivesse tempo de intervir, Clarissa já havia apanhado o celular e estava chamando Julia para se juntar a elas.

Notando o carão da amiga, Clarissa explicou:

– Sei que vocês duas não se bicom, mas vão ter que aprender a conviver, ok? Sou a única família dela, e ela também é a única Gutenberg com quem posso ser eu mesma.

Renata assentiu, embora a contragosto. Estava disposta a colaborar, mas Julia, como sempre, não facilitou muito as coisas para ela ao chegar provocando:

– Alcoolizando minha irmã em plena luz do dia, Renata?

Clarissa quase riu na cara dela, mas disfarçou se levantando para abraçar a recém chegada.

– Maninha! Espero não ter roubado você de nada importante.

– Que nada, estava indo ao *shopping*.

– Então fica um pouquinho, tenho uma coisa para te entregar.

– Na verdade, entrei para te dar um abraço. Marcamos algo para outro dia, não quero atrapalhar – respondeu a jornalista, olhando rapidamente para Renata.

Clarissa também olhou para a veterinária, enfatizando em silêncio que aquela era a deixa para Renata insistir e convidar Julia também, o que ela fez,

não sem precisar de muita boa vontade.

– Fique, Julia. Eu larguei meus treinos de boxe.

Julia sorriu sinceramente, agradecida pela concessão, que certamente não tinha sido fácil, e se acomodou. Clarissa ficou sem entender o que Renata havia querido dizer, mas preferiu deixar para perguntar depois. Nenhuma das envolvidas tinha comentado sobre o soco com ninguém.

– Então, novidades? – quis saber a professora, mirando a irmã.

A jornalista ampliou o sorriso.

– Comecei no emprego novo ontem. Tudo parece formidável até agora, terei folga desde os sábados ao meio dia até o final da tarde de domingo, mais uma folga semanal flutuante, uma coluna fixa às quintas-feiras e uma capa por mês acertada em contrato.

– Uau! – surpreendeu-se Clarissa.

– Você saiu do jornal? – recapitulou Renata. – Bem que eu nunca mais tinha visto você depois da polêmica com o ex-Secretário.

– Pois é – disse Julia. – Pedi demissão naquele dia. Quando as imagens foram ao ar, eu nem trabalhava mais para eles.

– Mas você parecia estar indo bem. Quer dizer, não que eu entenda grandes coisas do seu mundo...

Julia mordeu os lábios, indecisa sobre ir adiante com a conversa ou não. Clarissa, que conhecia a explicação, pousou sua mão sobre a da irmã e a encorajou com o olhar.

– O fato é que eu havia deixado de trabalhar nesse furo a respeito da quadrilha do ex-Secretário. Conversei com meu antigo editor e ele aceitou, passou-me outros trabalhos, havia ficado tudo certo. Eu iria cobrir a oposição, já estava até fazendo contatos. Porém, ao saber da iminência do indiciamento do chefe, fui obrigada a cobrir. Eu nem sei por que acabei concordando, mas pedi demissão assim que entreguei a matéria. Não dava para continuar sob esses termos.

Renata assentiu e então Julia acabou pedindo um chope para ela também.

– Com a repercussão da matéria, acredito que não tenham faltado convites para você.

Julia confirmou, não querendo acrescentar mais nada. Ela sabia que qualquer coisa que dissesse pareceria um recado para Lana, e Julia já havia aceitado o término. Sabia que precisava seguir em frente e também deixar que qualquer ligação direta com Lana morresse.

Depois do último encontro, Julia percebera que tinha ido longe demais.

Chegara num ponto em que estava transformando Lana Mansini, uma garota extremamente carinhosa, em alguém cruel, capaz de ofender e de ser maldosa de propósito. E isso era muito mais do que o preço que Julia estaria disposta a pagar.

– Clarissa, você disse que tinha algo para me entregar – lembrou a irmã.

– Ah, sim! – A professora vasculhou sua bolsa, mas manteve oculto o que tirou de lá. – Essa viagem me fez recordar muitas coisas... Coisas que confirmei, quando fui para casa, outro dia.

O começo do assunto claramente desagradou Julia. Entretanto, ela se manteve atenta.

– Quando eu era criança, a gente tinha uma governanta bem legal. Renata deve lembrar dela, a Tia Alma.

– Se lembro! Fazia um refresco delicioso e protegia a gente do seu pai quando aprontávamos! Aliás, por que ela saiu da sua casa?

– A filha e o genro a chamaram para morar em Cascavel – lamentou Clarissa. – Enfim, desde aquela época eu gostava muito de flores, vivia suja de terra, e isso sempre deixou a mamãe louca. Pensando melhor, agora, era uma braveza fora do normal, ela me punha de castigo por dias, coisa que não acontecia por nenhum outro motivo. Quem me consolava era a Tia Alma, e ela dizia que a culpa não era minha, que um dia, bem antes de eu nascer, houve um homem que deixava aquele jardim maravilhoso e, depois que ele foi embora, a mamãe havia entristecido. Então sempre que alguém mexia com flores, ela ficava furiosa.

Julia e Renata encaravam Clarissa como se precisassem de mais informações para entender o motivo daquela conversa.

– Antes de ir embora, a Tia Alma me deu uma foto dele – contou Clarissa, pousando o retrato na mesa. – Não quis contar antes porque precisava ter certeza de que a foto ainda estava entre as minhas coisas, e acredito que só tenha se salvado porque ninguém nunca soube que a Tia Alma me deu.

Clarissa fez uma pausa para retomar o fôlego.

– Bem, Julia, eu lamento por não ter ou saber mais nada, mas hoje, de alguma forma, eu estou convicta que a Tia Alma estava tentando me contar a sua história. E eu sei que esse cara era o seu pai, que ele foi o grande amor da vida da mamãe e que a Tia Alma, a pessoa mais bondosa que já conheci, o admirava, então acredito que ele possa ter sido realmente alguém legal.

Julia encarou a irmã com os olhos pequenos, como se precisasse implorar para poder apanhar a fotografia. Clarissa sorriu brandamente e a entregou nas

mãos da jornalista.

Renata absorveu a atmosfera da mesa e sentiu uma espécie de aperto, uma angústia, que só ficou pior ao perceber que, mesmo discretamente, as mãos de Julia tremiam.

Enquanto observava aquela cena totalmente inusitada, a veterinária relembrava a infância, a figura por vezes amedrontadora de Maria Lúcia observando as crianças pela janela, o jardim imenso dos Gutenberg que, realmente, por muitos e muitos anos não tivera flor alguma, e todas as vezes que ela, Clarissa, Paloma e Lana tinham brincado nele.

De repente, os instintos de Renata traçaram uma retrospectiva linear daquela história e, pela primeira vez, a notícia de que Julia era irmã de Clarissa fez algum sentido. Não como uma informação bombástica ou um dado frio, e sim como uma verdade que tinha consequências na vida de todos que rodeavam os Gutenberg.

Renata se viu surpresa ao perceber que teria conhecido Julia desde criança. Seria como Cristina, a irmã ainda mais velha delas, mas talvez mais próxima. Seria alguém que ela encontraria por toda parte, na escola, na praça, na igreja e sempre que estivesse com Clarissa. Julia teria crescido em Vale do Hans e saberia as mesmas coisas que Renata sabia, que Paloma sabia, que Lana sabia...

Talvez, acabaria sendo Julia embaixo da árvore da praça, com a Lana de oito anos trocando seu primeiro beijo, e não Dorinha, a filha da confeitadeira.

Todas essas conclusões foram pesando sobre os ombros de Renata, como se toda uma existência paralela tivesse se desenrolado em meros segundos, apenas dentro da sua cabeça. E então ela encarou Clarissa, cujos olhos brilhavam, embora vertessem lágrimas.

O pedido da professora, logo antes, para que Renata fosse paciente com Julia porque Clarissa pretendia fazer parte da vida dela, pareceu então a maior bobagem do universo, e Renata se sentiu uma completa idiota. Como poderia colocar uma implicância sua acima de uma vida inteira que tinha sido roubada das duas irmãs?

Em silêncio, Clarissa e Renata esperaram pela reação de Julia, mas ela mantinha os lábios apertados e o olhar fixo no rosto exibido pela fotografia. Com muito esforço, havia conseguido parar de tremer.

– Eu posso fazer uma cópia disso? – ela enfim perguntou, encarando Clarissa.

A professora soltou algo ininteligível, depois explicou:

– É sua, boba! Para você fazer quantas cópias quiser!

E então deixou sua cadeira e abraçou a irmã pelas costas, ao que Julia finalmente desabou num misto de choro e felicidade, enquanto Clarissa beijava suas bochechas e lhe apertava entre seus braços, igualmente sorrindo e igualmente chorando.

Dando-se conta da presença de Renata à sua frente, Julia limpou o rosto paliativamente, então virou a foto na direção da outra e informou:

– Olha só, esse é o meu pai!

Renata assentiu, sorrindo. Um segundo depois, viu-se levantando e se metendo naquele abraço confuso, indiferente aos olhares curiosos que rodeavam a mesa.

Apanhando sua taça após deixar o abraço, Renata propôs:

– Um brinde ao seu velho!

Clarissa e Julia concordaram e tilintaram seus chopes ao de Renata.

– Saúde! – disse a professora, lançando um olhar orgulhoso na direção da amiga, mas depois voltando sua atenção para a irmã, que ainda estava emocionada. – Desculpa ter mostrado isso aqui em público, mas não poderia esperar mais.

Julia suspirou, encarando o teto enquanto tentava se estabilizar.

– Eu nunca vou conseguir explicar direito o quanto isso significa para mim, Clarissa. Você não... Ninguém faz ideia. Obrigada. De verdade, muito obrigada.

Clarissa apanhou a mão dela e entrelaçou seus dedos.

– Não tem essa de agradecer, maninha – disse, limpando as lágrimas. – E agora chega de choro, temos pelo menos vinte e cinco anos de atraso para tirar, certo?

– Eu concordo – disse Renata. – E a próxima rodada é por minha conta!

Julia sorriu e tratou de secar sua taça. Enquanto Clarissa desatava uma anedota de sua recente viagem com Paloma, outras rodadas de chope vieram e o clima foi ficando cada vez mais solto. Mas, vez ou outra, como se tivesse medo de que não fosse verdade, Julia apanhava a foto e a olhava de novo, sempre sorrindo.

Após toda uma existência procurando por pedaços que deveriam fazer parte dela, não foi aquela fotografia que preencheu o vazio no peito de Julia, mas o gesto de Clarissa, a ligação que tinha com ela, e a certeza de que nunca mais precisaria suportar tudo de bom e de ruim na vida completamente sozinha.

Lana enxugou o suor da testa e olhou para o sol escaldante que queimava seus ombros, expostos pela regata clara que ela usava. Alcançou a garrafa de água com algum esforço e molhou a nuca, após dar um longo e refrescante gole.

– Tempo maluco... Vivo mais mil anos nessa cidade, mas nunca me acostumarei com essas mudanças... – resmungou a policial, lançando um último olhar mal humorado para o céu aberto, que expunha um azul latejante.

Uma forte chuva tinha atingido a capital paranaense no dia anterior. Residências destelhadas e muitas árvores caídas causaram muita dor de cabeça aos moradores. Na casa de Paloma, um galho havia destruído completamente a antena da televisão via satélite.

Devido à inesperada demanda por consertos técnicos, a empresa responsável pelo serviço colocou Paloma em uma longa fila de espera. Coube então à Lana subir no telhado e, heroicamente, devolver à amiga seu noticiário norte americano de economia mundial.

– Como está indo, Lana? – gritou Paloma, ao pé da escada.

– Tudo ótimo! – respondeu em voz alta. – Apenas puxe novamente o fio lá dentro até me ouvir pedir que pare, ok?

Sorrindo, Paloma voltou para o interior da casa e fez como tinha sido instruída.

Alguns minutos mais tarde, Lana plugava o conector ao aparelho receptor de Paloma e deixou aflorar um sorriso orgulhoso ao ver a imagem aparecer limpa na tela plana.

Animada, Paloma pulou no pescoço da amiga e a cobriu de beijos.

– Caraca, Lana, tu é o máximo! Nossa, nem sei o que eu faria sem você!

Lana se afastou, sorrindo meio de lado.

– Pra ver esse seu sorriso lindo, até vale a pena arriscar cair do telhado – gracejou a policial.

– Boba – riu Paloma, batendo de leve no ombro da amiga. – Por que não toma um banho e me encontra na piscina?

A policial analisou a roupa suja, a pele suada e acabou aceitando o convite.

Dez minutos depois, Lana sentava ao lado da amiga em uma espreguiçadeira, usando a parte de cima de um biquíni e um *short* desbotado que Renata havia esquecido.

– Fala sério... Como a Renata consegue usar roupas tão pequenas? – se inquietou a policial, puxando o bojo do top.

– Pois eu sempre achei isso uma baita de uma qualidade – a economista revelou, besuntando os braços de filtro solar.

Lana apenas lhe lançou um olhar atravessado e balançou a cabeça.

– Você ficou com uma cicatriz bacana – disse Paloma, observando a marca no abdômen da amiga.

Inclinando o corpo e passando os dedos pela linha esbranquiçada, Lana sorriu.

– É, ficou bacana mesmo. A do ombro ainda deve escurecer um pouco mais.

– Você já as contou? – Frente ao olhar indagador da outra, Paloma completou: – Suas cicatrizes. Quantas são?

Lana torceu os lábios.

– Nossa, sei lá – ela vasculhou o próprio corpo e consultou a memória. – Acho que significativas mesmo... Umas dez ou pouco menos.

Paloma arregalou os olhos.

– Dez?! Isso sem contar as insignificantes, você diz...

Lana riu da expressão chocada de Paloma.

– Ah! Marcas oriundas de cortes na cozinha não contam, né?

– Como não? Não é justamente na cozinha que você trava suas batalhas mais perigosas? – Paloma provocou. – Capturar bandidos é coisa fácil pra você.

Ignorando a afronta, Lana tomou o bloqueador solar das mãos de Paloma e se ocupou em passá-lo nos ombros e braços.

– Quando mesmo que a Renata e a Clarissa chegam? – Lana mudou de assunto.

– Falei com a Cla agora pouco, enquanto você estava no banho. Elas ainda estavam na rua, mas acho que não demoram.

– Sei... – Lana resolveu tocar num último assunto antes que Renata chegasse. – Como ficou a sua terapia com a viagem? Você teve de interromper, não é?

– Tive. Mas foi para o melhor. Conversei com o terapeuta direitinho, ele gostou da ideia e, enfim, deu tudo certo. E voltei para as sessões assim que retornamos.

– A Clarissa falou maravilhas de você – entregou Lana.

Para surpresa da policial, Paloma gargalhou ruidosamente.

– A Cla nem sabe da metade! Acabava não falando com ela sobre isso, porque, afinal, a viagem era para renovar, mudar de ares – Paloma gesticulou.

– Mas, no primeiro dia, achei que fosse morrer. Lana, você não tem noção dos lugares que a gente ficou. Eram albergues para mochileiros, sabe? Então, imagina, cada um que ia chegando, soltava suas coisas em qualquer lugar, não tinha organização nenhuma, ninguém nem se registrava direito.

Lana a acompanhou nos risos e ficou ouvindo com atenção.

– Aí teve um momento em que eu olhei ao redor... Era um cômodo coletivo, grande, tinha umas vinte pessoas, roupas, calçados, toalhas, tudo espalhado. Eu não tinha como sair arrumando a bagunça dos outros, poderia até mesmo ser perigoso, alguém certamente iria encrencar.

– Imagino – concordou a policial.

– Então o que eu fiz foi simplesmente olhar todo aquele caos e tentar me acostumar com ele. E isso foi bom, porque em casa ou no trabalho está tudo ao meu alcance, eu posso alimentar minhas manias o tempo todo, livremente. Viajar, ir para outro lugar, perder esse controle sobre o espaço, apesar de ter me deixado louca no começo, foi perfeito. Era exatamente o que eu estava precisando.

– Que ótimo, Paloma! – comemorou Lana.

– Agora, toda vez que percebo a ansiedade, a mania, eu me lembro daquele primeiro albergue e começo a rir...

Lana riu com ela, imaginando todo tipo de situações.

– Claro que, uma vez, na Colômbia, não aguentei, e a Clarissa teve de me tirar do quarto, porque eu estava fazendo todo o trabalho da camareira.

A gargalhada da policial contagiou Paloma, que, ao encerrar o relato, deu de ombros.

As duas ficaram conversando amenidades até que escutaram risos e vozes vindos do interior da casa. Clarissa e Renata surgiram animadas e, antes que alguém pudesse evitar, jogaram-se na piscina, de roupa e tudo, espirrando água para todos os lados.

Lana tinha acabado de colocar a primeira porção de picanha sobre o fogo da churrasqueira quando Renata apareceu, trazendo duas garrafas de cerveja e um sorriso amortecido pelo álcool, que vinha sendo ingerido desde que se encontrara com Clarissa, mais cedo.

Paloma e Clarissa conversavam entusiasmadas dentro da piscina. Enquanto Renata se acomodava ao lado de Lana e lhe estendia uma das garrafas, a policial apontou para as duas amigas, que espirravam água uma na outra.

– Deve ser complicado pra você... Estar de volta à casa que morava, ver a mulher que costumava ser sua, na sua antiga piscina, parecendo se divertir...

– Lana manteve a expressão comedida, enquanto bebericava seu drinque.

Renata assentiu lentamente. Apesar do tom jocoso da amiga, ela sabia que as imputações da pergunta eram francas.

– Colocando nesses termos, dá vontade de assar junto com essa carne... – ela ouviu Lana rir baixinho. – Mas, incrivelmente, me sinto feliz. Apesar dos pesares, sinto que as coisas, finalmente, estão se aprumando. Com a Clarissa finalmente livre das garras dos pais, só falta um detalhe para a paz voltar a reinar.

Distraída com o fogo, Lana indagou:

– Voltar com a Paloma?

Renata sorriu, tendo na memória as horas que passara ao lado de Clarissa e Julia.

– Não – respondeu enquanto voltava a ficar séria. – Falta uma certa policial marrenta se acertar com a jornalista mais arrogante, vaca e metida do mundo.

Pega totalmente de surpresa, não apenas pelo conteúdo do comentário, mas por ele ter sido feito por Renata, Lana quase deixou o espeto cair.

– Tá louca, criatura?!

Consciente de que estava entrando em um assunto perigoso e que aquilo poderia acabar com a tarde de todas, Renata, o mais delicadamente possível, segurou o braço da amiga e a olhou nos olhos.

– Lana, eu tive a oportunidade de crescer ao lado do amor da minha vida e, mesmo assim, cometi o erro de achar que a conhecia completamente. Você teve apenas meses para amadurecer a ideia de que finalmente tinha encontrado o amor verdadeiro. Nossos problemas nunca serão os mesmos, mas, hoje, eu acho que a Julia e você estavam predestinadas, assim como a Paloma e eu.

Reparando no maxilar endurecido de Lana, Renata suavizou o tom de voz e continuou:

– Não deixe que os erros que ela cometeu no passado, que a mulher que Julia foi antes de te conhecer, te impeçam de vivenciar o que de melhor a vida pode te oferecer, Lana. Eu bem sei o quanto uma segunda chance pode fazer toda a diferença entre ser feliz ou levar uma vida miserável.

Com a boca seca, Lana comprimiu os lábios e fechou os olhos. Sentiu os braços de Renata e o beijo suave que ela depositou em seu rosto antes de se afastar, indo ao encontro de Paloma e Clarissa.

Renata sabia que precisava deixar a amiga sozinha depois daquele discurso. Ela apenas torcia para que Lana compreendesse suas palavras e

percebesse, assim como ela percebeu, que Julia era uma mulher especial, que apenas precisava começar a ser amada e, assim, guiada por um caminho mais justo.

Suspirando, Lana se recostou e fechou novamente os olhos. Sua mente parecia incansável, naquele duelo de honra e desejo que a impelia a apostar na jogada mais arriscada de sua vida.

– Capítulo 27 –

Redenção

Lana terminou seu plantão que durara toda a madrugada de domingo e decidiu não voltar imediatamente para casa. Além de não sentir o menor sono, a policial estava com a cabeça cheia demais para se isolar em seu apartamento vazio.

Com sua moto, percorreu as ruas da cidade enquanto o sol ainda se escondia sob a neblina densa de uma manhã fria. No Centro Histórico, vendedores de toda a região começavam a montar suas barracas para a tradicional Feira de Arte e Artesanato do Largo da Ordem.

A policial estacionou sua moto na esperança de que as barraquinhas de comida comessem a funcionar logo, mas teve de esperar. Em pé, diante da Fonte da Memória, pela milésima vez ficou analisando sua escultura e tentando entender como Clarissa poderia enxergar um rinoceronte no lugar de um cavalo.

A lembrança de sua primeira vez em Curitiba fez brotar um sorriso no rosto de Lana. Atravessando a pequena Praça Garibaldi, ela aproveitou para encarar o Relógio das Flores antes que os vendedores de arte bloqueassem a visão do monumento com suas telas e cavaletes.

E então, sem convite, memórias mais recentes se apossaram dela. Julia detestava aquela Feira, a aglomeração de pessoas, as dezenas de tendas que vendiam panos de prato pintados à mão que pareciam todos iguais. Lana bem que tentara convencê-la de que as barracas de vinis e livros usados e, principalmente, a sessão gastronômica, faziam o esforço valer a pena, mas nunca conseguiu. Teve pouco tempo para isso, de qualquer forma.

Renata não tinha sido a única a tocar no assunto “Julia” com Lana. Clarissa insistia quando encontrava uma desculpa e até mesmo Paloma, do seu jeito particular, havia abraçado a causa.

O espírito investigativo de Lana concordava que havia um capítulo inconcluso naquela história, mas a dor de ter sido enganada ainda fazia seu sangue ferver.

Naquele domingo, contudo, Lana finalmente entrou no estado de espírito necessário para resolver a situação e, antes que acabasse desistindo, voltou à moto e pilotou até o prédio da ex-namorada.

Julia a recebeu com o semblante sério, e Lana se pegou tentando adivinhar

se a jornalista havia acordado cedo ou se simplesmente ainda não tinha ido dormir. As duas eram notívagas.

– Entre... – ela murmurou.

Lana voltou a ser dominada pela tensão inerente àquele drama. Como Julia permaneceu em pé, a policial resolveu fazer o mesmo.

– Estava de plantão?

– Uhum – Lana meneou a cabeça positivamente. – Clarissa me disse que você trocou de emprego.

Julia também confirmou.

Lana enterrou as mãos nos bolsos e suspirou pesadamente. Seus olhos percorriam detalhes do apartamento e para cada um deles havia uma lembrança que a policial tentava reprimir. A decoração parecia a mesma, até Lana perceber um elegante porta-retratos sobre o móvel do canto, ao lado de um vaso repleto de flores frescas e coloridas. Na imagem, Lana apenas distinguiu a silhueta de um homem, e então a voz de Julia a tirou do torpor:

– Pergunte – disse Julia.

– O quê?

– Você não veio fazer uma visita de cortesia, imagino...

A policial rolou os olhos e suspirou de novo.

– Por que você escondeu a verdade de mim?

Julia mastigou as palavras encarando o chão, ponderando, refletindo.

– Porque você tentaria me impedir.

Lana fungou, exasperada.

– Claro que eu tentaria te impedir!

– Eu estava focada demais, Lana. Cega. Qualquer coisa que se colocasse no meu caminho passava a ser apenas um obstáculo.

– Então é isso que eu fui pra você?

Julia ergueu os olhos para encará-la.

– Eu sinto muito, mas, sim.

Após uma pausa breve, a jornalista continuou:

– E eu tentei transpor essa barreira. Freei meus sentimentos por você e investi na chance de me aproximar de Vale do Hans, da Clarissa e, por consequência, da família dela.

A escolha do pronome não passou despercebida à Lana.

– Sua família – corrigiu a policial.

Julia arqueou as sobrancelhas e torceu os lábios. Esperava por aquele comentário de Lana, o que ficou ainda mais claro em sua resposta:

– Eles não são a minha família e ter levado uma vida inteira para aceitar isso foi o que nos trouxe até aqui.

Lana fez um gesto vago, mas se manteve em silêncio. Julia prosseguiu:

– Eu passei toda a minha infância e adolescência sustentada pela certeza de que alguma coisa muito grave havia acontecido aos meus pais para que eu fosse deixada naquele orfanato. Por dezessete anos eu esperei, e todas as noites eu adormecia sonhando que a manhã seguinte os traria de volta e o destino me devolveria aquilo que tinha sido roubado de mim.

Julia fez uma pausa para limpar a garganta embargada.

– Quando fiz dezoito, deixei o orfanato, fui atrás de pistas, procurei por eles já com certo ódio, amargurada, e, quando descobri a verdade, ou parte dela, tramar uma revanche foi o consolo que inventei para que ainda pudesse me sustentar em algo concreto. Mas a verdade, Lana... A verdade é que tudo não passava de uma desculpa para que existisse uma ligação entre mim e eles. E para que pelo menos uma das partes fizesse o trabalho de arquitetar uma reunião.

Lana engoliu em seco. Clarissa já tinha lhe contado os fatos que construíam aquela história. Mas as razões e as emoções que os tinham desencadeado eram coisas que Julia havia guardado dentro de si.

– Eu sou uma pessoa “quebrada”, Lana. Entendo isso. Consigo ver a diferença que existe entre você, as meninas, todas as pessoas “normais”, e alguém como eu. E eu tentei mudar! Quando você sofreu aquele atentado... Quando nós duas... – Julia balançou a cabeça, apertando os olhos. – Se existisse uma forma de provar a você o quanto eu quis ser a pessoa que você esperava que eu fosse... A pessoa que eu sabia que precisava ser pra ficar contigo...

– Eu vi o seu esforço, sumindo sem dar notícias! Invadindo a casa da Clarissa e armando um escândalo! – ironizou Lana, cruzando os braços.

Julia deixou seu corpo cair sobre o sofá e esfregou o rosto desfigurado numa expressão de dor e arrependimento.

– Eu iria lhe contar a verdade. Certamente não naquele dia e provavelmente não naquela semana, mas já estava me preparando para isso. Ficar com você e lhe esconder que a Clarissa é minha meia-irmã já não me passava mais pela cabeça – por um segundo, Julia riu. – Havia pensado até mesmo em algum tipo de piada sobre o fato de você, uma Mansini, ter acabado apaixonada por uma Gutenberg...

– Então porque você não me contou, Julia?! – Lana chutou a poltrona

próxima, mas não sentiu qualquer dor. – Por que você foi atrás deles, se pretendia enterrar essa história?

– Porque quando a... Quando Maria Lúcia veio aqui, entrou aqui, e me entregou aquele cheque... Eu não me senti humilhada pela empáfia dela, pela frieza dela, pela teimosia dela em não dizer quem foi meu pai. Eu me senti estraçalhada por outra pessoa: uma garota que já sabia a verdade, mas que até ali, a despeito de tudo, ainda estava esperando por um abraço que nunca vai acontecer!

Julia tentou reprimir suas lágrimas, mas os soluços escapavam entre sua respiração pesada e doída.

Lana sentou ao seu lado, indecisa sobre tomar suas mãos ou apenas passar o braço por sobre os ombros da jornalista.

– Não sei se é essa a explicação que você veio buscar, Lana. Meu desejo de vingança realmente nunca foi maior que meus sentimentos por você. Mas aquela espera ansiosa, aquele sonho de criança de ver meus pais entrando por uma porta e vibrando de emoção por terem conseguido me encontrar ainda é a coisa mais forte que fui capaz de sentir na vida. E é muito difícil... É quase impossível me desapegar disso. Aceitar... Que esse momento, que essa sensação são coisas que eu jamais terei.

Julia sentiu os braços de Lana tomando seu corpo e aconchegando seu rosto no peito da policial. O choro venceu suas tentativas de afogá-lo e ela se perdeu num tempo sem lógica enquanto sentia Lana afagando suas costas.

– Eu sinto muito, Lana...

– Shhh – a policial pousou um beijo terno no topo da cabeça de Julia e a apertou mais contra o seu peito.

Lana queria dizer alguma coisa, mas não existiam palavras para traduzir o que ela sentia naquele momento. Apenas poderia supor o que se passava – e sempre se passaria – no coração de Julia. Havia um buraco imenso nele, e para aquele tipo de ferimento não existia remédio, tratamento, cura.

Julia estava certa. Era uma pessoa quebrada. Nasceu, cresceu, vivia e um dia morreria com um pedaço a menos de alma.

Após algum tempo, recuperada da emoção que tomara conta de si, Julia desfez o abraço, secando as últimas lágrimas com as costas das mãos.

– Espero que essa explicação lhe traga um pouco de paz, Lana – disse a jornalista, enquanto se levantava. – Pelo menos, para mim, funcionou.

– Aonde você vai? – estranhou Lana.

Julia suspirou.

– Fazer um café. Aceita?

Lana avaliou a situação. Julia tinha razão, as coisas pareciam fazer um pouco mais de sentido após a conversa. Talvez pudesse realmente perdoar Julia pelas mentiras, mas Lana ainda sentia falta de alguma coisa.

Quando deu por si, ela constatou que Julia já estava na cozinha.

Dez minutos depois, Julia apareceu com duas canecas de café preto e sonhos de nata do dia anterior.

– Bah, eu estava mesmo com fome! – disse a policial.

Julia apenas balançou a cabeça, deixando escapar um sorriso.

“Que novidade”.

Após devorar o primeiro doce, Lana o empurrou para o estômago com um generoso gole de café e perguntou:

– Então, o emprego novo, como vai?

– Ainda estou me adaptando, mas está bom. E a delegacia, Montoya e os rapazes, tudo na mesma?

Lana confirmou com gestos, visto que já se ocupava com a segunda rodada.

– Clarissa me contou que Paloma já está bem melhor. Como anda a Renata?

A policial arqueou a sobrancelha. Julia acrescentou:

– Nossos santos continuam não se batendo, perguntei por perguntar.

Lana acenou em concordância e secou sua caneca em seguida.

– A Rê passou a vida inteira obcecada pela Paloma. É bom dar uma folga.

Julia concordou e também pousou sua caneca de café sobre a mesinha. Tinha acabado de esgotar todos os assuntos triviais que haviam lhe ocorrido.

– E você? A tal doutora Gisele? O que ela encontrou foi útil, afinal de contas?

A pergunta de Lana pegou Julia de surpresa. Antes de responder, ela apanhou a louça e se levantou para levá-la até a cozinha.

– Lana, olha... – Julia hesitou. – Quando eu conheci a Gisele, estava na minha pior fase. Tinha acabado de entrar em um emprego no qual conseguia tirar um pouco mais do que o sustento, depois de tanto sofrimento, com a raiva à flor da pele, devido as minhas dificuldades. A Gisele também tinha os problemas, as mágoas, as cicatrizes dela. Ela aceitou ser minha cúmplice, pois jamais conseguiria exorcizar os próprios demônios.

– Imagino mesmo o nível da cumplicidade de vocês... – resmungou Lana, que a seguia pela casa.

Julia reprimiu o sorriso. Ver Lana com ciúmes, mesmo no meio daquela conversa tensa, era animador e esperançoso. Voltando para a sala, ela explicou:

– Quanto a ter levado você ao consultório dela... – Julia mostrou uma expressão de desolo. – Foi uma tremenda burrice! Queria te impressionar, resolver o seu problema com o médico... Nunca achei que aquela maluca fosse me procurar de novo, entende?

– Não pode culpar os outros pelos seus problemas – comentou Lana, seca, cruzando os braços.

O que mais doía em Lana, quando se lembrava da voz da médica na secretária eletrônica, era a presunção da mulher, modelando as palavras como se partilhasse dos segredos mais íntimos de Julia. O que, no final das contas, se provava verdade.

– Certo... Agora estamos discutindo de novo... – constatou Julia, em voz alta. – Lana, eu sei que errei, está bem? Já paguei por isso. Você não precisa bancar a dona da verdade e me dizer o que fazer.

– Não estou “bancando” a dona da verdade.

Julia bufou.

– Não percebe o quanto é cabeça dura, Lana? Acha que até o relógio tem que trabalhar a seu favor, ao seu comando. Que mania de estar sempre no controle!

– Você não parecia se importar com isso quando estávamos na cama... – soltou Lana, quase em um sussurro, sem, no entanto, parecer se dar conta de ter verbalizado aquilo.

Julia sentiu uma corrente gelada percorrer sua espinha, num calafrio que pareceu percutir em seu corpo e acabar em uma onda de calor intenso, que quase arrancou um suspiro.

A menção súbita à intimidade partilhada por elas, exposta com aquele tom de voz rouco de Lana, a fez perder momentaneamente a linha de raciocínio.

Lana a segurou pelos ombros, com a respiração ofegante, devido à tensão que pairava entre elas.

– Afinal de contas, o que você quer, Lana?

As mãos de Lana tremiam. Mirando fixamente o verde intenso que irradiava dos olhos de Julia, Lana ainda mordeu o lábio antes de responder:

– Redenção... – explicou a policial, já imersa nos próprios anseios.

Antes que Julia pudesse externar qualquer reação, Lana exigiu seus lábios sofregamente. Era aquilo que faltava. E a policial compreendeu que não tinha

procurado Julia em busca apenas de uma explicação. Seu corpo e seu coração a queriam de volta, sentiam a sua falta, de uma forma que nem mesmo o ódio tinha conseguido disfarçar.

O beijo calou qualquer pensamento que pudesse estar se formando na mente de Julia. Lana a puxou contra si, enquanto a jornalista perdia o fôlego e a enlaçava pelo pescoço.

O calor, o gosto e a textura da boca de Lana pareceram perfazer cada recanto que Julia sequer sabia existir ainda há pouco.

Raivosa por ter sido rendida, tão facilmente, por aquela avidez desmedida por Julia, Lana empurrou a jornalista contra a parede, o que expurgou gemidos de ambas.

Julia se entregou frente à paixão nuclear de Lana. Sua vida tinha virado um pesadelo naquelas últimas semanas e, independentemente do real propósito daquele encontro ou do seu resultado, ter Lana novamente em seus braços era como um sonho, ao qual ela decidira se render, mais uma vez.

Enquanto o beijo se estendia, Julia afundou as mãos entre os cabelos de Lana, puxando-a tanto quanto possível, despreocupada com a necessidade das duas de respirar. Aquele contato parecia febril, quase desesperado, e representava toda a aflição pela qual elas tinham passado, enquanto separadas.

Parecia apenas certo, justo, para Lana, tomar posse de toda a paixão que Julia tinha para oferecer e, da mesma forma, entregar-se a ela na mesma proporção.

Lana acordou sem saber ao certo que horas eram. Pelas frestas da cortina do quarto de Julia, constatou que o sol ainda brilhava forte do lado de fora.

A jornalista despertou com ela, mexendo-se com inquietude. Seu rosto buscava se reaninhar no colo de Lana e suas mãos percorriam o corpo da policial, como se precisassem se certificar de que ela estava mesmo ali. Com as pontas dos dedos, Julia tocou o ombro de Lana, os músculos do seu braço, e depois a puxou pelo quadril contra o seu corpo.

– Ei, o que foi? – sussurrou Lana.

Julia parecia um bichinho assustado, indefeso.

– E agora, Lana? Isso significa que voltamos?

Lana roçou os lábios nos de Julia e a apertou ainda mais.

– Não – ela explicou com a voz doce. – Significa que iremos recomeçar. E faremos as coisas do jeito certo, como merecemos e como deveria ter sido

desde o começo.

– Epílogo –

A Nova Sede do Conselho

Lana e Julia foram as primeiras a chegar ao Pub. Àquela hora, o Dionisio's ainda estava tranquilo. Com um aceno, cumprimentaram Jonas e Lorena, os donos, e seguiram para a mesa que elas e as amigas tinham elegido desde a primeira visita.

Enquanto esperavam suas bebidas, Julia se enroscou um pouco mais em Lana, elevando suas pernas sobre as dela e a enlaçando pelo pescoço. A policial, por sua vez, abraçou-a pela cintura, beijando seus lábios ternamente, acariciando as costas da namorada.

Clarissa chegou logo depois, ansiosa por compartilhar as conquistas do dia com as amigas e com a irmã. O mestrado vinha ocupando boa parte de seu tempo, mas, mesmo assim, ela se dedicava a outros projetos e viagens exploratórias.

Lana estava no meio de uma anedota sobre a delegacia, quando Renata chegou. Cumprimentou cada uma das amigas com um beijo no rosto, soltou a mochila na cadeira vaga, ao lado de Clarissa, e olhou em volta, ligeiramente ansiosa.

– Ué, a Paloma ainda não chegou? – perguntou a veterinária, tentando parecer casual.

Clarissa escondeu o sorriso enquanto soltava sua caneca sobre a mesa e encarava a amiga:

– Chegou sim, mas ela acabou de ir ao banheiro – informou a professora.

Renata assentiu e fingiu vasculhar sua mochila.

– Poxa, que coisa! Esqueci o celular no carro, eu já volto! – A garota sorriu para as outras e se afastou.

Lana seguiu a amiga com os olhos, meneando a cabeça lentamente. Com os braços apoiados sobre a mesa, a policial brincava com sua caneca de chope.

– Essa aí acha que nos engana com esse teatrinho falso – Lana riu, levando o copo aos lábios brevemente. – Lógico que ela foi se agarrar com a Paloma no banheiro.

Julia e Clarissa riram com gosto, concordando com a policial.

Clarissa se inclinou na direção das outras, lançando um último olhar na direção que Renata tinha seguido.

– Outro dia, eu marquei um almoço com a Paloma e ela chegou uma hora atrasada! Gente, a Paloma, uma hora atrasada! – entregou a professora, arrancando gargalhadas do casal. – E ainda me deu uma desculpa super estapafúrdia de que tinha ficado presa no trânsito. Eu teria acreditado nisso se não tivesse encontrado uma blusa da Renata no carro dela logo depois.

Lana precisou de alguns minutos para conseguir recuperar o fôlego.

– Sério... Elas realmente acham que a gente não percebe? – indagou a policial.

– Acho compreensível que se comportem feito adolescentes, afinal, não puderam curtir a paixão delas no tempo certo – Julia tentou amenizar.

Clarissa e Lana trocaram um olhar bem humorado, enquanto, juntas, soltavam um som anasalado, demonstrando total desdenho pelo argumento de Julia.

– Francamente, Ju! – Clarissa se indignou. – Duas mulheres adultas, se pegando pelos cantos em segredo! Ainda se fizessem isso direito...

Julia e Lana riram novamente.

– Ontem eu cheguei de surpresa na casa da Renata e fiz questão de ficar duas horas, sabendo que a Paloma estava trancada no banheiro – Lana confessou, arrancando mais gargalhadas.

– Que maldade, amor! – Julia reprimiu, batendo de leve no ombro da policial.

Lana sorriu e se inclinou para depositar um beijo estalado na bochecha da jornalista.

Vários minutos depois, Paloma retornou à mesa, seguida por Renata. Cada uma sentou em lados opostos, mas Renata tomou o cuidado de esbarrar com o ombro em Paloma, como que se despedindo do calor de seu corpo.

Renata não saberia dizer, ao certo, o momento no qual voltaram a se envolver. E não precisar pensar nisso dava uma sensação ainda mais prazerosa ao relacionamento.

Paloma continuava na terapia e sentia melhoras astronômicas desde o começo do tratamento. Ter deixado de ser refém de suas próprias manias causara todo tipo de efeito positivo na sua rotina. O seu preferido, é claro, era ver o orgulho indisfarçável no olhar de Renata. A cada dia que passava, Paloma sabia que estava mais próxima de se tornar a mulher que Renata merecia.

No trabalho, alguns colegas mais chegados perceberam e elogiaram suas mudanças. Clarissa estava satisfeitíssima em vê-la tão mais tranquila e

acostumara-se a arrastar a amiga, junto com a irmã, para todo tipo de programa.

Embora oficialmente solteira, Paloma se sentia completamente entregue ao recomeço com Renata. Finalmente, as duas estavam tendo tempo para flertar, para se reconhecer, para namorar sem a pressão de dividirem a mesma casa. E não ter contado para ninguém sobre suas recaídas adicionava uma dose de emoção da qual elas saboreavam cada gota.

Se aquilo resultaria em um novo casamento era totalmente secundário. Para Paloma e Renata, o mais importante era estarem satisfeitas com o presente. E isso era inegável em cada encontro às escondidas, cada beijo roubado, cada vez que precisavam conter seus impulsos e disfarçar os olhares, as palavras e os gestos de carinho, que pareciam querer escapar delas ao mínimo descuido.

A conversa na mesa seguiu descontraída, como sempre acontecia entre as amigas. Para Lana, ter as quatro pessoas que mais amava no mundo juntas era a realização de um sonho que sequer consentira em ser imaginado antes.

Tudo parecia se encaixar mais e mais, a cada dia. Ver Paloma, Clarissa e Renata felizes, ter Julia ao seu lado e conseguir conciliar a carreira que tanto amava faziam-na suspirar pelos cantos.

Lana entrelaçou os dedos nos de Julia, afagando a mão da namorada enquanto se inclinava para beijá-la logo abaixo da orelha. O contato foi breve e discreto, mas suficiente para Julia sentir a pele formigar e ansiar, ainda mais, pelos carinhos de Lana.

A jornalista virou o rosto e lançou um olhar flamejante para namorada. Lana respondeu a mensagem com um sorriso caloroso que prometia muito mais para quando estivessem sozinhas.

– Céus, será que vocês duas poderiam manter a decência em lugares públicos? – reclamou Clarissa, olhando de uma para a outra. – Sério, a energia sexual dessa mesa alimentaria um exército de súcubos!

O olhar que Clarissa lançou na direção de Paloma e Renata não foi menos acusatório. Paloma tentou disfarçar como pôde, quase enfiando a cara dentro da caneca de cerveja. Renata acabou rindo, assim como Lana e Julia.

– Francamente, Clarissa! – Julia provocou a irmã. – Você é a última que pode dar lição de moral nesse sentido.

Clarissa fingiu uma expressão de ofensa.

– Sou praticamente uma santa! – retrucou.

As amigas riram com vontade e Paloma apanhou a mão de Clarissa entre

as suas.

– Querida, da última vez que a Milena veio para Curitiba, se não fosse pela Lana, vocês teriam sido presas por atentado violento ao pudor – a economista lembrou.

O rosto de Clarissa transpareceu o seu constrangimento, mas ela logo se recuperou e voltou a encarar as amigas.

– Estávamos apenas matando as saudades...

– Pois parecia, e muito, que estavam quase fazendo outra coisa – Lana lançou um olhar divertido.

– Por falar nela, quando a veremos de novo? – Julia se interpôs, tentando ajudar a irmã.

Clarissa suspirou, agradecida.

– Ela provavelmente só terá folga no fim do semestre.

– Poxa – Julia lamentou.

– Como é mesmo o seu mais recente lema de vida, Clarissa? “Coração vazio, cama cheia?” – Lana brincou, arrancando gargalhadas das amigas.

Clarissa lançou um olhar mortal para a policial.

– Milena e eu chegamos ao acordo de que não temos condições de assumir um relacionamento agora. Sem contar que acho injusto impedi-la de aproveitar essa fase da vida dela – a professora explicou.

– Eu concordo... – Renata comentou. – Mas não acha que você está um pouco “madura demais” para um relacionamento aberto?

Inclinando-se sobre a mesa, Clarissa acertou um tapa no ombro da veterinária, que reclamou de dor, apesar de estar rindo tanto quanto as outras amigas.

– Qual é o problemas de vocês? Me tiraram pra Cristo, é isso?! – se indignou Clarissa.

– Não temos nada contra a sua vida libertina, “Casanova” – Julia comentou, para em seguida piscar o olho para a irmã e sorver mais um gole de sua bebida.

As gargalhadas prosseguiram até que Lana prestasse atenção num dos telões do Pub.

– Jonas, aumenta o volume! – pediu a policial.

Em seguida, todas assistiram a reportagem que era transmitida no principal jornal da noite. A voz de Julia narrava a expedição de um mandado de prisão para o ex-Secretário de Segurança Pública, enquanto as imagens mostravam o momento em que a equipe do Delegado Montenegro executava a ordem

judicial.

A mansão do político, no bairro das Mercês, servia como cenário, e, na sequência, a própria Julia aparecia diante das câmeras, iniciando uma rápida retrospectiva do caso. A prisão de Tobias Leão e o atentado contra a vida de Lana foram citados, acompanhados de imagens feitas nessas ocasiões.

– Você estava especialmente linda hoje, meu amor – declarou Lana, roubando mais um beijo da namorada, enquanto suas amigas tinham os olhos vidrados no telão.

Julia sorriu e então se voltou, também, para a transmissão.

Na coletiva de imprensa, organizada logo após a prisão, Lana, Montoya, o Inspetor e o Delegado responderam todas as perguntas dos jornalistas. Em sua reportagem, Julia mostrou apenas flashes rápidos do evento.

– Você não sabe a vontade que eu estava de atirar o microfone longe, andar até aquela mesa e roubar você de todo mundo – cochichou Julia para Lana, que a encarou com fascínio.

– Olha lá a Lana com cara de séria! – observou Renata, chamando a atenção de todas. – Até que disfarçou bem, hein, amiga?

– Disfarcei o quê, criatura? – a policial não entendeu.

– Você pensa que eu não sei que tinha comida camuflada embaixo dessa mesa?

O grupo de amigas riu alto, exceto por Lana, que lançou um olhar emburrado para Renata.

O encerramento da notícia mostrou o promotor do caso, de quem Julia obteve uma rápida entrevista exclusiva, por conta da qual chegou a achar que se atrasaria para o encontro com as amigas no Dionisio's. Distantes de Vale do Hans e do mirante, elas elegeram o Pub como nova sede para as reuniões do conselho.

Com a entrada dos comerciais, Jonas baixou novamente o volume e os clientes deixaram de prestar atenção na televisão.

– Só para eu saber, qual o próximo alvo de vocês? – Paloma indicou Lana e Julia com um gesto.

– Alvo? – disse Lana.

– Porque vocês acabaram com esse cara! – explicou a economista.

– Mas ele quase acabou com a gente também – disse Julia, apertando com força a mão da namorada, querendo afastar as lembranças do atentado.

Lana virou os olhos.

– Amor, aquilo não foi nada.

Julia balançou a cabeça em reprovação. Lana prosseguiu:

– Agora, se ele tivesse feito mais do que amassar a sua roupa daquela vez, na frente das câmeras, eu não teria respondido por mim.

Clarissa suspirou enquanto ria.

– Laninha, não mude nunca, ok? Assim sei que todas estaremos seguras, principalmente a minha irmãzinha – sorriu amorosamente para Julia.

Lana estava lutando bravamente contra o seu embaraço quando Renata acrescentou:

– Ou melhor! Seja um pouco menos tapada, de resto, pode fazer como a Clarissa disse...

A policial se voltou para Renata com indignação:

– Quem você chamou de tapada?

As gargalhadas do grupo chegaram até as mesas vizinhas. Lorena trouxe outra rodada de chope e uma travessa de tira gostos, que foi devorada em meio a outros assuntos. Todas as conversas, como sempre, foram recheadas de provocações entre as amigas e de risadas cada vez mais soltas, conforme mais canecas eram esvaziadas.

Olhando de um rosto para o outro, Clarissa não era capaz de controlar sua vontade de sorrir. Perguntando-se, em silêncio, como tinha conseguido passar oito anos longe de suas melhores amigas, ela recapitulou alguns eventos recentes. Já não imaginava um mundo onde não soubesse da outra irmã.

O fato de Julia e Lana estarem cada vez mais apaixonadas somente aumentava a felicidade da professora. Pensando também em Paloma e Renata, cuja reconciliação parecia prestes a se tornar oficial, Clarissa as admirou, mas não sentiu nenhum tipo de inveja dos dois casais.

Seu prolongado noivado com Giovane e todas as descobertas acerca do passado de sua mãe haviam incutido em Clarissa a certeza de que tudo tinha um tempo certo para acontecer, e atropelá-lo não fazia o menor sentido. Clarissa vivia todo momento pelo que ele era, no ritmo certo. Se a vida de cada um tinha mesmo um relógio próprio, ela garantia que seus ponteiros estivessem sempre sincronizados com a felicidade.

– NOTAS –

Esta é uma obra de ficção, quaisquer semelhanças com nomes, pessoas, fatos ou situações reais é mera coincidência.

Vale do Hans é uma cidade fictícia.

Em Curitiba, os pontos turísticos e bairros citados existem, com exceção do Pub Dionisio's.

Ao retratarmos o cotidiano da Polícia Civil do Paraná, utilizamos licenças poéticas.

Alguns cargos políticos mencionados existem, mas a história não se refere aos seus reais ocupantes, nem do passado, nem do presente.

– Sumário –

As Quatro Flores e o Relógio

A Noiva Escolhida

O Amor que Desabrochou Mais Tarde

O Leão do Dia

Um Microfone como Arma

A Última dos Mansini

Paixões, Amores e Amizades

A Nossa Árvore

A Fina Flor da Sociedade

Os Bons Cidadãos de Vale do Hans

Espólios de Guerra

Vulnerabilidade

Tormenta no Paraíso

Negação

Retaliação

Pétalas Caídas

A Decisão Mais Difícil

A Plenitude da Alma

A Peça Que Faltava

Pela Última Vez

O Preço pelo Passado

Segredos de Família

De Dentro Para Fora

Acertos e Desacertos

Chegadas e Partidas

A Dor que Causa a Mágoa

O Tempo Sem As Flores
Redenção
A Nova Sede do Conselho



PEL

A Editora Palavras, Expressões e Letras surgiu da ideia de que a literatura é a forma mais plural, e ao mesmo tempo única, de enlaçar e unir os amantes de grandes histórias.

Através de enredos fantásticos, somos transportados a mundos diversos, a sociedades longínquas, culturas inigualáveis e vivemos romances maravilhosos que transcendem a alma.

O objetivo da Editora P.E.L. é dar vazão a talentosos autores que buscam sua primeira publicação e também àqueles que lutam, a cada dia, para viver de sua arte, de sua paixão. Nenhum artista começa grande, e ninguém chega a lugar algum sem apoio.

O nosso compromisso é o de incentivar as pessoas a terem coragem de lutar por seus sonhos, por seus anseios de mostrar ao mundo do que são feitas, o que pensam e a luta de cada um para mudar o mundo um dia de cada vez, com palavras, expressões e letras.

A P.E.L. é feita de sonhos, de amores, de sentimento e de entrega. A P.E.L. é feito por um, por dois, é feito por todos e, principalmente, para todos.

www.editorapel.com.br

Facebook: Palavras Expressões e Letras

Título: O Relógio das Flores
Autoras: Drey Damaso e Sara Lecter
ISBN: 978-85-67690-02-5
Editora: Palavras, Expressões e Letras
Editora Responsável: Paula Curi
Revisão: Fernanda Thiemi e Manuela Neves
Diagramação: Manuela Neves
Capa: Bruno Marafigo
Leitura Beta: Gisele Batalha
Leitura Crítica: Adriana Almeida
Design da Árvore de Agradecimentos: Drey Damaso

2015 ® Editora Palavra, Expressões e Letras

A reprodução de parte ou do todo do presente texto, em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a autorização prévia por escrito da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Damaso, Drey.

O Relógio das Flores / Drey Damaso e Sara Lecter. – São Paulo: Editora Palavras, Expressões e Letras, 2015

ISBN: 978-85-67690-02-5

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

Table of Contents

[As Quatro Flores e o Relógio](#)
[A Noiva Escolhida](#)
[O Amor que Desabrochou Mais Tarde](#)
[O Leão do Dia](#)
[Um Microfone como Arma](#)
[A Última dos Mansini](#)
[Paixões, Amores e Amizades](#)
[A Nossa Árvore](#)
[A Fina Flor da Sociedade](#)
[Os Bons Cidadãos de Vale do Hans](#)
[Espólios de Guerra](#)
[Vulnerabilidade](#)
[Tormenta no Paraíso](#)
[Negação](#)
[Retaliação](#)
[Pétalas Caídas](#)
[A Decisão Mais Difícil](#)
[A Plenitude da Alma](#)
[A Peça Que Faltava](#)
[Pela Última Vez](#)
[O Preço pelo Passado](#)
[Segredos de Família](#)
[De Dentro Para Fora](#)
[Acertos e Desacertos](#)
[Chegadas e Partidas](#)
[A Dor que Causa a Mágoa](#)
[O Tempo Sem As Flores](#)
[Redenção](#)
[A Nova Sede do Conselho](#)